



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Fonte: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/301>. Acesso em: 08 dez. 2022.



Aos mestres, com carinho

História e memória da
Educação Física na
Universidade de Brasília

Alessandra Pessoa Coimbra
Dulce Filgueira de Almeida
Ingrid Dittrich Wiggers
(Organizadoras)



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Aos mestres, com carinho

História e memória da
Educação Física na
Universidade de Brasília

Alessandra Pessoa Coimbra
Dulce Filgueira de Almeida
Ingrid Dittrich Wiggers
(Organizadoras)



Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo
Assistência editorial : Emily Dias de Matos
Preparação e revisão : Alexandre Vasconcellos de Melo
Projeto gráfico : Cláudia Dias
Diagramação : Haroldo Brito
Foto de capa : Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos
Estudantis JEBs - Universidade de Brasília. Arquivo
Central/AtoM UnB - <https://atom.unb.br/index.php/00044-10>
© 2022 Editora Universidade de Brasília
Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Heloiza dos Santos – Bibliotecária - CRB1/1913

A638 *Aos mestres, com carinho : história e memória da
Educação Física na Universidade de Brasília /
Alessandra Pessoa Coimbra, Dulce Filgueira de
Almeida, Ingrid Dittrich Wiggers (organizadoras). -
Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2022.
198 p. ; 27 cm.*

ISBN 978-65-5846-118-0 (impresso).
ISBN 978-65-5846-112-8 (e-book).

1. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação Física - História. 2. Educação física. 3. Professores. I. Coimbra, Alessandra Pessoa (org.). II. Almeida, Dulce Filgueira de (org.). III. Wiggers, Ingrid Dittrich (org.).

CDU 378.096:796



MESTRE!

*Tão poucas letras.
Tão pequena palavra*

*Mestre!
Mestre é professor
Mestre é aquele que ensina.*

*Mestre!
Não, não é isto só.*

*Mestre lida,
Mestre luta,
Mestre ama,
Mestre educa,
E Mestre também ensina.*

*Mestre,
Esta é sua sina.*

*Grande o seu valor,
Grande o seu dever.*

*Ser mestre,
É ser exemplo,
É ser tudo na vida.*

Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*)
Vitória, ES, 14/10/1970

Emblema do Centro Olímpico: uma das provas documentais resgatadas pelo projeto “História e memória da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília”



Arte: Ana Rita Grilo/Secom UnB

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), que subsidiou o desenvolvimento da pesquisa sobre a história da Educação Física, esporte e lazer da Universidade de Brasília (UnB), desde o período original, na década de 1960, até a criação da Faculdade de Educação Física (FEF), em 1997.

Ao Decanato de Pós-Graduação da UnB e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa do Programa de Iniciação Científica, que apoiou a realização das primeiras entrevistas com professores pioneiros da Faculdade de Educação Física da UnB, em 2005.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, pelo suporte ao projeto de pesquisa “História e memória da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília”.

À direção da FEF, representada pelo professor Fernando Mascarenhas, por integrar o projeto de memória da Faculdade de Educação Física ao plano estratégico da equipe de gestão – 2018 a 2021.

À Karine Pires Castro, pelo trabalho de transcrição das entrevistas, bem como à Paula Diniz Lins, pela revisão técnica das transcrições.

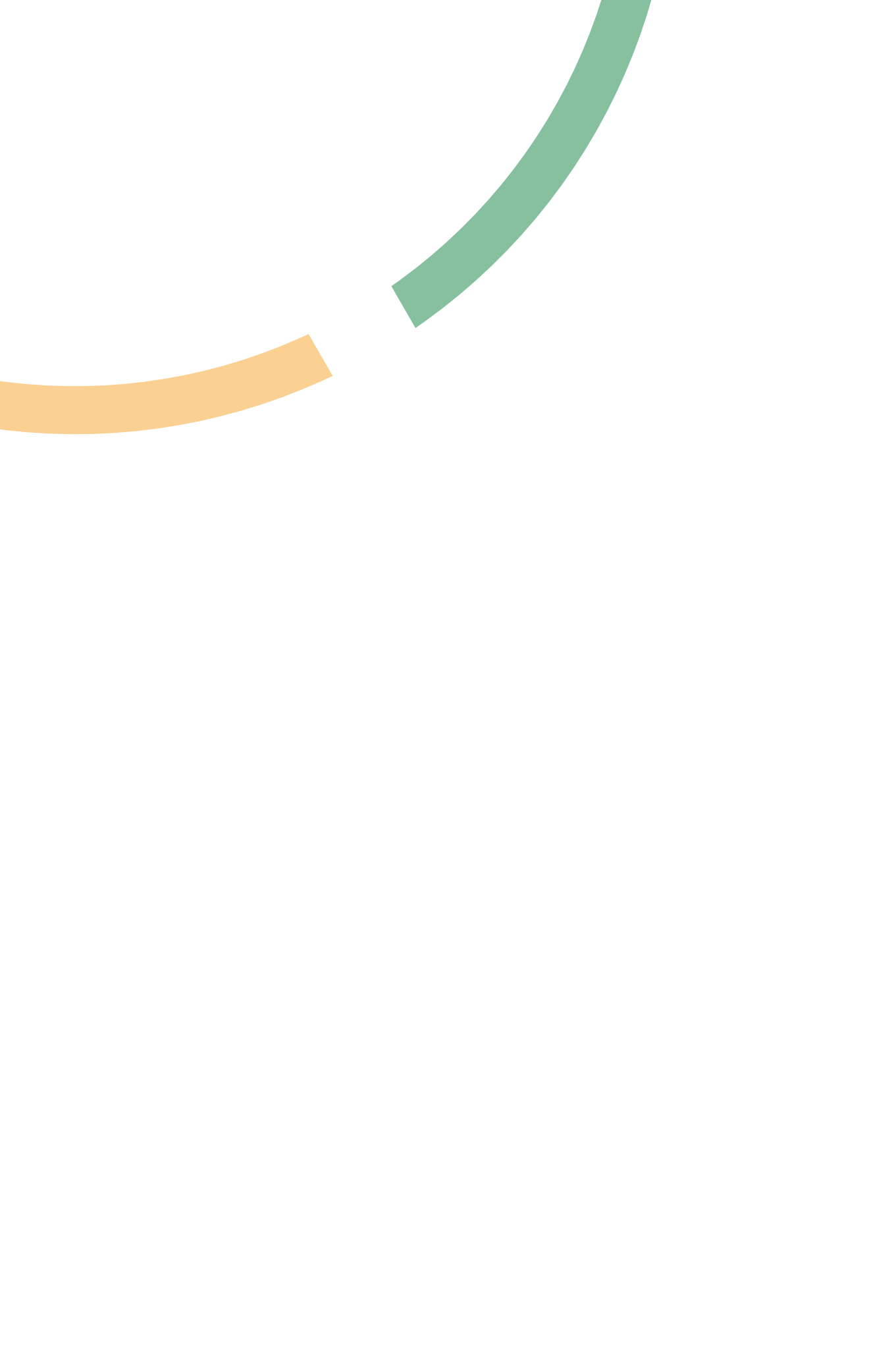
Ao servidor Éder de Souza Vasconcelos, pela produção de entrevistas em vídeo, e também a Elizeu Dourado, pela produção e edição do material em vídeo.

Aos professores da FEF, Alexandre Luiz Gonçalves Rezende, Aldo Antônio de Azevedo, Luiz César dos Santos, Jake Carvalho do Carmo e Paulo Henrique de Azevêdo, que, gentilmente, colaboraram de maneira significativa para a realização deste projeto, atuando como entrevistadores e prestando homenagens aos professores pioneiros.

Aos professores pioneiros da FEF, que dedicaram sua vida de trabalho à UnB, por contribuírem com suas memórias, documentos e fotografias, fortalecendo, assim, nossa identidade e perfil institucional.

Especialmente aos pioneiros que concederam as entrevistas, professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*), professor William Passos (*in memoriam*), professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar, professor Osmar Riehl, professora Maria Rute Jácome de C. Cavalcanti, professora Solange de Cássia Elias Passos, professor Alcir Braga Sanches, professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*), professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) e professor Iran Junqueira de Castro.

Aos familiares de professores pioneiros, sobretudo a Luana Siqueira Reis, Helena Pessoa Cantarino, Roberto Garcia Nóbrega e Professora Solange de Cássia Elias Passos, que, carinhosamente, prestaram homenagens e compartilharam documentos e fotografias dos acervos pessoais.



Sumário

Prefácio 15

Efemérides 19

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra

CAPÍTULO 1

Trajectoria histórica da criação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília 23

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra
Carolina Nascimento Jubé

1. Pioneirismo **23**
2. História, memória e identidade **26**
3. Desenho metodológico **27**
4. Linha do tempo **29**
5. Professores pioneiros **31**
6. Imagens que antecederam a criação da Faculdade de Educação Física **33**
7. Rumos da pesquisa histórica **38**

CAPÍTULO 2

Olhares sobre a Educação Física da Universidade de Brasília: perspectivas dos fundadores 43

Dulce Filgueira de Almeida
Fábio de Assis Gaspar

CAPÍTULO 3

Apresentação dos professores pioneiros 51

1. Professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*) **51**
Por Paulo Henrique Azevêdo e Roberto Garcia Nóbrega
2. Professor William Passos (*in memoriam*) **54**
Por Solange de Cássia Elias Passos
3. Professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar **55**
Por Aldo Antônio de Azevedo
4. Professor Osmar Riehl **57**
Por Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende
5. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti **58**
Por Luiz César dos Santos
6. Professora Solange de Cássia Elias Passos **59**
Por Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende
7. Professor Alcir Braga Sanches **61**
Por Jake Carvalho do Carmo
8. Professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*) **62**
Por Ingrid Dittrich Wiggers e Alessandra Pessoa Coimbra
9. Professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) **63**
Por Helena Pessoa Cantarino
10. Professor Iran Junqueira de Castro **64**
Por Alessandra Pessoa Coimbra

CAPÍTULO 4

Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2005) 67

1. Professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*) (R.G.N.) **67**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
2. Professor William Passos (*in memoriam*) (W.P.) **75**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C) **87**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.) **98**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.) **104**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
6. Professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*) (M.H.S.) **112**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
7. Professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) (M.R.C.F) **120**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

CAPÍTULO 5

Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2018 e 2019) 135

1. Professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar (A.C.A.B.) **135**
Entrevistador: Aldo Antônio de Azevedo (A.A.A.)
2. Professor Osmar Riehl (O.R.) **140**
Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)
3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C.) **148**
Entrevistador: Luiz César dos Santos (L.C.S.)
4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.) **160**
Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)
5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.) **167**
Entrevistador: Jake Carvalho do Carmo (J.C.C.)
6. Professor Iran Junqueira de Castro (I.J.C.) **178**
Entrevistadora: Alessandra Pessoa Coimbra (A.P.C.)

Perspectivas 195

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra

Conjugando 197

Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*)

Vista aérea do Centro Olímpico (CO). No lado esquerdo superior aparece o Lago Paranoá; a via L4 aparece cortando verticalmente a fotografia. Veem-se, também, as quadras de esportes e os prédios do alojamento estudantil.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-03>.

Prefácio

Muito me honra prefaciá-lo este livro. *Aos mestres, com carinho: história e memória da Educação Física na Universidade de Brasília* tem o mérito de ser publicado pela Editora UnB como uma das obras selecionadas pelo Edital de publicação de livros em homenagem aos 60 anos da Universidade de Brasília (UnB). Uma conquista que marca também a criação do Centro de Memória Prof^a Maria Helena Siqueira, da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (CEMEFEF/UnB).

Logo no Capítulo 1, “Trajetória histórica da criação da Faculdade de Educação Física na Universidade de Brasília”, temos uma preciosidade – o desenho da linha do tempo dos acontecimentos que antecedem a criação da Faculdade de Educação Física (FEF). Resultado de pesquisa que envolveu levantamentos documental e iconográfico, sintetiza a cronologia dos tempos “pré-FEFianos”. É a cronologia do desenvolvimento institucional da Educação Física na UnB desde o Serviço de Recreação e Desportos, na década de 1960, até a criação da FEF, em 1997.

Dessa linha do tempo da FEF, destacam-se datas que resultam em um conjunto de efemérides.

A Educação Física já integrava o projeto original de criação da UnB, em 1962, constatam as organizadoras desta obra. Mas a construção do Centro Olímpico, inaugurado em 1971, e a implantação do curso de Educação Física, em 1972, representam o impulso mais determinante para os acontecimentos que se seguiram.

Em setembro de 2021, em Sessão Solene em reunião do Conselho da Faculdade de Educação Física, comemoramos os 50 anos do Centro Olímpico. Ao longo de 2022, junto com as comemorações envolvendo os 60 anos da UnB, comemoraremos também os 50 anos da graduação em Educação Física e os 25 anos da FEF.

No Capítulo 2, “Olhares sobre a Educação Física da Universidade de Brasília: perspectivas dos fundadores”, abordam-se as questões que envolvem o processo histórico de construção do curso de licenciatura em Educação Física – seus sujeitos, suas visões e repercussões sobre ensino, pesquisa e extensão.

Reconhecem as determinações da Ditadura Militar (1964-1985) sobre a área da Educação Física nos anos 1970. Seu desenvolvimento, subordinado ao fenômeno esportivo, contava com um ambiente de pesquisa ainda muito incipiente. Como produto de seu tempo, o curso de Licenciatura em Educação Física da UnB refletia essa realidade, assim como a maioria dos cursos no período, limitados pelo regime ditatorial.

O Capítulo 3 é a apresentação dos professores pioneiros e, com carinho, o registro de homenagens de familiares e ex-alunos.

Nos capítulos 4 e 5 são transcritas as entrevistas com os professores fundadores e pioneiros da FEF – aqueles que participaram dos primeiros anos de atividade da UnB –, tendo atuado na Prática Desportiva (PD) e na criação do curso de Educação Física. Suas memórias, aguçadas por ex-alunos que os entrevistaram, agora publicadas, passam a constituir fontes importantes para a produção historiográfica sobre a Educação Física na UnB.

O pioneirismo feminino da professora Maria Helena Siqueira merece destaque, pois empresta seu nome ao CEMEFEF/UnB. Ela atuou na UnB ao longo de 17 anos, de 1974 a 1991, sendo a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe do extinto Departamento de Educação Física, vinculado à Faculdade de Saúde (FS), de 1983 a 1985. Em nome dela, *in memoriam*, minha deferência a todos e todas que foram pioneiros e pioneiras dessa construção histórica que hoje conhecemos como FEF.

Para as organizadoras, Alessandra Pessoa Coimbra, Dulce Filgueira de Almeida e Ingrid Dittrich Wiggers, meus agradecimentos, tanto pelo convite para prefaciar o livro como por todo o conhecimento que estão compartilhando sobre a FEF/UnB.

A professora Dulce, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (PPGEF/UnB) e líder do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza (NECON), com Fábio de Assis Gaspar, doutorando do PPGEF/UnB e também autor do livro, revisitam pesquisa desenvolvida em 2005, época em que ele atuava como bolsista de Iniciação Científica e ela nos primeiros anos de experiência na FEF. Trata-se de um estudo pioneiro sobre a memória e história da FEF, em especial, sobre a construção do curso de licenciatura. Disponibilizam também a íntegra das entrevistas realizadas com professores pioneiros.

A professora Alessandra, pesquisadora colaboradora da FEF e pós-doutoranda do PPGEF/UnB, tem enorme mérito na publicação deste livro e na própria construção do CEMEFEF/UnB, pois foi do seu incansável garimpo documental e iconográfico, bem como pelo cuidadoso e impecável trabalho de produção das entrevistas, que temos construído um acervo historiográfico da FEF.

A professora Ingrid, docente do PPGEF/UnB e líder do Imagem - Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação, além de organizadora e autora do livro, é a mentora das atuais pesquisas sobre memória e história da Educação Física da UnB, fundadora e coordenadora do CEMEFEF/UnB.

O Centro de Memória Prof^a Maria Helena Siqueira, da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília - CEMEFEF/UnB, criado em 8 de setembro de 2021, é um espaço institucional de reflexão, preservação e divulgação da memória e da história da Educação Física na Universidade de Brasília. Tem a finalidade de, ativamente, selecionar, organizar, custodiar, preservar e divulgar documentos e materiais a respeito da história e memória da Educação Física na UnB, visando apoiar atividades de ensino, pesquisa e extensão dos docentes, servidores e estudantes vinculados à própria UnB, bem como pesquisadores em geral.

Coloco em destaque o regimento do CEMEFEF/UnB, pois ele nos diz muito sobre o papel e a importância institucional desse Centro para a FEF.

O CEMEFEF/UnB conta atualmente com espaço físico, recursos técnicos e pessoal na FEF, além de página *Web*¹ com exposição virtual de parte do seu acervo. Apoiava e organiza o desenvolvimento da pesquisa e extensão sobre a memória e história da Educação Física na UnB.

Sua implementação é uma realidade!

Vida longa ao CEMEFEF/UnB!

Pode-se dizer que o livro *Aos mestres, com carinho: história e memória da Educação Física na Universidade de Brasília* coroa este processo. Sua publicação é um presente para a memória a história da FEF/UnB.

Boa leitura!

Professor Fernando Mascarenhas

Diretor da FEF no período de 2018 a 2021

Janeiro de 2022

Construção e vista aérea do Centro Olímpico (CO) no período de sua construção. A terra está preparada para o início da construção de quadras, piscinas e prédios. Na parte superior da fotografia aparece o Lago Paranoá.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-04>.

¹ Visite o *site* <https://cemefef.unb.br/> e acesse outras fontes documentais e iconográficas sobre a história da educação física, esporte e lazer da UnB.

Efemérides

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra

Toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.
(Halbwachs)

Um dos principais resultados do trabalho de história e memória empreendido por nós foi o desenho de uma linha do tempo da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF/UnB), onde se destacam pontos que formam um conjunto de efemérides, num breve intervalo de tempo, entre 2021 e 2022 (Figura 1). A Educação Física fez parte do projeto original de criação da UnB, em 1962. Contudo, a construção do Centro Olímpico (CO), inaugurado em 1971, bem como a implantação do Curso de Graduação em Educação Física, no ano seguinte, representam o impulso determinante para os acontecimentos que se seguiram.

As atividades vêm sendo desenvolvidas por meio de um projeto de pesquisa de pós-doutorado, sob a nossa responsabilidade, desde abril de 2018. Esse projeto se desdobrou em uma proposta de extensão, contando com a participação de vários docentes. Em 2021, culminou na criação do Centro de Memória Prof^a Maria Helena Siqueira da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (CEMEFEF/UnB).¹

O delineamento do trabalho seguiu três passos articulados entre si. Em primeiro lugar, foram gravados depoimentos de professores e estudantes pioneiros. A história oral se justifica, porque o passado da FEF é recente, o que possibilita a tomada de testemunhos de quem viveu os primeiros anos de implantação da Educação Física na UnB. A partir dos

¹ Visite o *site* <https://cemefef.unb.br/> e acesse outras fontes documentais e iconográficas sobre a história da educação física, esporte e lazer da UnB.

relatos dos pioneiros, iniciamos um processo de recepção de fontes impressas e iconográficas, além de manuscritos e objetos doados pelos pioneiros. Por último, esse trabalho de produção de fontes tem sido articulado, considerando aspectos da história da educação física, esporte e lazer, levando-nos a resultados e análises históricas de cunho original no contexto da UnB.

Figura 1: Efemérides



Fonte: As autoras, com base no selo comemorativo dos 50 anos do Centro Olímpico.

As atividades também foram impactadas pela pandemia provocada pela Covid-19, entre 2020 e 2021. Sem a parceria de diversos setores da nossa unidade, dos estudantes e professores, tanto daqueles que ainda se encontram em atividade como dos pioneiros, além de seus familiares, dificilmente teríamos conseguido dar seguimento ao projeto. Por isso, registramos nossos agradecimentos a todos que têm se engajado na recuperação da memória da FEF, dedicando seu tempo e colaborando com prestação de informações, organização de eventos, realização de entrevistas, bem como doação de documentos e fotografias.

A memória tem um poder de construir identidades de grupos e instituições. Ao reconstruir o passado com base na história vivida, construímos nossa própria identidade. Construir histórias a partir de memórias do passado, além de manter a coesão interna dos grupos e das instituições na sociedade, define o lugar da instituição na história. Por isso, a participação da comunidade da UnB, em especial da FEF, torna-se imprescindível nesse processo.

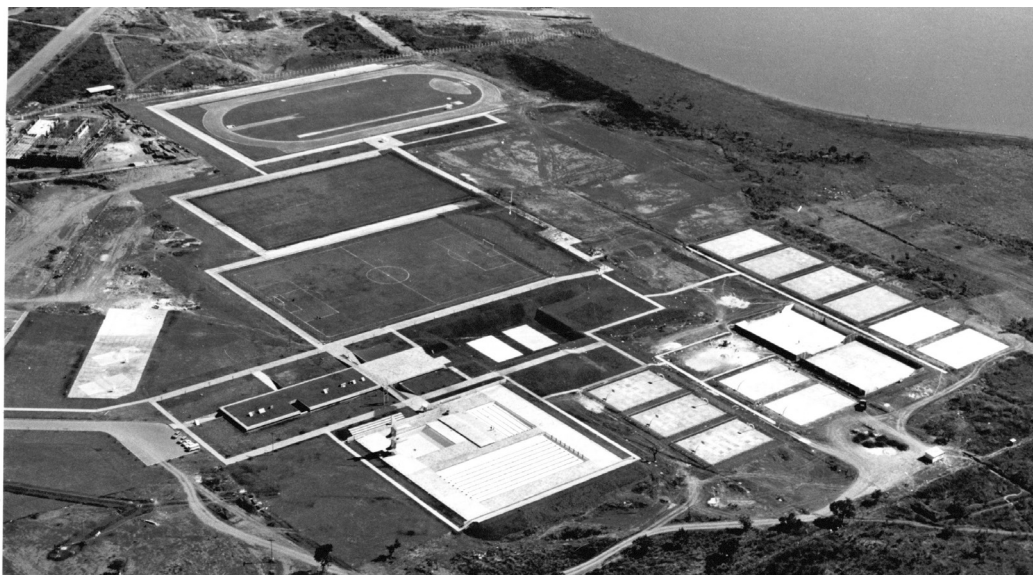
O livro *Aos mestres, com carinho: história e memória da Educação Física na Universidade de Brasília* apresenta como conteúdo principal o depoimento de dez professores pioneiros da FEF/UnB que marcaram sua atuação desde fins da década de 1960. Inicialmente, expõe uma produção historiográfica acerca da faculdade, a partir de fontes

orais, iconográficas e documentais. Esta teve como objetivo desenhar uma linha do tempo com acontecimentos que marcaram o período que antecedeu sua criação. Além disso, buscou mapear os professores de Educação Física pioneiros, assim considerados porque participaram dos primeiros anos de atividade da UnB, tendo atuado na Prática Desportiva (PD) e na implantação do curso de Educação Física.

Em seguida, são abordadas considerações sobre a história como forma de compreensão da realidade educacional, levando em conta as perspectivas dos fundadores. Nesse sentido, destaca-se a análise dos paradigmas norteadores do Curso de Licenciatura em Educação Física da UnB e a inserção do corpo docente nesse âmbito.

A trajetória histórica da educação física, esporte e lazer na UnB é fruto de um empreendimento coletivo de mais de 50 anos, em que os professores pioneiros tiveram um protagonismo. A presente obra é dedicada a eles, tendo sido composta por entrevistas realizadas, primeiramente, em 2005 e, posteriormente, entre os anos de 2018 e 2019. Destacam-se as apresentações e homenagens a cada um dos pioneiros entrevistados, como demonstração do reconhecimento e do laço entre as gerações de professores.

Construção e vista do Centro Olímpico (CO). Na parte superior esquerda aparece a Faculdade de Educação Física em construção; no canto superior direito, o Lago Paranoá; ao centro, as quadras e piscinas.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtOM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-01>.



Trajетória histórica da criação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília¹

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra
Carolina Nascimento Jubé

1. Pioneirismo

O sistema educacional de Brasília é uma das peculiaridades da Capital, caracterizada pela estética modernista de sua arquitetura e desenho urbanístico. O planejamento da cidade, em meados da década de 1950, representou o desafio de articular diversas dimensões que compõem a vida urbana. A professora Stella dos Cherubins Guimarães Trois,² primeira diretora de uma importante escola de Brasília, afirmou que “[...] uma das exigências do Congresso Nacional para a instalação da nova capital no Governo do Presidente Juscelino Kubitschek era que houvesse um sistema educacional de qualidade”. Anísio Teixeira, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), foi chamado a protagonizar o plano escolar, de modo e integrado a outros setores, como cultura e saúde (WIGGERS, 2011). Assim sendo, elaborou o *Plano de Construções Escolares*

¹ Este texto foi publicado originalmente no primeiro capítulo do livro intitulado *Produção de conhecimento na educação física: pesquisas e parcerias do Centro da Rede Cedes no Distrito Federal*, organizado por Pedro Fernando Avalone Athayde e Ingrid Dittrich Wiggers, pela Editora Unijuí, em 2020. Foram feitas atualizações de informações históricas nesta edição mais recente.

² A professora Stella dos Cherubins Guimarães Trois foi a primeira diretora da Escola-Parque 307/308 Sul, entre 1960 e 1963. A entrevista foi realizada e transcrita por Maria de Souza Duarte, em 1981.

de Brasília, abrangendo a educação primária, a educação média, bem como a educação superior (TEIXEIRA, 1961).

O pioneiro da educação pretendia que esse sistema servisse de modelo para o Brasil, em que a escola era representada como uma “máquina de democracia”. Com efeito, esperava-se que Brasília viesse a consolidar a plena integração do país, expressando a política nacional-desenvolvimentista (PEREIRA; ROCHA, 2011). Em conformidade a esse projeto educacional inovador, nota-se a presença da educação física em todos os níveis de ensino, concebida na forma de recreação e desportos. De acordo com Wiggers (2011), o sistema educacional de Brasília se caracterizou originalmente pela intencionalidade de uma educação do corpo, que contribuiu, por sua vez, para uma valorização da educação física como atividade escolar. Note-se ainda que tais atividades ligadas à educação física e ao esporte, além de representarem a inovação educacional, coadunavam-se com o espírito modernista da Capital.

A Universidade de Brasília (UnB), que ocupa o ápice do sistema, foi inaugurada em 21 de abril de 1962, mediante a autorização da Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, sancionada pelo Presidente da República João Goulart. Marcada por um projeto voltado para transformações, em contraste ao viés conservador do ensino superior brasileiro em voga até então, a UnB buscava, desde os primeiros anos, acompanhar o espírito dos pioneiros de Brasília (Figura 2). Darcy Ribeiro foi nomeado o primeiro reitor, munido de ousadia e irreverência “[...] para conseguir realizar o sonho obstinado de criar uma universidade inovadora para a Capital”. (TODOROV, 1991, p. 27). O empreendimento foi orientado sobretudo pela perspectiva de construir uma instituição de ensino superior engajada à pesquisa tecnológica, visando a formação de profissionais capazes de transformar a realidade brasileira.

Nossa meta era, portanto, criar aquela universidade que em lugar de apenas refletir o atraso cultural e a desigualdade social antecipasse, no que fosse possível, a sociedade avançada e solidária que havemos de ser amanhã. A Universidade como instituição é o útero onde geram as castas dirigentes e seus servidores intelectuais (RIBEIRO, 1978, p. 41).

A estrutura básica que deveria compor a UnB foi indicada no próprio Plano de Construções Escolares de Brasília:

- 1) Institutos (de Matemática, Física, Biologia, Geologia, Artes, etc.) destinados ao ensino científico básico e especializado.
- 2) Faculdades (de Educação, Politécnica, Ciências Médicas, Direito, etc.) destinadas à formação intelectual e ao adestramento profissional.
- 3) Reitoria, Sala Magna e Biblioteca Central.
- 4) *Campos de recreação e desportos (estádio, ginásio, piscina, etc.).*
- 5) Serviços administrativos e gerais (TEIXEIRA, 1961, p. 198, grifo nosso).

Em consonância a esse Plano, observamos que tanto no corpo da lei que autorizou a criação da UnB como no Estatuto da Fundação Universidade de Brasília (FUB), Decreto nº 500, de 15 de janeiro de 1962, foi feita previsão de construção pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), de “edifícios necessários à instalação e funcionamento da administração, da biblioteca central, da estação rádio-difusora, do departamento editorial, bem como do *centro recreativo e cultural*” (BRASIL, 1962, grifo nosso).

Figura 2: Vista aérea do *Campus Universitário Darcy Ribeiro*. Dezembro de 1970



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central AtoM UnB. Produção fotográfica: Prefeitura do Campus. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00729-08>. Acesso em: 5 ago. 2018.

O projeto original da UnB, portanto, já previa práticas de recreação e desportos, embora não incluísse a instalação de uma Faculdade de Educação Física (FEF). Esta veio a se formar apenas 35 anos depois, de acordo com o estabelecido pela Resolução do Conselho Universitário nº 002/97, de 21 de janeiro de 1997.

Aspectos históricos da FEF já foram abordados por trabalhos anteriores. Suassuna, Gaspar e Sampaio (2006), Dalmas (2008), Rocha e Suassuna (2010), bem como Silva (2010) analisaram o curso de licenciatura em Educação Física, enfocando os aspectos epistemológicos, formação de professores e currículo. Contudo, a criação da faculdade ainda representa uma lacuna, pois é preciso desvelar a sua trajetória histórica.

O presente capítulo expõe uma produção historiográfica acerca da FEF, a partir de fontes orais, iconográficas e documentais. Temos como objetivo desenhar uma linha do tempo com acontecimentos que marcaram o período que antecedeu a criação da faculdade.

Além disso, buscamos mapear os professores de Educação Física pioneiros, assim considerados porque participaram dos primeiros anos de atividade da UnB, tendo atuado na Prática Desportiva (PD) e na implantação do curso de Educação Física.

Esta obra se justifica devido às décadas que se passaram desde a criação da FEF, sem que a instituição tivesse estabelecido um acervo próprio, responsável por registrar a sua história. Seu passado de conquistas e desafios permanece limitado à lembrança dos pioneiros, sendo que a maioria deles já não frequenta mais a rotina acadêmica. Salientamos que a atual legislação educacional exige que instituições escolares organizem sua memória em arquivos para a conservação de seus documentos e preservação da sua história (RIBEIRO, 1992). Como afirma De Certeau (1982, p. 290), “a prática escriturária é, ela mesma, memória” e, nesse sentido, deve haver um compromisso com a FEF e sua história. Portanto, o trabalho em tela é considerado desafiador e pretende colaborar para uma preservação da memória institucional e compreensão de sua trajetória.

2. História, memória e identidade

História, memória e identidade, apesar de se relacionarem por serem consideradas fontes uma da outra, têm conceitos diferentes. A história faz uma análise crítica, utilizando-se de teorias, fontes, técnicas e ferramentas de estudo, além de contar com respaldo metodológico para analisar, entender e reconstruir o passado.

A memória, por sua vez, contém um elemento afetivo, por compartilhar lembranças e discursos do vivido. A memória é um tipo de fonte que a história usa, mas não é a história em si, pois baseia-se em experiências individuais e coletivas sem o rigor metodológico da história. Contudo, não se pode obter dados da memória de um indivíduo a partir de uma simples observação. É preciso analisar os processos de sua construção e produção. Isso implica conhecer os atores que fazem parte da memória, lembrando que toda narrativa do passado é uma seleção.

Destaca-se ainda que a memória tem um poder de construir identidades de grupos e instituições. Acredita Pollak (1992) que há uma espécie de elo fenomenológico entre a “memória” e a “identidade”, pois ao reconstruir o passado a partir da história vivida construímos nossa própria identidade. Compreende-se, desse modo, que a memória sustenta a identidade. Com os acontecimentos passados e suas lembranças, a memória pode ser construída e reconstruída constantemente. Assim como ela, a identidade não é um objeto material que se ganha ou perde, ambas fazem parte da nossa história. Portanto, construir histórias por meio memórias do passado, além de manter a coesão interna dos grupos e das instituições na sociedade, define o lugar da instituição na história. “Toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (HALBWACHS, 2004, p. 85). Assim, a memória confere personalidade e estabelece “fronteiras” comuns aos grupos responsáveis pela identidade da instituição (POLLAK, 1992).

Nesse sentido, a identidade das Instituições de Ensino Superior (IES) carrega um conjunto de características individuais, uma memória que lhe confere personalidade, com destaque para aquilo que se espera ser o ideal para cada uma delas. Este livro pretende registrar a história da FEF, preservando a memória de seus pioneiros, reforçando sua identidade e dando mais sentido, visibilidade e credibilidade à sua história.

3. Desenho metodológico

Em primeiro plano, optou-se pelo método “história de vida”, por meio do registro em vídeo de entrevistas realizadas com professores de Educação Física pioneiros, tendo em vista que participaram dos primeiros anos de atividade da UnB, com atuação na PD e na implantação do curso de Educação Física.

Esse método de pesquisa procura estabelecer estratégias de análise do vivido, no contexto das relações sociais. A obra original que utilizou o método “história de vida” foi a dos sociólogos Thomas e Znaniecki (1918), introduzida posteriormente no meio acadêmico pela Escola de Chicago. Acrescente-se ainda que vários estudos indicam, entre eles os realizados por Nóvoa (2000), Preuss (1997), Silva (2002) e Melo (2010), que a história de vida integrada à história oral compõe um método científico com força, validade e credibilidade como qualquer outro. Sobretudo se compreendermos que, por mais individual que seja uma história, ela sempre mostra o quão genérica é a trajetória do ser humano, que, por seu turno, se não for registrada, poderá cair no esquecimento.

A história oral, embora também se desenvolva por meio de depoimentos de indivíduos ou grupo, é outra metodologia, de quadro mais amplo (QUEIROZ, 1988). Estudos indicam que ela surgiu nas décadas de 1960 e 1970 e pode ser considerada mais recente que a história de vida, criada em fins dos anos 1910 (SILVA, 2002). A história de vida, segundo Queiroz (1988) e Silva (2002), poderá ser incorporada pela história oral, dando mais sustentabilidade ao trabalho do historiador.

Desse modo, nosso trabalho foi enriquecido pela história oral, que recomenda a coleta e a seleção de documentos e registros em arquivos, tanto institucionais como pessoais dos entrevistados, como forma de ilustrar e narrar fatos históricos. Assim, utilizamos nesta obra ambas metodologias, complementarmente.

Inicialmente, elaboramos um roteiro de entrevista, que foi dividido em três partes, abrangendo a trajetória pessoal e profissional, as memórias da atuação na FEF, bem como os significados da história vivida. Em seguida, convidamos professores em atuação na FEF para entrevistar os pioneiros que se dispuseram a participar da pesquisa que deu origem a este livro (Quadro 1).

Quadro 1: Entrevistas com professores pioneiros

Pioneiro	Entrevistador	Local da entrevista	Data
Osmar Riehl	Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende	Sala da Direção da FEF	17/08/2018
Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti	Luiz César dos Santos	Sala da Chefia do Centro Olímpico	14/09/2018
Alcir Braga Sanches	Jake Carvalho do Carmo	Sala da Chefia do Centro Olímpico	17/09/2028
Antônio Carlos Alvarenga Balthazar	Aldo Antônio de Azevedo	Sala da Chefia do Centro Olímpico	17/08/2018
Solange de Cássia Elias Passos	Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende	Residência de Solange C. Elias Passos	05/10/2018
Iran Junqueira de Castro	Alessandra Pessoa Coimbra	Sala do Iran J. de Castro	02/07/2019

Fonte: As autoras (2019).

Considerando que os entrevistadores fazem parte de um grupo mais novo, as entrevistas representaram encontros entre gerações. Em alguns casos, caracterizaram-se como um diálogo entre professor e aluno, em que lembranças e memórias foram compartilhadas com emoção.

Os entrevistados, bem como os entrevistadores que participaram deste livro receberam e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para resguardar a divulgação do material. Este deverá ser transcrito e disponibilizado no espaço virtual do Centro de Memória da FEF, bem como poderá fazer parte de um acervo físico nessa mesma instituição, com o propósito de subsidiar trabalhos no campo da história.

Conforme assinalado anteriormente, também foram recolhidas fontes históricas em arquivos, tanto institucionais como pessoais dos entrevistados. Em arquivos da faculdade, encontramos diversos tipos de fontes, notadamente instruções normativas, publicações no *Diário Oficial da União (DOU)*, atos da direção, solicitações, resoluções, circulares, ofícios, atas, periódicos, bem como cartas que nos ajudaram a esclarecer e ilustrar as histórias contadas pelos pioneiros.

Contudo, consideramos, assim como Pollak (1992), que os documentos devem ser observados com “olhar mais apurado”. Para o autor, trata-se de uma “memória documental” dinâmica que merece ser questionada e interrogada. Assim, partindo do pressuposto de que as fontes documentais, mesmo que institucionalizadas, não podem ser consideradas como guardiãs da verdade, pois há necessidade de uma constante revisão e atualização,

foram utilizadas para complementar e interpretar as informações prestadas na ocasião das entrevistas.

Além dessas fontes recolhidas por nós, fizemos uso de entrevistas gravadas em áudio, realizadas com sete professores pioneiros da FEF, em 2005, por Fábio de Assis Gaspar, sob a supervisão da professora Dulce Filgueira de Almeida. Essas entrevistas subsidiaram a pesquisa intitulada “A educação física da Universidade de Brasília e a formação de professores: aspectos epistemológicos” (SUASSUNA; GASPAR; SAMPAIO, 2006). Em 2005, foram contemplados quatro professores, que em 2018, quando iniciamos o projeto deste livro, não tivemos oportunidade de entrevistar: Maria Helena Siqueira, Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*), Renato Garcia Nóbrega e William Passos.

4. Linha do tempo

Um dos objetivos de nosso trabalho é desenhar uma linha do tempo com acontecimentos que marcaram o período que antecedeu a criação da FEF. Como anunciado no início deste capítulo, o projeto original da UnB não incluía a instalação de uma faculdade de Educação Física. Contudo, observamos que foi prevista a edificação de um centro recreativo e cultural. Outras evidências sugerem que ainda na década de 1960 foi instalado o Serviço de Recreação e Desportos (SRD), vinculado ao Decanato de Assuntos Comunitários da UnB (DAC/UnB). Embora não tenha sido encontrado nenhum registro que indicasse a data de implantação desse serviço, ele é mencionado pelos pioneiros e também citado em fontes documentais do período.

Consideramos que uma linha do tempo é parte fundamental para se compreender a dinâmica dos fatos e acontecimentos que antecederam a criação da FEF. Ainda em caráter provisório, delimitamos esse período a partir da instalação do SRD até a criação da própria faculdade, compreendendo aproximadamente 30 anos.

Linha do tempo desde a criação do Serviço de Recreação e Desportos até a criação da Faculdade de Educação Física da UnB – década de 1960 a 1997

- **1962** – Criação da Universidade de Brasília (UnB).
- **Década de 1960** – Criação do SRD, vinculado ao DAC/UnB, sob a chefia do professor Cleber Soares do Amaral.
- **1969** – Elaboração do projeto do Centro Olímpico (CO) da UnB, denominado inicialmente de Centro Desportivo e também de Centro Olímpico da Juventude de Brasília (COJB). Ele foi desenhado por Márcio Vilas Boas e Ricardo Libanez Farret, com a colaboração de Paulo de Mello Zimbres.
- **Meados da década de 1970** – Realização de Colônia de Férias para crianças, sob a coordenação do professor Osmar Riehl, em parceria com o Exército Brasileiro.

- **1971** – Inauguração do Centro Desportivo da UnB, que foi denominado posteriormente de Centro Olímpico (CO), em 5 de setembro de 1971.
- **1972** – Implantação do curso de Educação Física – licenciatura da UnB e realização do primeiro vestibular, com provas específicas. Foram aprovados 20 alunos que compuseram a primeira turma de estudantes do curso.
- **1973** – Implantação da obrigatoriedade da disciplina Prática Desportiva (PD) para os estudantes de graduação da UnB.
- **1973** – 1º Concurso de admissão de professores de Educação Física na UnB.
- **1974** – Conclusão do edifício da FEF, chamado inicialmente de edifício sede da Escola de Educação Física, projetado por Márcio Villas Boas e Ricardo Libanez Farret.
- **1974** – Criação do Departamento de Educação Física (EDF), na Faculdade de Ciências da Saúde (FS) da UnB, denominada anteriormente de Faculdade de Ciências Médicas, sob a chefia do coronel Hélio Bettero (Ato da Reitoria da UnB nº 831/74, de 20 de setembro de 1974).
- **1976** – Colação de grau da primeira turma de Educação Física da Universidade de Brasília, composta de cinco estudantes, em 16 de dezembro de 1976.
- **1977** – Reconhecimento do curso de Educação Física – licenciatura e Técnico em Desportos, da UnB, pelo Presidente da República general Ernesto Geisel (Decreto nº 79.404, de 16 de março de 1977).
- **1982** – Oferta do primeiro curso de pós-graduação *lato sensu*, na área de Fisiologia do Exercício.
- **1988** – Suspensão da prova de habilidade específica do exame de seleção dos candidatos ao curso de Educação Física do segundo semestre de 1988 (Resolução do CEPE nº 001/88, de 30 de março de 1988).
- **1989** – Primeira reestruturação curricular do curso graduação em Educação Física – licenciatura, da UnB (Resolução do CONSUNI nº 10/89, de 03 de agosto de 1989).
- **1992** – Instalação do Laboratório de Aptidão Física e Movimento (AFiM).
- **1996** – Segunda reformulação do currículo do Curso de Educação Física – Licenciatura, da UnB.
- **1996** – Alteração da modalidade da disciplina 175021 Prática Desportiva II, de obrigatória para optativa, em todos os currículos vigentes dos cursos de graduação da Universidade de Brasília (Resolução CEPE nº 001/96).
- **1997** – Criação da Faculdade de Educação Física, sob a chefia do professor Iran Junqueira de Castro e extinção do Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da Saúde (Resolução do Conselho Universitário nº 002/97, de 21 de janeiro de 1997).
- **1997** – Alteração da modalidade da disciplina 175013 Prática Desportiva I, de obrigatória para optativa, em todos os currículos vigentes dos cursos de graduação da Universidade de Brasília (Resolução do CEPE nº 151/97, de 29 de setembro de 1997).

5. Professores pioneiros

Como parte do desenho da linha do tempo, como dissemos anteriormente, buscamos mapear os professores pioneiros da FEF, porque participaram dos primeiros anos de atividade da UnB e atuaram na PD e na implantação do curso de Educação Física. Como demonstrado no Quadro 2, as informações estão incompletas, pois a ausência de fontes históricas dificultou a montagem de um panorama mais completo sobre os pioneiros, principalmente daqueles que atuaram na década de 1960.

Até o momento, foram identificados 21 professores pioneiros, sendo 16 homens e cinco mulheres. Na década de 1960, eles foram contratados como técnicos desportivos, vinculados ao SRD, do DAC/UnB, sob a chefia do professor Cleber Soares do Amaral. Sua atuação se dava nos níveis de iniciação e aperfeiçoamento desportivo, bem como treinamento de equipes representativas.

Em 1973, obtiveram o cargo de orientadores esportivos, durante a chefia do coronel Hélio Bettero, já vinculados à Faculdade de Ciências da Saúde (FS) da UnB. Entretanto, nesse mesmo ano foi realizado o 1º Concurso para admissão de professores de Educação Física, e desde então, os pioneiros compuseram o quadro de professores colaboradores da UnB. Nesse período, a PD passaria a ser obrigatória. Além disso, vieram a atender a demanda da criação do curso de Educação Física, licenciatura e Técnico em Desportos, em 1972, ampliando significativamente a sua atuação. Eles realizaram sua formação inicial em instituições localizadas em diversos estados brasileiros – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás –, repercutindo a tendência de integração nacional que marcou o início de Brasília. Embora alguns professores tenham atuado por curto período na UnB, boa parte deles permaneceu até o fim de suas carreiras como integrantes do quadro docente, contribuindo para a formação de várias gerações.

Quadro 2: Professores pioneiros da Faculdade de Educação Física na UnB (dados provisórios)

Nome	Contrato inicial	Início das atividades	Desligamento
Cleber Soares do Amaral	Cedido da SEED/MEC	196?	1972
Marco Antônio de Moraes	Técnico desportivo	196?	1972
Oto Morávia de Carvalho	Técnico desportivo	196?	1972
Luiz Cesar Bernardes	Técnico desportivo	196?	1972
Takeshi Miura	Técnico desportivo	196?	Não localizado
Renato Garcia Nóbrega	Técnico desportivo	01/09/1969	03/09/1993
William Passos	Técnico desportivo	01/09/1969	11/12/2008
Hélio Bettero	Cedido do Exército Brasileiro	24/11/1972	197?
Antônio Carlos Alvarenga Balthazar	Orientador desportivo	01/03/1973	22/03/1993
Osmar Riehl	Orientador desportivo	01/03/1973	05/04/2017
Alexandre José Figueiredo Camacho de Sousa	Orientador desportivo	01/03/1973	01/10/1998
Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti	Orientador desportivo	01/03/1973	07/03/1996
Solange de Cássia Elias Passos	Orientador desportivo	01/03/1973	28/11/1991
Silcio Barbosa de Oliveira	Orientador desportivo	1973	30/05/1975
Maria José de Souza Campos	Orientador desportivo	1973	197?
Alcir Braga Sanches	Professor colaborador	23/01/1974	10/02/2015
Iran Junqueira de Castro	Professor colaborador	31/01/1974	Ativo
Fernando Lisboa Souto Mayor	Professor colaborador	04/02/1974	Não localizado
Maria Helena Siqueira	Professor colaborador	19/02/1974	12/03/1991
Mário Ribeiro Cantarino Filho (<i>in memoriam</i>)	Professor colaborador	23/03/1974	12/03/1991
Laura Elvira Sales Joviano	Professor colaborador	02/09/1975	12/09/1991

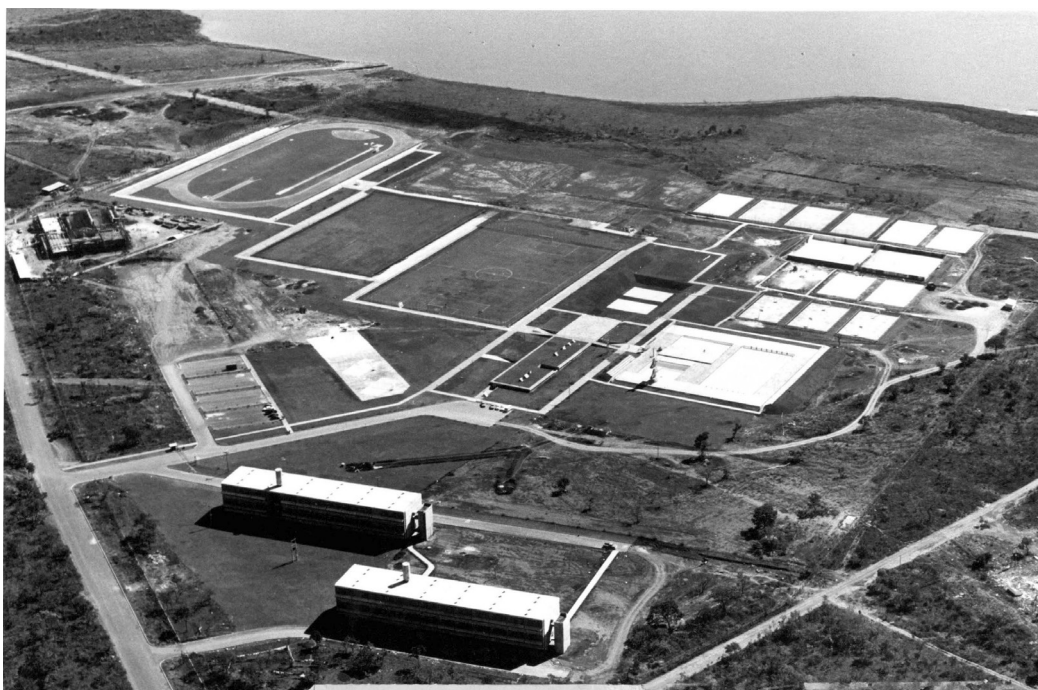
Fonte: Entrevistas com professores pioneiros; Edital do primeiro concurso para professores colaboradores da área de Educação Física da UnB/1973; pedido de reconhecimento de curso de Educação Física, da UnB, de 1976; e SIPES – Sistema de Pessoal da UnB (2019).

6. Imagens que antecederam a criação da Faculdade de Educação Física

Observamos que a Educação Física foi integrada às atividades da UnB na década de 1960, com a criação do SRD, vinculado ao DAC/UnB. Sob a chefia do professor Cleber Soares do Amaral, foram contratados os primeiros professores na condição de técnicos esportivos, para ministrar aulas e treinamentos. A partir de então, em grande terreno à beira do Lago Paranoá, destinado à uma área esportiva, conforme o projeto inicial da UnB, o CO foi sendo construído em várias etapas.

A sua inauguração se deu em 5 de setembro de 1971, sob a gestão do Reitor Amadeu Cury, destacado cientista brasileiro vinculado ao governo da Ditadura Militar daquele período (Figura 3). Ressalte-se que o CO foi concebido como espaço e equipamento adequado para a realização de treinamentos de atletas que pudessem representar a UnB e até mesmo o Brasil em jogos e competições de nível nacional e internacional.

Figura 3: Vista aérea da Construção do Centro Olímpico. Janeiro de 1971



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central AtoM UnB. Fotografia de Rosival Carvalho. Assessoria de Comunicação Social. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038>. Acesso em: 05 ago. 2018.

Em 1972, foi implantado o curso de Educação Física, tendo sido realizado o primeiro vestibular com provas específicas. Mas desde fins da década de 1960 se cogitava a sua criação, considerando o alto investimento destinado pelo Ministério da Educação (MEC) para construção do CO. De acordo com entrevistas com professores pioneiros, o MEC pretendia que o espaço servisse tanto para a PD quanto para a formação de professores de Educação Física. A demanda por esses professores aumentaria significativamente no mesmo período,

considerando a obrigatoriedade da disciplina em todos os níveis de ensino, em atendimento a legislações educacionais, como foi o Decreto nº 69.450, de 1º de novembro de 1971.

O currículo seguia as determinações da Resolução CFE nº 69/69, que se orientava por uma formação de caráter técnico. Graduou-se, em 15 de dezembro de 1976, a primeira turma de Educação Física, composta por cinco estudantes. Em decorrência, em 16 de março de 1977, fez-se o reconhecimento do curso de licenciatura e Técnico em Desportos, da UnB, através do Decreto nº 79.404/77, assinado pelo então presidente da República general Ernesto Geisel. Esse acontecimento representou um passo importante da trajetória que viria a atingir a criação da faculdade (Figura 4).

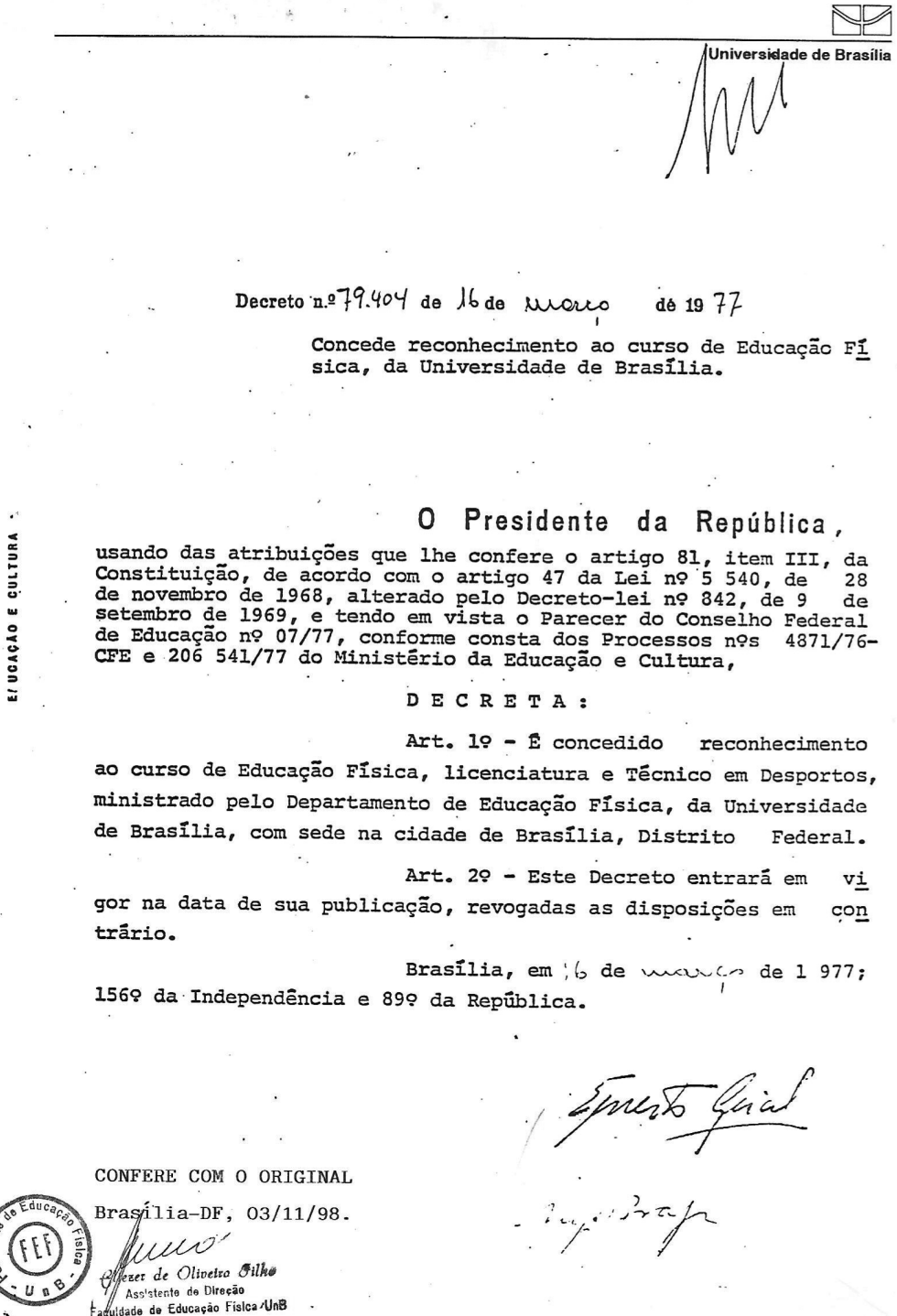
Outra linha de atuação da Educação Física na UnB, desde a criação do SRD, foi consolidada a partir de 1973. Desse modo, em atendimento ao Decreto nº 69.450 de 1º de novembro de 1971, a PD tornou-se obrigatória a todos os estudantes de graduação.

Para sustentar esses empreendimentos foi criado, em 1974, o EDF, como parte da FS. É possível perceber uma continuidade entre o SRD e o EDF, pois o coronel Hélio Bettero foi designado como o primeiro chefe deste último. Gradativamente, contrataram-se mais professores para se incorporarem ao quadro de pessoal docente da UnB, a fim de atender à crescente demanda de ensino.

Nesse mesmo ano, foi concluído o edifício sede da Escola de Educação Física, visando atender à necessidade de espaço físico que o novo curso da UnB exigia para seu funcionamento. Isso porque nos primeiros anos do curso, que havia se iniciado em 1973, os alunos frequentaram disciplinas curriculares de formação geral ofertadas por outros setores da UnB, como Física, Matemática, Química, Biologia, Medicina, entre outras. Somente a partir da metade do curso, os estudantes se dedicaram às disciplinas específicas da área de Educação Física, o que exigia que as aulas acontecessem no espaço do CO.

Observamos que além do curso de licenciatura em Educação Física e da oferta da PD, atividades de extensão voltadas à comunidade também compuseram a trajetória histórica que antecedeu a criação da FEF. É caso das Colônias de Férias, que eram abertas, em geral, às crianças moradoras da Asa Norte, sob a coordenação do professor Osmar Riehl, em parceria com o Exército Brasileiro. As crianças vivenciavam jogos, corridas e esportes, bem como solenidades cívicas.

Figura 4: Reconhecimento do curso de Educação Física da UnB (1977)



Universidade de Brasília

Decreto n.º 79.404 de 16 de março de 1977

Concede reconhecimento ao curso de Educação Física, da Universidade de Brasília.

O Presidente da República,

usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, de acordo com o artigo 47 da Lei nº 5 540, de 28 de novembro de 1968, alterado pelo Decreto-lei nº 842, de 9 de setembro de 1969, e tendo em vista o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 07/77, conforme consta dos Processos nºs 4871/76-CFE e 206 541/77 do Ministério da Educação e Cultura,

D E C R E T A :

Art. 1º - É concedido reconhecimento ao curso de Educação Física, licenciatura e Técnico em Desportos, ministrado pelo Departamento de Educação Física, da Universidade de Brasília, com sede na cidade de Brasília, Distrito Federal.

Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, em 16 de março de 1977;
156º da Independência e 89º da República.

Ernesto Geisel

Assessor de Oliveira Filho

CONFERE COM O ORIGINAL

Brasília-DF, 03/11/98.



Assessor de Oliveira Filho
Assistente de Direção
Faculdade de Educação Física/UnB

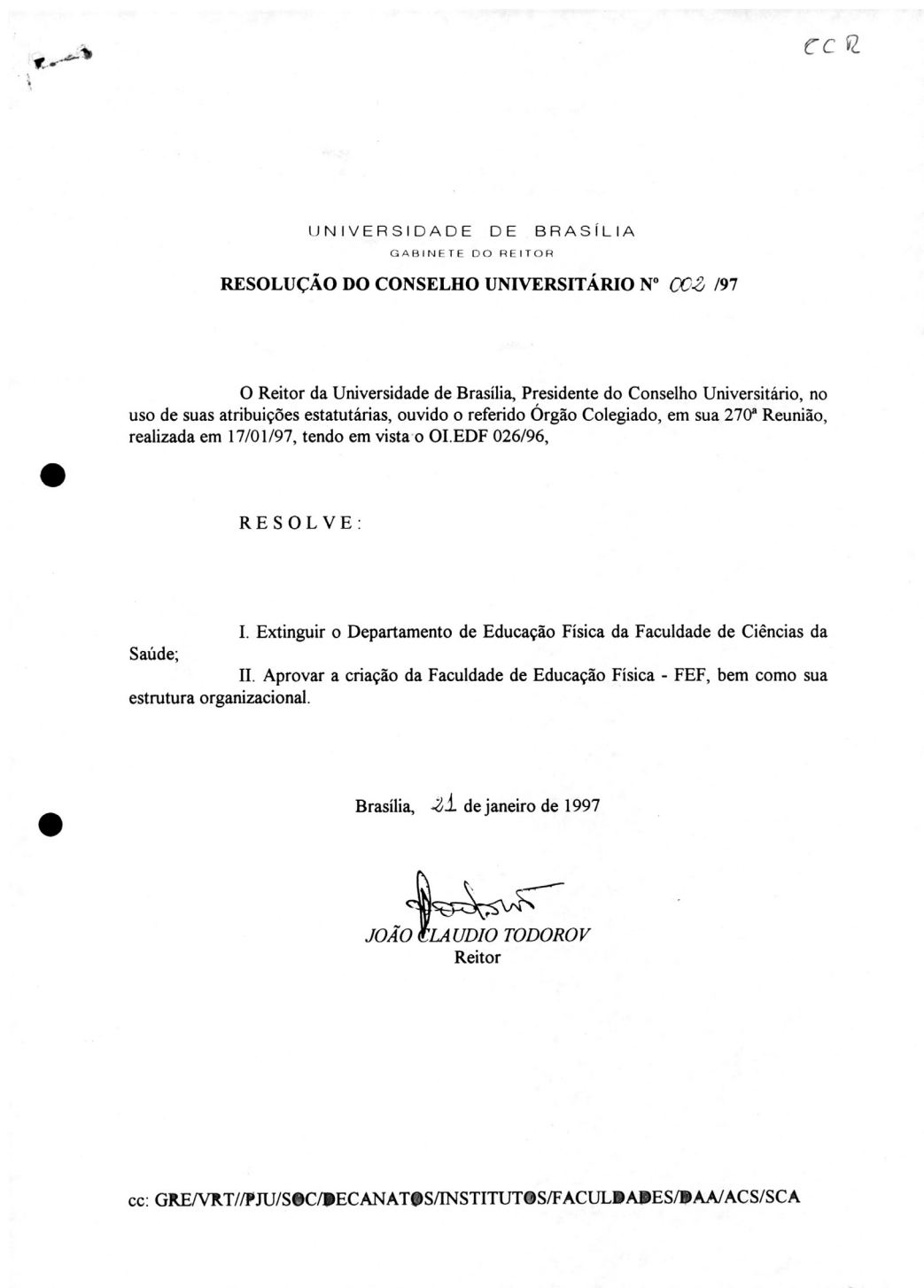
Fonte: Arquivo da FEF/UnB.

Conforme anteriormente assinalado, o reconhecimento do curso de Educação Física, licenciatura da UnB, foi decretado em 1977. Com o passar dos anos, o primeiro currículo sofreu críticas, pois era muito voltado à formação de técnicos esportivos, o que não correspondia mais às novas perspectivas que se formaram a partir da década de 1980, no Brasil (OLIVEIRA, 1983; CASTELLANI FILHO, 2010). O EDF empreendeu uma discussão sobre a identidade da educação física, sob a gestão do professor Mário Cantarino Ribeiro Filho. Esse processo culminou na primeira reforma curricular do curso de licenciatura em 1988, cerca de dez anos após o reconhecimento do curso. A mesma, por sua vez, orientou-se na Resolução CFE nº 3, de 16 de junho de 1987, que ampliou o espectro formativo dos professores de Educação Física, abrangendo disciplinas, além da área técnica, da humanística e de aprofundamento de conhecimentos. Essa teria sido, segundo o depoimento dos pioneiros, uma mudança paradigmática. Nessa ocasião, colocou-se em pauta também o vestibular específico para o curso de Educação Física da UnB, conforme ata da 10ª Reunião Ordinária do Colegiado do EDF/FS, ocorrida em 6 de junho de 1988.

Como parte dessa ruptura, durante a 17ª Reunião Ordinária do Colegiado do EDF/FS, realizada em 15 de agosto de 1988, sob a gestão do professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*), os docentes do curso iniciaram outra discussão importante. Tratou-se da criação de uma nova estrutura organizacional para a Educação Física na UnB. Foi designada uma comissão para discutir o assunto, e propor, assim, um formato a ser adotado, ou seja, centro, faculdade ou instituto, para abrigar a área de Educação Física no âmbito da UnB. No fim do mesmo ano, a especificidade da área foi reconhecida, conforme registro da 23ª Reunião Ordinária do Conselho Departamental da FS, realizada em 12 de dezembro de 1988: “Considera-se que a peculiaridade da Educação Física em relação a área da saúde justifica a sua separação em uma ‘Escola’ fora da FS”.

Desde então, uma espécie de luta política foi travada em reuniões de colegiados e conselhos superiores, em defesa de um órgão independente para abrigar a área de Educação Física na UnB. Resistências internas da FS, bem como a pequena quantidade de professores com nível de pós-graduação, apresentavam-se como dificuldades. Mas a segunda reforma do currículo do curso de Educação Física, aprovada em 1996, talvez tenha dado o impulso necessário para a criação da faculdade, no ano seguinte. Finalmente, com o apoio do Reitor João Cláudio Todorov, foi criada a FEF, sob a chefia do professor Iran Junqueira de Castro, conforme a Resolução do Conselho Universitário nº 002/97, de 21 de janeiro de 1997 (Figura 5). Tal como aconteceu na passagem do SRD para o EDF, onde se manteve na chefia o coronel Hélio Bettero, o professor Iran Junqueira de Castro assumiu o cargo de primeiro Diretor da FEF, tendo como Vice-Diretora a professora Ana Maria Renne Guimarães Lapa, estabelecendo ao mesmo tempo uma ruptura e um elo de continuidade entre um órgão e outro.

Figura 5: Criação da Faculdade de Educação Física e extinção do Departamento de Educação Física.



Fonte: Arquivo da FEF/UnB.

Interessante notar que a criação da faculdade coincide com a alteração da modalidade da disciplina PD, de obrigatória para optativa, em todos os currículos vigentes dos cursos de graduação da UnB, em acordo com a deliberação do X Fórum de Pró-Reitores de Graduação das IFES (Resolução do CEPE nº 151/97, de 29 de setembro de 1997).

7. Rumos da pesquisa histórica

Em conclusão, por um lado nota-se uma continuidade e um progresso entre os diferentes órgãos ligados à Educação Física na UnB. Nesse sentido, a criação da FEF representa o alcance de um grau de autonomia acadêmica e financeira relevante. Em contrapartida, a passagem de um órgão para outro foi marcada por decisões que geraram rupturas. Estas, por sua vez, implicaram mudanças significativas na sua atuação junto à própria universidade e à sociedade. Inicialmente, evidencia-se uma representação da Educação Física como elemento que agregaria inovação à UnB, considerando um projeto de formação de nível superior de cunho integral. Mudanças no contexto político brasileiro, a partir de meados da década de 1960, fortaleceram o viés do esporte, abrangendo treinamento de equipes. Esse paradigma culminou na implantação de curso de licenciatura e técnicos na área, bem como da obrigatoriedade da PD para os estudantes de graduação. Por conseguinte, podemos perceber que o tempo histórico não apresenta uma linearidade contínua, nem repetições, e que os eventos não ocorrem de modo cíclico, como um processo evolutivo. Desse modo, os modelos podem persistir ou retornar com outras interpretações ou simbologias (CERTEAU, 1994).

Outros acontecimentos importantes marcaram a trajetória da FEF desde a sua criação, como a implantação do curso de bacharelado, cursos de pós-graduação, desenvolvimento de projetos de extensão, laboratórios e pesquisas de diversas linhas. Esperamos que este capítulo sirva de estímulo para outros trabalhos que enfoquem a história da faculdade, abordando as dificuldades, contradições, bem como estabelecendo suas relações com a história da Educação Física no Brasil e no mundo.

Vislumbramos uma linha de pesquisa promissora que agregue, por exemplo, estudos sobre currículo, formação de professores, profissionalização, pós-graduação, pesquisa e extensão. Além disso, sugerimos estudos historiográficos a serem delimitados a partir do ano de criação da faculdade, em 1997, até os dias atuais, dando continuidade a esta obra. Sobretudo, desejamos que se consolide um Centro de Memória na FEF/UnB, tal como em outras instituições. Macedo e Goellner (2018) dão conta de que existem atualmente dez centros de memória voltados à área no Brasil. Cada um deles se organizou em um contexto específico, porém mediante uma finalidade comum, ou seja, recuperar os acervos institucionais, a fim de preservar sua memória e história. Da UnB, localizada na Capital Federal, espera-se o mesmo compromisso.

Referências

- BRASIL. Decreto nº 500, de 15 de janeiro de 1962. Institui a Fundação Universidade de Brasília. *Diário Oficial da União*, Brasília-DF, 16 jan. 1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dcm/dcm500.htm. Acesso em: 12 jun. 2022.
- BRASIL. Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília-DF, 20 dez. 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l3998.htm. Acesso em: 4 ago. 2022.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; Revisão Técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- DALMAS, Leandro Casarin. *A formação inicial dos professores de educação física do Distrito Federal: das diretrizes curriculares nacionais aos cursos de graduação*. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- ÉSTHER, Ângelo Brigato. A identidade institucional da universidade brasileira segundo atores macrosociais relevantes: convergências e conflitos. *Revista GUAL*, Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 199-221, dez. 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 2013.
- NÓVOA, Antônio de. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____. (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 11-30.
- MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Guardar para não perder: a constituição dos acervos dos centros de memória da educação física nas universidades federais brasileiras. *Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 20-37, jan./jun. 2018.
- MELO, Alessandra Pessoa Coimbra de. História de vida: formação e inclusão. In: ALMEIDA, Dulce Filgueira et al. (org.). *Política, lazer e formação*. Brasília: Thesaurus, 2010. p. 167-181.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *O que é educação física*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PEREIRA, Eva Waisros; ROCHA, Lúcia Maria da Franca. Anísio Teixeira e o plano educacional de Brasília. In: PEREIRA, Eva Waisros et al. (org.). *Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília, UnB, 2011. p. 27-45.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PREUSS, Míriam Raja Gabaglia. A abordagem biográfica: história de vida na pesquisa psico-sociológica. *Revista Série Documentada*, UFRJ, v. 6, n. 8, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: VON SIMSON, O. de M. (Org.). *Experimentos com histórias de vida* (Itália- Brasil). São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Avenir, 1978. (Coleção Depoimentos).

RIBEIRO, Marcus Vinícios Toledo. Os arquivos das escolas. In: NUNES, Clarice (coord.). *Guia preliminar de fontes para a história da educação brasileira*. Brasília: INEP, 1992. p. 47-64.

ROCHA, Laryssa Mota Guimarães; SUASSUNA, Dulce Maria Filgueira de Almeida. Formação de professores de educação física da Universidade de Brasília e a escola. In: IV Congresso Centro Oeste de Ciências do Esporte, I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, n. 1, 2010, Brasília. *Anais do CONCOCE/CONDICE*. Brasília: CBCE, 25 de setembro de 2010. p. 621-636.

SILVA, Haiké Roselane Kleber. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. *MÉTIS: História & Cultura*, v. 1, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 2002.

SILVA, Maria Denise Dourado. *Educação física, formação e ensino: uma análise da proposta a FEF/UnB*. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SUASSUNA, Dulce Maria Filgueira de Almeida; GASPAR, Fábio de Assis; SAMPAIO, Juarez Oliveira. A educação física da Universidade de Brasília e a formação de professores: aspectos epistemológicos. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 197-211, jul./dez. 2006.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961.

THOMAS, William Isaac; ZNANIECKI, Florian. *The polish peasant in Europe and America*. Boston, MA: University of Chicago Press, 1918.

TODOROV, João Cláudio. A irreverência de um intelectual e o Projeto da UnB. Carta: falas, reflexões, memórias, Brasília, Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, n. 14, p. 27-29, 1991. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/revistas/A_carta.pdf. Acesso em: 4 ago. 2022.

TROIS, Stella dos Cherubins Guimarães. [Entrevista cedida a] Maria de Souza Duarte. 1981. Datilografado.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. Educação física escolar em Brasília na década de 1960. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 137-157, jan./mar. 2011.

Vista aérea do Centro Olímpico (CO). Em primeiro plano, aparecem os prédios do alojamento estudantil e a via L4. Em segundo plano, as quadras de esportes e piscinas. Ao fundo, o Lago Paranoá.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-02>.



Olhares sobre a Educação Física da Universidade de Brasília: perspectivas dos fundadores

Dulce Filgueira de Almeida
Fábio de Assis Gaspar

A análise histórica pontuada pelo conhecimento científico é muito utilizada como forma de explicar a realidade. Ao se procurar entender a construção de uma área do conhecimento, observa-se insuficiência para compreendê-la somente pelo viés do arcabouço teórico e do método de análise. A parte (o fenômeno) não se explica por si. A história apresenta crucial contribuição para a construção de uma análise crítica da realidade.

O ingresso no quadro da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF/UnB) em 2002, com formação em outra área do conhecimento – Ciências Sociais –, propiciaram-nos visão diferenciada do Curso de Educação Física e do seu corpo docente, como uma espécie de “estranhamento” no sentido antropológico do termo. Somado a esse fator, um grupo interessado de estudantes desse curso, incluindo o acadêmico Fábio Gaspar, candidatou-se ao Programa de Iniciação Científica, instigado pelo desenvolvimento de pesquisa acerca da Memória e História da Educação Física da Universidade de Brasília (UnB).

Com esse intento, participamos de dois editais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (ProIC), nos anos de 2004 e 2005. Em 2004, nosso projeto de pesquisa teve por objetivo investigar os paradigmas norteadores do Curso de Licenciatura em Educação Física da UnB e a inserção do corpo docente naquele âmbito, visando possibilitar a construção de um recorte histórico da Educação Física na UnB, no período compreendido entre 1974 e 2004. Norteava-nos o seguinte problema de investigação: Como ocorreu a construção do Curso de Licenciatura em Educação Física da UnB? Quem são os sujeitos históricos desse processo? Como foram constituídas as áreas de ensino e pesquisa, e qual

a repercussão na atual estrutura curricular? Em 2005, o projeto de pesquisa versou sobre “Análise comparativa entre o discurso oficial e não oficial sobre o curso de Licenciatura em Educação Física da UnB: estudo de caso”. Com foco na análise historiográfica, a investigação objetivou: compreender a história do curso de Licenciatura em Educação Física por meio do discurso não oficial (corpo discente, servidores e professores que não se encontram mais vinculados ao quadro da FEF/UnB); e analisar, comparativamente, o discurso oficial (registrado por meio de pesquisa já realizada) e o discurso não oficial.

De modo incipiente, esses projetos de pesquisa apresentavam-se como esforços para compreender o referido curso como um caso particular a ser estudado. Para tanto, o estudo de caso e a pesquisa historiográfica foram combinados como modelos de pesquisa, seguindo-se uma abordagem qualitativa.

Denotava-se, à época, relevância às pesquisas o fato de haver poucas informações sobre o curso de Licenciatura em Educação Física da UnB e raros registros dos atores (corpo docente) que foram construtores da história do curso. Desse modo, havia a possibilidade de recuperar, por meio do projeto, documentos institucionais e de contar com registros dos fundadores do curso e de professores que constituíam o corpo docente da FEF nos anos 2004 e 2005.

Vale salientar que, no caso dos professores fundadores, foram realizadas entrevistas e, no caso do corpo docente do curso, foi aplicado questionário composto por questões abertas, que foi entregue pessoalmente a cada professor e, posteriormente, recolhido. A obtenção dos registros em forma de depoimentos dos professores que representavam a memória institucional seguiu um roteiro básico, privilegiando-se a liberdade na oralidade. Os documentos institucionais coletados foram: (a) documento de criação do curso (1974); (b) atas que registraram os concursos dos professores do quadro efetivo do curso de Licenciatura em Educação Física; e (c) os currículos, projeto político pedagógicos até o ano de 2004; entre outros.

Para além do pouco conhecimento sobre o curso, a motivação em realizar este trabalho foi a possibilidade de contato com os responsáveis pela construção do curso, já que, talvez, pudesse faltar à comunidade universitária da FEF/UnB a devida atenção a esses fundadores.¹ Mais do que ter lembranças do passado e curiosidades nas possíveis conversas de corredor,

¹ Sem a pretensão de nos colocarmos como historiadores, mas, sim, de reconhecer a importância do conhecimento histórico, consideramos pertinente essa citação de Eric Hobsbawm ao reconhecer a importância dessa tarefa intelectual na sociedade contemporânea. Ainda consideramos uma dupla pertinência dessa reflexão o fato do texto ter sido feito para uma conferência de comemoração de uma instituição acadêmica (75 anos da Universidade da Califórnia – Davis): “É tarefa dos historiadores tentar remover essas vendas, ou pelo menos levantá-las um pouco ou de vez em quando – e, na medida que o fazem, podem dizer à sociedade contemporânea algumas coisas das quais ela poderia se beneficiar, ainda que hesite em aprendê-las. Felizmente, as universidades constituem a única parte do sistema educacional em que os historiadores foram autorizados e até encorajados a fazer isso. Nem sempre foi dessa forma, pois a profissão de historiador em grande parte se desenvolveu como um agrupamento de pessoas para servir e justificar os regimes. Isso não é mais, de modo algum, tão universal assim. Mas na medida em que as universidades se tornaram os locais onde mais facilmente se pode praticar uma história crítica – uma história que é capaz

nas aulas e nas reuniões, seria possível sistematizar as memórias a partir de uma reflexão histórica, tendo como uma das fontes documentais os relatos de quem viveu intensamente esse período na instituição.

Alguns dos sujeitos entrevistados passaram mais de três décadas na UnB, formando gerações de professores e professoras e vivenciando diversas situações da política nacional e da sociedade brasileira que impactavam a realidade universitária e da Educação Física. Foram agentes desses processos, absorvendo, intervindo, questionando, pesquisando e formando os estudantes em uma época em que essa área do conhecimento iniciava, no Brasil, seus passos científicos mais densos, a partir do surgimento das primeiras entidades científicas nacionais, como o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, e dos primeiros programas de pós-graduação *stricto sensu*, sendo o programa da Universidade de São Paulo (USP) uma das principais referências para os professores da UnB.

Um período rico em transformações na Educação Física que buscou ser observado a partir de paradigmas epistemológicos. Uma possibilidade que se colocava também pertinente, já que seria uma maneira de investigar e entender a realidade da faculdade com a qual nos deparávamos. Estávamos em um momento no país em que um governo assumia o poder com pautas progressistas, o ensino superior se ampliava e se diversificava e a Educação Física da UnB aprimorava sua dimensão acadêmica com a organização do seu programa de mestrado depois de um pouco mais de 30 anos de existência. Fazia-se pertinente compreender, em uma área multidisciplinar, com interferência de vários saberes científicos, se haveria a preponderância de alguma área específica do conhecimento e se alguma atenção seria assegurada, por meio das pesquisas e da organização do curso, à produção do conhecimento dentro da perspectiva da intervenção pedagógica e/ou com interface das Ciências Humanas e Sociais. Deparávamo-nos com um curso de licenciatura que tinha as disciplinas voltadas para intervenção pedagógica ofertadas por professores e professoras que não eram efetivos e efetivas da universidade, mas que participavam de um convênio com a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Tínhamos uma formação atenta para a escola ou para a dimensão pedagógica, já que consistia em um curso para formação de licenciados?

Talvez essas inquietações tiveram algumas respostas, na época, com a deliberação da FEF/UnB em ofertar, junto com o curso que habilitava licenciados, o novo curso de bacharelado, consoante novas diretrizes curriculares.² Diante das tensões que mobilizaram diversos setores da Educação Física em âmbito nacional, questionando a fragmentação do campo e a limitação da atuação do licenciado, abrir a opção para a formação do bacharel demonstraria a relevância que áreas relacionadas ao paradigma das Ciências da Saúde tinham no contexto sociopedagógico da FEF/UnB.

de nos ajudar na sociedade contemporânea –, uma universidade que comemora seu aniversário é um bom lugar para expressar essas opiniões” (HOBSBAWM, 2013, p. 60).

² Parecer-CNE/CES n° 58, de 18 de fevereiro de 2004; Resolução-CNE/CES n° 7, de 31 de março de 2004; Parecer-CNE/CES n° 138/2002, de 3 de abril de 2004; Parecer-CNE/CES n° 142, de 14 de junho de 2007.

A partir dessas reflexões e da pesquisa que resulta nos dois projetos de iniciação científica, tivemos como produto um artigo publicado na revista *Pensar a Prática* com o título “A Educação Física da Universidade de Brasília e a formação de professores: aspectos epistemológicos” (SUASSUNA; GASPAS; SAMPAIO, 2006). Nesse trabalho, foi possível apresentar nossas sistematizações sobre a história do curso e a construção dessa área de conhecimento dentro da UnB. A construção se deu, entre outros fatores, em meio a uma qualificação progressiva do corpo docente, com absorção de muitos ex-estudantes do curso (à época, mais de 40% do curso, levando em consideração docentes do convênio com a SEEDF), e com a convivência de paradigmas teórico-metodológicos, mas sob a tensão de campos que se consolidavam na época, como “Atividade física e desempenho humano” e “Educação Física, esporte e sociedade”. Tais perspectivas também se desdobravam e iam do paradigma empírico-analítico, advindo das Ciências Naturais, ao crítico-dialético, contributo das Ciências Sociais e da Educação, que ganhou relevância no campo que se estabeleceu na Educação Física escolar brasileira (embora não hegemônico no campo acadêmico).

A análise corroborava, observando as trajetórias acadêmicas dos professores e professoras doutores e doutoras, que havia uma prevalência de investigação pautada pelas Ciências da Saúde (no período, cerca de 42% tinham a titulação de doutorado, dos quais 66,6% tinham realizado na área da Saúde).

Isto quer dizer que, por um lado, as pesquisas e os cenários de intervenção dos professores não se remetem diretamente à escola, embora se trate de um curso de licenciatura. Por outro, pode-se afirmar que a concentração da formação em nível de doutoramento na área de Ciências da Saúde tem objetivo difuso, contudo, parece significativo que professores da FEF/UnB procurem suas formações em outras áreas de conhecimento, embora exista um sistema de capacitação direcionado para as Ciências da Saúde (SUASSUNA; GASPAS; SAMPAIO, 2006, p. 205).

Os referenciais de pesquisa apontam para um contexto, a princípio paradoxal, de uma licenciatura que estava dimensionada sobre o paradigma das Ciências da Saúde. Contudo, compreende-se que a história da Educação Física (e das Ciências Humanas) foi pautada por premissas advindas das “ciências duras”, desde suas primeiras inserções nos currículos escolares e no ensino superior, além das advindas das instituições militares. Compreende-se que, na Educação Física, como permite sua característica multidisciplinar, esse viés sempre foi relevante e nunca deixou de existir. Mais do que isso, tem sua dimensão hegemônica no campo, chegando a reforçar proposições reduzidas pautadas pela naturalização/biologização da realidade social/educacional.

Nessa dimensão, a Educação Física na UnB é observada como produto de seu tempo. Não representou, até aquele momento, uma ruptura ou uma vanguarda na construção de sentidos de mundo que pudessem gerar uma maior mediação político-pedagógica sobre o trato com o conhecimento. Em um início marcado por uma Educação Física voltada para

o fenômeno esportivo e que começaria a buscar novas teorizações e perspectivas epistêmicas ao final dos anos 1970,³ o curso se mostrava limitado pelas normas e interesses do regime ditatorial, assim como a maioria dos cursos no período.

O próprio começo, como relatado pelos entrevistados e pelas entrevistadas, estava dimensionado por uma perspectiva tecnicista, em que o “bom professor” era o que executava bem os movimentos técnicos e conhecia táticas específicas de cada modalidade esportiva. Com direito a prova física como pré-requisito, os(as) estudantes eram avaliados(as) ao longo de sua formação pela sua capacidade técnica. Com a insurgência política e com a luta por democracia e por uma educação transformadora, a Educação Física seria impactada, e o curso apropriar-se-ia dessas questões. Surgiam as disciplinas metodológicas e uma maior preocupação com estratégias de ensino e com didática. A tendência pedagógica desenvolvimentista, que teve como maior referência o professor Go Tani, apresentava-se como uma referência importante para o curso, sendo uma das primeiras sistematizações na Educação Física brasileira para uma metodologia de ensino. A metodologia do ensino no âmbito da Educação Física pautava-se no aprimoramento do movimento humano,⁴ especificamente na sua execução, considerando-se aspectos fisiológicos como determinantes.

Novas possibilidades de concepções se efetivaram no movimento de criação da FEF. A chegada dos professores por meio de convênio com a SEEDF, a saída de muitos docentes para a continuidade de sua formação (doutorado) e a chegada de novos professores na FEF/UnB ampliaram a dimensão sobre a educação física, suas matrizes filosóficas e sua inter, trans ou multidisciplinaridade. Esse processo não cessa, mas paramos aqui, com uma distância de mais ou menos 15 anos entre o presente e o passado. Que as análises sempre aconteçam e sempre atualizem o presente e o passado.

Adentrar a história do curso de Educação Física da UnB foi um privilégio. Por um lado, foi uma possibilidade de observar o geral no particular, tecendo paralelos com a situação social e política que o país vivia e como essa realidade impactava esse campo do conhecimento. Um dos primeiros cursos de Educação Física da região Centro-Oeste, na jovem capital e na jovem UnB, que em pouco tempo foi tomada pela ditadura civil-militar, que buscou perseguir a intelectualidade e quis relegar ao campo da Educação Física a condição de “atividade” ideológica do regime em todos os níveis de ensino (CASTELLANI FILHO, 2010). Ainda assim, foi um caminho que jovens professores de Educação Física encontraram para estruturar o curso, ainda que se deparassem, quando finalizadas todas as burocracias, com um coronel para chefiar o Departamento, evidenciando-se, assim, uma intrínseca relação entre o militarismo e a Educação Física da UnB.

³ Seria nesse período que o debate pedagógico em seu campo se intensificou. Em busca da sua legitimidade, a Educação Física transitou, segundo Bracht (2003), por um “casamento (in)feliz” com o campo científico, mas também se reafirmou como área de conhecimento, que foi construída historicamente a partir de sua prática pedagógica.

⁴ Segundo o próprio professor Go Tani (em livro organizado pela professora “fundadora” Solange Passos): “O que se espera da educação física, enquanto processo educacional, é, portanto, o estabelecimento de um sistema projetado para o futuro que permita a manifestação integral de todas as potencialidades, em particular as motoras, de todas as crianças, adolescentes e adultos” (TANI, 1988, p. 27).

Refletir o que foi vivido naquele lugar, o que estava além daquela estrutura física, composta pelo Centro Olímpico (CO) e pelo prédio da faculdade, e identificar o que foi realizado pelos seus protagonistas, sujeitos que viveram a história desse espaço de diferentes formas. O contexto heterogêneo, na época da pesquisa, era marcado por um corpo docente distintivo, do qual participavam tanto professores que se efetivaram a partir da criação da Divisão da Recreação e Esportes da UnB, antes mesmo do surgimento do Departamento de Educação Física nas dependências da Faculdade de Ciências da Saúde (FS), até professores efetivos, professores ex-estudantes (isto é, professores que realizaram suas formações na FEF/UnB), primeiros professores pesquisadores (que, ao saírem para realizar suas formações continuadas – mestrado –, eram penalizados com redução salarial) e professores com dedicação exclusiva e voltados integralmente às atividades de ensino (aqueles que assumiam disciplinas para que outros pudessem se qualificar). Enfim, um contexto diverso e, por vezes, adverso.

A possibilidade de reconhecer, ainda que com as apropriações conservadoras do período da Ditadura Militar, a importância da disciplina Prática Desportiva (PD) para a construção e consolidação do curso, e a relação muitas vezes infrutífera de subordinação com a FS, que acabou por movimentar a emancipação da Educação Física dentro da UnB, não impediam o vínculo estreito, do ponto de vista metodológico, com produções advindas do campo da EDF, que gerava, na época, nossa principal indagação. As reflexões possíveis do período eram colocadas da seguinte maneira:

Deve-se, conquanto, questionar: como as pesquisas desenvolvidas na área de Atividade Física e Desempenho Humano podem contribuir para a compreensão da escola, enquanto lócus de investigação? E, também, como os professores da área social (pedagógico-social) podem contribuir para a solidificação das suas pesquisas? Considera-se, oportuno, que estes questionamentos se direcionam não só aos interesses individuais dos professores, mas devem fazer parte de uma política institucional, que contemple em seu escopo uma concepção de homem e sociedade condizente com a formação de licenciados em um contexto de Universidade Pública (SUASSUNA; GASPARG; SAMPAIO, 2006, p. 208.)

É pertinente entender que a prevalência do paradigma empírico-analítico das Ciências da Saúde/Exatas a partir dos referenciais de pesquisa dos docentes, por si só, não revela uma realidade que não privilegia a escola ou a dimensão pedagógica do curso.⁵ Caberiam mais aproximações que pudessem sistematizar, naquele momento, a serviço de qual realidade,

⁵ Concorde-se com Bracht (1999) que a relação com as “ciências duras” sempre foi pedagógica: “Aproveito para abordar um outro equívoco recorrente na área da EF. O de que o domínio do conhecimento das ciências naturais, principalmente da biologia e seus derivados, como conhecimento fundamentador da EF, significava a ausência da reflexão pedagógica. Ao contrário [...], até o advento das ciências do esporte nos anos 70, o teorizar no âmbito da EF era sobretudo de caráter pedagógico, isto é, voltado para a intervenção educativa sobre o corpo; é claro, sustentado fundamentalmente pela biologia. Falava-se na educação integral (o famoso caráter biopsicossocial), mas como a educação integral não legitima especificamente a EF na escola (ou na sociedade) e sim o seu específico, este era entendido na perspectiva de sua contribuição para o desenvolvimento da aptidão física e esportiva” (BRACHT, 1999, p. 76-77).

de qual perspectiva de sociedade e de Educação se organizava a faculdade. Quais preocupações coletivas preponderavam na instituição naquele momento?

Muitas perguntas feitas 15 anos atrás podem ter uma melhor avaliação hoje. A mediação do presente é fundamental para se entender o passado, possibilitando novas avaliações, para que a história seja revisitada, ampliada e questionada.

Referências

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. XIX, n. 48, p. 69-88, ago.1999.

BRACHT, Valter. *Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. 2. ed. Ijuí, SP: Unijuí, 2003.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SUASSUNA, Dulce Maria Filgueira de Almeida; GASPAR, Fábio de Assis; SAMPAIO, Juarez Oliveira. A educação física da Universidade de Brasília e a formação de seu corpo docente: aspectos epistemológicos. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 197-212, jul./dez. 2006.

TANI, Go. Educação Física e esporte no ensino de 3º grau: uma abordagem desenvolvimentista. In: PASSOS, Solange de Cássia Elias (org.). *Educação física e esportes na Universidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988, p. 23-34.

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs).
Apresentação banda de música no gramado do Centro Olímpico.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em <https://atom.unb.br/index.php/00044-04>.



Apresentação dos professores pioneiros

1. Professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*)

Por Paulo Henrique Azevêdo

O professor Renato Garcia Nóbrega foi um dos pioneiros da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade de Brasília (UnB), ao lado do professor William Passos, tendo chegado à UnB em 1969, bem antes da criação do curso de Educação Física.

Mérito acadêmico

Academicamente, realizou um feito notável, que foi o de introduzir disciplinas sobre gestão do esporte no currículo de graduação em Educação Física, em um momento em que esse conteúdo ainda não havia se consolidado na América do Norte e, tampouco, na Europa. A disciplina Fundamento da Administração no Desporto (FAD) possibilitava o acesso às bases teóricas da administração e da gestão do esporte, enquanto a disciplina Prática de Organização de Eventos Desportivos e de Lazer (POEDL) conduzia os discentes à aplicação dos conhecimentos anteriormente obtidos, planejando e realizando eventos relacionados ao ambiente esportivo. Foram disciplinas de uma área ainda em desenvolvimento, criadas em plena década de 1980, antecipando o que viria a ser uma tendência mundial. Tornou-se, assim, um dos precursores desse movimento no Brasil.

Hoje, sabemos a relevância da gestão qualificada para o desenvolvimento do esporte em qualquer nível, mas isso colocado em um curso de Educação Física há mais de 40 anos é realmente típico de um profissional estudioso e que entendia o impacto que ocorreria na formação dos alunos em nosso campo de atuação. O impacto foi tão grande que nos permitiu, atualmente, ter um dos currículos de Educação Física mais abrangentes na área de gestão do esporte no Brasil, podendo ser citadas as disciplinas: Administração em Educação Física; Gestão de Eventos em Educação Física, Saúde e Lazer; *Marketing* Esportivo; Direito Esportivo; Gestão Estratégica de Instalações Esportivas e de Lazer; Projeto de Extensão em

Educação Física – Gestão do Esporte; e Projeto de Pesquisa em Educação Física – Gestão do Esporte. Tudo iniciado com o trabalho do professor Renato Garcia Nóbrega.

Seguindo as suas convicções acadêmicas, publicou, pela Editora UnB, dois livros que são, até hoje, referências na área da gestão do esporte: *Organização de Eventos Esportivos nº 01 – Sistemas de Disputas*, em 1991; e *Organização de Eventos Esportivos nº 02 – Linguagem Esportiva, Estrutura e Normas de Redação de Regulamentos*, em 1992.

Utilizei e ainda utilizo, demasiadamente, essas obras em quase todas as atividades que desenvolvo. O livro que lancei em maio de 2021, *Gestão estratégica de eventos esportivos, técnico-científicos e de lazer*, traz uma singela homenagem ao professor Renato Garcia Nóbrega. No capítulo “Glossário”, expressei minha gratidão por tudo que o professor fez para o desenvolvimento da gestão do esporte.

Na área administrativa da FEF, o professor Renato foi chefe do então Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da Saúde (FS) da UnB, em duas oportunidades. A primeira vez, de 1985 a 1987, e a segunda vez, de 1989 a 1990.

Profissionalismo até após sua aposentadoria

Em 1994, fiz o concurso para docente da FEF, na área de Administração Esportiva, para ocupar a vaga deixada pela aposentadoria do professor Renato Nóbrega. Fui aprovado e classificado e o conheci numa situação em que ficou demonstrado o espírito altruísta elevado que ele possuía, justamente no momento em que entrei em exercício e me apresentava para um novo e complexo desafio, que seria o de prosseguir o excelente trabalho que o meu antecessor havia realizado. Estava no segundo dia de trabalho, quando recebi uma ligação telefônica do professor Renato Nóbrega, que se ofereceu para passar uma semana comigo e me apresentar todas as informações disponíveis e me entregar o material produzido em sua vida acadêmica. Esse foi um dos momentos de mais amplo aprendizado que tive e que me deixou muito mais preparado para iniciar a vida docente na UnB.

O professor Renato criou vários programas e projetos na área de administração e gestão na Educação Física, tornando-se referência no Distrito Federal (DF), no Brasil e em outros países. Também realizou um brilhante trabalho com a modalidade Handebol, na qual foi professor e técnico de várias equipes e seleções estaduais.

Professor Renato Garcia Nóbrega e sua família

Nasceu no Rio de Janeiro/RJ, em 22 de fevereiro de 1932. Foi casado por 59 anos com a Sra. Neuza Habib Nóbrega, com a qual teve três filhos, Renato Nóbrega Filho, Roberto Nóbrega e Ricardo Nóbrega, que lhe presentearam com sete netos. Viveu intensamente até o dia 7 de janeiro de 2018, próximo à comemoração de 86 anos de vida.

Agradecimento eterno

Quaisquer palavras não seriam suficientes para expressar a importância do professor Renato Garcia Nóbrega para a Educação Física e para a gestão do esporte. Cabe-me prestar homenagem, que deveria ter sido realizada em vida, destacando tudo o que ele representou e sua vida acadêmica exemplar em prol do nosso campo de atuação.

Contei com informações e imagens cedidas pelo professor doutor Roberto Nóbrega, também professor de Educação Física e filho do professor Renato Garcia Nóbrega.

Por Roberto Garcia Nóbrega

Meu pai, Renato Garcia Nóbrega

Renato Garcia Nóbrega, professor de Educação Física, nascido no Rio de Janeiro/RJ, em 22 de fevereiro de 1932, viveu intensamente até o dia 7 de janeiro de 2018, próximo à comemoração de 86 anos. Nos seus 85 anos de vida, mais precisamente 31.345 dias, 752.280 horas, foi casado com minha mãe, Neuza Habib Nóbrega, durante 59 anos. Tiveram três filhos: Renato Nóbrega filho, nascido em 30 de maio de 1960; Roberto Nóbrega, nascido em 29 de junho de 1961; e Ricardo Nóbrega, nascido em 15 de janeiro de 1969. Foi professor da Universidade de Brasília (UnB) por mais de 30 anos.

Criou vários programas e projetos na área de administração e gestão na Educação Física, tornando-se, com isso, uma das grandes referências e autoridades reconhecidas em Brasília, no Brasil e em outros países, sem que se possa dimensionar. Participou também, como professor e técnico, de várias equipes e seleções estaduais de Handebol.

Diante de tudo isso, não há palavras suficientes para que eu possa descrever a importância que meu pai teve para mim, para minha família, para a profissão, para muitos profissionais da Educação Física, além da poderosa influência que ele exerceu em minha vida, na da minha mãe e dos meus irmãos, sempre de forma muito positiva. Chegou também a influenciar as próximas gerações, começando por seus sete netos, que o admiram e sempre tiveram muito orgulho do vovô.

Um pai presente, uma luz que guia o peregrino durante sua longa jornada. Ajudava a escolher o melhor caminho, a oferecer o conforto e calor, dava abrigo e segurança nos momentos mais difíceis da vida, por ser a luz presente em minha vida. Um pai de verdade, com um coração tão preenchido de ternura e carinho, que o tornou realmente uma verdadeira obra de arte, inigualável em cuidado e parceria.

Muito obrigado por tudo, meu pai!

2. Professor William Passos (*in memoriam*)

Por Solange de Cássia Elias Passos

Primeiramente, gostaria de agradecer a oportunidade de participar da construção do memorial da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF/UnB) e de dizer que foi com muita emoção que aceitei o convite para apresentar meu esposo, William Passos, que foi professor da FEF/UnB.

Tentei aqui separar as questões pessoais das profissionais, mas não consegui, pois elas se entrelaçam. Por isso, optei por relatar os fatos à medida que eles vieram à memória. Falar de William Passos é reviver a década de 1960, quando nos conhecemos no casamento de seu irmão e, nesse mesmo dia, começamos a namorar.

Foi um momento difícil, porque ele morava no Rio de Janeiro/RJ e eu em Belo Horizonte/MG. Por isso, em 1968, decidimos nos mudar para Brasília, onde fizemos concurso para a Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF) e fomos contratados. Em seguida, William foi convidado para integrar a equipe que estudava como implantar na UnB o Decreto nº 69.450, de 1º de novembro de 1971, que obrigava a prática da Educação Física em todos os níveis de escolaridade. Assim, iniciou-se sua caminhada na UnB. Foi contratado como orientador desportivo e, devido à sua experiência com natação no clube do Flamengo no Rio de Janeiro/RJ, ficou responsável pelos esportes aquáticos. Com a criação do curso de graduação em Educação Física na UnB, William fez concurso e foi contratado como professor do Departamento de Educação Física.

Para falar de sua atuação no Departamento de Educação Física (EDF/UnB) convidei o nosso caro colega, professor doutor Alcir Braga Sanches, que fez o seguinte relato:

“A participação do professor William Passos nas atividades fins da UnB deu-se pela docência na graduação de alunos do curso de Educação Física e na Prática Desportiva, disciplina obrigatória para todos os alunos da Universidade, na qual atuou como professor de Natação. Na extensão, foi técnico de natação das equipes representativas da UnB em competições regionais e nacionais. Nas atividades administrativas, participou ativamente em órgãos colegiados da Educação Física e da UnB, bem como em cargos de coordenação e chefia. Em termos pessoais, durante toda sua carreira, mereceu o respeito de todos os servidores da FEF, pelo seu comportamento transparente e sincero, sempre pautado na sua personalidade marcante”.

William foi um professor exigente em suas aulas e avaliações. Sua principal meta era formar um bom professor de Educação Física. O *feedback* positivo de seus alunos já no mercado de trabalho proporcionava-lhe segurança a respeito de suas convicções pedagógicas.

Na minha vida pessoal, William teve papel importante no meu crescimento profissional, pois ele me motivou a fazer o concurso e a me tornar professora do EDF/UnB. Viabilizou, também, minha ida para a Universidade de São Paulo (USP), onde concluí o mestrado em

Educação Física, o que era raro naquela época. Para isso, assumiu os cuidados dos nossos filhos ainda pequenos e as despesas da família, pois a UnB, naquela época, cortava 75% do salário dos professores que saíam para se qualificar.

Apaixonado pela natação, recebeu muitas homenagens e importantes troféus. A última homenagem foi em março de 2013, quando a FEF/UnB concedeu ao conjunto de piscinas do Centro Olímpico (CO) da faculdade o nome de Parque Aquático Professor William Passos. Foi um momento de grande emoção para toda nossa família, e deixo aqui registrado os meus agradecimentos e o de nossos filhos aos professores da FEF/UnB por essa homenagem que muito nos honrou e que, no meu entendimento, imortalizou o nome de William Passos na história da natação em Brasília.

Foram 40 anos de dedicação exclusiva à UnB, e seu trabalho foi sempre pautado pelo compromisso, pela dedicação e pela responsabilidade. Em 2008, com saúde debilitada, perdemos sua presença física. Entretanto, seu legado continua reverberando em muitos que tiveram a oportunidade de conhecê-lo.

3. Professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar

Por Aldo Antônio de Azevedo

Na presente apresentação, gostaria de registrar o prazer e a emoção de ter participado do projeto sobre a memória da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF/UnB), especialmente por ter sido o entrevistador do professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar, mais conhecido como Balthazar por todos os alunos daquela época, desde a década de 1970.

Conheci Balthazar durante a disciplina Basquetebol I, obrigatória, no curso de licenciatura em Educação Física, sob sua responsabilidade. Na ocasião, pude assimilar não só os conhecimentos básicos do esporte, mas algumas nuances da vasta experiência de Balthazar no que se refere às sequências pedagógicas para o ensino dos fundamentos técnicos. Foi meu primeiro contato com o basquete, pois, até então, só praticava futebol de salão (atual futsal). Pude apreciar, ainda, algumas das características marcantes do professor, como a seriedade na condução da disciplina, a preocupação constante com o ensino, o conteúdo básico, além do grande ser humano que sempre foi.

Balthazar sempre valorizou o interesse e a participação dos alunos na disciplina. As aulas, naquela época, aconteciam no ginásio do Centro Olímpico (CO). A pontualidade de Balthazar era diária e, por vezes, antes de iniciar a aula, pude apreciá-lo jogando duplas com alunos de Prática Desportiva (PD) ou da nossa disciplina. Comecei a jogar duplas e aprendi muito com a experiência da disciplina. Foi tão marcante esse aprendizado que, na disciplina Estágio Supervisionado, realizada em uma escola da então Fundação

Educacional do Distrito Federal (FEDF), escolhi o basquete como modalidade esportiva para minhas aulas.

Essa bagagem adquirida tem o lastro dos ensinamentos de Balthazar na minha formação. É certo que a prática constante aperfeiçoa os fundamentos de qualquer esporte, mas o princípio de tudo, seus detalhes técnicos, além da sensibilidade do mestre para com seus alunos, é a base de sustentação da confiança, segurança e formação geral de um futuro professor. Não há como não me lembrar de momentos pedagógicos, de observações e das percepções de um mestre em situações cotidianas de uma aula de basquete, até mesmo quando assistimos a jogos desse esporte.

Ressalto como marcante o fato de que fiz concurso para ingresso no então Departamento de Educação Física (EDF), atual FEF, exatamente para a vaga deixada por Balthazar, logo após sua aposentadoria. Sempre que nos encontrávamos no EDF, conversávamos um pouco sobre a profissão e sobre colegas que se formaram na UnB – onde estavam trabalhando na FEDF ou em outros locais. Ao ser aprovado no concurso, senti que ele valorizava o fato de ter tido um ex-aluno que estava ingressando na carreira universitária.

Antes de ser convidado para entrevistá-lo, fui informado de que ele havia me escolhido como seu entrevistador. Essa escolha só reforçou meu conceito sobre o professor e o ser humano, além das memórias que aqui descrevo. Antes, em alguns domingos, já havia encontrado Balthazar e sua esposa, na Igreja Santo Expedito na Asa Norte. Lembro que, após uma missa, conversamos brevemente sobre a FEF, sobre seu filho Rogério, meu ex-aluno, e sobre curiosidades, como o fato de ele gostar de violão e de ter estudado no Clube do Choro em Brasília.

A experiência da entrevista com Balthazar teve momentos de conhecimento, de histórias sobre a sua formação profissional, de volta ao passado, mas, acima de tudo, de emoção. A descrição acerca da sua formação em Educação Física em São Paulo até sua chegada a Brasília, em especial no EDF/UnB, demonstrou sua paixão pela área e o espírito de ser um dos pioneiros que “carregou o piano” no início de tudo. Pude perceber sua grande parcela de contribuição na construção do EDF nas entrelinhas das suas palavras e nos instantes em que se emocionou.

Como entrevistador, por trás de câmeras, por vezes, tive que quebrar um pouco o protocolo para me emocionar com a volta ao passado a partir das palavras de Balthazar. Após a entrevista, caminhamos até o alambrado do campo de futebol, ocasião em que contemplei o silêncio e ouvi algumas palavras que expressaram a saudade do grande professor Balthazar ao retornar ao CO, não mais do EDF, mas da FEF.

Termo esta apresentação entendendo que as trajetórias são mais ricas e determinantes em nossas vidas do que nossos pontos de chegada, como percebi ao entrevistar Balthazar.

4. Professor Osmar Riehl

Por Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende

Ao cursar a disciplina Atletismo, tive a oportunidade de conhecer o professor Riehl. No primeiro dia de aula, ele pediu que respondêssemos algumas perguntas sobre nossos interesses e expectativas em relação à Educação Física. Foi uma estratégia escolhida para nos fazer refletir sobre a nossa dedicação ao curso e, portanto, à futura profissão e também para buscar uma aproximação afetiva com os alunos. Não tínhamos noção do significado dessas reflexões até quando, depois de alguns anos, ele me mostrou a minha ficha e pude verificar como os apontamentos daquela época correspondiam às minhas escolhas profissionais e pessoais. Fiquei emocionado. Para completar, na impressionante biblioteca particular que tinha em sua sala, um dos itens guardados era o convite de formatura da minha turma. Uma relíquia que eu não tinha mais e que ele me ofereceu de presente. Gestos como esses mostram o carinho em relação aos alunos, algo que costuma passar despercebido no cotidiano.

O professor Riehl, para nós, correspondia à imagem de um esportista, pela sua forma física e pelo *fair play* que marca sua maneira de se posicionar. Quando se permitia uma atitude provocativa, logo em seguida, completava com um sorriso para equilibrar o clima e restaurar a afetividade. Lembro que tive que pesquisar para saber o que significava ter uma dieta ovolactovegetariana, uma opção alimentar que demonstrava o zelo dele pela saúde e o cuidado com seu corpo. Pouco tempo depois, terminei também optando por uma dieta sem carne vermelha, algo que reforçou a identidade entre nós. Por ocasião de uma viagem para aplicação de provas de capacidade física em algum concurso público, pedimos salada em um bom restaurante, e foi a primeira vez que provei tomate seco. É algo simples, mas que demonstra o quanto temos que aprender uns com os outros e como é bom compartilhar experiências entre amigos.

Além do envolvimento com as atividades docentes, Riehl também se mostrou disponível para assumir responsabilidades na gestão universitária. Foi chefe e subchefe de departamento, vice-diretor de faculdade e membro da diretoria da Associação de Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), funções que exigem dedicação e que não redundam em reconhecimento por parte da comunidade acadêmica. Quando soubemos que estava acometido de câncer, foi uma surpresa, pois era algo que não combinava com seu aspecto forte e saudável. Graças a Deus, conseguiu vencer a doença e seguir a vida normalmente, para alegria de seus familiares e de todos aqueles que se consideram seus amigos.

A oportunidade de entrevistar Riehl foi gratificante. Ele teve a preocupação de destacar alguns pontos de sua trajetória profissional, mas, ao longo da conversa, não conseguiu ficar preso às anotações e, às vezes, nem às questões formuladas. Dessa maneira, creio que, aos poucos, conseguimos conversar e recordar lembranças que fazem parte das nossas vidas.

Tive, também, a oportunidade de conviver com o Riehl como colega na Educação Física. Desde o meu ingresso, fui bem recebido pelos pioneiros. Ele, juntamente com o professor Iran, o professor Alcir e o professor William, sempre se dirigiu a mim com consideração. Mesmo quando passei a fazer parte do corpo docente da UnB, nunca perdi o respeito e a admiração por aqueles que foram meus professores na graduação. Eles também, sempre que surgia uma oportunidade, gostavam de destacar que tinham sido meus professores, a fim de demonstrar como a distância entre professores e estudantes é pequena. No entanto, isso não é privilégio exclusivo meu. Cheguei a ouvir de diversas pessoas na Reitoria da UnB, inclusive de reitores, que tinham sido seus alunos e que guardavam boas lembranças das atividades realizadas na Prática Desportiva (PD) no Centro Olímpico (CO) da UnB. Assim sendo, junto-me a todos que foram seus alunos para agradecer pela vida dedicada à Educação Física e à UnB. *Obrigado, Riehl!*

5. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti

Por Luiz César dos Santos

Maria Rute foi uma professora marcante na minha formação acadêmica e acredito que também na de muitos outros alunos. O que mais me lembro dela é a sua vitalidade, disposição e sua grande presença no então Departamento de Educação Física (EDF) da Universidade de Brasília (UnB). O primeiro contato com a professora foi durante a preparação para o desfile dos Jogos Universitários do Distrito Federal. Naquele momento, alunos e professores eram muito envolvidos nas competições universitárias, e a apresentação das equipes durante o desfile de abertura era muito importante, pois contava pontos para as universidades. Se não estou enganado, a UnB sempre foi a campeã do desfile enquanto a Professora Maria Rute estava à frente da nossa preparação. Era um momento de muita descontração e integração entre os alunos novos e os veteranos, porém com muita disciplina para decorar a coreografia coordenada pela fala empolgada da professora.

Uma grande defensora da dança dentro da Educação Física, a professora e bailarina Maria Rute travou muitas batalhas dentro do departamento para garantir um espaço adequado para as suas aulas. O sonho da sala específica para as atividades de dança só foi realizado no final de sua carreira. Até hoje, lembro-me do trabalho final que realizei na sua disciplina de Formação Rítmica sobre o ritmo nas atividades esportivas. Além de todo o aprendizado nessa disciplina, acredito ter incorporado da Professora Maria Rute a alegria da docência. Eu ficava ansioso pelas aulas de Formação Rítmica. A Professora Maria Rute era uma pessoa muito ativa e disponível para os alunos. Nas aulas, os conteúdos se misturavam com momentos de descontração, gritos empolgados da professora e ritmos musicais.

Além das atividades acadêmicas, a professora era muito envolvida em atividades comunitárias e de extensão. Utilizando o horário do almoço, ela coordenou um grupo de dança na UnB que chegou a fazer apresentações no exterior. Foi por meio desse grupo de dança (GEDUnB) que ela conseguiu realizar o sonho da construção da sala com tablado adequado para a prática da dança e para o desenvolvimento das aulas de Formação Rítmica no EDF.

Realizar a entrevista com a Professora Maria Rute foi uma oportunidade muito especial para lembrar boas memórias da minha formação. A conversa foi muito agradável e os temas fluíram, revelando seu entusiasmo e engajamento com a Educação Física. Além de recuperar passagens históricas do EDF, seus relatos reafirmam a alegria de ser professor.

Obrigado por fazer parte da minha história.

6. Professora Solange de Cássia Elias Passos

Por Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende

Falar sobre a professora Solange significa reviver boas lembranças de uma professora que marcou a minha formação como educador e que se tornou uma amiga querida. Tive a oportunidade de participar de suas aulas nas disciplinas que versavam sobre as dimensões pedagógicas da Educação Física. Estávamos na década de 1980 e, sob sua orientação, lemos *Educação Física cuida do corpo e mente*, *O que é Educação Física?* e *Educação Física humanista*, livros que foram chave na discussão sobre a crise de identidade da nossa área. Em suas aulas, as cadeiras eram colocadas em círculo, o debate das ideias era feito com o entusiasmo daqueles que queriam descobrir como poderiam contribuir para transformar o ensino da Educação Física nos mais diversos cenários institucionais. O compromisso com o reconhecimento da importância da Educação Física para o desenvolvimento infantil e de sua participação no currículo da educação básica são valores continuamente transmitidos em suas aulas.

Solange era uma professora que gostava de estar entre os alunos. Ao final da aula, nos reuníamos em sua sala para ver seus livros e continuar as conversas. O acesso aos materiais de estudo, naquela época, não era fácil. Mesmo assim, ela estava disposta a compartilhar seus livros e a nos estimular a ler e a enriquecer nossa formação. Essa disponibilidade também estava presente na maneira atenta e acolhedora com que ela ouvia nossas opiniões e argumentos. Ela tinha paciência de nos ouvir, não para nos contradizer, mas para entender nossos pontos de vista. Em seguida, apresentava novos argumentos que nos faziam refletir. Ao final, alguns pontos de divergência eram desfeitos e, quando menos esperávamos, já concordávamos com ela. As demais divergências eram acolhidas com respeito e com a sabedoria de quem sabe aguardar para que tiremos as nossas próprias conclusões ou de

quem está disposta a também aprender com os estudantes, afinal os professores não são donos da verdade.

Solange nos ajudou a construir a nossa identidade como educadores. Pelo perfil dos demais professores do então Departamento de Educação Física (EDF), era fácil perceber como determinadas discussões teóricas sobre a educação somente seriam possíveis a partir da iniciativa e da liderança que ela exercia sobre nós. Esse era o seu diferencial. Com outros professores, aprendemos Fisiologia, Administração, História, dança e esportes, mas sobretudo educação física escolar, que era um assunto para a Solange e para a Laura (responsável pelas disciplinas de Ginástica e de Psicomotricidade), que, além de serem muito amigas, guardavam cumplicidade acadêmica.

Solange fez parte do grupo de professores da Universidade de Brasília (UnB) que foi pioneiro na busca pela capacitação na pós-graduação, dedicando-se, no mestrado realizado na Universidade de São Paulo (USP), ao estudo da Aprendizagem Motora, área que gerou impacto sobre o ensino da Educação Física a partir da teoria do processamento de informações e do controle motor. Ao mesmo tempo que estava em sintonia com as modificações acadêmicas, também se dedicou à gestão universitária ao assumir a chefia do EDF. Creio que temos que conversar com ela sobre as barreiras que, com certeza, teve que superar para alcançar essas posições de destaque no meio universitário.

Ao se aposentar da UnB, Solange continuou envolvida com a formação de professores de Educação Física e deixou a sua contribuição em faculdades particulares que recorreram à sua experiência e a seus conhecimentos para o auxílio na construção do currículo e para a coordenação de novos cursos de graduação em Educação Física.

Ao ser recebido pela Solange em sua casa para realizar a entrevista, revivi as lembranças das confraternizações entre os amigos da UnB que ela e o professor William Passos tinham prazer em nos proporcionar, o que me fez refletir sobre tudo que temos em comum: amigos que compartilhamos, recordações do que vivemos, sonhos que nos esforçamos para que se tornassem realidade, conhecimentos com os quais nos identificamos e admiração recíproca.

Fiquei feliz em poder contribuir para o registro, mas, principalmente, para o reconhecimento da valiosa contribuição desses professores pioneiros da Educação Física da UnB. Dentre eles, a Professora Solange de Cássia Elias Passos, com certeza, é uma das protagonistas. Precisamos dar o devido destaque ao legado intangível que nos deixaram.

7. Professor Alcir Braga Sanches

Por Jake Carvalho do Carmo

Apaixonado por futebol, foi goleiro profissional do Olaria Atlético Clube do Rio de Janeiro/RJ. Aos 21 anos, foi jogar no Goiás Esporte Clube, onde se apaixonou pelo Centro-Oeste. Com sua visão vanguardista, procurou sua formação na Escola Superior de Educação Física de Goiás (Esefego). Logo após a conclusão do seu curso, tornou-se professor dessa universidade, em 1993. Em 23 de janeiro de 1974, ingressou no quadro de professores da Universidade de Brasília (UnB). Foi aprovado no concurso para ministrar a disciplina Handebol e, é claro, Prática Desportiva. Nesse período, as disciplinas de Prática Desportiva eram obrigatórias para todos os cursos da universidade, gerando grande demanda de professores. Gostaria de contextualizar esse momento, pois foram os primeiros anos de existência do curso de Educação Física da UnB. O primeiro vestibular foi em julho de 1972. A UnB tinha um ciclo básico obrigatório para os alunos, sendo a disciplina de Handebol ofertada pela primeira vez só em 1974, sob a orientação do professor Alcir. Nesse momento histórico da Educação Física, a correta execução dos movimentos era imprescindível para a aprendizagem. Para o ingresso no curso de Educação Física, era obrigatória a aprovação em teste físico. O professor Alcir foi um excelente executante, porém nunca se acomodou.

Em busca do academicismo, fez várias especializações: especialização em Técnica Desportiva de Futebol, na Faculdade de Educação Física de Santos; especialização em Handebol, na Universidade de São Paulo (USP); e especialização em Fisiologia do Exercício, na UnB. Na década de 1980, os cursos de mestrado eram escassos. No Centro-Oeste, então, eram inexistentes. Não medindo esforços, foi para São Paulo continuar sua formação, concluindo, em 1989, o mestrado em Educação Física (Conceito Capes 7), na Universidade de São Paulo (USP). Sua dissertação foi intitulada *Estágio de desenvolvimento da habilidade de arremessar em estudantes*. Ele foi orientado pelo conceituado professor Go Tani, ícone da Educação Física. Não satisfeito, em 2004, realizou seu doutorado em Ciências da Saúde (Conceito Capes 5), na UnB. Seus estudos geraram a tese *Influência dos fatores de estresse em atletas de futebol do Distrito Federal*, sob a orientação de Hiram Mario Valdes Casal, professor cubano com vasta experiência em Educação Física.

O professor Alcir é reconhecido por suas inúmeras contribuições para o desenvolvimento da Educação Física na universidade. Dentre elas, ocupou o cargo de subchefe do Departamento de Educação Física (EDF), de 1977 a 1979. Teve como chefe o professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*), um dos membros mais conceituados da Educação Física na UnB. Com a experiência adquirida, foi eleito chefe do departamento em 1979. Sua aceitação foi tamanha que foi reconduzindo ao cargo, terminando seu mandato em 1983. Foi o chefe de departamento mais jovem. Em 1987, tornou-se coordenador do curso, posição que ocupou até 1991.

Outra grande colaboração, em parceria com o professor Iran Junqueira de Castro, foi a criação da Faculdade de Educação Física (FEF). Eles defenderam a especificidade da Educação Física em relação à Medicina, à Enfermagem, à Fisioterapia e à Nutrição. Assim, em 1997, o Reitor Timothy Martin Mulholland convenceu-se da necessidade da separação da Educação Física da Faculdade de Ciências da Saúde (FS) e enviou o projeto para a análise do Consuni, mesmo contra algumas opiniões. A criação da FEF se deve a esses visionários.

Na faculdade, o professor Alcir assumiu, mais uma vez, o cargo de coordenador do curso, de 1997 a 2001, e de coordenador de extensão, de 2001 a 2005. Foi membro de colegiados superiores, como Câmara de Ensino de Graduação, Câmara de Extensão, Cepe e Consuni. Foi diretor da Diretoria de Desenvolvimento Social do Decanato de Assuntos Comunitários. Com sua visão futurista, foi um dos líderes do projeto de implantação de ensino a distância em Educação Física. Foi coordenador do curso de licenciatura em Educação Física da Pró-Licenciatura e da Universidade Aberta do Brasil (UAB) na UnB, de 2005 a 2015. Graças às experiências adquiridas nesses anos de ensino a distância, as adequações para as aulas remotas exigidas na pandemia foram muito mais brandas para os professores da faculdade.

Fanático pelo Goiás Esporte Clube, foi um dos maiores administradores da UnB. Em 11 de fevereiro de 2015, aposentou-se com a certeza de sempre ter lutado pelo desenvolvimento da Educação Física.

Muito obrigado, professor Alcir, pelas suas contribuições e lições deixadas.

8. Professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*)

Por Ingrid Dittrich Wiggers e Alessandra Pessoa Coimbra

Maria Helena, filha de Eduardo José de Siqueira e de Antônia Cabral de Siqueira, mãe de Luana Siqueira Reis e de Ivan Siqueira Reis, nasceu em 23 de dezembro de 1943, em Corumbáiba, cidade do interior de Goiás. Estudou o primário no Ginásio Imaculada Conceição de Tupaciguara/MG (de 1951 a 1954) e no São José em Goiânia/GO (de 1955 a 1958). Formou-se em Técnico em Contabilidade, pela Escola Técnica 5 de Julho, em Goiânia/GO (de 1959 a 1961), e graduou-se em Licenciatura em Educação Física, pela Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás, Esefego/GO (de 1963 a 1965). Especializou-se em Técnica Desportiva e Treinamento em Voleibol, pela Universidade de São Paulo (USP), em 1971, e em Metodologia do Ensino Superior, pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com auxílio da Capes, em 1975.

Como atleta de Voleibol, nos anos 1960 e 1970, participou do XIX Jogos Universitários Brasileiros, em Salvador/BA, em 1968, e do XXI Jogos Universitários Brasileiros,

em Brasília/DF, em 1970, atividade que desempenhou com muita garra, determinação e sucesso. Como técnica de Voleibol, presidiu a Comissão Organizadora do II Jogos Universitários Brasileiros de Estudantes de Educação Física (Jubeef), em 1966, 1969 e 1972. Já no Distrito Federal (DF), a Professora Maria Helena foi juíza de atletismo e de natação durante o XII Jogos Estudantis do DF, em 1972; participou da eliminatória da Corrida de São Silvestre pelo Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação (Defer/DF), em 1973; atuou como juíza da competição de ginástica rítmica desportiva no XVI Jogos Estudantis do Distrito Federal, em 1976; e participou do torneio de voleibol em comemoração ao aniversário de Brasília, em 1977. Maria Helena foi aprovada em primeiro lugar no concurso público da Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), em que lecionou de 1972 a 1974, até ingressar na UnB em 1974, no primeiro concurso público para docente da Educação Física.

A Professora Maria Helena atuou na UnB ao longo de 17 anos. Considerando sua trajetória como atleta, era responsável pela disciplina Voleibol, tendo contribuído decisivamente para a prática dessa modalidade no âmbito da formação de professores e técnicos, bem como em competições esportivas. Sua figura repercutia a elegância das atletas femininas de vôlei. Sobretudo, era admirada pela organização e pela busca pelos limites da perfeição no ensino, na pesquisa e nas diversas atividades de extensão que participou como professora e coordenadora.

No Departamento de Educação Física da UnB, Maria Helena foi a primeira mulher a ocupar a chefia (de 1983 a 1985), o que representou uma experiência marcante em sua carreira, somando-se às outras atividades de gestão assumidas anteriormente, como, por exemplo, a chefia da Seção de Recreação da Divisão de Educação Física do Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação do Defer/DF, em 1972, e a coordenação do Centro Estadual do Programa de Apoio aos Profissionais da Saúde (Paps), em Brasília/DF, em 1988. Aposentou-se em 1995 para cuidar dos filhos. E, como bem encerrou sua entrevista, em 2005, “Foi assim, uma história”.

9. Professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*)

Por Helena Pessoa Cantarino

Escrever sobre o Mariozinho é, para mim, um prazer. Foi uma felicidade muito grande ter participado de sua vida dinâmica e cheia de aventuras.

Mostrou-se uma pessoa correta, alegre, metódica, trabalhadora e guerreira em busca de seus ideais. Foi uma pessoa simples, procurou sempre ajudar seus próximos e demonstrou, com suas atitudes e ideias, um exemplo de vida digna.

Na área do esporte, foi atleta, treinador, professor, dirigente desportivo, ministrante de diversos cursos no Brasil e nas Américas do Norte e do Sul, sempre se envolvendo com

pesquisa, estudo e ensino. Um dos seus sonhos educacionais era incluir a Educação Física já nas primeiras séries de escolarização.

Fora das pistas de atletismo, foi um voraz leitor e apaixonado escritor de livros, revistas, jornais e relatórios de viagens. Irrequieto viajante, viajou por vários países da Europa, das Américas do Norte e do Sul, e pelas regiões gélidas da Groenlândia, Islândia e Antártica. Aficionado por fotografia, estudioso de Genealogia, de Malacologia e de documentação bibliográfica, aventureiro no paraquedismo, apaixonado pela natureza, por cães, gatos, cobras, jacarés e aranhas e poeta de coração.

Foi um pesquisador nato, um estudioso por vocação e um historiador de mão-cheia. Nossa família, que constituímos com cinco filhos, vive hoje em sua memória. Agradecemos, saudosos e orgulhosos, a sua companhia. Mariozinho perpetua-se em seu legado profissional, na memória de seus atletas e nas inesquecíveis lembranças em nossos corações.

Que Deus o tenha em seu reino de luz e paz!

10. Professor Iran Junqueira de Castro

Por Alessandra Pessoa Coimbra

Iran Junqueira de Castro, filho do professor de Educação Física Chrysogono Paulo de Castro e da professora e pedagoga Maria Ignês Junqueira de Castro, seguiu a carreira do pai, assim como outros quatro irmãos do total de sete filhos do casal. Licenciou-se em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP), instituição em que também concluiu o mestrado. Obteve o título de doutor em Ciências do Exercício pela *The University of Iowa* e de especialista em Basquetebol, Natação, Metodologia do Treinamento e Fundamentos Científicos de Educação Física. Foi o primeiro a receber o título de Professor Emérito da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB) e, atualmente, é o único professor pioneiro do curso de Educação Física ainda na ativa.

A vida acadêmica do professor Iran Junqueira de Castro funde-se com a própria história do curso de Educação Física. É professor titular da UnB desde 31 de janeiro de 1974, ano em que foi criado o Departamento de Educação Física, que funcionou por 23 anos sob responsabilidade da Faculdade de Ciências da Saúde (FS), até ser extinto com a criação da Faculdade de Educação Física (FEF), em 21 de janeiro 1997.

Participou ativamente da criação da FEF e atuou intensamente nos primeiros anos de funcionamento do curso. Foi diretor por dez anos, participou da criação do curso de pós-graduação e ainda protagonizou o lançamento do curso a distância de licenciatura em Educação Física, no qual exerceu as funções de coordenador, por 11 anos, e de diretor de ensino de graduação a distância do Decanato de Ensino de Graduação da UnB, de 2014 a 2016.

Conheci o professor Iran no final de 2005, em uma visita sua à minha faculdade como membro de uma comissão de reconhecimento de cursos de graduação em Educação Física. A pedido do coordenador do curso, às vésperas da colação de grau, apresentei meu trabalho de conclusão de curso ao professor Iran para que ele conhecesse a forma e a estrutura de orientação da tão temida monografia.

À época, eu já era professora concursada da Secretaria de Educação há dez anos e era contratada da rede privada de ensino há cinco anos, porém sem formação específica na área de Educação Física. Eu estava muito feliz com a conclusão do curso, e a ideia inicial era seguir nos dois empregos até a aposentadoria, como a grande maioria dos professores do interior.

Ao analisar a monografia, o professor Iran elogiou o meu trabalho e sugeriu que eu o transformasse em um projeto de mestrado e prosseguisse com meus estudos. Até então uma ideia muito distante, inspirada pelas palavras encorajadoras do professor Iran, passei a sonhar com o mestrado na FEF, mesmo sabendo que seria um anseio muito difícil para uma professora graduada aos 30 anos, mãe de duas crianças pequenas, com dupla jornada de trabalho. No entanto, não me perdoaria se não tentasse.

Diante dessa nova perspectiva, me matriculei como aluna especial do mestrado da FEF/UnB para conhecer a realidade de uma universidade federal e, no semestre seguinte, participei da seleção do mestrado e fui aprovada. Logo no início do curso, fui convidada para ser tutora no curso de graduação a distância. Além do auxílio financeiro que me ajudou a custear as frequentes viagens entre Minas Gerais e o Distrito Federal em busca do título de Mestre em Educação Física, a tutoria me deu a oportunidade de aprender o funcionamento de um curso de EDF na modalidade a distância diretamente com o professor Iran, meu coordenador.

Desde então, não parei mais. Atuei como tutora e supervisora e realizei diversas parcerias de trabalho no ensino a distância com o professor Iran. Concluí o mestrado e voltei para a minha cidade, ainda como tutora, onde me tornei docente e coordenadora do curso da faculdade em que me formei. Em menos de dois anos, retornei à UnB determinada a obter o título de doutora. Como o curso ainda estava em construção na FEF, ingressei como aluna especial na Faculdade de Educação (FE) e, posteriormente, fui aprovada no curso de doutorado, mudando-me definitivamente para Brasília com meus filhos, que estavam se preparando para o ensino médio e para o vestibular.

Assim que soube que eu estava no doutorado em Brasília, o professor Iran me convidou para assessorá-lo na Diretoria de Graduação a Distância da UnB, época em que passamos a cuidar dos projetos e da avaliação de todos os cursos de graduação na modalidade a distância. Os inúmeros desafios e responsabilidades confiados a mim foram todos superados com o apoio inestimável do professor Iran, meu colega de trabalho e agora grande amigo. Ao término desse trabalho, ainda durante o doutorado, fui coordenadora pedagógica da Educação Física a distância na FEF em parceria com o professor Iran, coordenador do curso. Após a conclusão do doutorado, dei início ao pós-doutorado com a proposta de delinear

a trajetória histórica da FEF nos primeiros anos de sua implantação e funcionamento na UnB. Com esse projeto, mais uma vez, o destino me colocou em contato com professor Iran Junqueira de Castro.

Hoje, meu sentimento é de gratidão por todos que me incentivaram nessa jornada acadêmica, em especial por esse professor pioneiro que, desde o primeiro contato, fez-me acreditar que eu era capaz. Um grande amigo que a academia me deu, sempre muito gentil, cujos principais atributos são a generosidade e o companheirismo e que, acreditem, ainda consegue tempo para ser atleta da Seleção Brasileira master de basquete. Um campeão! Professor emérito, respeitado e admirado por todos. Um educador que sempre oferece palavras de carinho e elogios quando encontra seus colegas.

Fiz este breve relato para agradecer ao professor Iran, demonstrar a força que a palavra de um(a) professor(a) pode ter na vida de um(a) estudante e, principalmente, ressaltar as consequências de você acreditar (ou não) no que ele(a) lhe diz. Não interessa a idade ou nível de formação do(a) estudante. Se o(a) professor(a) acreditar que você é capaz, confie e vá à luta. Por mais difícil que possa ser a jornada, você vencerá. Esse aprendizado eu levarei para o resto da minha vida e, por isso, eu aconselho: sempre que um(a) estudante te procurar, dê a devida atenção a ele(a) e pense com cuidado antes de falar, porque ele(a) pode acreditar em você.

Por fim, gostaria de relatar que, por estar à frente deste trabalho de histórias e memórias como pesquisadora e não como entrevistadora, eu não seria a pessoa escolhida para essa tarefa histórica de entrevistar o professor Iran. No entanto, o destino quis que eu ficasse mais uma vez frente a frente com esse pioneiro, para que eu pudesse registrar aqui sua importância na minha formação profissional e na de tantos outros universitários que, assim como eu, acreditam na Educação e na Educação Física. Com muita admiração e gratidão, tive a honra de entrevistar o professor Iran Junqueira de Castro, com quem aprendi a olhar nos olhos ao falar e a agir sempre com intencionalidade na vida pessoal e profissional. Afinal, nossas palavras, gestos e atitudes podem mudar vidas.

Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2005)

1. Professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*) (R.G.N.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

F.A.G.: Professor, onde foi a sua formação?

R.G.N.: Eu me formei na Escola Nacional de Educação Física e Desporto da Universidade do Brasil. Hoje em dia, é a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

F.A.G.: Em que período que o senhor começou a lecionar na UnB?

R.G.N.: Na UnB, em 1966. Não propriamente lecionar, porque a UnB não entendia a Educação Física ainda como se fosse uma disciplina curricular. Nós não fomos contratados como professores da universidade, fomos contratados como técnicos desportivos. Depois, nós passamos para orientadores desportivos. Nós tivemos uma luta com a administração da universidade por muitos anos até que eles admitiram que nossa atividade era uma atividade docente da universidade. No princípio, nós tínhamos o decano de Assuntos Comunitários, o superintendente da universidade, o reitor, eram todos militares, porque era época do governo militar e eles entendiam a Educação Física como se nós fôssemos monitores. “Não é professor, é monitor.” Talvez, a ideia deles fosse o sargento.

F.A.G.: Conforme seria então nas instituições militares.

R.G.N.: Nas instituições militares, exatamente. Então, a gente levou muitos anos para provar que a nossa atividade era uma atividade docente. Primeiro, nós fomos contratados como técnicos desportivos, depois a gente insistia, e eles arranjavam outro nome: orientadores desportivos. Depois, que eles deram a titulação de professor colaborador.

F.A.G.: Como é que surgiu a ideia do curso?

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs).
Reitor falando ao microfone; atrás, outras autoridades.
Temos na fotografia: 1 - Amadeu Cury (Reitor).



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em <https://atom.unb.br/index.php/00044-05>.

R.G.N.: A ideia do curso surgiu da própria construção do Centro Desportivo, porque a universidade precisaria estar equipada, preparada para desenvolver as Práticas Desportivas na universidade. O Ministério da Educação do Governo Federal investiu uma verba volumosa para a construção do Centro Desportivo da Universidade de Brasília, mas com uma intenção ou uma pré-condição. Não era uma exigência, mas havia uma condição do Ministério da Educação de que também se criasse um curso de Educação Física, além das Práticas Desportivas. Então, quando fomos contratados pela universidade, pouco tempo depois, já estávamos nos reunindo para elaborar currículos do curso de Educação Física, fazendo o projeto do curso. Trabalhava uma equipe de seis professores: eu, Renato; o professor William; o professor César Bernardes; professor Marco Antônio de Moraes; professor Cleber Soares do Amaral; e tinha um outro, o sexto, que eu não me recordo o nome, não sei se era o Oto Morávia. Então, éramos especialistas da Educação Física, nós que fomos aprovados por concurso de avaliação de currículo e entrevista. Não teve prova, foi só apresentação de currículo e uma entrevista. Nós começamos a fazer alguns projetos de pesquisas curriculares para o curso de Educação Física da Universidade de Brasília. Nesse meio-tempo, estava sendo construído o Centro Olímpico, que era para ficar pronto em 1970, mas houve um atraso. Nós fizemos os Jogos Universitários do Distrito Federal, os Jogos Universitários Brasileiros aqui em Brasília. Era pra inaugurar o Centro Desportivo

da UnB, mas nós não tivemos condições de realizar os jogos lá, porque não tinha nada pronto. A piscina não ficou pronta, a pista de atletismo não ficou pronta, não tinha nada pronto. Ficou tudo no meio do caminho, então nós tivemos que utilizar as dependências desportivas que nós tínhamos no próprio Distrito Federal. Fizemos provas de atletismo no Batalhão da Guarda Presidencial, que tinha uma pista, fizemos alguns jogos no ginásio da Caseb, outras competições no ginásio Santo Antônio do Colégio Santo Antônio... Saímos pedindo emprestadas as instalações para realizar os jogos.

F.A.G.: Como foi a presença... O primeiro chefe de departamento era um militar?

R.G.N.: Houve uma mudança, porque a tal Sessão de Recreação de Esportes depois virou Departamento de Recreação e Esportes, mas sempre ligado ao Decanato de Assuntos Comunitários, não era Decanato de Assuntos de Graduação. Nós não éramos professores... Então, ficou Departamento de Educação Física e Recreação. Nessa época, em 1970... Sabe que sou ruim de data, mas eu acho que em 1972 ou 1973, por aí, já tinha sido realizado o primeiro concurso vestibular para Educação Física, em 1972 – não sou bom de datas, depois confirma. Depois desse vestibular, nós tivemos um professor que veio da área militar também, professor Hélio Bettero, que veio para chefiar o departamento, porque o professor Cleber Soares do Amaral havia sido requisitado para o Ministério da Educação. Quem era o chefe nesse período todo era o Cleber Soares do Amaral, professor de Educação Física formado em Minas Gerais. Para substituir o professor Cleber Soares do Amaral é que veio o professor Hélio Bettero. Depois, virou Departamento de Educação Física e já começou a entrar na área de graduação. Houve um concurso nacional e nós tivemos todos que nos submeter ao mesmo concurso.

F.A.G.: Tiveram que fazer concurso de novo?

R.G.N.: De novo, para ser efetivado no cargo.

F.A.G.: Vocês já eram professores colaboradores?

R.G.N.: Colaboradores, todos.

F.A.G.: Depois do concurso vocês viraram...

R.G.N.: Não, nós não éramos ainda. Até aquela época, nós éramos orientadores desportivos. Nós passamos a professor colaborador depois desse concurso nacional. Então, passaram oito, foram contratados oito professores, os antigos e mais... Esse período foi um período às vezes até de mal-estar, porque alguns professores não tiveram a paciência de ficar lá esperando os resultados. Marco Antônio foi embora, César Bernardes foi embora... Oto Morávia foi embora... Só restaram eu e o William, que ficamos lá ainda na esperança de que a coisa iria mudar. Realmente, depois desse concurso, as coisas mudaram.

F.A.G.: Que matéria o senhor ministrou?

R.G.N.: Eu ministrei Handebol e Administração do Desporto.

F.A.G.: Como era a estrutura curricular no início, a predominância de matérias, para que estavam mais voltadas, matérias mais esportivas...?

R.G.N.: A Educação Física vinha sofrendo uma modificação até do enfoque da Educação Física em si e da formação do profissional da área. No meu tempo, a gente aprendia a jogar

voleibol, aprendia a jogar futebol, aprendia a nadar os quatro estilos, aprendia a jogar basquetebol, aprendia a jogar dardo, tinha que aprender a lançar o dardo, o disco, arremessar o peso... Tínhamos que aprender a fazer isso, porque nós íamos ensinar os alunos como modelos, nós éramos modelos, então a gente fazia para o aluno repetir o nosso gesto, a nossa atuação. Era eminentemente um curso de adestramento, de treinamento. A gente sabia muito pouco do porquê o exercício físico fazia bem à saúde, isso era bem obscuro para a gente. A Cinesiologia dava uma pincelada rápida, quem soubesse passava, quem não soubesse passava também; a Fisiologia não era importante, quem soubesse passava, quem não soubesse passava também; agora, quem não soubesse fazer o giro do macaco na barra não passava de ano; quem não soubesse arremessar o peso a tantos metros... Eu tive que saltar 1,35m no terceiro ano, porque, no primeiro ano, era 1,25m. No primeiro ano, era 1,25m, no segundo ano, era 1,35m e, no terceiro ano, você tinha que saltar 1,35m, em salto em altura. Tinha que ter um treinamento, a gente não saía da pista, do campo, fazendo exercício. Era esse o enfoque da Educação Física, era mais adestramento, porque ela tinha muitas raízes com o adestramento militar. Então, o primeiro currículo que saiu das nossas cabeças não podia ser outro, tinha que ser também com o enfoque muito grande na área esportiva. O peso maior era de Handebol, Basquetebol, Natação, Futebol. Nós, também, dentro da universidade, fomos tomando contato com a Fisiologia... Os próprios professores foram vendo a necessidade de transmitir isso para os alunos. Por outro lado, também, a sociedade forçava que a gente se preparasse melhor, porque os alunos vinham com outra visão do curso de Educação Física. Uma modificação muito grande. A Educação Física... Em 1940 e poucos, vou repetir que eu sou ruim de datas, ela era um curso de segundo grau, ela não era nem curso universitário, para você ver evolução. Em 1950, talvez 1950 e poucos, ela passou a ser curso universitário. Ela é caloura no ensino superior, na universidade. Então, nós chegamos com a nossa bagagem, nós éramos talvez os expoentes da Educação Física no Brasil. Eu era vice-campeão brasileiro universitário de handebol, um título valiosíssimo dentro da nossa classe. “Olha, o cara ganhou o vice-campeonato brasileiro universitário de handebol lá em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, medalha de prata.” Era importante. Na época, isso tinha uma importância muito grande. O professor, quando fazia um currículo dele, montava e falava das equipes que ele tinha treinado e dos títulos que tinha conquistado. Tinha mais valor do que trabalhos científicos que ele tivesse feito, ninguém ligava para isso. O currículo era título conquistado. Quando era aluno, foi campeão de 100m de natação, essas coisas assim. Para completar, houve uma modificação. Nós já começamos esse trabalho, a própria equipe de professores antigos, já começaram a valorizar mais a parte de Didática que o aluno precisava ter, a parte de Fisiologia, para ele conhecer melhor os efeitos do treinamento desportivo e começar a falar que ginástica é bom por causa disso, daquilo, porque faz bem ao organismo humano, quais são as áreas que ele atua, o que ele faz. Então, esse enfoque foi mudando, foi se aperfeiçoando. Hoje em dia, nós temos talvez um currículo bem avançado na Universidade de Brasília, em que a parte técnica desportiva de desporto ficou elevada a um plano secundário. A última proposta de currículo que eu

defendi lá no departamento, eu já estou aposentado há mais de dez anos, não sei como está agora, é que a gente não tivesse mais as disciplinas Voleibol, Basquetebol, Futebol e tivesse uma Metodologia do Desporto e, depois, o aluno, se quisesse, faria essas disciplinas como optativas, porque treinar voleibol, treinar basquetebol, treinar futebol, tudo é igual, é o treinamento desportivo que é fundamental. Eu já tinha essa ideia até de a gente acabar com as disciplinas obrigatórias técnicas e criar as disciplinas obrigatórias de formação. A minha disciplina mesmo, que eu lecionava, começou em um desenvolvimento muito grande, porque os meninos queriam montar academias e nós começamos a estudar técnicas administrativas. Eu não sei o professor que está me substituindo, parece que é o professor Paulo, não sei se ele continua nessa linha, mas ele deve dar Weber, McGregor, deve falar daqueles negócios de administração para dar ideia a vocês do que é um administrador. Não é só a parte de fazer tabelinha de campeonato, aquelas coisas que ainda existem, que a gente tem que saber, mas que precisa de outros dados, de outras informações, e a parte de Didática que cresceu muito. Então, ficou um curso mais teórico, mais voltado para as Humanas e as Ciências de Treinamento Desportivo, que é a ciência que vai fundo... Inclusive, eu conversava muito com o professor, esqueci o nome, ele era da Faculdade de Medicina, eu vou me lembrar o nome dele, de Fisiologia. Ele fez inclusive um livro junto com o Vilmar Baldissera. Se você perguntar a alguém, vão saber o nome dele, ele foi diretor da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Ciências da Saúde. Eu conversava muito com ele e ele dizia: “Renato, eu fico impressionado”. Ele começou a estudar Fisiologia mais a fundo e dizia: “Eu fico impressionado, porque a Fisiologia que a gente estuda no curso de Medicina é totalmente diferente da Fisiologia que vocês estudam. Vocês estudam a Fisiologia do homem em movimento e a gente estuda a Fisiologia do doente, do cara que está deitado na cama doente. É totalmente diferente, então o coração de um é de um jeito e o coração de um atleta é totalmente diferente”. Ele ficava impressionado. É outra Fisiologia e isso foi se desenvolvendo. Teve também uma grande evolução nessa parte do consumo de oxigênio com o professor Kenneth Cooper. Ele revolucionou a Educação Física com o teste dele de 12 minutos, em que ele estabeleceu quantitativos. A coisa toda era feita empiricamente (inint) [00:18:40], escuta o coração, mas ele fez teste de laboratório e quantificou a quantidade de oxigênio que o cara consome, o porquê ele entra em débito de oxigênio, o que esse débito faz nele, e quantificou, por exemplo: 12 minutos de atividade sem intervalo, de corrida; quem corresse 2.400m ia gastar tantos litros de oxigênio e ele precisaria consumir muito mais, então aquele não estava consumindo oxigênio. Em Fisiologia, não quero fazer nenhum tratado, mas o Kenneth Cooper revolucionou, porque ele veio e deu medidas, e, com essas medidas, todo mundo passou a fazer teste de Cooper em todo mundo. Mulher é 2.400m e homem é 2.700m para estar em um nível bom. Ele falava que se você caminhar meia hora todo dia você tem tantos de exercício, então foi por aí essa revolução. Por outro lado, a questão das academias. As academias modificaram também o enfoque da Educação Física, porque a necessidade do ser humano quanto mais ele se urbaniza, mais ele tem carência de atividade física. A atividade física era feita naturalmente e, agora, ela

já não é mais natural, ela é uma coisa feita em laboratório, em academias, e isso teve que modificar também a formação dos egressos da Educação Física, em razão dessa atividade que estava se modificando. Você mandava correr, saltar, pular, trepar e tal e, agora, não tem mais árvore para trepar, não tem mais quintal para o menino correr... Morando em apartamento nos grandes centros urbanos...

F.A.G.: A formação do curso era voltada para o professor, para atuar na escola?

R.G.N.: Era voltada mais para professor do ensino regular, no princípio. Depois, ela foi se alterando um pouquinho, porque a gente via a realidade também desse movimento de academias, cada vez mais as pessoas usando da Educação Física sintética, em vez do natural.

F.A.G.: As primeiras especializações do corpo docente, a partir da década de 1980, quando alguns professores saíram... O retorno dos professores acabou contribuindo para (inint) [00:21:37], alguma teoria, algum direcionamento?

R.G.N.: Sem dúvida. Alguns professores foram fazer mestrado em São Paulo, outros foram fazer especialização um pouquinho antes, porque também a pós-graduação vem com o tempo. A Educação Física, como eu falei, era caloura do ensino superior, ela ainda estava querendo se consolidar como uma disciplina universitária, uma disciplina de curso superior. Então, não dava nem para pensar na pós-graduação ainda. Começaram os cursos de especialização. Eu fiz vários, fiz curso de especialização em Voleibol, porque não existia de Handebol, mas como tinha uma parte de treinamento desportivo, lá fui eu fazer especialização em Voleibol para conhecer um pouco do treinamento desportivo, mas também mais pelo credenciamento, porque eu precisava ser especialista. As duas coisas. Depois, fiz um outro de Ginástica Olímpica, que também era com ênfase, pra mim, no meu caso, no treinamento desportivo, em conhecer essa influência do esporte no organismo humano, eu queria conhecer essa parte. Depois, em Administração Desportiva, quando eu me consolidei praticamente nessa área, centralizei meus estudos mais na área de Administração Desportiva.

F.A.G.: Aconteceu de se voltar a Educação Física para movimentos mais humanistas, sociais?

R.G.N.: Sim, naturalmente. Na volta desses professores... Com toda a nossa evolução, ela deixou de ser de tecnologia para ser mais humanista, mais social. Procurar fazer com que o professor fosse mais didata do que propriamente um técnico desportivo, para ser realmente, na expressão do termo, professor, que fosse uma pessoa que leciona, que transmite conhecimentos de uma maneira geral. Conhecer o ser humano, conhecer... A área humanística começou a ganhar maior enfoque no curso. Hoje em dia, eu acho até que a área humanística está até grande demais, porque... Precisaria ser também, deram uma guinada muito forte. Eu não sei, porque não sei como está funcionando o curso, mas a gente ouve alguns comentários de outras escolas achando que o curso da Universidade de Brasília está muito avançado na área humanística e social e pouco ainda na área de tecnologia. Precisava ter um meio-termo. Eu ouço falar, mas não saí para confirmar nada.

F.A.G.: O curso foi... Ele era filiado à Faculdade de Ciências da Saúde. Como é que era esse debate, porque ficava na Saúde relacionado com matérias de departamentos da

medicina especializada, geral, como era isso de considerar a Educação Física enquanto saúde, enquanto ramo acadêmico de outra área, da Educação, das Ciências Humanas?

R.G.N.: Eles estranhavam... Mas não sei o sentido da sua pergunta se era parte da Faculdade de Ciências da Saúde que estranhava, que tinha a Educação Física como um corpo estranho ou a gente lá?

F.A.G.: Não. O Departamento de Educação Física.

R.G.N.: Não. Nós sempre tivemos uma ligação muito grande com o conceito de saúde. Nós achávamos que estávamos certos ali na área da Saúde, na Faculdade de Ciências da Saúde, até porque a gente considerava que a gente tratava mais de saúde do que o curso de Medicina, que trata de doença. Doença é uma coisa, saúde é outra coisa, exatamente o antônimo, vamos dizer assim, em português, saúde/doença e doença/saúde são antônimos, não são ligados, são bem distantes um do outro. Agora, nós tínhamos uma ramificação na área Pedagógica e uma ramificação na área Sociológica também. O universo da Educação Física era multidisciplinar, ainda é. Você não pode lidar com pessoas sem ter um conhecimento de Didática, sem ter um conhecimento sociológico, sem ter um conhecimento multidisciplinar. É uma área que se expande muito e você pode... Se você quiser estudar Filosofia, você entra para Filosofia da Educação Física e você vai embora, se entrar para Didática, vai embora, se entrar para Sociologia, você faz um curso de Sociologia completo para complementar seu curso de Educação Física se você quiser ser um educador físico-sociológico, para o lado da Sociologia.

F.A.G.: Depois que saiu, o senhor vê que a escola ainda é o norte da Educação Física? Como o senhor vê? Acha que outras áreas são mais contempladas, ou não, lá na faculdade agora?

R.G.N.: Você diz na Universidade de Brasília, se a Educação Física (inint) [00:27:48]?

F.A.G.: Não, a Educação Física.

R.G.N.: Eu não posso te responder isso com muita clareza, porque eu costumo dizer que, quando eu me aposentei, aposentei a personagem, o professor de Educação Física Renato Garcia Nóbrega que se aposentou. Agora, o Renato Garcia Nóbrega indivíduo não se aposentou. Então, eu me afastei um pouco dos... Eu tenho amizades, mas só a parte social com os colegas de lá. Eu nunca mais voltei na universidade para perguntar como está, como está a disciplina, como está o curso, não fui mais lá, eu me desliguei realmente e não posso te informar se há contemplação, mas, na minha época, enquanto eu estava lá, já havia um certo descontentamento, porque a turma estava querendo ir muito pesado para a área Social, para a área de Fisiologia, de Cinesiologia e queria abandonar completamente a área de Técnica Desportiva, a área de Tecnologia Desportiva. Já sentia isso naquela época, não sei a evolução depois como foi, não tenho elementos para te responder agora como é que está. Eu ouço comentários, porque eu tenho amigos que trabalham na universidade, colegas meus, amigos. Meu filho trabalha na Faculdade Católica, é professor de Educação Física lá, então ele, às vezes, comenta comigo. Tem a Alvorada, tem agora umas três ou quatro escolas de Educação Física, ele às vezes comenta comigo, e os professores da Católica

comentam comigo: “Na UnB, forma muito filósofo, foge um pouco...”. Mas é natural, porque ela está em um momento de estabilização. O rumo ainda não foi bem definido, mas estou sabendo que os professores, muitos deles, já fizeram a pós-graduação, a maioria, mestrado, alguns então fazendo doutorado, talvez até encerrando o doutorado. Isso muda a cabeça deles também. A minha não mudou muito, porque eu parei.

F.A.G.: Professor, por curiosidade, como foi o período de 1968 na Universidade de Brasília? O período da invasão militar.

R.G.N.: Foi uma página obscura da universidade. A gente não podia fazer nada, a gente não podia realizar... Nós estávamos trabalhando, queríamos fazer um torneio de futebol de salão entre diversos cursos e era proibido fazer, não podia juntar mais do que dez pessoas em um recinto, então um jogo de futebol de salão ia juntar muita gente. Eu quase fui preso uma vez que, na época do JUBs, 1970, 1971, eu fiz uma reunião... Não, foi antes. Nós fomos para Fortaleza, era o sesquicentenário da Independência – depois, você vê essa data, 1968, 1969, 1972 –, foi no período do... Foi no sesquicentenário da Independência, é só contar. Sesquicentenário são 150 anos, a Independência do Brasil foi em 1922. Fortaleza, 1972. Nós íamos de avião, era uma festa, dinheiro sobrando para tudo que era lado para os universitários viajarem. Eu fiz uma reunião lá na universidade para distribuir para todo mundo o horário do avião, o horário do voo, e aí chegou lá o chefe do serviço de vigilância da universidade, por sinal, muito amigo meu, amigo pessoal, e falou: “Renato, temos que colocar uns quatro agentes dentro desse auditório, porque, qualquer coisa, nós vamos interromper a reunião”. Então, eu fiquei lá no anfiteatro, lá embaixo na mesa, conversando, falando, dando explicação, dando orientação, distribuindo o pessoal: “O handebol vai no voo tal, o outro no voo tal”. Porque nós iríamos em vários aviões diferentes e eu preocupado de alguém soltar algo lá em cima, um protesto, algum negócio e encerrar até a reunião. Então, nós éramos vigiados, fiscalizados... A gente tinha conhecimento: “Fulano de tal sumiu”. Triste, foi um período muito triste. Nós tínhamos metade do pessoal que era contra aquele tipo de regime, principalmente dentro da universidade (inint) [00:02:03] mais liberdade, e existia um outro grupo que estava a serviço da revolução. O próprio colega seu, você convivendo com ele todo dia, ele tinha uma opinião diferente da sua, totalmente contrária, então ele achava que aquilo estava tudo certo, que tinha que colocar a polícia mesmo, prender quem abrisse a boca. Um clima de desconfiança para todo mundo. No entanto, não prejudicou muito a área acadêmica, ela continuou andando. A força do conhecimento é muito grande, não tem quem segure, mesmo com os regimes de força, como existia em vários estados do mundo, sempre a ciência e a educação prevaleceram no final.

Atividade de extensão – Hidroginástica: Centro Olímpico (CO).
Pessoas fazendo hidroginástica na piscina do CO.
Na sua borda, placas de isopor. Dois homens de pé conversam na
beira da piscina. Alambrado v a área da piscina. Ao fundo, árvores.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtOM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00036-06>.

2. Professor William Passos (*in memoriam*) (W.P.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

W.P.: Eu me formei em dezembro de 1967, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que, na minha época, se chamava Universidade do Brasil.

F.A.G.: Primeiro curso de Educação Física?

W.P.: Um dos primeiros cursos de Educação Física. Acho que mais antigo que esse só tem o de Vitória. Não tenho certeza, mas é um dos mais antigos o da Universidade do Brasil.

F.A.G.: Então, o senhor veio trabalhar aqui?

W.P.: Eu cheguei aqui, eu fui convidado... Eu trabalhava na Fundação Educacional na Secretaria de Educação aqui do GDF e o Pedro Rodrigues me chamou para vir aqui. Eu fiz o concurso, passei e, depois, o Cleber Soares do Amaral, que era também diretor da Educação Física da Fundação e era o diretor da DRE, que era a Diretoria de Recreação e Esportes aqui na UnB, me chamou para trabalhar na UnB. Em março de 1968, eu comecei a trabalhar aqui na UnB. Chamava Divisão de Recreação e Esportes e o Cleber Soares do Amaral era diretor.

F.A.G.: Ele era ligado ao decanato?

W.P.: Ele era ligado ao decanato, exatamente. Ele era ligado ao DAC, Decanato de Assuntos Comunitários, era uma diretoria. Ele me chamou aqui, nós fizemos um concurso, então eu e mais o Marco Antônio, o Renato Nóbrega e o Luiz Cesar Bernardes viemos aqui para essa diretoria e nós começamos a treinar as equipes representativas. Por exemplo, eu treinava a Natação e o Polo Aquático, o Marco Antônio, Voleibol, o Luiz Cesar, Basquete e o Renato, Handebol. Então, nós fazíamos, dávamos o nosso curso. No meu caso, eu dava curso de Natação, iniciação, aperfeiçoamento, aprendizagem, e treinava as equipes representativas.

F.A.G.: Ainda não existia o curso?

W.P.: Não, não existia o curso. Nós viemos aqui como orientadores desportivos de nível superior. Tinha mais, que é bom lembrar, o Takeshi Miura, que dava Judô. Isso em março de 1968. Em 1969, novembro de 1969, apareceu o Decreto n.º 69450, que tornou obrigatória a Prática Desportiva nas universidades, em todas as universidades. Então, nós passamos a trabalhar para implementar e pôr em funcionamento esse decreto – é o atendimento da Prática Desportiva, essa Prática Desportiva de todas as universidades. Nós montamos todo um esquema para fazer esse atendimento da Prática Desportiva, Decreto n.º 69450, que tornou obrigatória a Prática Desportiva. Na hora em que estava tudo montado, nós resolvemos – essa turma, eu, o Renato, o Marco Antônio e o Cleber Soares do Amaral, que era o diretor do DAC... Nós falamos assim: “O que vamos atender...”. Foi a maior jogada que aconteceu, foi uma jogada de mestre: “Vamos tentar um curso de...”. Já estava certo, era proposta do governo, inclusive eles tinham interesse, até politicamente, porque o governo tinha interesse. Os caras desviaram a atenção para não ter que mexer com política. Era em plena ditadura, o auge da ditadura mesmo, era 1968, 1969, o negócio estava feio. Então, eu falei assim: “Vamos tentar fazer uma proposta de criação de curso de Educação Física”. Estava tudo montadinho para atender à Prática Desportiva e nós entramos com uma jogada. Nós fizemos, esses quatro professores, fizemos as ementas, os programas de todas as disciplinas. Fizemos uma grade curricular: disciplinas gimnodesportivas, biológicas, psicopedagogias. Montamos aquilo, deixamos tudo prontinho e passou. Então, além de a gente atender à Prática Desportiva, nós já estávamos com o curso também, mas a ideia mesmo era atender à Prática Desportiva. Nessa leva, entrou a criação do curso de graduação em Educação Física. O que estava acontecendo? Na hora que estava tudo montado, o Cleber Soares do Amaral, que era o diretor, foi para a SEED/MEC. Nessa altura dos acontecimentos, isso não abro mão de dizer, cai de paraquedas aqui um coronel do exército para ser o chefe do departamento. Surpreendeu todo mundo. A única coisa que ele tinha era ser coronel. Ele mesmo falava, palavras dele: “Eu não sei nada de Educação Física, sou zero à esquerda em Educação Física”. Nós, que fizemos tudo isso, tivemos que engolir esse coronel como chefe do departamento.

F.A.G.: Vocês tiveram a liberdade de fazer a grade?

W.P.: Tudo, nós fizemos tudo, ficou tudo por nossa conta. Nós fizemos currículo, nós fizemos a grade, nós fizemos o fluxograma, nós fizemos a ementa e programa de todas as

disciplinas... Como nós éramos quatro, então são 30 e tantas disciplinas, chegavam assim: “William, você faz a ementa dessas quatro. Renato, faz mais dessas quatro”. Cada um fez a ementa de várias disciplinas. Então, estava tudo prontinho na hora que o Cleber Soares do Amaral, inclusive já falecido... A gente trabalhava na Fundação e aqui na universidade como orientador desportivo de nível superior. Chegou esse coronel e entrou de chefe de departamento. Em 1973... Só éramos quatro. Esse coronel quis contratar mais orientadores desportivos. Era muita coisa, não sei quantas disciplinas. Nós tínhamos 72 turmas de Prática Desportiva. Ele contratou mais orientador desportivo, só que ele não queria gente da Fundação Educacional, gente que já estava aqui em Brasília. Não sei por que não queria. Não sei, isso é problema dele e até hoje a gente não sabe por quê. Foi quando apareceram outras pessoas aqui, como o Riehl, o Sílcio, a Maria Rute, o Balthazar, a Laura e a Solange. A única que aceitou que já era de Brasília foi a Solange, que foi chefe de departamento aqui, essa já estava aqui em Brasília, mas eu não sei por que também, essa ele teve que engolir. Ele não queria pessoal de Brasília, então chegou pessoal recém-formado também de fora. Começamos a trabalhar, já no curso de graduação...

F.A.G.: Eles foram contratados ou ele...

W.P.: Contratados já, com concurso e tudo, mas fomos contratados, e esses também foram contratados como orientadores desportivos. A gente dava as disciplinas, por exemplo, eu dava Natação, Maria Rute dava Dança, o Renato dava Handebol, o Riehl dava Atletismo, éramos todos orientadores desportivos de nível superior. Na Prática Desportiva e no curso, já tinha o curso. Em 1973... Isso começou em 1969, o decreto-lei começou em 1969, mas o curso mesmo começou em 1973. Agora a gente já estava com disciplinas do curso, na Prática Desportiva, como orientador desportivo e estava um negócio meio irregular. Nós alertamos o pessoal como podia ser feito e a administração superior abriu o concurso. Foi um dos primeiros concursos abertos na Universidade de Brasília o concurso para professor de Educação Física, isso em 1973. Foram aprovados no concurso sem ser da turma de orientadores desportivos – nessa época, de orientador desportivo teve o Sílcio também. Foi aprovado o Fernando Souto Mayor, a Maria Helena, o Riehl, o Sílvio. Foram aprovados sete professores fora da turma de orientador desportivo e mais a turma dos orientadores desportivos e nós começamos a trabalhar com 14 professores. Agora, a gente atacava o curso de graduação e mais 72 turmas da Prática Desportiva. A nossa média, para você ter uma ideia, hoje eles estão brigando aí com carga horária de 8h, a nossa média horária de aula era 20 horas-aula. A Laura, que realmente faleceu esses dias, também veio por concurso. Nós ficamos bastante tempo como departamento e, nesse início do departamento, estava aquela famosa briga: nós vamos ser ligados à FE – como departamento tinha que ser ligado a uma faculdade, sei que você sabe a estrutura da Universidade de Brasília, faculdade tinha tantos departamentos – ou à FS. Então, uma turma pedia para a FE, como o Cantarino, que também passou nesse concurso, outra turma para a FS, e acabou ganhando a gente ficar na FS. Então, ficamos durante muito tempo ligados à FS, sentindo que a gente era muita coisa para ser departamento. Nós tínhamos que brigar para ser faculdade. Então, nós começamos essa briga com faculdade. Nós começamos a montar

um projeto de faculdade. Então, montamos um projeto de faculdade e o projeto de faculdade nosso era o seguinte: a faculdade e quatro departamentos. O primeiro departamento que nós pensamos, não poderia deixar de ser, que teve aceitação total e hoje eles estão renegando é a Prática Desportiva. Ninguém questionava a criação do Departamento de Prática Desportiva. Então, nós criamos uma faculdade com quatro departamentos: Prática Desportiva, Ensino Pedagógico, Biomédicas e Gimnodesportivas. Dentro de cada departamento desse, aquele elenco de disciplinas em cada um desses departamentos. Mas começou sempre aquela velha história, aquelas briguinhas internas, que eu começo a falar brigas por causa do sexo dos anjos. Para você ter uma ideia, foi o seguinte: “Como nós vamos chamar? Instituto ou faculdade?” Eu estou lembrado direitinho. Eu fiz uma reunião lá no anfiteatro, fiz o organograma e não pus os nomes, aí eles falaram: “Mas um organograma sem os nomes?” Para mim, se é instituto ou faculdade não interessa, interessa é a estrutura. A estrutura vai ser instituto ou faculdade com quatro departamentos. As disciplinas também... Depois, pode achar que essa é melhor aqui ou melhor ali, com direito a mudança. Começou aquela brigaiada, aquela discussão do sexo dos anjos e nós perdemos o bonde da história, a possibilidade de criar uma faculdade realmente como deveria ser.

F.A.G.: Essas discussões foram mais ou menos em que época?

W.P.: Isso logo que definiu o departamento. Nós ficamos alguns anos como departamento e nós chegamos à conclusão de que departamento para nós era muito pouco, não resolvia. A Educação Física é muito ampla para ficar ligada a um departamento, porque nós íamos para uma reunião na FS, na pauta isso, isso, isso, isso. Ficava duas horas discutindo problema de hospital. Depois, na hora que chegava na Educação Física estava na hora de encerrar a reunião. Isso era unânime. Então, era a mesma coisa. A gente era uma celulazinha muito pequena como departamento, nós pensávamos maior, mas perdemos o bode da história disso, que, na hora que eles estavam aprovando as faculdades, aprovaram várias faculdades, e nós ficamos com nome, briguinha, se é daqui, se é dali, começou aquela velha história de Instituto das Ciências do Movimento, aquele nome pomposo.

F.A.G.: Crise do nome?

W.P.: Crise dos nomes, exatamente. Falei: “Gente, esquece o nome, vamos definir a estrutura”. Seria aprovado, entrava todo mundo. Cansei de participar das reuniões da FS (inint) [00:11:58]. Eles estavam loucos para se ver livre da gente, porque era mais uma carga para eles, e nós loucos para sair e criar nossa independência. Então, nós perdemos esse bonde da história. Depois, veio esse remendo, que eu chamo de remendo e falo para todo mundo: “Teve um acordo, criar uma faculdade, mas sem um departamento”. O argumento deles da administração central era para diminuir os cursos. Pior é, se você abre um departamento, você teria mais quatro chefes, mais quatro não sei o quê, mais uma secretária. Então, conversaram e conversaram, mas perdemos o bonde da história de aprovar uma faculdade com quatro departamentos. Nós temos potencial para isso e precisávamos disso. Foi aprovada – uma questão de uns oito anos atrás, acho que 1990 e não sei quanto – a faculdade, mas sem departamento, faculdade sozinha. Pegou moda.

A Física fez a mesma coisa, a Química também passou a faculdade sem departamento, mas nós estávamos com o esquema montado, um projeto bem-feito de faculdade com quatro departamentos. Nessa, também veio como orientador desportivo o Iran, na época em que ele deu Ginástica Olímpica.

F.A.G.: Ele deu Ginástica Olímpica, certo?

W.P.: Foi, como orientador desportivo ele deu Ginástica Olímpica. Ele entrou na turma que veio... Como ele era de fora, não era daqui, o Bettero aceitou, aceitou não, o Iran já veio...

F.A.G.: O Hélio Bettero que era o coronel, o primeiro diretor?

W.P.: Não, ele não chegou a diretor, foi o primeiro chefe de departamento.

F.A.G.: A UnB já oferecia espaço físico para a faculdade?

W.P.: Oferecia tudo. O Centro Desportivo foi inaugurado em setembro de 1971, 7 de setembro de 1971.

F.A.G.: A faculdade tinha prova específica, prova física?

W.P.: Até 1988, por exemplo, nós tínhamos aqui a prova específica no vestibular. Uma outra briga minha. Nessa época, eu saí para fazer a pós-graduação e suspenderam os testes para nova avaliação dos testes e, até hoje, estão estudando os testes. Então, não bateram o martelo, suspenderam – eu tenho os documentos aqui, até outro dia eu estava vendo – os testes para nova avaliação. Eu infelizmente não participei disso, porque eu sou favorável que continue o teste específico para a Educação Física, mas eles suspenderam os testes para estudar os testes, a viabilidade dos testes, a importância dos testes e, até hoje, estão estudando.

F.A.G.: Quem? O MEC que está estudando?

W.P.: Não, a turma nossa aqui, nossos professores. Tem uma comissão, eu estava até com os documentos esses dias. Suspenderam os testes para reavaliar e, até hoje, tem mais de dez anos, acho que foi 1989, e até hoje estão reavaliando, e eu sou favorável ao teste específico para Educação Física. Ou senão me mostra. Essa turma que pediu para reavaliar, reavalia e diz que esse cabe ou esse não cabe ou suspende de vez. Então, ele caiu assim no esquecimento, não tem nenhum documento suspendendo. Pediram para suspender para reavaliar e, até hoje, não reavaliaram.

F.A.G.: E os estudantes que viraram professores?

W.P.: Nós temos um grande número deles, tudo ex-alunos nossos aqui. Por exemplo, o Glauco, o Marcelo de Brito, o Luiz Cesar, a Keila, o Zé Gustavo e o Jake. Boa gente.

F.A.G.: Eles passaram a desenvolver uma linha de pesquisa? Não dá para saber?

W.P.: No início, a gente tinha uma carga horária tão grande de aula, além de a gente ter essas 20 horas-aula, outra coisa que eu tenho que te contar, a UnB, era do estatuto da UnB, o diretor técnico da UnB era um professor do Departamento de Educação Física, isso era do estatuto. Então, o Renato foi diretor técnico, eu fui diretor técnico, a Maria Helena foi diretora técnica, o Iran foi diretor técnico. Isso era compromisso nosso e a gente era responsável pelo treinamento das equipes da universidade. Nessa época, sem demérito dos treinamentos feitos pelos alunos ali, a UnB ganhava todas as modalidades.

F.A.G.: Estava bem estruturado esse (inint) [00:16:53] de montar equipe?

W.P.: Exato. A gente tinha o diretor técnico e a gente pegava essas equipes. A gente chegava a pegar duas, três equipes, porque eram não sei quantas equipes para dividir por 14 professores. A gente realmente pegava. Tanto as da UnB, depois pegávamos também as do JUBs, seleção universitária do JUBs. Então, cada um pegava uma seleção, por exemplo, eu pegava Natação, o Renato pegava Handebol, o Luiz Cesar Bernardes, que é um outro Luiz Cesar, pegava Basquete, a Maria Helena pegava Voleibol e por aí vai. A gente pegava as equipes da UnB, da UnB e pegava a da FA/UnB, que é a seleção das universidades.

F.A.G.: A UnB não está mais com os mesmos professores?

W.P.: Não está mais, porque é aquela história, a gente já estava com uma sobrecarga de trabalho muito grande e aquilo ali para a gente não contava para nada, nem como... Chegou ao cúmulo de você fazer um relatório e não tinha onde você colocar as atividades que a gente fazia: treinamento de equipe, diretor técnico de UnB ou técnico de FAUnB. Não tinha onde colocar só um simples relatório. Em compensação, nem um simples relatório, então o pessoal começou a desanimar. Também, no iníciozinho da Prática Desportiva, do CO, a gente dava um plantão todo sábado e domingo. A gente era escalado para dar um plantão aqui, então, todo sábado e domingo, tinha um professor. Em parte, era válido, porque um probleminha que era pequeno, se tinha um professor para cuidar, morria por ali. O mesmo probleminha pequenininho e não tem com quem mexer se transformava em um grande problema. Então, a gente dava também esse plantão aqui no CO.

F.A.G.: Professor, o curso daqui da UnB foi o primeiro do DF?

W.P.: Foi o primeiro.

F.A.G.: Depois surgiu a Católica?

W.P.: Não, depois surgiu Alvorada, Dom Bosco... A Dom Bosco que se transformou na Católica. Eu não tenho muita certeza não, mas a Alvorada acho que foi antes da Dom Bosco, essa eu não sei, mas a UnB foi o primeiro. Teve a UnB, depois a Dom Bosco, que se transformou na Católica, porque funcionava ali no Colégio Dom Bosco. A Alvorada sempre funcionou aqui embaixo. Agora, não sei dizer... Inclusive, esse Cleber, que foi diretor aqui, foi um dos fundadores da Alvorada.

F.A.G.: Tinha intercâmbio entre as faculdades?

W.P.: Não, quase que nada. Tinha mais era uma rivalidade que (inint) [00:19:28]. Rivalidade esportiva e tudo.

F.A.G.: E discussões sobre o conselho na época da fundação da faculdade?

W.P.: Conselho? Não, nem se falava nisso. Não tinha conselho, não se falava em regulamentação da profissão, não tinha essa briga de conselho.

F.A.G.: Começou agora?

W.P.: Conselho é coisa recente. Na época da criação, não existia conselho.

F.A.G.: O senhor (inint) [00:19:59]?

W.P.: Eu sou favorável ao conselho. O forte de um conselho... Por que a Medicina é forte? Porque, se o conselho pegar uma pessoa clinicando lá, manda prender, dá ordem

de prisão por charlatanismo na hora. A Educação Física não tem isso. Todo mundo... Você jogou dois dias de voleibol, no outro dia você se intitula professor de Educação Física, professor de Voleibol. Eu acho que a titulação professor você tem que ir para um banco escolar para sair com a titulação de professor. Não por que você foi atleta, jogou dois dias de voleibol e no outro dia você é professor de Voleibol. Então, o conselho deve existir e deve ser prestigiado, mas essa briga de conselho não é o Conselho, é uma diretoria que não está levando as coisas como devem ser feitas. Então, você não deve menosprezar e tentar esvaziar o conselho. Fortalecer o conselho é o que responde. Por que a Advocacia é forte? Porque tem um conselho forte, a OAB. A Engenharia é forte, o conselho Crea é forte – ou prende ou manda prender, não deixa assinar. Então, o conselho da profissão tem que ser forte. Agora, essa briga que está aí não é por causa de conselho, é por causa de uma diretoria que está tomando posições não muito certas.

F.A.G.: No surgimento da faculdade, (inint) [00:21:23] licenciatura e bacharelado?

W.P.: Não, no início não. No início, entrou como licenciatura. As faculdades todas trabalhavam com licenciatura e o licenciado atacava em tudo como se fosse bacharel. Começava a se falar alguma coisa, mas não... Tiveram umas experiências não muito boas de bacharelado que não deram muito certo, então foco mesmo era em cima de licenciatura e não tinha essa desculpa: “Licenciado não...”. Licenciado podia fazer tudo. No início, não se discutiu muito (inint) [00:22:08].

F.A.G.: A UnB sempre teve esse lance das matérias do módulo livre?

W.P.: Sim. Quando iniciou, não era assim meio módulo livre. Nós tínhamos aqui o básico. Eles faziam o básico geral. Nós éramos o básico das Ciências Exatas. Humanidades e Exatas. Você fazia aquele básico, todo mundo fazia aquele mesmo básico. Você fazia junto com aluno da Medicina, da Engenharia... Cálculo I para todo mundo. Biologia, turma da Biologia, todo mundo fazia Biologia. Então, tinham determinados... O básico de Exatas: tinham seis ou sete disciplinas que todo mundo fazia. Então, durante aquele semestre, você estava no básico e, depois que você terminava o básico, é que você confirmava a opção: “Não, eu quero realmente a Educação Física”. Tinha a pré-opção, 175, e, quando você terminava o ciclo básico, você fazia a opção do curso. Você falava: “Eu estou no profissional. Agora, realmente eu estou cursando Educação Física”. Depois que você terminava o seu ciclo básico... Tinham dois ciclos básicos: um de Exatas e um de Humanidades. Parece que estão querendo voltar à velha história de anos atrás. Voltar com ciclo básico. Tem uma proposta universitária nesse sentido.

F.A.G.: Então, o pessoal passava mais pela área que queria, pela área de...?

W.P.: Isso, exatamente. Depois, você confirmava a opção. Confirmar a opção é sério, você estava no ciclo básico, você passava para o ciclo profissional. Então, se você queria Educação Física, você fazia para Educação Física. Se você queria Medicina, você ia para a Medicina. Se você queria Engenharia, você iria para a Engenharia.

F.A.G.: A prova física vinha depois disso, depois do ciclo básico?

W.P.: Não, a prova física vinha no início, quando você fazia o vestibular. Quando você ia fazer o vestibular, você fazia três opções, porque se você... Primeira opção, segunda opção, terceira opção, porque, se você não passasse na prova prática, você ia para aquela outra opção. No início, vinha muita gente para a Educação Física como terceira opção de Medicina. Ele não tinha aquela pontuação... Primeira opção Medicina, segunda opção isso, terceira opção Educação Física. Se não passava em Medicina nem em Odontologia, ele vinha para a Educação Física. Era um problema sério. Foi uma das razões de a gente ter... Porque ele era um aluno frustrado: “Entre na Educação Física, porque não passei na Medicina”. Agora, eram bons alunos, estavam acostumados a estudar, não vou dizer que o aluno de Educação Física não estuda, mas era um pessoal acostumado a estudar, então eram bons alunos, realmente bons alunos, mas eles não estavam querendo aquilo ali, eles estavam tentando ir para a Medicina. A gente tinha muita gente de segunda e terceira opção. Eram até três opções. Você se inscrevia no vestibular: a primeira opção quero isso; segunda, isso; terceira, isso. Para nós aqui (inint) [00:25:17], temos que ter um vestibular específico em cima disso. Pelo menos o pessoal que arrepiava de pegar uma bola não vai conseguir levar o curso. Tinha essa parte também das opções.

F.A.G.: Você acha que esses alunos que colocaram como terceira opção renderam bem depois?

W.P.: Passava um semestre, eles não conseguiam, passava outro semestre... Depois, eles iam levando o gosto pela Educação Física e alguns eram bons em termos de estudo, eles acabavam se tornando bons alunos. Então, a maioria deles ficava tentando mudar, fazendo outro vestibular, tentando pegar matérias de lá, pegando as matérias daqui e de lá, porque a ideia deles era voltar para o curso deles de primeira opção. Quando eles viam, estavam com seis, quatro, cinco semestres: “Mais três semestres deixam eu me formar em Educação Física”. No início, era isso: muita segunda e terceira opção.

F.A.G.: A grade curricular mudou muito com o decorrer do tempo?

W.P.: Não mudou muito não. A tal de mudança curricular muda, muda, muda, mas acaba voltando para o mesmo lugar. Essa luta é nossa, não vai sair disso. Todas essas disciplinas que nós iniciamos, nós continuamos com elas: Atletismo, Natação, Ginástica, as Biomédicas, as Psicopedagógicas. Então, não sinto muita mudança nisso. Um ou duas ou três mudanças curriculares. Outra coisa, esse sistema de crédito é quase que um crédito forçado: “Você pode fazer o que você quiser, mas os seus três primeiros semestres são essas matérias aqui”. No ciclo básico, você também já vinha matriculado: “Você passou no vestibular na opção tal, o seu ciclo básico é esse”. Você tinha que fazer aquelas cinco disciplinas. Você já vinha matriculado. Se você vencia ou não vencia, era problema de cada um, mas você já vinha matriculado naquelas disciplinas. Facilitava bem, não tinha essa briga. Até a Educação Física, apesar de ser sistema de crédito, até hoje ainda tem... Não tem aquele seu fluxograma? É um seriado quase que disfarçado. É crédito? Não, é mais seriado (inint) [00:27:48]. No primeiro semestre, tenta fazer essa disciplina, no segundo semestre,

tenta fazer essa, no terceiro... Aquele fluxograma que a gente tenta meter na cabeça do aluno é um seriado, é crédito, mas é um sistema seriado.

F.A.G.: Quando era o departamento ainda, tinha colegiado ou o colegiado era na FS?

W.P.: Tinha um colegiado no departamento, nós tínhamos reunião de colegiado. Só que, na reunião do conselho departamental, a gente tinha um representante no conselho departamental lá da FS, mas tínhamos a nossa reunião de colegiado. Não tinha reunião de conselho departamental. Quanto ao conselho, a gente tinha um representante lá na FS. Na FS tinha um representante da Medicina, um da Enfermagem, um da Nutrição... Só a Medicina tinha seis departamentos, então é isso que eu te digo, eles ficavam discutindo o tempo todo hospital, depois passavam para os departamentos deles da Medicina, depois tinha uma palavra da Nutrição, da Enfermagem, passava pela Odontologia para chegar na Educação Física, estava se esgotando o tempo, ninguém queria mais nada com nada. A gente era o cocô do cavalo do bandido.

F.A.G.: E a sucessão dos diretores daqui, dos chefes de departamento?

W.P.: Chefe de departamento nós começamos com o Bettero. Ele caiu de paraquedas, porque era a ditadura, era coronel, não sabia nada, mas era coronel. Pelo menos, no currículo dele ele era o coronel. Os demais foram eleitos. Só que a eleição era o seguinte: era uma lista sêxtupla. Nós já cansamos de... Os primeiros, que eram eu, o Renato... Nunca fomos chamados, porque nós éramos meio cortados. Eles puxavam daquela lista sêxtupla o último. Eles não respeitavam o primeiro da lista. Falavam que era eleição, a gente realmente elegia uma lista sêxtupla, mandava para a administração central e a administração central escolhia um daqueles nomes, mas nunca escolhia os primeiros.

F.A.G.: Os primeiros como assim?

W.P.: Da lista sêxtupla. Não tem lista tríplice para reitor agora? Escolhe um reitor sem lista tríplice agora para ver no que dá. Naquela época a gente engolia tudo. Tinham seis nomes e a administração escolhia um daqueles. Aí, foi a sucessão, não sei se eu me lembro... Foi o Bettero, que não foi eleito, os demais foram eleitos. Veio o Cantarino, o Renato duas vezes, depois o Cantarino de novo, a Solange, o Jake, o Riehl, a Maria Helena, todos esses já eleitos pela lista sêxtupla.

F.A.G.: Tinha um professor Vilmar...

W.P.: O Vilmar foi um dos primeiros professores que chegaram aqui com mestrado. Ele chegou de fora e a política de capacitação do Azevedo era muito cruel. O mais difícil era sair professor daqui para titulação, porque é o seguinte, a mentalidade era a seguinte: "Fica mais barato, para mim, trazer...". Aqui, nós começamos a ter condições de sair em 1989, quando saíram o Iran, a Solange e o Riehl. Para você ter uma ideia, saíram com a metade do salário, sem auxílio nenhum. A Solange, como eu trabalhava aqui, a Solange é minha esposa, saiu com 25% do salário. Iran e Riehl penaram adoidado, e o Alcir, para passar no mestrado, porque a política aqui é que era muito caro isso, não era um investimento, era uma despesa. Ficava muito mais barato para ele trazer o pessoal pronto de fora com mestrado.

F.A.G.: Não estimulavam a pesquisa, o governo?

W.P.: Não estimulava nada. Não estou te dizendo que cortavam e nem com salário integral você ia, você ia com metade do salário? O Vilmar chegou aqui com mestrado e entrou. Nós entramos aqui... Tinha até uma categoria que chamava professor colaborador. Vinha, fazia concurso e tudo, mas entrava como professor colaborador. Só depois de muito tempo que nós passamos... Não era só da Educação Física não, 70% dos professores da universidade eram professores colaboradores. Depois, nós passamos a ser aquele chamado professor enquadrado, que era do quadro. Então, veio esse Vilmar com mestrado. Um dos primeiros com mestrado aqui foi o Vilmar, que já veio com mestrado de fora. Ele era da Fisiologia, tinha mestrado em Fisiologia. Era professor de Educação Física, com mestrado em Fisiologia. Depois, também se desentendeu. O desentendimento dele era que a turma queria dar Prática Desportiva para ele e ele não queria dar Prática Desportiva e ele desentendeu.

F.A.G.: Também teve a professora... Mulher do Tubino.

W.P.: A Vera, mas ela já veio muitos anos depois. A Vera Lúcia já chegou aqui com mestrado também.

F.A.G.: Quais eram os cursos que ela oferecia?

W.P.: Oferecia Estágio, oferecia essas pedagógicas. Estágio, Didática.

F.A.G.: Depois que acabou...

W.P.: Em 1989, foram o Iran, a Solange, que é a minha esposa, o Riehl e o Alcir, que já vieram com o mestrado. Isso já em 1989, por aí. Fizeram na USP.

F.A.G.: Pede licença (inint) [00:34:07]?

W.P.: Precisaram de afastamento. Foi o mais difícil. Para você ter uma ideia, nós tivemos que assinar um termo de compromisso de que a gente não ia pedir professor para substituí-los, nós iríamos arcar com a carga deles. Nós arcamos. Até isso, nem substituição de professor a gente podia. Eles iam ganhando metade do salário e a gente tinha que arcar com a carga horária. Se eu estava com 20, eu ia passar para 26, 28 para liberar os professores. Eles deixavam claro para nós: quer mandar, manda, mas a responsabilidade é de vocês. Não pode ter professor substituto e não pode destruir a carga horária. Então, o que acontece? Mais carga no nome de quem está ficando. Agora, nós temos uma política totalmente diferente, que é a política de capacitação. O departamento assumiu isso. Inclusive, pela lei, só podia sair no máximo 10% ou 20%. Nós assumimos deixar sair quantos quisessem sair, quantos tivessem condições de sair. Hoje em dia, nós estamos muito bem, estamos quase todos doutores. Teve uma mudança radical nesse ponto.

F.A.G.: Eu acho que é isso, você quer falar mais alguma coisa?

W.P.: Não, foi isso. Agora, para você ver, eles falam: “Porque a turma não tinha (inint) [00:34:40]”. Não tinha (inint) [00:34:40], não tinha tempo de nada. Nosso era (inint) [00:34:42] mesmo. Para você ter uma ideia, agora nós estamos dando, no máximo, oito horas-aula. Naquele tempo, nós dávamos 20 a 24 horas-aula. Naquele tempo, ninguém dava 20 horas, era de 20 a 24 horas-aula por semana, fora as outras atividades comunitárias que (inint) [00:36:00]. Treinamento de equipes, (inint) [00:36:02], técnico de FAUnB, reunião

de colegiado, que era toda segunda-feira. Mesmo sendo departamento, nós tínhamos reunião de colegiado. Plantão sábado e domingo. Realmente, era complicado. A Educação Física também não tinha experiência de pesquisa, não tínhamos experiência em pesquisa, não tínhamos tradição em pesquisa. Realmente, a pesquisa nessa época... Nós tivemos também o Luiz dos Santos, um cara que (inint) [00:36:40] da Fisiologia. Ele era médico, mas também professor de Educação Física. Esse tentou fazer alguma coisa em pesquisa. Ele já tinha uma outra tendência. Fisiologista, médico e professor de Educação Física. Então, ele tentou umas pesquisas. O Vilmar Baldissera também, quando veio para cá, como ele tinha mestrado e tudo, ele abriu um curso de especialização em Fisiologia aqui. Também merece mérito. A Keila fez, o Paulo Silvestre fez esse curso de especialização em Fisiologia graças ao Vilmar, que já chegou aqui com o mestrado (inint) [00:37:24], animado e conseguiram fazer. Vilmar Baldissera.

F.A.G.: Já chegou a fazer alguma revista de Educação Física?

W.P.: Já chegamos a fazer uma revista aqui, mas foi bem simples e não foi muito para a frente. O Alexandre Rezende também batalhou bem nesse finalzinho. O outro que foi ex-aluno foi o Alexandre Rezende. Quando você perguntou dos ex-alunos, o Alexandre Rezende também foi ex-aluno. Então, são quantos ex-alunos? Vamos ver se a gente lembra: Alexandre Rezende, Luiz Cesar, Glauco, Keila, Jake, Zé Gustavo, o Juarez, Rosana... Então é todo mundo. Se você quiser até... O Jônatas chegou a fazer um semestre com a gente aqui. O Marcelo de Brito também. Bastante gente.

F.A.G.: A Rosana veio... Substituiu também o...

W.P.: O Rosana é dessa turma de professores cedidos. Eles não são professores substitutos, eles são professores cedidos pela Fundação. A Rosana, o Odiel, o Juarez, quem mais? Tadeu. São professores cedidos. Tadeu também foi ex-aluno. Todos os ex-alunos.

F.A.G.: O Tadeu é do Atletismo, certo? O Cantarino era do Atletismo, certo? Eles estão fazendo também porque deu retorno para a faculdade. A Rosana teve aula com o Iran (inint) [00:39:20]. O Alexandre também (inint) [00:39:22].

W.P.: Então, nós estamos com uns 10 ou 12 ex-alunos aqui. Outra coisa do Azevedo: ele não admitia isso. O ex-aluno não podia ser professor, era do regimento. Não admitia, por causa (inint) [00:39:41]. Ele era totalmente contra. Você não podia sair para qualificar e não podia ex-aluno ser professor aqui. Durante muito tempo. Até esse (inint) [00:39:52], ortopedista, médico famoso, lutou adoidado para ser professor aqui. Não conseguiu, porque foi ex-aluno nosso (inint) [00:40:04] da universidade. Eles não aceitavam ex-aluno da universidade ser professor.

F.A.G.: Qual que era o...?

W.P.: Quase ninguém sabe. (Inint) [00:40:16]. Um dos motivos deles era ter visões diferentes. Se você é daqui, tem aquela mesma visão. Visão do e você continua mantendo aquela mesma visão. Esse era um dos argumentos dele, mas não justifica muito não. Então, muitos anos atrás, ex-aluno não podia ser professor. Era impedido mesmo. Agora, eu estou achando que está até um pouco exagerado, porque senão, é sério, você começa a ter sempre

a mesma visão. Eu dou uma visão para meu aluno, ele continua com aquela visão e vai continuando com aquela visão. Realmente, se pensar bem, tem razão de ser. Mas nem lá nem cá. Primeiro era impedido e agora está ficando muito. Ia vir o André, ele foi aluno nosso.

F.A.G.: Está bom, professor, obrigado.

W.P.: Qualquer dúvida, pode perguntar.

Atividade de extensão – Ginástica Olímpica: Centro Olímpico (CO).
Crianças manipulando fita, arco e bola. Ao fundo, tabela de basquete e trave de gol. Quadra de esportes coberta.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00036-04>.

3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

F.A.G.: Professora, onde foi a sua formação?

M.R.J.C.C.: Eu fui pioneira do Fundão. Então, eu me formei pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

F.A.G.: Em que período a senhora começou a ministrar aulas na UnB?

M.R.J.C.C.: Em março de 1973.

F.A.G.: A senhora saiu de lá quando?

M.R.J.C.C.: Eu saí no dia 7 de março de 1996.

F.A.G.: Como é que foi a história do curso na UnB? Como é que surgiu?

M.R.J.C.C.: Eu, quando aqui cheguei, já existia um grupo de professores trabalhando na Prática Desportiva no CO. O prédio ainda nem construído estava, só tinha aquela parte da piscina e do subsolo. Nós viemos para incrementar a Prática Desportiva, porque eram muitos alunos. A convite do Coronel Bettero, que me convidou. Eu estava no Rio. Eu, o professor Alexandre, acredito que os outros professores também de fora de Brasília, devem ter sido o Coronel Bettero, que foi uma pessoa que batalhou muito para a criação do curso de Educação Física. Então, teve o William, a Solange e o professor Renato, que já estavam aqui, mas o Cleber e os outros professores, que agora eu não me lembro, que quando eu aqui cheguei já não estavam mais, que batalharam para o curso de Educação Física. Quando chegou o segundo semestre de 1973, em agosto, estava chegando a primeira turma para fazer as disciplinas do básico, porque antes na UnB existia um básico obrigatório, que era Física, Química, Cálculo, Fisiologia Geral, e depois vinha Ginástica I, que não tinha professor. Então, eu, dentro dessa disciplina, fui a primeira professora. Quanto às outras, eu acho que cabe a cada um responder por si. Em Ginástica I, foi no segundo semestre de 1973 e, no final de 1973, teve o concurso de âmbito nacional para a contratação de mais professores para o curso de Educação Física e entraram professores pelo concurso, no qual eu fui a primeira colocada.

F.A.G.: A senhora estava lá e ainda fez o concurso.

M.R.J.C.C.: Fiz. Estudei muito para essa prova. Não passei com 10 não sei por que, mas a minha nota foi 9,90 alguma coisa.

F.A.G.: Que matéria a senhora ministrou? Ginástica I...

M.R.J.C.C.: A Ginástica I, em 1973, Ginástica Rítmica Desportiva, que antes era tida como Ginástica Feminina Moderna e no currículo era com o nome de Ginástica Feminina Moderna.

F.A.G.: Só era para mulher?

M.R.J.C.C.: Só mulher fazia. Os homens faziam Futebol. Depois não, ficaram abertas para homem e mulher ambas as disciplinas citadas. Eu dava Rítmica I, depois eu comecei a lecionar a Ginástica Olímpica e também Dança, sendo que eu fiz concurso para lecionar

Dança e lecionei isso tudo. Fora as Práticas Desportivas, que atendiam o fluxo de alunos da universidade toda...

F.A.G.: Eram obrigatórias?

M.R.J.C.C.: Eram obrigatórias, e eu dava Atletismo. Era uma espécie de rodízio, então a pessoa passava um mês no Atletismo, depois ia para o Basquete, depois passava mais um mês na Natação e terminava no Voleibol. Assim era o rodízio. Quem começava na Natação terminava no Basquete e assim ia, um mês para completar quatro meses de atividades, era obrigatório. Depois, as Práticas Desportivas mudaram e deixou de existir o rodízio, mas, a princípio, eu lecionava essas disciplinas, começando primeiro com a Ginástica I, Rítmica I e as Práticas Desportivas em forma de rodízio. Depois, houve uma mudança. Eu passei a lecionar ainda Ginástica I, Rítmica I e Ginástica Feminina Moderna. Conforme vinham chegando os alunos e iam passando, então o aluno ia para o outro semestre e precisava da outra disciplina. Então, basicamente foram essas que eu lecionei antes da mudança.

F.A.G.: Justamente, como é que estava o currículo quando a senhora chegou, como ele foi montado?

M.R.J.C.C.: Ele já veio montado para nós. Eu, quando cheguei, já tinha montado. A estrutura da UnB era outra. Tinha básico, existiam normas, existia um caderninho que a gente obedecia, tinha a figura do professor orientador que orientava, tinha um grupo de quatro alunos por professor, e eu me lembro que o Testa do karatê era meu aluno e o Julio Adnet, só que eles nunca apareceram, então eles foram jubilados. Tinha a figura do jubilação. O aluno que era reprovado duas vezes consecutivas na disciplina perdia o vestibular, perdia tudo. O aluno que fosse reprovado ou que não obtivesse um certo número de aprovações num semestre... Também tinha isso, somatório. Se você fosse reprovado não só em uma, mas... Também era jubilado. Isso mais de uma vez. Então, ele entrava com recurso e o orientador defendia ou não, conforme o histórico, porque ele tinha que procurar a orientadora que orientava em tudo: o que ele tinha que pegar, essa coisa toda. Então, essa figura do professor orientador, muitas vezes, o aluno se achava autossuficiente e não o procurava para ser orientado. Uma das mudanças na universidade em geral foi cortar o orientador. Criou-se, então, um coordenador de curso e vários professores coordenando. O aluno vai naquele horário e os professores que estivessem ali orientam o aluno a confeccionar o seu horário, mas a intenção do professor orientador é que o aluno sempre o procurasse – que nem orientador para a tese de mestrado – esse professor orientador para receber orientações para o seu semestre em geral, para as disciplinas, para que o professor desse dicas. Só que o professor tinha aquele horário de orientação e era raro o aluno que procurava, por isso terminou. Foi uma pena, porque eu achava interessante, eu tinha alguns alunos que procuravam e eu achava bacana esse contato do professor, da figura do professor com aluno orientando para evitar o jubilação em qualquer disciplina que fosse, do básico, lá na Sociologia, mas ele procurava o seu professor e ele orientava passo a passo como ele tinha que proceder dentro da universidade. Não o aluno chegar perdido

como chega: “Onde é minha faculdade?”. Procura ali e fica andando naquele minhocão feito um louco para baixo e para cima. Enfim, o curso mudou de uns tempos para cá e ele passou a ser... Os professores do departamento é que se reuniram, fizeram e dividiram o curso. Houve até mudança do nome das disciplinas. A Ginástica I passou a ser metodologia. Umás viraram metodologias. Metodologia do Atletismo, Metodologia da Ginástica e assim foi. Metodologia do Vôlei, Metodologia do Basquete. Acabou com o básico, não teve mais Física, Cálculo, Química, porque prendia muito o aluno. Para ele chegar no curso, ele era muito reprovado em Cálculo, em Química. Os alunos de Educação Física sofriam muito com isso, eram reprovados mesmo, eram até jubilados. Teve aluno que foi jubilado em Química, ia perder toda a faculdade. Eu me lembro de alunos que conseguiram fazer e terminar o curso e, finalmente, entraram no curso de Educação Física. Eles perdiam muito tempo no básico. Levavam três, quatro, cinco semestres fazendo o básico para pegar um. Era muita perda de tempo. O aluno levava anos para se formar. Como houve a mudança em que o aluno de Educação Física teria que fazer, no mínimo, três ou quatro anos e, no máximo, x anos, eu não me lembro agora, então houve essa mudança. Metodologias, acabou básico, acabou a figura do professor orientador e vieram as disciplinas tidas como optatórias, optativas obrigatórias, que a gente chamava, mas eram optativas. Depois, algumas disciplinas optativas passaram para o currículo como obrigatórias. É uma luta muito complicada e ficou bem dividido. Um terço para a parte técnica, um terço para a parte científica e um terço para parte didática pedagógica. O curso ficou dividido dessa forma.

F.A.G.: Foi mais ou menos em que período?

M.R.J.C.C.: Acho que na década de 1980, meados da década de 1980. Bem na década de 1980, no meio.

F.A.G.: Foi nesse período também que se tirou a prova física para entrar ou não?

M.R.J.C.C.: Tinha o tal vestibular específico. Não, eu acho que o vestibular foi mais no final da década de 1980. Visava-se muito, no curso de Educação Física, à performance, que o professor de Educação Física tinha que entender de performance em todas as áreas. Então, ele tinha que ser um excelente jogador de vôlei, excelente jogador de basquete, tinha que correr muito, tinha que nadar bem, tinha que ser um excelente ginasta. Isso é difícil, você não consegue. O próprio vestibular foi amenizando um pouco até ele ser eliminado. Nós exigimos... Eu sei, porque eu coordenei a parte de Coordenação. Eu acho muito importante essa parte de Coordenação... Um professor de Educação Física tem que ter um mínimo de coordenação possível, mas eu não sei até que ponto se tirou isso, porque eu senti, depois que acabou o vestibular específico, que os alunos que ingressavam na Educação Física, eu não sei se hoje é assim, mas não estão ingressando por vocação pela profissão, abraçando, vestindo a camisa, como a gente dizia. É uma profissão que não é por aí, porque eu acho que Educação Física, a pessoa... Eu sou um pouco adepta que você tenha que fazer, no mínimo, uma demonstração boa para os seus alunos, a começar que você tem que ter um físico bom. Não pode um professor de Educação Física pesando 120Kg, completamente descoordenado, sem conseguir um domínio de bola, qualquer que seja a bola – handebol,

vôlei, basquete, tênis, pingue-pongue, tênis de mesa, o que seja. Ele tem que demonstrar um pouco de habilidade e eu acho que a figura, o aspecto do professor é importante. Um professor de Educação Física, o homem, não anda de terno e gravata e a mulher não dá aula de longo e salto alto nem de vestido. Um professor de Educação Física veste short, camiseta, agasalho de atleta, tênis, ele tem que ter essa postura, o nome está dizendo, mesmo para ser um futuro educador. Ele pode ter mestrado em Psicomotricidade, em qualquer coisa, mas continuar respeitando a sua profissão de início, porque eu acho que, mesmo que você seja um técnico, que você seja um professor na academia, seja lá o que for, você teve toda essa base para chegar no mestrado. Então, eu sou contra um professor que tem mestrado e doutorado e diz assim: “Eu não vou dar mais aula para o curso. Só vou dar aula em pesquisa e não sei o quê”. E o curso, vai ter o que de professor? Quanto mais conhecimento ele tiver, melhor para a formação daquele futuro profissional de Educação Física. Eu acho que ele pode juntar muito bem o útil ao agradável, porque por mais doutorado que você tenha, mestrado, como eu fiz, eu não vejo que... Eles dão muito embasamento teórico, mas a prática... O profissional de Educação Física vai se formar realmente com a prática que ele tiver depois de formado ou durante mesmo curso que ele fizer – o estágio supervisionado ou se ele já leciona em alguma escola particular ou se ele é técnico em algum lugar. Cada dia é um dia, cada aula é uma aula e os acontecimentos daquela aula não se repetem. Eles são daquele dia, eles aconteceram e passou, e só o professor que lecionou tem essa experiência. Mestrado nenhum, doutorado nenhum dá isso.

F.A.G.: A senhora acha que esse conflito aconteceu lá?

M.R.J.C.C.: Muito, na minha época. Não vou citar nomes de colegas, porque não fica bem, mas tiveram colegas que não queriam mais dar aula. Eu mesma estava substituindo uns dois ou três deles, substituí muito, e, quando eles voltaram: “Não, eu não vou lecionar mais isso não, você continua.” Eu falei: “Como? Não é a minha área. Eu quebrei um galho para o aluno não ficar...”. Se você ficar quebrando o galho, a que nível fica esse curso? Eu me esforcei, eu dei o melhor de mim, pesquisei, lutei... O que aconteceu? As minhas disciplinas, que eu já estava calejada de dar, mas eu sempre gostava de ter uma novidade, de ter um artigo novo, uma coisa nova na minha disciplina. Eu então dava a disciplina por dar, porque eu já estava mais do que autômata nela, já dava a disciplina até dormindo, e me dedicava mais à disciplina que eu estava substituindo para não cair o nível, para sustentar, mas até quando você vai sustentar? Se não é uma coisa que eu gosto, se não é uma coisa que eu prestei o concurso para dar aula? Veja bem, eu levei 20 e tantos anos batalhando em uma sala de dança. Eu vim dar Metodologia da Dança mesmo, porque o professor Riehl fechou aquele negócio lá de lutas, de judô, porque não tinha uso algum, e ali puseram tábua corrida e tudo, a duras penas, eu não me esqueço disso. Osmar Riehl lutou para fazer uma sala de dança ali, consegui e me entregou, mas eu já estava para me aposentar. O que eu usufruí? Muito pouco da sala de dança e hoje causa-me tristeza ver que aquele chão que eu mantinha conservado, que eu não deixava ninguém entrar calçado, a não ser descalço, até aula de sapateado tem lá. Uma sala de dança, para mim, eu, como

professora de dança, sou um templo, e o chão a gente usa, deita-se no chão, rola no chão, faz exercícios de chão. Eu dava aulas com princípios de Martha Graham, a Graham vem aqui dar um espetáculo agora nesse final de semana no Teatro Nacional, vem o grupo dela. Você farpa, corta, machuca, então, por isso que a sala é tábua corrida lisinha, encerada, sem ter farpa para não machucar a pele da gente. Que pusesse linóleo para sapatear ou arrumasse um outro lugar que fosse batalhar para sapateado ou um tablado, montado para ter aula de sapateado que precisa de algum som. Essas coisas aconteciam, essas dificuldades. É uma luta muito grande para você implantar um curso e ver jogar assim pela janela. Eu presava muito pela qualidade das aulas. Eu era tida como uma professora dura, cascavel, mas eu me esforçava para dar as aulas e exigia isso dos alunos. Eu exigia, porque eu amava o que eu fazia, eu amava os corpos dos meus alunos com todo respeito e achava que eles deveriam amar os corpos dos futuros alunos deles e não fazer aquilo como liquidificador, que quebrou vai ali e troca, não é bem assim. Você tem que prezar o corpo, você tem que trabalhar bem o seu corpo para que ele não tenha problemas futuros, para que ele seja um corpo saudável. Eu batalhava nisso. As minhas aulas eram práticas, tinham teoria também e visavam muito à qualidade, muito mesmo, e sempre com novidades, para que o aluno pudesse usufruir disso e levar isso para o resto da vida e se aprimorar e se interessar sempre em pesquisar e em se aprimorar dentro da Educação Física, seja a área que for. Ele tem que estar sempre atualizado que nem um médico, porque nós trabalhamos com a saúde e o médico trabalha com a doença, mas ele tem que estar pesquisando, e o professor de Educação Física mais ainda.

F.A.G.: A senhora fez especialização?

M.R.J.C.C.: A minha área toda foi na área de dança, porque eu fui bailarina clássica. Eu fui parar na Educação Física por acaso, porque, no meu país, naquela época, não existia uma faculdade de dança. Então, eu fui para o exterior, voltei como mestre em dança. Como bailarina, eu fui formada pela escola de dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Foram dez anos de escola, em que eu tive todas as aulas. O básico era o Balé Clássico, Dança Espanhola, Dança Folclórica, Dança Moderna, História da Dança, Teoria Musical, Didática da Dança, Anatomia, tudo isso eu tive e me formei com 15 anos de idade, porque você entra no balé com cinco, seis anos, então você se forma. Fiz corpo de baile no Teatro Municipal, estágio durante dois anos e, quando eu quis fazer uma faculdade no meu país, não existia. Como Margot Fonteyn e Nureyev estiveram aqui, eles me levaram para Londres, eu dancei com eles. Lá, eu fiz o meu mestrado em dança. Então, eu voltei muito cedo para o Brasil. Eu retornei ao Brasil com meu mestrado e o Conselho Federal de Educação não aceitou, porque, no nosso país, não existia ainda... Eu passei três anos fora. Durante esses três anos, não existia, ainda, uma faculdade superior de dança. Eu fui lecionar na Bahia, montei a estrutura toda da Ebateca, do Teatro Castro Alves. Tinha que montar para receber meu diploma de *master* em dança, então eu montei uma escola de dança que hoje é o *Ballet* Brasileiro da Bahia, a Ebateca, está lá na Bahia para todo mundo ver, é só ir lá. Montei e recebi então... Fui mandada para o foco do negro para montar balé

clássico. Eu montei voltado para o negro, para a nossa realidade. A escola clássica para a nossa realidade. Tanto é que o Ballet Brasileiro da Bahia só apresenta música brasileira, tudo brasileiro, mas toda a base é clássica. O que fazer? Consuelo Rios, que era professora da escola de danças, Carol, o Fábio e uma das minhas filhas falaram: “Maria Rute, faça Educação Física”. Na Bahia, estava se montando a estrutura – até com um professor alemão que veio da Alemanha para isso – da UFBA, da escola de dança da UFBA, que ficou com a Dulce Aquino a direção. Mas eu estava sedenta para fazer alguma coisa, não ia esperar isso, quantos anos da minha vida eu iria esperar por isso? Então, eu fui fazer Educação Física na UFRJ. Quando eu me formei em Educação Física, voltei ao Conselho Federal de Educação: “Nós não aceitamos, porque você fez Educação Física e não dança”. “Como é que eu vou fazer dança se nesse país não tem dança?” Então, em Educação Física, eu tenho especialização voltada para a dança. Imagina, depois do mestrado em dança, fazer especialização. Fiquei esperando sempre com a dança para fazer um doutorado e não consegui. Então, eu tentei fazer Psicologia na UnB na época do Todorov, que era diretor da Psicologia. Foi uma ocasião em que eu tirei a sabática e, durante a minha sabática, eu adiantei algumas disciplinas da Psicologia. Fiz inscrição como aluna na Psicologia e fui fazer as disciplinas, já adiantando, tendo base para fazer Psicologia. No entanto, tinham saído alguns professores para a USP, como Solange, Alcir, Iran, para fazer Desenvolvimento Motor, Psicomotricidade, eu não me lembro bem, e eu queria fazer na Psicologia. O meu departamento, que na ocasião era o Renato que era o diretor, em reunião, os colegas negaram, falo mesmo, me negaram de fazer Psicologia, porque Balthazar, não sei quem, era muita gente fazendo Psicologia e a intenção deles não era essa, mas não perguntaram qual era a minha intenção. Essa história toda que eu te contei era para quê? Para eu oficializar o mestrado que eu tinha feito lá atrás. Então, eu queria alguma coisa que pudesse me dar o direito de dizer que eu tenho um mestrado no Brasil, já que não aceitavam o inglês da *Royal Academy of London*. Eu já estava com tudo engatilhado, e Todorov cobrando de mim: “Vai começar”. Eu pedi ao professor Renato que eu ficasse liberada de umas Práticas Desportivas para fazer as disciplinas.

F.A.G.: Era disciplina do mestrado ou da...?

M.R.J.C.C.: Era do mestrado. Eu ia fazer o mestrado, mas foi negado para mim e me puseram, a tarde toda, disciplina uma atrás da outra, além da graduação, disciplinas de Prática Desportiva. A partir do momento que eles olharem a faculdade como faculdade, olharem o aluno como aluno, como discípulo, seguidor dos seus ensinamentos, as coisas vão melhorar, porque enquanto tiver naquela faculdade, não sei se ainda existe isso, briguinhas por vaidades, coisas pessoais, eu acho que a faculdade não cresce não, vai ficar marcando passo. Eu acho que o aluno, se tem voz lá, deve brigar como aluno, representante dos alunos, por melhoria disso. Para a faculdade crescer voltada para o aluno.

F.A.G.: A senhora acha que a formação foi voltada para a escola, para formar o professor desde o início ou tiveram algumas mudanças?

M.R.J.C.C.: Não. No início... Eu posso falar desde a minha época. Aqui em Brasília, até então, é voltada para o aluno sair como licenciado em Educação Física, único e simplesmente, porque só existia no mercado de trabalho a Fundação Educacional do Distrito Federal. Hoje em dia, já existem faculdades de Educação Física, então, além da Fundação, você pode formar um professor para dar aula em faculdade. Para ir para tal, há necessidade premente de que se tenha cursos de mestrado e doutorado na Faculdade de Educação Física, para poder sair o professor já com mestrado para poder lecionar com o mínimo de capacitação exigida para ser um professor de faculdade, que é um outro mercado de trabalho. Além disso, eu acho que se esquecem, dentro da profissão de Educação Física... Teve um seminário lá muito interessante, há anos luz, sobre mercado de trabalho em Educação Física. Foi um espetáculo, eu achei. O leque que tem de emprego para professor... Não professor, você pode trabalhar na área de Fisiologia, tendo a Professora Keila, que, para mim, não é por ela ter sido nossa aluna não, mas eu a acho uma senhora professora, uma pessoa interessada no que faz, uma pessoa dedicada à sua disciplina... Ela pode ser rígida, mas o que ela tem de conhecimento tem que se tirar o chapéu para a Keila, e o aluno tem que sugar até a última gota de sangue dela, se interessar e sugar mesmo, perguntar, se interessar, correr atrás, porque tem um mercado de trabalho muito interessante da área dela. O jornalismo em Educação Física é uma área que ninguém procura, é uma área interessantíssima e que ninguém toca. Está melhorando um pouco. Eu acho que os próprios atletas é que estão modificando um pouco, mas eu acho que o aluno tem que atuar nessa área. Na área de Direito de Educação Física, também é uma área muito interessante o Direito Esportivo. Então, eu acho que tem áreas que não são exploradas. Continua a mesmice. Forma-se para ser professor da Fundação, professor de faculdade, técnico em algum clube, *personal trainer* ou professor de academia. Estão esquecendo de se abrir, pegar esse mercado de trabalho, esse congresso, esse seminário que foi feito. É um mercado maravilhoso. A parte de deficiência física poucos alunos nossos... Que eu me lembre só tem dois alunos formados em Educação Física por nós que trabalham nessa área. Um é o Raimundo Nonato, que trabalha em Sobradinho na escola da Fundação, que é voltada para deficientes, e uma aluna, que eu não me lembro nome, que trabalha no final da W3 Sul, Fepad, Enap... É uma área que você vê que até nas Olimpíadas está tendo e que o aluno também não trabalha. Então, eu acho que o currículo, depois de um seminário desse, eu acho que vocês alunos – é um conselho, pega se quiser – devem procurar esse seminário e abrir essas áreas e exigir o maior entrosamento da Faculdade de Educação Física com as outras áreas da UnB, porque lá tem Direito, lá tem Jornalismo, lá tem tudo pra vocês ampliarem o mercado de trabalho e não ficarem na mesmice. Não verem um professor de Educação Física só nisso ou trabalhando burocraticamente. Você leva anos para trabalhar em um escritório, um professor de Educação Física trabalhar na parte burocrática das federações, confederações, na parte política da Educação Física, que tem também essa parte, essa área. Então, eu acho que a faculdade deve abrir mais espaço para a formação do profissional de Educação Física, não formar só o professor, como vinha sendo.

F.A.G.: Mas a senhora vê que sempre foi com essa a intenção?

M.R.J.C.C.: Sempre. Sempre foi voltado para escola, para ser professor da Fundação ou professor de academia, só.

F.A.G.: A partir das especializações, que vários professores trabalharam com alguns temas de Educação Física, a senhora vê que ainda assim (inint) [00:31:49]?

M.R.J.C.C.: Eu não vejo muita novidade, pelo que eu estou vendo por aí, porque uma coisa é o que eu sempre disse lá. Tem que parar...

F.A.G.: Na verdade, tem muito professor que está na UnB. Muitos alunos que se formaram estão na UnB agora. Acho que quase metade do corpo docente está lá dando aula.

M.R.J.C.C.: Quando eu saí, tinha o Glauco, o Marcelo, a Keila e o Jake. Agora já tem mais gente?

F.A.G.: Tem, porque teve um convênio com a Fundação Educacional, então muitos professores da Fundação estão dando aula lá.

M.R.J.C.C.: Eu, quando trabalhei na UnB, eu tinha um grupo experimental de dança da UnB conhecido no exterior, no Brasil e em Brasília, que vai sair até em nome de livro sobre dança em Brasília. O propulsor da dança moderna em Brasília foi o GEDUnB, fui eu. Cadê um projeto desse? Só fala nas escolinhas, só isso? Projeto da Professora Ana Maria? Cadê o resto? Vamos trabalhar com a comunidade da UnB, vamos trabalhar fora da comunidade, extramuros UnB, vamos alardear. Eu ganhava só, e ganho até hoje, uma miséria, porque hoje é uma miséria. Eu fazia isso tudo com salário da UnB. Eu não ganhava extra. Meu grupo de dança era com recursos da UnB, do meu bolso e “maritrocínio”. Muitas vezes, a minha viagem era patrocinada pelo meu marido ou eu conseguia pela embaixada. Ia para as embaixadas em que eu ia para o país, a embaixada me dava a passagem, eu me virava. Então, o que o professor tem que fazer é não esperar que papai do céu mande para ele ou que a reitoria mande pra ele. Professor tem que correr atrás. Quem quer vai, quem não quer manda. É o ditado mais antigo. Agora, ser professor acomodado não dá. Tem que pegar os seus alunos da graduação em Educação Física e injetar estímulo na veia desses meninos, botar essa turma junto com você, você ali do lado... É tão bom. Como eu conheci alunos. Ontem mesmo eu descii, fui ao Libanus, sábado, encontrar quatro ex-alunos meus. Ligaram: “Tia Rute, vem aqui”. Foi o maior carinho, e falando: “Que saudade que eu tenho das suas aulas. Que saudade. A chance que a senhora deu para a gente conhecer... Nós saímos da faculdade confiantes no nosso trabalho”. É isso que a gente tem que dar para o aluno, a confiança. Não é só botar o canudo debaixo do braço. Hoje, eu vejo que o aluno tem que correr atrás para ter confiança no que faz. Eu vou dizer que os meus alunos correram atrás, mas eles correram com uma orientação minha. Se alguma coisa desse errado, eu entrava pra mexer meus pauzinhos, para que ele sentisse... Você tem que dar um empurrão. Quando você começou andar, engatinhar, seus pais te ajudaram a engatinhar. A sua família não está por trás para te dar um embasamento para você enfrentar o mundo? Professor está por trás do aluno para ampará-lo, para ele ter confiança para enfrentar o mundo, dar instrumental a esse aluno, as armas para ele poder ir à luta. Ele não vai à luta sozinho e, se for sozinho,

eu tiro meu chapéu. Esse batalhou, suou, penou. Eu acho que tem que ser por aí, então está faltando no curso trabalhar as outras áreas, o tripé, a pesquisa, não ficar só na graduação. O que você está fazendo, por exemplo, eu não conheço essa professora, mas está incentivando você a uma pesquisa. Meus parabéns para ela e meus parabéns para você. Eu acho que é por aí. Isso que você está fazendo, o que a professora está fazendo não é ela sozinha que está fazendo, é o grupo. A faculdade tem que pensar em unidade. É um grupo em prol de alguma coisa e não uma professora batalhando sozinha, isso é um absurdo.

F.A.G.: Professora, o departamento se iniciou e era subordinado à Faculdade de Ciências da Saúde, como é que a senhora vê isso? Foi bom, foi proveitoso ser filial da Saúde, como é que foi esse debate sobre se a Educação Física é saúde, é educação? Onde ela deve estar...?

M.R.J.C.C.: O departamento era que... Algumas pessoas não falavam na reunião, ficavam meio caladas, mas eu sentia que tinham pessoas que, por omissão, acomodadas, achavam que deviam ficar na Faculdade de Ciências da Saúde, e umas pessoas – o Cantarino fez mestrado dele na Faculdade de Educação – achavam que estavam mais para a Educação do que para a Educação Física, quando se iniciou no nosso país, tinha que se apegar a alguma coisa, e eu creio que ela se apegou... Por esse método, pela faculdade da UnB se esmerar, copiar, a UnB nasceu de um exemplo americano de faculdade. O modelo da UnB é o modelo americano de faculdade. Eu creio que foi por aí, na ocasião foi a Faculdade de Ciências da Saúde. A gente nunca deve dizer que a experiência não foi boa. Eu acho que toda experiência é válida por pior que ela seja. Eu achei válida a vivência com a Faculdade da Saúde, porque foi tão válida que hoje existe a Faculdade de Educação Física. Conseguiu-se separar, cortar esse cordão umbilical com os professores, com a equipe dos professores, vendo que precisava separar, tinha que ter... Então, agradeço à Faculdade de Ciências da Saúde por nos permitir que cortássemos o cordão com ela. Eles mesmos queriam, nós éramos assim um apêndice, sei lá, um calo, uma pedra no sapato deles, até por motivos de verba era uma coisa... Nós damos mais verbas para eles, para a Faculdade de Ciências da Saúde, do que eles mesmos. Agora, vieram a ter hospital, perderam o hospital de Sobradinho, uma maravilha, mas porque era longe. O Hospital de Sobradinho era da UnB. Passou a ser da Fundação, ficaram sem hospital e a nossa verba era a maior da Faculdade de Ciências da Saúde, porque a gente tem piscina, o CO todinho, material esportivo é caríssimo, manutenção de pista. É lamentável que não... A piscina a duras penas... O tempo foi passando e aí entra no aspecto político também, porque, se nós formos pensar em Faculdade de Educação Física, ela depende do dinheiro da administração. A administração depende de um certo dinheiro também... Porque a UnB, aí vem um problema sério. Antes, quando eu entrei na UnB, a UnB devia mundos e fundos. Era Amadeu Cury o reitor. Entrou o professor José Carlos de Almeida Azevedo e eu me lembro da posse. Ele disse para nós na posse dele como reitor, porque ele era o vice: “Vocês me deem seis meses para colocar as dívidas da UnB”. Porque a UnB é uma Fundação e Fundação gera fundos próprios. A Asa Norte toda é da UnB. Aos poucos, foi dilapidando o patrimônio. O Azevedo falou isso. Nós recebíamos

cada dia num dia, nós não sabíamos quando íamos receber o nosso salário. Você não podia fazer compra, porque você não sabia quando ia ter o dinheiro, se você podia dividir, em que época você ia pagar. Em um mês de administração do Azevedo, nós começamos a receber correto, dia 28 de cada mês nosso dinheiro ali. Assim foi... Azevedo, falam dele, mas ele foi o melhor administrador financeiro da universidade. Ele teve esse lado bom. Pode ser que ele não tenha olhado com bons olhos os professores, porque ele não permitia que a gente saísse para fazer mestrado. Essa parte de aprimoramento docente foi a falha dele, digamos assim, mas, no que tange a dinheiro, o homem saiu deixando milhões nos cofres da UnB. A UnB não devia nada a ninguém, muito pelo contrário, deviam à UnB. Então, eu creio que, pelo o que eu estou te falando – eu quero justamente chegar na faculdade – das dificuldades que o atual diretor da faculdade deve encontrar para reconstruir uma pista ou até para comprar café, porque, na nossa época, já estava assim, papel higiênico eu levava de casa, cafezinho cada um levava um tanto, não tinha verba para comprar. Então, a questão administrativa e, depois do Azevedo, a UnB deu uma queda. Administrativamente, a parte financeira da UnB foi por água abaixo. Hoje, ela não tem verba para nada nem para o aumento dos professores, porque os melhores salários na época do Azevedo, nós ganhávamos muito bem. Ele dava aumento para a gente todo ano, não precisava nem pedir, porque tinha fundos para pagar.

F.A.G.: Professora, como é que a senhora vê a faculdade, a senhora acha que...?

M.R.J.C.C.: No início, o Iran fez milagre e melhorou muita coisa. Ajeitou. O que ele podia ajeitar, ele fez, mas as grandes obras, porque as obras pequenas não aparecem. Ele fez o laboratório, ele fez muita coisa no início, mas as grandes obras. Agora não sei se a piscina já ficou pronta, porque... Aqueceram a piscina, é aquecida a de 50m?

F.A.G.: Não, acho que não.

M.R.J.C.C.: Faz uma obra daquele tamanho e não aquece a piscina? Brincadeira. Essas obras grandes, como a pista de atletismo, uma piscina, umas coisas que aparecem, grandiosas, ampliação do prédio para mais salas de teoria e aumentar, coisas assim, isso é difícil, porque essa parte financeira engloba uma coisa maior, então eu acho que vai ser muito difícil conseguir. Como se pode conseguir? A não ser terceirizando, pedindo, não sei como é feito hoje em dia. Quanto à parte didática, eu acho que pode melhorar muito dentro daquilo que eu te falei, para o aluno. Melhorar a parte de campo de ação do aluno, distribuir melhor, fazer com que o aluno corra atrás, haver intercâmbio entre faculdades dentro da própria UnB, de algum professor incentivar a fazer trabalho de pesquisa ou trabalho comunitário junto com as faculdades de Comunicação, por exemplo, Jornalismo, com o Direito, defesas de coisas e tal, de esporte, enfim, procurar outros meios, juntando, unindo as faculdades e fazendo um trabalho só. Tornar disciplinas optativas para que o aluno possa fazer se ele se interessar por aquela área. Enfim, haver uma política de entrosamento entre as faculdades na UnB, porque geograficamente a faculdade está longe, os alunos vão lá para cumprir uma obrigação e voltam. Você não vê professor ir lá, você não vê faculdades irem lá, vê?

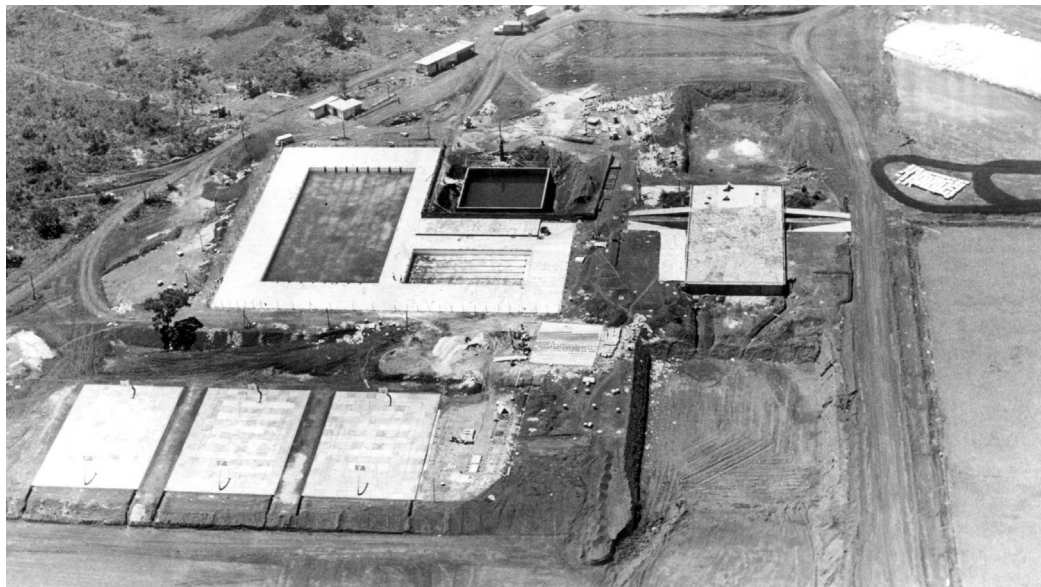
Já que Maomé não vai até a montanha, a montanha vai até Maomé, então traz a faculdade de Educação Física para o minhocão.

F.A.G.: A senhora acha que a situação que a senhora explicitou sobre os professores que se especializaram e acabaram não querendo mais dar as aulas práticas e tudo mais, você acha que isso pode ter influenciado nessa questão de (inint) [00:17:56]?

M.R.J.C.C.: Eu não sei. Em Psicologia, quando você quer mudar o comportamento, Psicologia Comportamental... Existe uma história de um professor que ele só dava aula – não sei se algum professor de Psicologia de Aprendizagem disse isso para vocês ou de Comportamento, alguma disciplina que você tenha feito lá na Psicologia – em um canto da sala de aula. O que os alunos combinaram? Quando ele estivesse naquele canto, os alunos todos se viravam para o canto de cá, ninguém olhava para ele, todo mundo fazia assim. Ele percebia, então ele ia para cá, ele só ficava aqui, e os alunos se viravam para o canto de lá. Até um dia em que ele chegou e perguntou: “O que está havendo? Eu estou dando aula para vocês e praticamente vocês me dão as costas”. Um se levantou, isso era combinado, lógico, com os alunos, e falou assim: “Professor, é o seguinte”. Explicou a ele, mas com jeito, porque nenhum professor gosta de ser chamado a atenção assim, e teve-se uma conversa e o professor então mudou, e os alunos começaram a se sentar e a prestar atenção na aula dele. Então, é a mesma coisa. Agora, eu não estou mais lá dentro, eu não sei como estão os antigos colegas, os atuais, como está a situação lá dentro... Eu acho que vocês são inteligentes o suficiente para tentar modificar isso e, se quiserem modificar para melhor e não quiserem perguntar ao professor, peçam ajuda à Psicologia, peçam para observar as aulas. Eu tinha professor da Faculdade de Educação observando minhas aulas e me analisando para modificar a minha didática. Eu pedia isso. O professor João ia nas minhas aulas assistir à aula de Educação Física. Ele: “Eu não entendo muito bem”. Eu dizia: “Mas o senhor entende didática. Eu quero que o senhor... Eu quero melhorar”. Ele me deu um instrumental fantástico. Então, eu acho que... Eu não tenho vergonha de dizer isso. Eu pedia a um outro colega que não tinha nada a ver. Eu conheço um bocado de gente lá do minhocão, eu sempre procurei colegas de fora. Eu conheço colegas da Comunicação, da Sociologia, da Educação, da História, das Artes. Eu dei aulas nas Artes, eu fui emprestada ao Instituto de Artes. Então, eu acho isso muito importante. Eu coloquei o Marcelo para dar uma disciplina que era das Artes e eu trouxe para a Educação Física. Eu acho importante isso. A partir do momento em que o professor da Faculdade de Educação Física se inteirou com os professores lá, talvez eles não venham pela distância, por preguiça, mas um professor de Educação Física não tem preguiça. Mexe com o corpo. Se ele é interessado, vai atrás. Os alunos também. Já que o professor não vai atrás, o aluno vai e pede ao professor pra vir, convida a participar, faça um projeto, apresente... “O senhor não gostaria de dar aulas lá disso ou daquilo? Fazer um intercâmbio, assistir, participar. Venha jogar uma pelada.” Enfim, fazer a política de boa vizinhança. Vocês conseguem. Se não parte do professor, parte do aluno.

F.A.G.: Tá joia, terminado.

Construção e vista do Centro Olímpico (CO). Na parte inferior da imagem estão as quadras de basquete; no centro, as piscinas; à direita, o vestiário, ao redor deles, área descampada para a construção de mais obras.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-05>.

4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

F.A.G.: Professora, onde foi a sua formação? Onde a senhora se formou?

S.C.E.P.: A graduação?

F.A.G.: Isso.

S.C.E.P.: Foi em Belo Horizonte, na escola de Educação Física de Minas Gerais que embora apresentasse as características de uma escola federal era vinculada à Universidade Católica. Ela nasceu mesmo na época do militarismo, então ela era toda dirigida por militares e médicos.

F.A.G.: Em que período a senhora entrou para a Educação Física na UnB?

S.C.E.P.: Em 1973, como técnica desportiva. Durante algum tempo, a gente ministrou aula na Prática Desportiva somente. Quando começou a surgir o curso de Educação Física, eu não me lembro muito bem a data, nós continuamos como técnicos desportivos, mas ministrando aula no posto de Educação Física. Era uma situação bem esdrúxula, porque você, como técnico, dando aula no curso de graduação, até que houve um concurso.

Eu passei e continuei ainda como técnica desportiva uma época. Era esquisita essa situação, não só para mim, mas para quase todos os professores do então Departamento de Educação Física. Depois, a gente passou a professor colaborador.

F.A.G.: Nem era departamento ainda quando a senhora chegou, certo?

S.C.E.P.: É isso mesmo.

F.A.G.: Que matéria a senhora ministrou?

S.C.E.P.: Eu comecei com Didática da Educação Física no curso de graduação. Eu dava aula na Prática Desportiva e trabalhava principalmente com Natação, mas, na graduação, que é o que te interessa, eu comecei com Didática da Educação Física e depois eu passei para Didática da Educação Física e Estágio Supervisionado. Fiquei muitos anos trabalhando com estágio, depois eu fui para São Paulo, fiz mestrado na USP e, quando eu voltei, passei a trabalhar com Aprendizagem Motora e Estágio.

F.A.G.: Como era a estrutura do currículo quando a senhora entrou? Como as matérias eram organizadas?

S.C.E.P.: Era por matéria mesmo. Tinha um currículo mínimo, que eu não me lembro mais qual era, mas você encontra em qualquer arquivo da universidade. A organização era essa. O currículo mínimo e depois uma série de disciplinas por semestre, onde eram incluídas as disciplinas optativas e as disciplinas obrigatórias. Ainda, como parece que é até hoje, as disciplinas eram feitas no Departamento de Educação Física e em outros departamentos da Universidade de Brasília. Parece que hoje é assim também. Por exemplo, Psicologia da Educação se fazia na Faculdade de Educação junto com os alunos da Educação e de outros cursos também.

F.A.G.: Havia, na época, alguma predominância, por exemplo, das matérias...?

S.C.E.P.: Havia uma predominância, de matérias como Voleibol, de Basquete, de Atletismo, de Natação... Havia uma predominância técnica, mas havia também um grupo que já trabalhava muito com essa questão pedagógica. Isso levou muitos de nós, como Cantarino eu Laura e outros professores a se envolverem com estudos dentro da própria Universidade. Eu, por exemplo, fiz várias matérias na Faculdade de Educação, fiz várias matérias já do mestrado como aluno especial na Psicologia, na Educação. Assim como o professor Cantarino e a Professora Laura. mas o conteúdo era esse. No início do curso, pode-se dizer que havia uma predominância técnica, mas eu acho que, logo em seguida – eu não me lembro muito bem datas, faz muito tempo –, já houve uma reviravolta na prática pedagógica do corpo docente para uma tendência pedagógica bem acentuada. Nessa época, a gente já entendia que não estava formando o técnico de desporto, não estava formando o jogador de voleibol, a gente estava formando o professor de Voleibol, o professor de Basquete...

F.A.G.: A senhora foi organizadora de um livro – *Educação Física e Esporte na Universidade*; qual foi a intenção de publicar esse livro? Porque reuniu vários nomes da Educação Física no Brasil (inint) [00:06:02] vários olhares diferentes, vários olhares sobre a Educação Física mesmo.

S.C.E.P.: Na época, a gente sentia, inclusive eu sinto até hoje, mas a gente sentia mais ainda uma falta de fundamentação teórica dos professores de Educação Física em geral. Eu fui requisitada para o SEED/MEC e surgiu então a oportunidade de desenvolver esse projeto. O objetivo foi exatamente o que parece que eu falo na introdução, oferecer um referencial teórico para que o professor de Educação Física pudesse explicar a sua prática pedagógica, para que ele soubesse o que, por que, onde, em que momento ele estava trabalhando e pudesse explicar aquele tipo de trabalho que ele fazia. Foi esse objetivo, parece que eu falo isso na introdução, nem me lembro mais.

F.A.G.: A senhora observa na UnB se houve alguma preferência por alguma abordagem da Educação Física, porque o conhecimento da Educação Física perpassa a tendência pedagógica escolar sobre ela, a senhora vê alguma opção do corpo docente?

S.C.E.P.: Eu vejo. Nessa época, já havia e, agora, eu percebo isso. Por exemplo, outro dia, eu fui a uma reunião de currículo e percebi muito evidente essa visão. A tendência da Psicomotricidade dominou muito tempo o departamento. Até hoje, tem os seguidores veementes dela. Com a nossa vinda de São Paulo, quando terminamos o mestrado, trouxemos a abordagem desenvolvimentista, que foi a que fundamentou nosso estudo. Naquela época, começou-se a ver a defesa dessas duas abordagens, e o social também predominou durante muito tempo. Então começou a discussão entre dois grupos no departamento. Naquela época, começou-se a ver a defesa dessas duas abordagens, e o social também predominou durante muito tempo. Eu acho interessante que a Educação Física, para mim, tem nitidamente umas épocas. Uma época em que o movimento, a performance e o resultado... Independentemente até do que poderia acontecer. Depois, revoltados com isso, surgiu uma corrente social, tudo pelo social. Nessa época, eu me lembro que, em uma reunião de colegiado, eu falei: “Gente, daqui a pouco vai ser um pecado mortal se falar em movimento dentre desse departamento, só se tem que falar no social”. Realmente, as pessoas delegavam o estudo do movimento a um plano muito secundário, era o movimento a favor de alguma coisa. Educação Física estava sempre a favor do social, a favor da educação, sempre como um meio em si, e veio a abordagem desenvolvimentista, que foi muito mal interpretada às vezes, porque começaram a dizer que nós estávamos voltando a defender o movimento a qualquer custo, resultado a qualquer custo, só preocupação com a performance, e não é, de maneira alguma, mas também incluindo Mas a proposta não era esta, e sim considerar o movimento humano como objeto de estudo da Educação Física. É um movimento humano e não um movimento para aprender Matemática, um movimento para aprender História, um movimento para aprender Geografia, mas o movimento como um fim da Educação Física, considerando todas as características de crescimento, de desenvolvimento do ser humano. Então, não é o resultado a qualquer custo, mas é o desenvolvimento da qualidade do movimento, levando em consideração todos esses aspectos de crescimento, de desenvolvimento, em que época o ser humano está, como a criança cresce, como ela se desenvolve em seu aspecto cognitivo, afetivo e motor.

F.A.G.: As primeiras especializações foram da senhora, do professor Iran?

S.C.E.P.: Bom, vamos dizer assim: pós-graduação, especialização, mestrado e doutorado. Especializações a gente tentava fazer onde estava, porque não tinha nada na UnB para a gente fazer. Eu me lembro que a minha primeira especialização foi em Ciências do Esporte. A ESEFEGO de Goiânia ofereceu, o curso foi dado no CEUB e eu fiz esse curso no CEUB, Ciências do Esporte. Depois, eu não me lembro outros professores que fizeram especializações, mas nós fomos procurando o conhecimento de qualquer forma, onde aparecesse nós estávamos, não só eu como todos os professores daquela época. Os primeiros que saíram para o mestrado fomos nós: eu, o Iran e, depois, o Alcir, o Riehl e, daí para frente, todo mundo. Aliás, o primeiro foi o Cantarino, ele fez na Faculdade de Educação, na UnB. Foi o único que conseguiu fazer na UnB, porque, naquela época, os mestrados, até da UnB e de todas as faculdades, universidades federais, eles, veladamente, eram montados para qualificar as pessoas do seu local. Por exemplo, a Faculdade de Educação montou o mestrado para qualificar os professores da Faculdade de Educação, e na USP também, a Faculdade de Educação Física montou mestrado para qualificar seus próprios professores de Educação Física. Então, era muito difícil alguém de fora entrar. A gente tentava, tentava... O Cantarino tentou várias vezes até conseguir entrar na Faculdade de Educação aqui na UnB. Depois, a gente começou a sair. Eu fui, fiz o concurso lá na USP, consegui passar, o Iran também. Fomos os primeiros que conseguiram passar na USP, porque eles já tinham até qualificado quase todos os professores. Eu e o Iran, que saímos primeiro, o Alcir acho que saiu logo em seguida, o Riehl, também, ou saímos todos juntos, não sei, não me lembro muito bem se fomos os quatro juntos ou se fomos o Iran e eu o primeiro e, depois, foram o Alcir e o Riehl, não me lembro muito bem, mas eu fui primeiro.

F.A.G.: De certa forma, era até difícil de os professores saírem, porque a grade horária deles era muito grande.

S.C.E.P.: Era difícilimo sair, porque, quando a gente saía, alguém tinha que assumir o nosso trabalho, então os professores tiveram um papel muito importante na nossa formação, que foi esse, eles assumiram a nossa carga horária para que nós pudéssemos sair. A outra dificuldade, para mim extremamente difícil, foi que, naquela época, cortava-se o salário do professor para ele poder sair. Castigo... Hoje, dá-se bolsa. A gente tinha o salário cortado. Eu me lembro que, nessa época, eu me lembro muito bem, eu ganhava seiscentos reais, era um dinheirão. Seiscentos reais não, seiscentos mil não sei o que, nem me lembro a moeda que era na época. Eu saí ganhando cento e pouquinho, então meu marido teve que assumir a família inteira com o salário dele na UnB que, naquela época, era até muito bom, ele teve que assumir todos os ônus da família para que eu pudesse sair para o mestrado. Então, o mestrado... A gente ficou devendo demais. Ficou devendo para os professores que assumiram a carga da gente, para a família, e foi muito sofrido mesmo nosso processo de qualificação. Era muito difícil fazer esse mestrado. Os professores exigiam demais, era um doutorado de hoje. As teses de doutorado da UnB hoje não chegam perto das teses da nossa época na USP, porque foi muito difícil nossa qualificação. A literatura

toda em língua estrangeira e, na minha banca, tinha um professor da Psicologia, Fernando Lomônaco, que disse para mim: “A sua tese não é de mestrado, é de doutorado”. É claro que respeitando todas as proporções da época, “1800 e antigamente”, quer dizer, 1980 e poucos, mas foi isso. Mas a gente só saiu com o mestrado mesmo.

F.A.G.: Lá na UnB, a senhora percebe que a escola é meio deixada de lado pelos professores? Ela é o principal objeto de estudo? Como a senhora vê a escola, os vários ramos que tem, que a Educação Física trata? A escola, você acha que ela...?

S.C.E.P.: Hoje? É difícil, para mim, ter uma visão, porque eu não estou lá dentro. Falar disso é meio complicado. Eu não sei como eu te responderia essa pergunta.

F.A.G.: Quando a senhora era professora da UnB, se a escola era o objeto de estudo, era o norte do currículo ou se... A formação dos professores...

S.C.E.P.: A formação dos professores ou se a escola de ensino básico era o norte do curso? Se os professores trabalhavam para colocar seus alunos na escola ou nas academias? Eu percebo que, na minha época, era muito para colocar na escola mesmo. A gente fazia um estágio supervisionado todo baseado na escola, fazia um estágio nas escolas mesmo – a gente ia para uma escola da Fundação e lá nós fazíamos o estágio. Eu, pelo menos, percebo, se considerar o estágio, que era para a escola.

F.A.G.: Havia uma intenção do corpo docente também nessa formação da escola?

S.C.E.P.: Parece que sim.

F.A.G.: Os acadêmicos também ou não?

S.C.E.P.: Na época em que eu trabalhava, os alunos tinham muito interesse pela escola. Eu sempre conversei muito com os alunos, e eles sempre se formavam pensando em fazer o concurso para, na época era a Fundação Educacional, hoje Secretaria de Educação, eles faziam o curso pensando em se formar e trabalhar na Fundação Educacional. É lógico que trabalhavam em academias também, trabalhavam onde houvesse o mercado para eles. O mercado era bem amplo, então eles trabalhavam em todos os lugares, mas o principal objetivo, do que eu me lembro, era fazer concurso para a Fundação Educacional e ser professor da Fundação Educacional. Se você fizer uma pesquisa hoje, vai ver que nossos alunos, não vou dizer todos, porque é muito comprometedor, mas os que eu conheço estão todos na Fundação Educacional. Os que estão fora de Brasília, os mais antigos, da minha época, estão nas escolas ou estão em cargos de direção da escola, como a Secretaria de Educação. Só complementando, interesse por academia também havia e não havia preocupação nenhuma em relação à formação específica, porque... Parece que agora está havendo um movimento de só trabalhar em escola e de só trabalhar na academia, aquela questão de licenciatura e bacharelado, a UnB está toda se movimentando para isso, mas, naquela época, não, os alunos não se preocupavam muito. Havia dentro do então Departamento de Educação Física as duas formações, porque havia uma linha forte também de Fisiologia Cinesiologia, Biomecânica, havia professores fortes nessas áreas também. Então, a gente não pode dizer que a formação era só... Eu digo isso, porque eu acho que o professor tem que ser formado em todos esses níveis. Não é porque ele está na escola que ele não

tem que saber Anatomia, que ele não tem que saber Fisiologia, que ele não tem que saber essas matérias. Ele tem que saber e muito. O professor, em qualquer situação que ele está, para mim, ele é professor. É uma discussão antiga, mas eu considero que em qualquer situação que ele esteja, ele é professor e ele tem que ter uma sólida formação não só na área pedagógica como também nessa outra área chamada Biomédica. Não é por que está na academia que tem que saber Fisiologia não, ele está na escola, ele tem que saber muito Fisiologia também.

F.A.G.: Dos vários professores que estão lá que foram ex-estudantes, muitos estão em caminhos diferentes também. O professor Juarez, o professor Ronaldo, professor (inint) [00:20:36], eles estão voltados mais para a escola, mas tem a Professora Keila, o professor Jake que estão mais voltados para...

S.C.E.P.: São os mesmos professores da minha época. Quer dizer, a Rosana foi minha aluna, o Juarez foi meu aluno... Quem mais que está lá?

F.A.G.: Jorge, Alexandre...

S.C.E.P.: O Alexandre foi meu aluno. Você vê que eles têm uma fundamentação teórica nas duas áreas, uns mais na área pedagógica, mas eles têm uma boa formação para atuar em qualquer mercado, eu acredito. É, por isso, que eu acho esse negócio de bacharelado e licenciatura, essa discussão ferrenha que já data de muito tempo, desde a minha época de mestrado. O professor José Guilmar Mariz, que até escreve no livro coordenado por mim, ele já discutiu a questão do bacharelado, mas eu acho uma discussão meio que vazia, porque, qualquer ambiente em que o professor esteja, ele é professor, isso parece meio chavão, porque eles vão falar: “Porque a Solange é antiga e está fora da universidade que está dizendo isso”. Não é, ele é professor, ele tem que ter a responsabilidade de professor e ele tem que saber tudo que diz respeito a movimento, interferências no movimento. Não é porque é na escola ou na academia que tem que ser diferente. Aprofundar mais o conhecimento. Se ele tem uma base teórica em Fisiologia, Anatomia, tudo que diz respeito à escola, quando ele vai para academia, ele vai se aprofundar, vai estudar, vai fazer uma especialização, como muitos estão fazendo. Aliás, os alunos hoje estão procurando. Como os professores de Educação Física do Departamento da UnB procuravam formação, especialização e aprofundamento, hoje eu vejo todos os alunos falando em se formar e fazer especialização, em se formar e fazer mestrado.

Construção e vista aérea do Centro Olímpico (CO): campo de futebol, pista de atletismo e operários, além de um caminhão. Ao fundo, cerca e árvores.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-14>.

5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

A.B.S.: Eu me formei na Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás no ano de 1972. Fiz licenciatura em Educação Física nessa escola em Goiânia.

F.A.G.: Como o senhor veio para cá?

A.B.S.: Então, na época, em 1973, a Universidade de Brasília realizou um concurso público de âmbito nacional, com o objetivo de fazer a contratação de professores para criar o Departamento de Educação Física na Universidade de Brasília.

F.A.G.: O senhor sabe como surgiu a ideia do concurso aqui?

A.B.S.: A Educação Física na universidade ingressou inicialmente por meio da prestação de serviços à comunidade feita pelo Decanato de Assuntos Comunitários. Havia também uma necessidade de atender à legislação que, naquele momento, tornava obrigatória a prática da Educação Física em todo os níveis e graus da escolaridade. Então, todas as escolas superiores e todas as universidades foram compelidas a criar a Prática Desportiva para atender a todos os seus alunos, até a Educação Física no terceiro grau. A partir daí, construíram o Centro Olímpico e veio a ideia de criar um curso de formação de professores na área de Educação Física. Para isso, precisavam contratar professores para criar um departamento.

F.A.G.: Tinha prova específica?

A.B.S.: Inicialmente, veio o grupo de professores, foi criado o departamento, implantou-se o primeiro currículo de Educação Física na universidade, o primeiro curso com o currículo de então. Os primeiros concursos... Para os primeiros vestibulares havia prova específica. O candidato, além da prova de conhecimento que ele tinha que fazer, fazia uma prova de habilitação específica.

F.A.G.: O primeiro currículo como foi montado, as matérias?

A.B.S.: O primeiro currículo tinha uma grande influência da Educação Física que era chamada de Educação Física tecnicista, muito em voga nos anos 1970, porque, se não me falha a memória, a resolução que regulamentava a Educação, a nº 69 de 1969, tinha essa ideia de currículo muito direcionada à formação de tecnicista, muito criticada nos anos 1980.

F.A.G.: Tinham mais matérias relacionadas ao esporte?

A.B.S.: Tinha matéria relacionada a esporte, não é que hoje tenha menos. Acontece que o método, o enfoque no curso de formação era realmente voltado para a formação não do professor, mas para ensinar a fazer. Fazer o quê? Executar habilidades esportivas. Com as avaliações dos cursos, os alunos tinham que nadar, correr, saltar – os alunos do curso de Educação Física, os futuros professores. Eles eram avaliados pelas habilidades que eles tinham, pelo desenvolvimento das técnicas, dos fundamentos esportivos, isso mudou muito.

F.A.G.: Você acha que tirar a prova específica foi consequência?

A.B.S.: Na época do processo de solicitação de retirada da habilitação específica – inclusive eu estava na coordenação de graduação, eu fui o relator do processo nos órgãos colegiados –, a argumentação da retirada da habilidade específica era exatamente que ela media habilidades que não eram habilidades próprias do professor. O que nós deveríamos fazer era ensinar a ensinar, a formação que nós tínhamos que dar era de ensinar ele a ensinar.

F.A.G.: O curso começou como faculdade?

A.B.S.: Começou como Departamento de Educação Física. Na verdade, antes da criação do departamento, a Educação Física começou na UnB como serviço vinculado ao Decanato de Assuntos Comunitários. Se não me engano, era serviço de recreação e esportes, lá no Decanato de Assuntos Comunitários, que ficava na Administração Central. Depois, foi criado o departamento, em 1974, e, em 1977, foi criada a faculdade.

F.A.G.: Como foi esse espaço de tempo de criação da faculdade que demorou esse tempo todo?

A.B.S.: A estrutura da Educação Física no país vai variando de acordo com o local e com as instituições. Então, ela começou, na maioria das instituições, como departamento e foi crescendo e se transformando. Em alguns lugares ainda, em algumas universidades federais, talvez eu dissesse que em poucas, eu não sei quantificar exatamente como fica essa questão de departamento e faculdade, não é em todo lugar que a unidade de Educação Física na universidade é uma faculdade, foi um pulo que nós demos. Por exemplo, na Universidade de São Paulo, que é um dos cursos mais importantes do país, lá é uma Escola de Educação Física, não é uma unidade maior, é uma escola, como se fosse uma espécie de departamento dentro da estrutura da USP, Universidade de São Paulo.

F.A.G.: Você foi diretor do departamento?

A.B.S.: Eu fui chefe do departamento em dois mandatos: em 1979 e em 1983.

F.A.G.: Foi tranquilo?

A.B.S.: Naquela época, era um período de muito movimento político dentro da universidade. Foi na época da ditadura. Um pouco complicado ser chefe de departamento, porque era um cargo vinculado à reitoria. O chefe era nomeado pelo reitor, então o chefe estava vinculado ao reitor. Era meio complicado, muito movimento, muita resistência, muita divergência interna.

F.A.G.: Os estudantes também?

A.B.S.: Os estudantes, principalmente. Muita greve, muita invasão do campus com polícia, a sociedade tinha uma razão muito forte que alimentava os argumentos.

F.A.G.: O curso chegou a ter monografia?

A.B.S.: Nunca teve monografia, esse é um problema.

F.A.G.: Você acha que deveria ter?

A.B.S.: Eu acho que deveria ter. É um exercício muito... Quando nós mudamos da formação tecnicista para a formação mais acadêmica, deveríamos ter, na época, incluído essa questão da monografia, trabalho final de curso, mas a Resolução nº 13/1987, que veio substituir a Resolução nº 69/1969, não obrigava. Alguns cursos incluíram o trabalho final de curso dentro dos seus currículos, mas nós não, permanecemos sem esse trabalho.

F.A.G.: Em 1987, teve a possibilidade de ter um novo currículo?

A.B.S.: Em 1987, foi implantado um novo currículo. Surgiu uma resolução nova, a Resolução nº 13/1987, que substituiu a Resolução nº 69/1969, e a Educação Física, inclusive, é pioneira no Brasil, porque essa Resolução nº 13/1987 foi considerada um avanço dentro do Conselho, o então Conselho Federal de Educação. Foi o primeiro curso que quebrou aquela ideia de currículo mínimo.

F.A.G.: E a posição da Educação Física da UnB?

A.B.S.: Em relação a...

F.A.G.: Monta um novo currículo, mantém?

A.B.S.: Não. Montou-se um novo currículo, de acordo com a Resolução nº 13/1987, e é o currículo que prevalece até hoje.

F.A.G.: Tem a opção do bacharelado também.

A.B.S.: A opção do bacharelado, na época, nasceu morta dentro da resolução, porque ela permitia ao licenciado tudo, e ao bacharelado só permitia que ele atuasse na área de formação dele. A licenciatura podendo tudo, qual a escola que iria montar um bacharelado?

F.A.G.: Agora, com essas novas diretrizes, você acha que vai poder?

A.B.S.: Com as novas diretrizes, vai poder, inclusive nós estamos no caminho de fazer uma reformulação, provavelmente com os dois campos de formação aqui na UnB. Essa proposta deverá surgir, nós temos o prazo até setembro do ano que vem para poder fazer essa alteração.

F.A.G.: Em relação aos outros cursos daqui da área de Brasília, tinha muita...?

A.B.S.: Inicialmente, nós tínhamos só a Faculdade Dom Bosco, que tinha o curso de formação de professores que começou um pouquinho depois do nosso. Durante muito tempo, foram só esses dois cursos. Agora, a partir de 1998, depois de 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nova LDB, com o estímulo do governo federal à ampliação de vagas no curso superior, começaram a surgir muitos cursos, outras instituições oferecendo o curso de Educação Física. Agora, nós temos Alvorada, Unip, Católica – antiga Dom Bosco que virou Católica –, um outro curso agora que está me falhando o nome, mas temos quatro ou cinco cursos de formação de professor só dentro do Distrito Federal.

F.A.G.: Você acha que está atendendo à demanda?

A.B.S.: A demanda, quer dizer, está cada vez mais difícil para o formando conseguir emprego. Está muito além da demanda. Houve um tempo, no começo, nos anos 1970, em que era muito mais fácil ter concurso com mais frequência feito pela Fundação Educacional, porque era um bom empregador ainda, em termos do Distrito Federal, e essa coisa vai se fechando cada vez mais. O pessoal hoje está muito voltado para a prestação de serviços em instituições privadas de várias naturezas e, especialmente, nas academias, que é uma grande ilusão para o formando. Para mim, é um mercado muito restrito em oportunidades.

F.A.G.: No começo do curso, para onde que iam os formandos?

A.B.S.: A maioria ia para a Fundação Educacional ser professor em escola. O *boom* das academias veio nos anos 1990.

F.A.G.: Também aconteceu o retorno de muitos estudantes que voltaram a ser professores aqui na UnB.

A.B.S.: No nosso caso aqui, hoje, professores que não são os mais novos, jovens, a maioria é de ex-alunos nossos, formados aqui por nós.

F.A.G.: Como foi essa abertura? Porque antes, acho que até na UnB, tinha uma política de convidar os professores. A Educação Física abriu concurso?

A.B.S.: O que aconteceu foi o seguinte: nós começamos a abrir concursos. A grande dificuldade de um concurso é atrair gente de fora, porque, a partir de um determinado momento, todas as universidades do país, em termos de salário, foram todas igualadas, a chamada “paridade”. A paridade igualou todo mundo. Então, o sujeito não vai sair da sua cidade, do local onde se formou, onde vive, para vir a Brasília, que é uma cidade onde o custo de vida é muito elevado, para ganhar o mesmo salário que ganharia lá, e a universidade não oferece nenhuma vantagem. Então, o que aconteceu? Os nossos ex-alunos passaram a fazer os concursos e a serem aprovados nos concursos e a entrarem na instituição, passando a ser nossos professores.

F.A.G.: Professor, a produção científica aqui da Educação Física no período da ditadura, como era?

A.B.S.: No período da ditadura, a formação na Educação Física era muito mais ligada realmente ao esporte, e não havia uma cultura de pesquisa nos cursos em geral. A partir da Resolução nº 13/1987, de 1987 para cá, é que passou a se exigir, na formação do aluno, uma iniciação à ciência, científica, mudando aquela ideia daquele que faz e executa

a habilidade esportiva para aquele que pensa em como ele deve trabalhar, pensa em querer conhecer o meio, querer fazer pesquisa, em suma, desenvolvendo a curiosidade no formando de Educação Física. Agora, no início dos anos 1980, foi formado um grande número de professores brasileiros no exterior – os primeiros que saíram foram para doutorado – e, quando retornaram, no início de 1983, por aí, começaram então a se formar os cursos de mestrado e doutorado pelo país, os primeiros na Universidade de São Paulo, em Santa Maria, e começaram a proliferar os cursos de mestrado e doutorado, que era exatamente a forma como a Educação Física encontrou para produzir, produção acadêmica e científica, que estava muito concentrada nos cursos de pós-graduação.

F.A.G.: O senhor identifica que, a partir de 1987, começaram a vir os alunos para dar aula?

A.B.S.: Foi por aí, em 1986, 1987, com Jake, Keila, essa turma. A partir daí começou então (inint) [00:19:21].

F.A.G.: Aqui na UnB, já tinha o espaço físico para o curso?

A.B.S.: O espaço sempre foi esse. O Centro Olímpico já foi criado, houve uma melhora muito boa na administração do professor Iran, a partir de 1994, mas esse Centro Olímpico inclusive tem uma história a se confirmar – eu ouvi, mas não vi papel nenhum –, de que a ideia do governo militar, na época, era criar em Brasília um Centro Nacional de Treinamento para trazer para Brasília o treinamento de todas as equipes representativas do Brasil para Olimpíadas, competições internacionais, mas essa ideia acabou não vingando e eles começaram a construir o Centro Olímpico. Eles tinham intenção de vincular isso a uma universidade. Era época do milagre econômico – 1971, 1972 e 1973 –, então construíram o Centro Olímpico, essa pista de atletismo que nós temos abandonada já foi uma das melhores do país. Aqui, nós vimos competições em âmbito nacional e internacional, na década de 1970 – 1975, 1976 – até o início dos anos 1980, muito importantes.

F.A.G.: Os alunos acompanhavam, nesse período, e praticavam mais, o esporte era mais representativo para os alunos.

A.B.S.: É porque, no começo, nós tínhamos poucas instituições de ensino superior em Brasília. Realmente, nós tínhamos aqui a elite do esporte na Universidade de Brasília. Os meninos, os melhores jogadores das diferentes modalidades, a maioria deles era aluno aqui da universidade. Então, jogos, no Distrito federal, a gente ganhava todos. Agora, a gente precisa ganhar alguma coisa.

F.A.G.: Os professores eram vinculados à Atlética da universidade?

A.B.S.: O que aconteceu é que, no começo, nós tínhamos uma federação aqui que era a Federação... A FAUNB atual – o “n” do UnB, que no começo era minúsculo – então era Federação Atlética Universidade de Brasília (FAUnB). Depois, quando começou a aumentar muito o número de instituições, essa federação necessitou fazer mudança para que ela representasse o Distrito Federal. Virou Federação Atlética Universitários de Brasília, alguma coisa assim, manteve a sigla, o “n” ficou grande. Então, havia uma vinculação dos professores da faculdade com a Federação Atlética, tanto é que nós chegamos aqui

e todos éramos treinadores das equipes da universidade, dentro daquela visão de professores treinadores. Nós treinávamos as equipes, levávamos para as competições nacionais em universidades brasileiras, universidades do Distrito Federal... A federação funcionava aqui dentro da universidade.

F.A.G.: Professor, você está aqui há...?

A.B.S.: Trinta anos, quase 31.

F.A.G.: Como é que você vê o curso, essa trajetória?

A.B.S.: Olha, todos nós fomos crescendo aqui dentro, inclusive os mais antigos, e os mais novos trouxeram sangue novo e vieram também com uma bagagem e uma formação muito boa. Dentre os alunos que nós tínhamos, nós realmente selecionamos os melhores entre os que se candidataram às vagas. Todos eles que estão aqui dentro sempre foram alunos destaque dentro do então Departamento de Educação Física. Agora, eu acho que a gente tem que... É um caminho, é um processo, a gente tem que melhorar sempre, está sempre faltando alguma coisa. Eu acho que, na medida em que a gente vai associando o ensino, a extensão e a pesquisa, na medida em que a gente vai amadurecendo esse projeto, é uma coisa que, de médio a longo prazo, a gente vai melhorando cada vez mais. No país, nós não temos a tradição (inint) [00:24:42].

F.A.G.: No começo do curso, eram trabalhadas pesquisa e extensão?

A.B.S.: Não. Era mais ensino, dentro daquela ideia da formação tecnicista, e os professores foram melhorando a sua formação, a sua qualificação e a coisa foi, aos poucos, crescendo. A partir do início dos anos 1990, os mesmos professores que saíram para mestrado e doutorado começaram a voltar. Agora, mais recentemente, voltou o Cesar, o Iran foi e voltou em 2004 – 2004 não (inint) [00:25:47] –, e nós também começamos a implantar as pós-graduações *lato sensu*, os professores começaram a atuar muito na orientação de alunos e em monografias de cursos de especialização. Isso poderia estar bem melhor se nós já tivéssemos adotado o trabalho final de curso desde sempre, lá em 1987, 1988, 1989. Esse currículo que nós estamos (inint) [00:26:23] foi implantado em 1988, 1989, por aí.

F.A.G.: O senhor disse que teve uma época em que o pessoal da Educação Física foi para fora fazer mestrado e doutorado. A UnB foi contemplada com algum desses professores?

A.B.S.: Não, nenhum, porque não saiu nenhum daqui na época. Poderia até ter saído, mas não saiu. Eu sei que houve umas tentativas por parte de alguns professores, na época, de sair, mas não conseguiram. Como sempre, tem aquela impressão de que as Regiões Sudeste e Sul foram privilegiadas no primeiro momento e foram então mais professores de São Paulo, do Rio Grande do Sul. Na época, foi um aqui de Brasília que não pertencia à UnB e, hoje em dia, não é nem professor universitário. Não foi ninguém daqui da UnB. Isso, provavelmente, retardou um pouquinho esse processo nosso.

F.A.G.: O professor Vilmar...

A.B.S.: O Vilmar entrou aqui em 1989.

F.A.G.: Ele já tinha uma especialização?

A.B.S.: Não. O Vilmar foi o primeiro professor de fora, pós-graduado, contratado por nós. Ele era da área de Fisiologia e ele fez um mestrado na universidade em Pernambuco e veio para cá em 1979. A vinda dele foi muito importante, porque, inclusive, nós criamos o primeiro curso de especialização em 1983, o que foi muito bom naquela época, e ali surgiram os primeiros trabalhos de pós-graduação feitos aqui, por professores aqui da faculdade. Eles fizeram o curso, inclusive eu fiz o Curso de Especialização em Fisiologia do Exercício na época, aqui oferecido por nós.

F.A.G.: Tem a Professora Vera (inint) [00:29:17].

A.B.S.: A Professora Vera teve um papel muito importante aqui conosco. Ela também já era pós-graduada – ela veio um pouco mais tarde, era da época de 1985, 1986, acho que ela esteve conosco aqui entre 1986 e 1989, 1990, no máximo. Foi ela – inclusive, na época, era coordenadora de graduação – que fez essa reforma curricular que deu um grande salto, baseada nessa resolução de 1987, uma grande contribuição. Na época, nós tivemos bastante... Houve uma mexida boa, porque ela trouxe sangue novo, ideias novas, instigou muito e estimulou o pessoal a se mexer, a trabalhar nessa área de pesquisa, então foi importante a atuação dela, marcante.

F.A.G.: A professora que recentemente faleceu, a Laura...

A.B.S.: A Professora Laura era uma pioneira, uma fundadora, muito querida. Uma professora que foi muito importante para nós, porque ela era muito querida pelos alunos e ministrava uma disciplina de início de curso, a Ginástica, e, na época, ela abria a porta do curso para os alunos. Dava, inclusive, noções muito boas para a atuação profissional dos ingressantes e dava umas pinceladas de iniciação para despertar a curiosidade acadêmica dos estudantes.

F.A.G.: Quem o senhor identifica como os primeiros que vieram dar aula?

A.B.S.: São realmente os pioneiros... (inint) [00:32:00]. Tudo isso que nós temos aqui agora.

F.A.G.: No primeiro concurso, quais foram os professores que vieram para cá?

A.B.S.: Na época? Eram sete professores. Veio o Cantarino, que é nosso primeiro, o líder de pessoal de fora, o Riehl, a Maria Rute, eu, a Maria Helena, a Laura e o Sílcio. Eram sete professores os primeiros.

F.A.G.: O professor Iran...

A.B.S.: O Iran também veio junto, logo em seguida desses, questão de dias. O processo do professor Iran foi um pouco diferente, mas ele veio na mesma época.

F.A.G.: Vocês tinham o curso pronto ou vocês começaram a formar?

A.B.S.: Não, o curso não estava... Antes desse grupo que chegou, tinha um grupo aqui dentro, exatamente esse pessoal de 1969 vinculado à DAC. Ainda temos hoje, como remanescentes desse período, o professor William, professor Renato, Professora Solange, todos professores novos, a Professora Maria Rute... Todos esses fizeram concurso, mas quem obteve classificação para ser contratado inicialmente como professores colaboradores foram esses primeiros, que depois então passaram a ser professores do quadro e não

professores assistentes. Os outros foram o pessoal que começou esse processo ministrando aulas de Prática Desportiva para a universidade no então Serviço de Recreação e Desporto, no Decanato de Assuntos Comunitários.

F.A.G.: Vocês vieram para cá e continuaram o processo de formar o curso?

A.B.S.: Esse grupo veio aqui exatamente para criar... A primeira coisa que eles tinham que ter era um corpo docente, formar um grupo de professores, porque esse pessoal aqui era considerado um pessoal técnico administrativo. Precisava de um corpo de professores. Criaram o corpo de professores e abriu-se a condição de ser criado o então Departamento de Educação Física.

F.A.G.: Professor, tem algo que queira falar sobre o curso?

A.B.S.: Não. Eu diria que, ao longo desse tempo todo, nós tivemos algumas lideranças muito importantes, como a do Cantarino. Nosso primeiro chefe foi o Coronel Bettero, que era então militar do Exército e, depois, foi chamado à Universidade de Brasília. Na época, o governo era militar, o reitor era militar e então trouxe um militar para poder... Ele estava vinculado à reitoria e tinha, vamos dizer assim, o apoio da reitoria para fazer esse trabalho. No primeiro momento, ele recebeu apoio dos professores – que eram professores, mas que eram técnicos administrativos –, mas que, com o decorrer do processo... Eles começaram a fazer algumas coisas no caminho de apresentar um projeto de formação de professores, mas, nesse caminho, teve o concurso. O concurso então contratou os professores e esses professores assumiram esse trabalho, essa tarefa. O primeiro líder que surgiu no grupo foi o professor Cantarino, que liderou tudo.

F.A.G.: O Coronel Bettero foi o primeiro chefe e depois veio o Cantarino. O que aconteceu com ele, saiu?

A.B.S.: O Cantarino teve dois mandatos e não podia ser reconduzido a mais um mandato, aí eu entrei de 1979 a 1983.

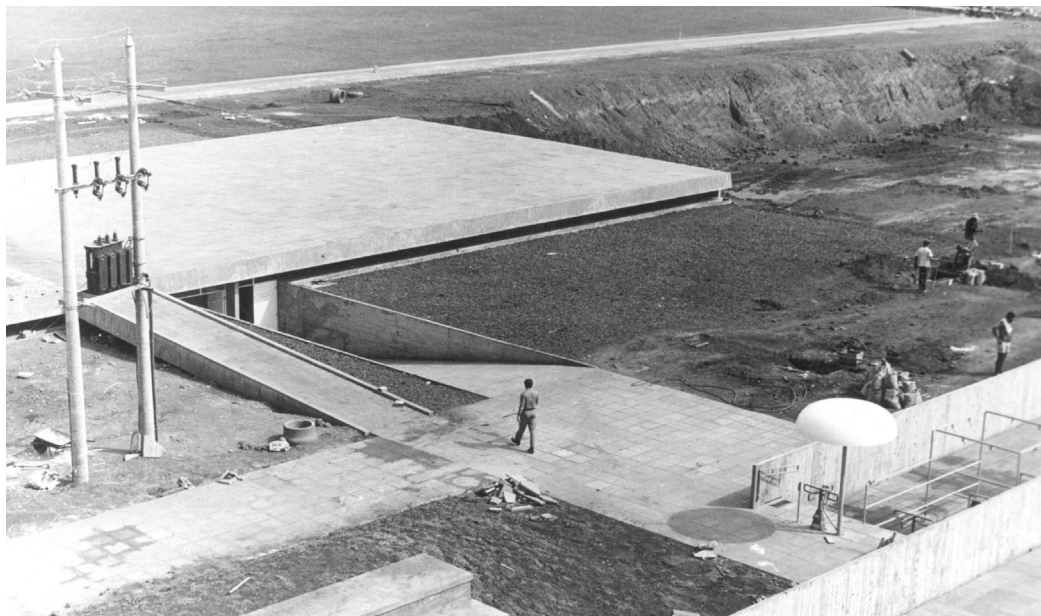
F.A.G.: Eu digo o Coronel Bettero, ele saiu?

A.B.S.: O Coronel Bettero resolveu ir embora. Na época, ele foi para a reserva, tinha que tratar de interesses familiares e foi para o Espírito Santo. Ele abandonou... Está vivo e produz até hoje.

F.A.G.: Pode-se dizer que ele teve alguma (inint) [00:06:17] com o que os professores faziam?

A.B.S.: Ele tinha um projeto em mente. O projeto dele estava de acordo com... O projeto da Educação Física na universidade era um projeto que pertencia à Universidade de Brasília sob comando da Reitoria. Havia uma visão tecnicista muito forte, era a visão da época mesmo. A ideia da Educação Física é exatamente que é uma fábrica de sorrisos. Ele, inclusive, usava uma expressão desse tipo (inint) [00:07:06]. Não havia essa ideia mais acadêmica. Essa ideia acadêmica é mais recente.

Construção do Centro Olímpico (CO). Vista aérea da entrada do vestiário do CO durante construção, com operários trabalhando. Ao fundo, campo de futebol.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-13>.

6. Professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*) (M.H.S.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

F.A.G.: Onde foi o seu curso de formação, professora?

M.H.S.: Foi em Goiás, em 1962, 1965. Fiz Educação Física.

F.A.G.: Em que período a senhora começou na UnB?

M.H.S.: Em 1974. Foi um concurso da época.

F.A.G.: Que matérias a senhora ministrou?

M.H.S.: Voleibol, um pouquinho de Basquete e depois Estágio. Todos nós trabalhamos na Prática Desportiva.

F.A.G.: Como era a estrutura curricular na época, (inint) [00:00:56] a maioria das disciplinas?

M.H.S.: No começo, em todo o Brasil, eram matérias mais práticas. Muita prática e algumas disciplinas da área biológica, didática, mas pouca coisa. Na UnB, já tinha mais conteúdo, (inint) [00:01:23] outros departamentos... O conhecimento era muito pouco da Educação Física, no mundo todo. Alemanha, França já tinham um conteúdo mais profundo, mas o resto do mundo tinha muito pouco conteúdo. Então, não tinha como você buscar,

não tínhamos livros no Brasil e os militares ainda, para atrapalhar, proibiram a importação, acho que de modo geral, mas atingiu os livros também, porque a gente buscava livros, a gente traduzia. Quando eu vim para Brasília, não tinha um único livro no Brasil escrito por brasileiros, tinha um único livro de um militar que eu esqueci o nome dele agora, Luiz Gonçalves, mas era só definição das qualidades físicas e acho que, no mundo, tinha muita pouca coisa para ler, coisas que nós não tínhamos acessos, acredito que, em alguns países, um pouco mais. Então, era mais em cima da prática.

F.A.G.: A senhora deu aula até que período?

M.H.S.: Até 1991, no início de 1991.

F.A.G.: A senhora viu algumas mudanças em alguns períodos?

M.H.S.: Não. Houve muita mudança, porque quando... Essa parte que eu descrevi agora foi quando entramos. Depois, nós mesmos já começamos a valorizar, buscar dentro da própria universidade, em outros departamentos, oferecer as outras disciplinas para complementar. O professor Cantarino foi muito dedicado a estudar essa parte. Depois, houve uma proposta de mudança de currículo e, quando eu saí, era o primeiro ano em que se estava implementando. Foi um currículo muito avançado, pelo menos teoricamente, eu mesma achei que ele era muito avançado para o nosso conhecimento na época. Não sei como funcionou, porque a gente já viu, daquela ideia de muita prática (inint) [00:03:42], a gente começou a ver a necessidade de conhecimento de Filosofia, de Sociologia, um embasamento, uma fundamentação mais ampla e realmente mais verdadeira, porque tudo que a gente faz, a gente às vezes não sabe, mas fazemos dentro de um princípio. De princípios, aliás, que às vezes a gente nem vê que está trabalhando com eles. Isso, para nós, era ainda, no início, muito desconhecido. Depois que nós começamos a refletir também com esse lado político que a universidade passa muito, a gente começa refletir mais, e essa ideia dessa mudança de currículo veio de um grupo de professores que estavam também muito imbuídos da necessidade de ter um ponto de partida mais filosófico. Começou a circular no Brasil essa proposta de mudança, até que conseguiram que realmente fosse discutida uma mudança. Nós fizemos a discussão, montamos um currículo e não sei como funcionou depois. O último ano que eu lecionei foi o ano de começar a entrar nessa ideia desse novo currículo.

F.A.G.: Professora, como você viu as primeiras especializações do corpo docente, os professores que saíram e voltaram com mestrado?

M.H.S.: Olha, era muito complicado fazer alguma coisa nova dentro da universidade. Nós éramos muito limitados, porque, no período militar, as coisas eram muito simplificadas em termos de gastos. Nós tivemos um professor que demorou muitos anos para conseguir dar um curso, o professor Vilmar, mas eu acompanhei a grande luta dele, uma extrema luta para conseguir dar um curso de especialização. Depois, os outros foram voltando, mas em uma época muito tumultuada pela política. Até quando eu saí, houve muita pouca coisa de retorno. Houve um grande retorno na mudança pela divisão da Educação Física pelos próprios professores, mas, em termos de ampliação, de mais cursos, de mais trabalhos,

eu reconheço que era uma coisa muito difícil. Hoje, depois que eu saí, parece que houve muito trabalho com a comunidade. Até essa época, era difícil, porque você tinha que ter um funcionário, tinha que ter mais alguma coisa e não tinha jeito. Então, às vezes, você queria oferecer alguma coisa para a comunidade e não tinha como, porque era tudo muito cercado. Mas eu acredito que depois, eu estou afastada há mais de dez anos, os professores como o Alcir, a Solange, que depois também se aposentou – Solange aposentou pouco depois de mim, mas, de qualquer forma, não interessa (inint) [00:07:04] a Educação Física em um outro local –, tenham realmente dado novo rumo, pelo menos tentado.

F.A.G.: Havia alguma área que, de certa forma, a senhora foi tentada por esses mestres, alguma área da Educação Física?

M.H.S.: O conhecimento talvez mais forte, pelo que eu via em conversas com colegas, que foi uma coisa nova (inint) [00:07:32] Brasil veio como uma coisa muito simples, tentando com dificuldade buscar o conhecimento de outros países, mas veio o conhecimento de uma fundamentação. A gente trabalhava muito em cima de métodos, esporte, mas sem conhecer muito o ser humano, e aí veio a parte que somente o Alcir é especialista e todo esse trabalho em cima da atividade física infantil, (inint) [00:08:07] motora e essa parte também, com toda essa parte política que o Brasil atravessou, a gente começou a ver que a gente sempre trabalha sobre umas determinações que, às vezes, a gente não percebe. Acho que isso também abriu muito a cabeça dos professores, porque foi uma época em que se começou a pensar muito. Mesmo não tendo grande conhecimento de Educação Física, a gente era levado pelo todo a refletir, porque a Educação Física, até então, era de origem militar com todo mundo (inint) [00:08:45] e obedecia a aquela formação. Preocupava-se muito com a parte de morfologia do corpo, tinha uma parte grande da aula que era dedicada a isso, e alguns aspectos também psicológicos que acho que até hoje eles menosprezam e esqueceram, mas que eu vejo o valor dele lá atrás, que era o companheirismo, toda essa parte humanizadora da atividade física, mais socializadora... Aqui, depois partiu muito para a Educação Física em cima do esporte. Com a história das Olimpíadas, ficou muito em cima do esporte, mas, de qualquer maneira, não adianta a gente lutar contra o modismo. Está aí um outro modismo, que é a musculação, a perfeição física.

F.A.G.: A Educação Física, ela sempre formou o licenciado na UnB, até porque não tinha outra carreira a ser feita na universidade. Só depois de 1987 que surgiu um bacharelado. A senhora vê que a escola sempre foi o norte da UnB ou a questão de ter mais disciplinas – de Fisiologia, (inint) [00:10:04] – acabava fazendo com que o acadêmico fosse para outras áreas?

M.H.S.: Não. Eu acho que os nossos alunos sempre valorizaram. Tivemos uma época em que, de modo geral, os alunos fugiram da universidade. Tínhamos pouca procura em vários cursos da UnB, mas acho que os nossos alunos sempre valorizaram. Só que o aluno também valoriza de acordo com o que está presente para ele no mundo. Se é o esporte, é o esporte. Agora, tem todo esse modismo de fazer musculação. Então, de um modo geral, acho que nossos alunos sempre tiveram bastante o idealismo, que eu acho que é o principal.

Não adianta você ter uma boa formação, uma boa escola, se você não tiver essa molinha do idealismo para servir ao seu aluno e fazer o melhor por ele.

F.A.G.: Por parte dos docentes, a senhora percebe que tinham a intenção de formar o professor para a escola?

M.H.S.: Tinha sempre. Até quando eu saí de lá, era em cima de formar o professor para a escola. Era uma discussão grande... Eu era favorável, houve muita resistência a ter principalmente essa separação entre a formação do professor e as outras possíveis formações, porque assim como o mercado... Surge um mercado em um determinado trabalho, surge um interessado, e o aluno vem, não quer nada com aquilo, fica ali se aborrecendo com determinadas disciplinas, com determinadas colocações dos professores, porque ele veio buscar aquele outro conhecimento. Hoje, nós trabalhamos muito em cima da coisa do futuro material. A minha geração foi uma geração mais idealista, porque o jovem também não se preocupava muito com roupas, com carros, era um outro ideal, uma outra cabeça, tinha aquelas preocupações de casar, formar uma família, ter uma profissão, e não havia muito essa busca, pelo menos no meu meio, de muita coisa material. Hoje, não, todo jovem quer ter um carro, um casaco de couro, quer ter muito dinheiro pra gastar nas boas... Então, a gente não via muita profissão com isso, era uma coisa mesclada nos seus ideais de vida: casar, ter a sua moradia, seus filhos, aquela coisa mais simples, pelo menos em... Acho que em todo Brasil, mais nessa parte aqui, Goiás, ainda na época interiorana. Hoje, já acho que o jovem pensa muito no que representa a profissão como retorno material na busca daquelas coisas que hoje tem muito valor para ele. Para você ver, eu fui ter carro depois dos 30 anos, então não estava nem um pouco preocupada em ter carro, só fui buscar um carro quando houve necessidade dele e, até hoje, para mim, um carro só serve para me levar de um lado para o outro, não tem nenhum outro valor além desse, diferente de hoje.

F.A.G.: Professora, como é que a senhora vê... Como surgiu o curso na UnB?

M.H.S.: Na UnB... a Solange talvez tenha falado, porque ela estava lá antes. Me parece que a ideia que eles passaram para nós... Primeiro, eles montaram a Prática Desportiva e, depois que já tinha um grupo de professores fazendo a Prática Desportiva, eles partiram para montar o curso. Foi quando houve o concurso, então sete professores: eu e o Alcir viemos de Goiás; o Lira e outros de Minas; Cantarino, um pouco mais à frente, do Espírito Santo. Trazíamos também um pouquinho de diferença de formação. Essa formação em Minas era uma formação boa. Laura foi uma pessoa muito importante em uma nova ideia de Educação Física para aquela época. A gente ainda vinha muito... Cabeça bem simplificada de esporte, os métodos antigos e ficamos de... Reunimos, o Cantarino era o cabeça, a pessoa que tinha realmente mais competências, mais interesse de buscar o currículo de outras escolas, montou-se um currículo e trabalhamos bastante tempo, até que depois começamos a discutir... O mais importante que eu acho que houve dentro da UnB é que você tinha liberdade de trabalho, apesar de tudo, é interessante dizer isso, nós tínhamos muita liberdade. Por exemplo, na escola de Goiás, você tinha até as épocas marcadas: tal dia é o dia de uma prova prática, tal dia é o dia de uma prova teórica. Então, o

seu conteúdo também obedecia a uma sequência obrigatória, porque senão você chegava naquele período e não podia... Aqui na UnB, não. Foi uma surpresa para mim. Você tinha liberdade de fazer as provas, as avaliações quando você quisesse, com conteúdo também você tinha liberdade de trabalhar, o seu trabalho era seu. Sempre houve muita liberdade e isso permitia a gente explorar novos métodos, novas ideias, mesmo quando você não tinha embasamento teórico vindo de outros lugares, você podia experimentar. A gente ia a alguns cursos internacionais que tinham naquela época em Santos e trazia ideias de professores que vinham de outros países, e, na universidade, você tinha liberdade de experimentar. Eu fui uma grande experimentadora e também muito criticada. Experimentar coisas novas... Mas eu acho assim: não é importante aquilo que está no papel, o conteúdo, as disciplinas... O importante é a forma como você é, como vê o ser humano e como trabalha. Acho que houve uma grande evolução nossa. A gente começou do jeito que nós éramos na verdade, em uma sociedade mais contida, mais cheia de regras e, depois, dentro da universidade, nós vamos evoluindo nisso também. Não adianta você falar, falar, falar, se posicionar de uma forma filosófica muito bonita, teórica, mas a prática ser outra. Não adianta a sua mãe, por exemplo, se for dar uma aula, vamos supor que ela seja professora, e defenda (inint) [00:18:05] e, lá na sua casa, ela é totalmente diferente na forma como conduz a educação dos filhos, o comportamento dela. Isso, pra mim, é a coisa principal. Eu tive a oportunidade... Meus filhos foram educados em uma escola muito moderna (inint) [00:18:22], eles foram de uma época também, acredito, talvez muito inovadora, a diretora tinham uma cabeça muito livre, muito idealista, muito segura do que ela queria, e eu comecei a ver a diferença, a comparar e ver a diferença... Porque, às vezes, o método chegava a dar um contraste com a forma como eu tratava meus filhos e aquilo eu comecei a perceber que não é a teoria, não é o que você faz naquele momento, mas é você na vida. Inclusive, eu mudei muito com os meus filhos em função do que eu tinha vivido, porque eu vim de uma família, de uma formação, como era em toda minha época, muito autoritária. A gente tinha um sistema de conduta. As mulheres, então, não podiam sair daquilo, e os homens também tinham suas grinhas de conduta. A sociedade, enfim...

F.A.G.: As próprias matérias da faculdade.

M.H.S.: Sim, todo comportamento da gente com os professores, dos professores com a gente... Depois, quando os meus filhos foram estudar lá, eles faziam reuniões quando percebiam que havia um certo choque, faziam reuniões com os pais. Fui começando a perceber o quanto é importante esse nosso dia a dia. Então, eu acho que verdadeiramente é isso, aquilo que nós realmente temos no nosso dia a dia como nossa política – nós estamos vendo. As pessoas estão lá, porque nós votamos nelas, nas cinco mil prefeituras do Brasil, aquelas pessoas que votaram naqueles prefeitos e naqueles outros representantes conhecem aquelas pessoas, eles sabem que elas são desonestas e eles continuam votando nelas. Nós continuamos votando neles, então, quer dizer, isso tudo é nossa expressão e isso ocorre em tudo, também na nossa prática, na nossa prática diária de atividades, assim como professor, como pais, como comerciantes, como profissionais.

F.A.G.: Professora, a senhora foi chefe do departamento. Como foi esse período em que vocês eram da Faculdade de Saúde, como era essa disputa?

M.H.S.: A minha época foi terrível. Primeiro, eu não tinha nem talvez perfil para ser chefe de departamento e nem desejo. Eu sou exatamente o oposto dessa coisa, mas eu fui empurrada para amenizar uma situação de um grupo. Formaram-se dois grupos e aquilo foi muito ruim, e fui empurrada porque eu não era, até então, (inint) [00:21:30]. Foi muito tumultuado, porque foi a época do final da ditadura e eu já tinha dentro de mim umas posições um pouco diferentes, mas os meus colegas estavam comungando com essas posições e a gente tomou uma posição diferente. Não é que eu tenha liderado, era a vontade da maioria, e eu tive coragem de me posicionar como representante deles. A Faculdade de Saúde tem uma filosofia diferente. Os médicos têm uma formação – acho que até hoje não deve ter mudado muito –, têm um posicionamento e acho que eles também não entendiam a gente. Às vezes, até notava boa vontade deles quererem nos inserir, discutir nossos assuntos, mas eles não conseguiam captar e tinham muitos problemas também. Nas poucas reuniões que eu fui... Foi uma época muito tumultuada e nossa formação de Educação Física no Brasil, em vários lugares ou em quase todo mundo, ela, até então, era a mesma da área da Educação e isso fugia totalmente do conhecimento e do interesse deles. A parte política, então, estava fervente... Eles eram da posição, pelo menos o pessoal que dirigia. Foi muito tumultuada a minha época e eu tomei umas posições assim também muito... Para mim, não estranhas nem radicais, mas talvez aos olhos de outros. Eu já tinha todo esse posicionamento, já tinha passado toda essa história que estou contando para você, já eram reflexões de muito tempo. Eu só fui aprender um pouco de política, entender o quanto a política influencia nosso dia a dia, dentro da UnB. Eu não tinha essa formação, fui formada para me casar, ter filhos, fui uma das primeiras mulheres da família a estudar, trabalhar, tudo dentro daquela época em que as mulheres começaram a mudar de posição, fui dessa época. Então, minha formação era toda diferente, e comecei a ver tudo, a ver como nós somos influenciados por coisas que a gente não tinha conhecimento (inint) [00:24:26], como muito brasileiro está tomando conhecimento agora do quão é importante você vacinar o boi. Você não pode nunca ter pensado em criar um boi e ter uma fazenda, mas não vacinar o boi vai ter uma repercussão na sua família, nos seus problemas do dia a dia. Isso foi muito positivo para nós todos, eu acredito.

F.A.G.: Tinha algum interesse do corpo docente em sair da Faculdade de Ciências da Saúde?

M.H.S.: Tinha, sempre teve, sempre fomos corpos estranhos, tanto nós para eles quanto eles para nós, mas havia sido colocado lá dentro. Na verdade, eu acho que a gente funcionava lá independentemente e eles também não sabiam como opinar. Eu sentia isso nas reuniões. Quando a gente colocava um problema nas reuniões, eles ficavam assim... É como você estar aqui em uma discussão importantíssima dos seus problemas de vida e vem outra coisa totalmente diferente, e você nem pode parar, porque está cheio de problemas. A meu ver, foi se empobrecendo tudo, materialmente, e cada vez mais tolhida foi ficando a

universidade, quando chegou no final da ditadura militar. Então, isso trazia uma série de problemas. Eu me lembro de um dia, de vez em quando eu me lembro disso eu fico rindo, estava faltando tanto dinheiro que eles não estavam tendo dinheiro para o Biotério. A discussão foi engraçada. Eu, de fora, via aquilo como que numa tela, igual você vê num filme. Eles discutiam: “Meu Deus, como vamos fazer com os animais?” Um disse assim: “Soltar, matar os animais? Ninguém vai querer matar os animais? Soltar os animais? Às vezes, o animal está infectado.” Agora você veja essa discussão tão particular e tão estranha. Não é sobre não ter dinheiro para manter os bichinhos do Biotério e o que fazer com os bichinhos. O respeito deles com aqueles animais e com o que fazer. Se não tinha como tratar, morriam de fome, seria difícil para eles ver os bichinhos morrer de fome, assim como matar os bichinhos também seria difícil. Quando me lembro disso, da ironia da situação... Havia muitos problemas, fora outros problemas... Por isso, a gente não conseguia sair muito do lugar, porque as cabeças não estavam lá, não tinham conhecimento da problemática e não estavam interessados, ainda mais no final. Estavam interessados em saber como é que iam sair da situação, como iam ficar. Imagina a mudança que foi, como é sair de um sistema político para outro. Foi muito tumultuado meu período lá, muito sujeito a críticas. Acho que grande leque foi o político mesmo, o resto... Os professores receberam convites e eu falei: “Vamos que (inint) [00:27:46] sem chefe.” Era uma sistemática complicada para um professor sair. Era discutido aqui, discutido ali e, no final, recebia a mesma informação de que só podia sair 2% do corpo docente – 2% era 1,5%. Não podíamos contratar professor para cobrir, não tínhamos dinheiro, era inadmissível gastar dinheiro... Então, tinha que um assumir a carga horária de outro. Não é nem essa questão de quantidade de aulas, mas é que, às vezes, até os horários não têm jeito de você compor com poucos professores. Eu sei que vários professores foram admitidos, a USP prestigiava muito a UnB. Foi o primeiro mestrado do Brasil e eles queriam que todos da UnB fizessem mestrado. Eu tinha uma grande amiga lá que estava liderando – ela fez no exterior e voltou –, talvez um nome no Brasil que puxou essa área para evolução, a Ana Maria Pelegrino. A ideia desse (inint) [00:29:03] era que todo mundo fizesse um mestrado em Educação Física na USP para poder crescer o Brasil com sua Educação Física. Eu sei que, nessa época, vários professores quiseram ir, foram admitidos, e eu dizia: “Então vai”. Não tinha como discutir, estava acéfalo, e isso foi uma coisa de muita crítica. Eu falei: “Enquanto está em tumulto, vai. Se depois voltar ao normal e eles não aceitarem tantos afastamentos...”. Isso empobreceu o ensino em si, mas eu via mais à frente. Fui muito criticada e espero que tenha valido à pena. Eu mesma não pude fazer mestrado, porque eu tinha uma situação de vida muito difícil, fiquei sozinha com os filhos, e o salário nosso era talvez metade do que é hoje. Eu sempre fui muito apegada aos filhos. Esse meu filho que adoeceu, estou grudada nele dia e noite. Esse ano ele está bonzinho. Nisso, eu desisti. Eu também tinha bens, tinha fazenda, gado, então eu decidi encerrar com a Educação Física e me dedicar a isso. Mas eu acho assim... Era o meu sonho profissional, e acredito que era o sonho de todos nós, evoluir, mesmo aqueles que não... Quando surgia uma oportunidade, eu achava que nós tínhamos que vencer tudo, desobedecer mesmo,

porque era uma coisa assim de obediência terrível e aquilo me irritava terrivelmente. Eu não sou muito careta nessa parte não. “Não, é só 1,5%”. Aí eles conseguiam... Já que não pode partir um no meio, dois. Mas aconteceu que um dia eu encontro uma colega da Psicologia, estava começando o curso de Psicologia na UnB e era muito fraquinho. Passaram-se os anos, e eu nem liguei mais para a Psicologia, enquanto a chefe, a gente se via nos debates (inint) [00:31:30] da Psicologia. Por acaso, paramos para bater um papo informal e ela me disse: “Como está o crescimento lá?” Eu falei: “Estamos tentando, vai um, vai o outro, e da Psicologia?” Ela falou assim: “Olha, agora estamos partindo para o doutorado, porque queremos ser...”. Eles já eram uma faculdade, eu acho, e queriam passar a ser um instituto. Aquilo foi um choque para mim, pois nós começamos muito mais forte... (inint) [00:32:00]. Na Alemanha... Eu falei: “Mas como sem dinheiro?” Ela falou assim: “À convite, para ficar hospedado na casa de outros colegas. Quando eles percebem que nós... A nossa necessidade, a nossa precariedade, eles convidam”. Então, todos já tinham feito mestrado e estavam partindo para o doutorado. Eu fiquei: “Como estamos atrás”. Aquilo foi um choque para mim. Quando surgiu essa oportunidade de fazer loucura, todo mundo... Mesmo sabendo... Isso foi muito criticado, mas falei assim: “Tem que ser como eles, fazer tudo”. Imagina o professor sair daqui sem dinheiro, imagina o nosso dinheiro na Alemanha? Passar até necessidade para crescer. Foi assim uma história...

Atividade de extensão: Atletismo (Cooper) – Centro Olímpico (CO) Em primeiro plano, dois homens em trajes esportivos caminhando num campo em sentidos contrários cumprimentam-se. Em segundo plano, mais pessoas fazem caminhada/Cooper. Três pessoas recostadas no alambrado que delimita o campo; arquibancada à direita; bonita paisagem ao fundo.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtOM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00036-08>.

7. Professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) (M.R.C.F)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

M.R.C.F.: Bom, eu fiz meu curso de Educação Física na Escola Nacional de Educação Física e Desportos na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Eu entrei em 1959, 1960 e, em 1961, eu me formei. Hoje, essa instituição passou para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas o nome inicial dela era exatamente Escola Nacional de Educação Física desde a Universidade do Brasil que foi criada em 1939.

F.A.G.: Com o esforço do Gustavo Capanema?

M.R.C.F.: Na época do Gustavo Capanema, exatamente.

F.A.G.: Como que o senhor veio para a UnB?

M.R.C.F.: Houve um concurso público em âmbito nacional para formação do corpo docente do curso de Educação Física que estava se iniciando na Universidade de Brasília. Então, diante desse edital, vários professores de vários cantos do Brasil se inscreveram e fizeram esse concurso. Eu me lembro até do próprio Nuno Cobra, hoje famoso e que foi preparador físico do Ayrton Senna, um dos companheiros e participantes desse concurso.

F.A.G.: Ele não passou?

M.R.C.F.: Não. Dentro desse concurso houve análise de currículo e planejamento de uma aula prática. Então, nós ministramos aula prática. Todos nós fizemos esse concurso e formou-se o quadro para o Departamento de Educação Física. O mais curioso disso tudo, e que eu não sei responder o porquê, é por qual razão a UnB fez um concurso público, já que a prática da UnB na época era a contratação, não havia concurso. Você apresentava um professor, o currículo do professor ia para análise em uma reunião de colegiado e era aprovado ou não. Então, não havia essa ideia de concurso público. A ideia de concurso público só surgiu depois que a UnB foi equiparada às outras universidades, porque ela era como uma fundação, ela tinha certa autonomia, e o professorado era CLT, não era estatutário, então não tinha registro de carteira. Então, qual a verdadeira causa desse concurso para a Educação Física? Eu não alcancei até hoje a razão de ser isso. Tenho minhas dúvidas e minhas hipóteses, mas não tenho nada comprovado. Houve um concurso, fomos aprovados, foram aproveitados, uns aprovados não vieram por isso ou por aquilo, outras pessoas que foram aprovadas não se interessaram, porque teriam que sair de sua cidade para vir para Brasília, então com outras implicações, e os outros que vieram pegaram o curso que já tinha iniciado no semestre anterior. Não sei responder se foi no primeiro de 1971 ou no segundo de 1972, o Alcir pode informar melhor.

F.A.G.: Então, o senhor ficou desde o início do período da...?

M.R.C.F.: Sim, houve o concurso e chamava-se Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da Saúde. A ideia de faculdade foi muito depois que começou a se discutir o problema de faculdade, mas isso já nos anos 1980, quando se começou a discutir isso, até que se conseguiu transformar em faculdade agora no final dos anos 1990 ou

mesmo no início dos anos 2000, a data não sei por que eu já não estava mais lá. Então, esse departamento pertencia à Faculdade de Ciências da Saúde.

F.A.G.: Qual o período que o senhor lecionou lá mesmo?

M.R.C.F.: Eu trabalhei lá de 1974 até 1991, quando me aposentei, mas, depois disso, ainda voltei algumas vezes como professor substituto – ou como professor de cursos de especialização ou como professor substituto.

F.A.G.: O espaço físico do curso, como que é o CO?

M.R.C.F.: Tudo que nós chamamos de CO, Centro Olímpico, toda aquela área física, sempre pertenceu ao Departamento de Educação Física. No início, havia ali duas administrações: uma da parte do CO e uma do Departamento de Educação Física. Depois, nós conseguimos unificar tudo em uma coisa só. Mais tarde, eu já estava fora, é que houve uma subdivisão, não sei como segue isso hoje, mas houve um momento em que existia ali o serviço de recreação, William trabalhou nesse serviço de recreação, William, Renato e Solange, se não me falhe a memória, o Cleber. Depois, esse serviço, que pertencia ao Decanato de Assuntos Comunitários, foi extinto, então toda a área física ali pertencia ao departamento.

F.A.G.: Então passaram com o senhor... Que está até lá agora...

M.R.C.F.: O Alcir foi aprovado na minha época, o Riehl foi aprovado, não sei da história do William, não me lembro, e do Iran não me lembro, sei que eles fizeram a prova... Do Iran, eu não sei bem a história, quem sabe a história do Iran é o Alcir, eu não tenho memória nesse sentido.

F.A.G.: A Professora Solange, não?

M.R.C.F.: A Professora Solange, sim, mas não está mais lá, eu digo dos que estão atualmente lá.

F.A.G.: O curso foi instaurado no período da ditadura militar?

M.R.C.F.: Foi exatamente nesse período.

F.A.G.: Como foi essa relação da Educação Física?

M.R.C.F.: O chefe do departamento era um coronel do Exército, Coronel Bettero, aliás uma pessoa muito boa. O Bettero não era homem de perseguir ninguém, era um homem trabalhador, apesar de ser militar, apesar de estar trabalhando na cúpula do Ministério, mas o Bettero não fazia nenhuma injunção política em cima dos professores, absolutamente. Ele não cerceava nenhum passo da gente. Havia, em um nível superior, uma certa vigilância em cima dos professores de toda a universidade. Então, os professores que tinham alguma pendência, alguma linha socialista ou comunista, esse pessoal era, de certa forma, vigiado. Alguns até saíram da universidade. Mas, dentro da Educação Física, não teve nada nesse sentido. Apesar de alguns professores terem pensamento de esquerda, não sofreram, pelo menos publicamente, nenhuma represália.

F.A.G.: A escola incentivava alguma prática de esportes?

M.R.C.F.: Sim, havia um envolvimento muito grande dos professores com a parte esportiva da universidade. As equipes representativas, tanto da UnB quanto do Distrito Federal, eram sempre administradas por professores ali de dentro. Uma época eu fui

o responsável; outra época, foi o Riehl; no Voleibol feminino, tinha a Professora Maria Helena; na Natação, o William; no Futebol, o Alcir. Havia um envolvimento muito grande dos professores do Departamento de Educação Física com as competições universitárias. Era uma linha de trabalho do Bettero, em que ele fazia questão de que a associação... Na época, ainda não existia a Associação Atlética Acadêmica. Ela foi criada depois com muita dificuldade. Havia, da parte do reitor, uma certa aversão à criação da Associação Atlética Acadêmica. Essa associação foi criada muito depois, mas ainda nos anos 1980, ainda no período da linha militar da Presidência. Então, havia uma dificuldade muito grande nesse sentido. Depois, nós conseguimos criar, inclusive eu fui um dos que participou da Associação Atlética Acadêmica, mas havia uma representatividade esportiva da universidade e o Departamento de Educação Física e os professores tinham um envolvimento muito grande. Mais tarde eles começaram a se afastar e ficou tudo na mão dos estudantes, sendo que um professor era sempre o orientador, de acordo com a lei. Um professor era o orientador da associação, mas não mais com um envolvimento maior dos professores. Então, quando tinham os Jogos Universitários Brasileiros, em muito desses jogos, nós íamos com a equipe do Distrito Federal, quer dizer, estávamos envolvidos com a FAUnB, Federação Universitária de Esporte, e com o desporto interno da universidade. Então, havia um interesse muito grande, um envolvimento muito grande do professor Bettero nesse sentido. Posteriormente, isso foi mudando e os professores não deram mais assistência à Associação Atlética Acadêmica, porque, pela legislação vigente na época, cabia às escolas de Educação Física, por meio dos seus professores, monitores e estagiários, dar assistência ao desporto universitário. Então, houve realmente uma... O que não existe hoje. Houve realmente um envolvimento muito grande do corpo docente do Departamento de Educação Física com o desporto dentro da universidade.

F.A.G.: Qual foi a linha filosófica que o curso seguia?

M.R.C.F.: O curso seguia o currículo mínimo vigente, que era o currículo de 1969, então ele seguia a linha que estava ali dentro daquele sistema. Ele só foi alterado com o currículo de 1987, com a resolução de 1987. Então, de 1969 até 1987, o currículo não teve grandes diferenciações porque ele seguia o currículo mínimo. O currículo mínimo já tinha um rol de disciplinas. Você tinha dentro da universidade a possibilidade de apresentar outras disciplinas que eram as disciplinas optativas, mas as disciplinas obrigatórias já vinham pelo currículo mínimo então vigente. Era a formação do licenciado, mas as disciplinas esportivas tinham uma visão muito técnica. Então, um exemplo: o que é o Atletismo Básico 1 era o Atletismo dado na época. Todas as disciplinas eram muito técnicas. A partir de 1987, com o currículo novo, não vinha mais o rol de disciplinas, e sim quatro campos do conhecimento. Então, nós criamos as disciplinas dentro desses campos de conhecimento e orientamos o Atletismo, o Basquetebol, o Futebol, a Natação, enfim, com uma visão de metodologia – metodologia da Natação, do Atletismo, do Voleibol – com a ideia de um desporto mais no nível de escolas, mais de iniciação, de aprendizado, e não com a preocupação de técnica. Então, houve uma mudança do pensamento nesse sentido. Agora, o Atletismo 1,

o Atletismo 2 continuaram como optativas, já com uma visão técnica, como é hoje, mas já houve uma mudança grande nesse sentido. A visão foi de preparar o profissional, o professor, o licenciado para o magistério, não para trabalhar em academia, em comunidade, nada disso, mas a formação do professor do magistério. Essa foi a linha maior com essa visão nova a partir de 1987. Antes era, mas era muito técnica, nós seguíamos os modelos antigos da Escola Nacional, então, quando eu fui, por exemplo, eu fiz Basquetebol, era técnica de Basquetebol, era técnica de Voleibol. Já a partir de 1987, com essa mudança do currículo, o departamento passou a ter uma visão mais de licenciado, aquele que tem uma licença para trabalhar na escola, que é mais uma função de educador, de pedagogo. Então, houve uma mudança nesse sentido.

F.A.G.: Esse período também apresentou prova física para entrar?

M.R.C.F.: Nós tivemos prova física durante muito tempo, depois houve uma reunião no departamento para discutir se manteria ou não se manteria o exame físico e, por incrível que pareça, houve um empate. O chefe de departamento tinha o direito de dar o voto de minerva, mas preferiu aguardar novos estudos para retornar ao exame prático e não retornou nunca mais. Aí morreu o vestibular prático. Não sei hoje como está, se existe mais. Então, o que aconteceu foi realmente... Se procurar nos documentos e atas passadas, nós vamos encontrar exatamente nesse sentido, que houve um empate: um grupo era a favor e o outro grupo era contrário à prova.

F.A.G.: Os colegiados no curso sempre existiram?

M.R.C.F.: Sempre existiram. Na estrutura da faculdade, você tinha os colegiados do departamento e colegiados superiores na Faculdade de Ciências da Saúde. Então, na Faculdade de Ciências da Saúde, eram dois colegiados. Havia o chefe do Departamento e um representante que participaram desses colegiados da Faculdade de Ciências da Saúde, era um nível maior nosso. Havia outros colegiados dos decanatos, mas eram ordens superiores. Nosso vínculo com a Faculdade de Ciências da Saúde... A gente participava de dois colegiados, não me lembro o nome dos dois no momento, e os problemas eram tratados lá. Mas, na realidade, no início, nós íamos para as reuniões da Faculdade de Ciências da Saúde, reunião do colegiado acadêmico, e tratava-se mais era de assuntos da Medicina. Então, na hora de votação, o presidente da mesa não pedia nem voto para o pessoal da Educação Física, estávamos ali como verdadeiras figuras decorativas, não havia nenhuma... Mais tarde, isso mudou, houve uma mudança nesse sentido, mas, no início, a gente estava ali igual papagaio de pirata, estávamos ali só assistindo às coisas, não tínhamos muita palavra não. Posteriormente, houve alteração nesse sentido, e nós começamos a ter processos para relatar, participação mais ativa. Alguns professores da Faculdade de Ciências da Saúde – principalmente do corpo médico, e depois foram criando outros cursos – viam a gente como apêndice, a gente estava ali sem grande valor, o departamento não tinha uma força muito grande dentro da Faculdade de Ciências da Saúde. Sempre existiu a parte de colegiado. Isso você vai encontrar no estatuto e no regimento da época, no Regimento da Universidade de Brasília.

F.A.G.: Daí que veio a luta para formar uma faculdade ou não?

M.R.C.F.: Não, a ideia da formação da faculdade surgiu no momento – não sei exatamente em que momento foi – em que nós discutíamos se nós deveríamos estar como um departamento da Faculdade de Educação ou como um departamento da Faculdade de Ciências da Saúde. Havia um pensamento nesse sentido, havia uma discussão até ali dentro sobre isso. Na Faculdade de Educação, certa vez conversando lá, eles não viam a Educação Física como uma possibilidade de ser um departamento da Faculdade de Educação. Eles tinham uma outra visão de Educação Física, não viam a Educação Física como fenômeno educacional. Então, nós não tínhamos nada a ver com aquilo lá. O pessoal da Medicina também achava que nós não tínhamos mais nada a ver com aquilo lá. Houve um momento, até o diretor era o professor Eduardo, em que ele abriu, até mesmo por meio de documentos, a possibilidade de nós sairmos como um departamento e surgirmos como uma faculdade. Então, para aonde a gente ia? Nós seríamos um departamento da Faculdade de Ciências da Saúde ou um departamento da Educação? Havia discussões nesse sentido e nós éramos rejeitados pelas duas faculdades, nós não tínhamos nem pai nem mãe. Mais tarde, já na época do Iran, conseguiu-se então criar a Faculdade de Educação Física, mas é um pleito antigo, não é um pleito novo. Dentro da estrutura da UnB, eles não queriam abrir muitas faculdades, eles queriam mais... Os departamentos ligados às faculdades iam criar várias faculdades, então havia, dentro da própria estrutura, uma amarração nesse sentido. Houve muita discussão, tanto interna quanto externa, para poder surgir como faculdade e então foi criada, mais recentemente, como faculdade, mas isso foi uma luta. Quem conhece a história vai ver que é uma luta que não foi só agora, vem lá de trás, vem já de alguns anos uma discussão nesse sentido.

F.A.G.: O senhor foi diretor da faculdade duas vezes?

M.R.C.F.: Eu fui chefe de departamento duas vezes, nem me lembro o ano. Eu, primeiro, fui subchefe do Bettero, fiz um trabalho bom ali dentro. O Alcir, nesse ponto, é que pode falar sobre a minha participação na organização do departamento. Depois, fui chefe, por duas vezes, tem até o meu retrato lá com a estátua. O Alcir esteve comigo também como subchefe e depois foi o chefe. Depois, o Jake também esteve comigo no mesmo período, então eu estive lá exatamente dentro dessas mudanças que a gente ia batalhando dentro da faculdade.

F.A.G.: Foi proveitoso esse período, então?

M.R.C.F.: Foi uma experiência bastante interessante. Dentro da faculdade, a gente procurava... Dentro das reuniões, nós criamos algumas metas para serem atingidas tanto na área administrativa quanto na área da formação profissional. Na área de pesquisa, nós criamos alguns projetos nesse sentido e procuramos trabalhar ali dentro. Para você ter uma ideia, o professor, naquela época, para sair para fazer o mestrado, foi o caso do Alcir, do Riehl, da Solange e do próprio Iran, eles não recebiam o ordenado total da universidade, eles eram penalizados financeiramente, então eles deixavam de receber uma parte dos seus recebimentos para poder estudar lá fora. Não existia dentro da UnB

uma política de capacitação docente, porque, se ela queria um doutor, ela trazia um doutor, se ela queria um mestre, ela trazia um mestre, porque não precisava de concurso na época, era só convidar. Apresentavam o currículo e, com base no currículo, a pessoa era contratada de modo que a universidade sempre teve interesse por grandes nomes para toda a universidade, então ela ia trabalhando dentro dessa linha e não havia uma política de formação do corpo docente. Depois que ela entrou na isonomia e que ficou no mesmo nível de todas as universidades federais, aí sim, começou a vir uma política nesse sentido.

F.A.G.: Então, os primeiros mestrados demoraram a aparecer?

M.R.C.F.: Exatamente. Ali dentro nós não tínhamos... Ou a gente fazia o mestrado dentro da própria universidade, que foi o meu caso e de muitos companheiros, ou então ia para a USP, porque os primeiros cursos de mestrado em Educação Física foram em Santa Maria e na USP, em São Paulo. Então, o Riehl, a Solange, o Alcir, todos eles foram para lá. Foram os primeiros mestres que o departamento teve.

F.A.G. O seu mestrado foi em que ano?

M.R.C.F.: Meu mestrado foi na Faculdade de Educação, terminei no ano de 1982. Eu tinha minha carga horária reduzida, não zerada, não total. Eu tinha aulas no Departamento de Educação Física e tinha aulas na Faculdade de Educação, então fiz paralelamente as duas atividades. Hoje não, chegou-se ao ponto em que o professor está só por conta do mestrado ou do doutorado, mas, naquela época, havia dificuldade nesse sentido. Eu dava aula, saía correndo e ia para a aula lá em cima e voltava correndo para continuar a aula. Tinha uma carga meio reduzida, mas não zerada. Não havia política nesse sentido. Agora não, agora as coisas mudaram muito. Nesses últimos anos, houve muito avanço nesse ponto.

F.A.G.: O curso de Educação Física fez com que os alunos retornassem para a faculdade para dar aula?

M.R.C.F.: Quando eles terminaram seus cursos? Não. A política do reitor, na época, era o não aproveitamento dos próprios alunos da universidade, então havia uma política em que você terminou o seu curso de Educação Física você não era contratado para trabalhar na universidade. Teria que buscar professor de fora. Essa foi uma política adotada pelo reitor, na época, Azevedo, e, só mais tarde, que isso veio a ser alterado. Então, não havia contratação do professor... Por exemplo, a Keila, o Jake, essa turma toda, eles foram alunos lá, foram meus alunos. Ou posteriormente, com a mudança de política, essas pessoas entraram para a faculdade ou por meio de concurso eles entraram na faculdade. Houve um momento em que a política da Universidade era não contratar docente saído dos seus quadros. Era uma visão da época. Na minha opinião, errônea, mas era uma visão da administração da época. Hoje, tem professores como a Keila, o Jake... Esses meninos que estão hoje lá – chamo meninos porque são mais novos do que eu – são da Fundação Educacional por meio de um convênio e estão trabalhando dentro da universidade, não como professores do quadro da universidade, são professores externos que estão trabalhando lá. A Keila não sei se ela foi

contratada ou se ela fez concurso público, não sei, não tenho memória para lhe responder esse caso. Na época em que era CLT, que você podia convidar e fazer a contratação tanto do funcionário como do professor, você contratava... Dizia: “Eu tenho aqui um primo que é professor, um amigo que é professor...” “Traz o currículo dele, coloca o currículo na mesa e vamos analisar”. Depois disso, não, com a isonomia teve que ser por concurso público.

F.A.G.: O professor Vilmar foi um caso desses ou não?

M.R.C.F.: O professor Vilmar fez concurso... Não sei. Quem pode lhe responder é o Riehl e o Alcir. Podem te dar uma resposta mais segura. Eu não me recordo como é que alguns entraram. Eu não sei se ele foi contratado ou se foi por de concurso, não sei responder.

F.A.G.: O senhor acha que isso tem a ver com o período militar (inint) [00:29:01]?

M.R.C.F.: Não. Era a política da UnB, independentemente do próprio regime. Era uma linha da... Não vejo nada nesse sentido. Contratavam-se as pessoas que o colegiado achava que tinha competência. Tinha até um diretor da Faculdade de Ciências da Saúde que, na hora de analisar um processo desses, ainda brincava: “Deixa eu ver o retrato dele para ver se ele é bonito”. Ele brincava nesse sentido, mas era realmente pelo convívio. “Aqui estou apresentando fulano de tal, aqui está o currículo”. Alguém fazia uma análise do currículo e fazia a proposta para ser contratado. Então, a política na época era não contratar aluno da universidade, mas não vejo nisso nenhuma conotação com o regime, era mais mesmo uma política acadêmica. Eles queriam sempre gente de fora para mudar a visão da própria universidade.

F.A.G.: A UnB foi a primeira em relação aos outros cursos de Educação Física?

M.R.C.F.: De Brasília? De Brasília, foi o primeiro. Depois, veio a Dom Bosco, depois vieram as outras. Depois, em Brasília, você tem a Alvorada, a Católica, que é a antiga Dom Bosco, você tem uma nova agora que se chama Albert Einstein, você tem a do Objetivo... Você tem alguns cursos novos de Educação Física, agora o primeiro realmente foi o da UnB.

F.A.G.: Tinha contato entre os cursos e as pessoas?

M.R.C.F.: Não, você tinha conhecimento, conhecia os professores... Por exemplo, o segundo curso que apareceu foi o da Dom Bosco... Era mais uma coisa de relacionamento pessoal. Vou dar um exemplo do Atletismo. Lá na Dom Bosco, houve um momento em que teve o Feijão, o Deia e o Miro. Pelo relacionamento pessoal nosso, a gente tinha um contato maior com eles. Quando eu vim pra cá, eu comecei a trabalhar também na Dom Bosco de noite, só que me alertaram que eu não podia trabalhar, porque o meu contrato com a UnB era de dedicação exclusiva. Eu não poderia ser professor da UnB e da Dom Bosco, então fiquei lá só um semestre, logo no início do curso deles, e depois eu saí exatamente em razão disso. Depois que os professores foram para lá, depois que eu saí, tinham um contato muito grande com eles na parte de competição, mas mais nesse sentido. Então, o Miro é um grande conhecido meu, o Feijão, a Deia... Agora, em termos acadêmicos oficiais, não, não havia nenhum tipo de contato, era muito pessoal, até hoje. Cada escola de Educação Física, cada Faculdade de Educação Física no Distrito Federal, cada um faz o seu inferninho

à parte, não há uma conjugação nesse sentido. Tentou-se fazer algumas reuniões para se discutir, mas cada um tem uma linha de pensamento diferente. Às vezes, um discurso em que, na prática, o discurso não batia com a prática. Houve uma feita em que eu presenciei um discurso do diretor da faculdade Dom Bosco e que não tinha nada a ver com a realidade prática. Ele defendia um posicionamento, uma filosofia do curso, usando exatamente a formação do pedagogo, mas a atividade de campo tinha nada a ver com a filosofia dita. Por que eu digo isso? Porque eu tinha convivência com o pessoal de lá, eu sabia como é que as coisas eram, eu sabia como era ministrada a Natação, como era ministrado o Futebol, então aquelas palavras não estavam de acordo com a realidade.

F.A.G.: Cantarino, quando o senhor voltou desses últimos períodos como professor substituto, você percebeu alguma diferença da linha do curso, foi mais para uma área, alguma área ficou pendente?

M.R.C.F.: Perfeitamente. Primeiro, eu vi o seguinte: eu senti o alunado totalmente diferente do alunado do ano passado, uma outra cabeça, uma outra maneira de ver o mundo completamente diferente. O curso muito voltado para a teoria e pouco para a prática. Tanto que eu costumo dizer que o curso da UnB virou – há anos que eu venho dizendo isso – curso teórico da Educação Física prática. Você tem muita aula de assistir à disciplina em sala de aula, com vídeo e com teoria, e pouca vivência de campo. Isso foi uma coisa que eu percebi. Segundo o alunado com pouca participação no campo. Eu estou falando do Atletismo – ouvia alguns comentários de outras disciplinas –, mas com pouca participação de campo. Estavam mais habituados à atividade de sala de aula do que à de campo. Então, essas foram as diferenciações que eu vi. Turmas grandes demais, outra coisa também. Eu peguei uma turma de Fundamentos da Educação Física com 65 alunos, foi uma miséria, foi uma dificuldade muito grande. Esses foram os pontos, digamos assim, os principais que eu senti dentro do curso. Pouca vivência em Educação Física escolar do aluno que foi fazer o curso de Educação Física por pouca vivência de campo. A Educação Física escolar falha, pequena, então, quando você vai fazer um trabalho de campo, o aluno tem dificuldade de coordenação, de habilidade motora, e esse foi um ponto que eu senti bastante dentro do curso. Dentro da minha visão, uma disciplina que, na prática, entre aspas, tem que ter uma carga teórica e uma carga prática, não só uma carga teórica. Vou ter cuidado com algumas palavras. Em quatro aulas de uma certa disciplina – 4h de aula –, três eram em sala de aula e uma era no campo, e essa no campo poucos vivenciavam prática no campo, muitos assistiam, poucos praticavam. Então, conversando uma vez com um aluno sobre isso, ele falou assim: “Eu, para ensinar Futebol, não preciso saber chutar uma bola”. Para mim, isso é difícil. Eu acho que o básico... Você não precisa ser um campeão, mas o movimento básico você deve ter esse domínio para, inclusive, você, na sua atividade, na hora de fazer uma demonstração, você saber fazer uma demonstração. Não só teorizar com palavras para o aluno como é que ele vai chutar uma bola. Então, esse foi um fato que eu vi. Outro fato... Quem me chamou atenção disso foi o Alcir. O Alcir disse que o atual currículo da Faculdade de Educação Física é uma árvore de Natal, é como uma árvore de

Natal cheia de bolinhas coloridas, quer dizer, muitas disciplinas optativas que não estão voltadas para a linha de licenciatura. Você tem um conhecimento vasto, você pode fazer flauta lá no curso de Música, você pode fazer a pintura lá no outro curso, quer dizer, você tem uma visão de mundo maior, mas você está perdendo vivência na sua área. Disciplinas voltadas para outro tipo de mercado. Em vez de estar predominando a filosofia do curso, que é a formação de um pedagogo, de um licenciado, você está formando profissional para trabalhar em todos os setores. Então, você tem como disciplina optativa Atividade Física para o Idoso. Na minha visão, isso poderia entrar como um curso de extensão, mas não como uma disciplina, porque se você está procurando trabalhar na formação do magistério, primeiro e segundo graus, idoso não faz primeiro e segundo graus, então, por isso, que essa mistura, esse rol enorme de disciplinas optativas que você vai ter que escolher para fazer não coadunam com a licenciatura, coadunam com a formação de um profissional. É como jogar nas 11, eu sou um jogador que joga nas 11 posições. A formação do indivíduo fica uma formação eclética, não fica uma formação visando à área do curso, porque o curso é de licenciatura. Nós não criamos... Quando em 1987 houve a proposta no currículo do curso de licenciatura e do curso de bacharel, nós trabalhamos em cima do curso de licenciatura. Criou-se uma comissão para fazer uma proposta para a formação do bacharelado e, no entanto, essa comissão não andou, não apresentou uma proposta para a formação do bacharelado. Então, com isso, com essas mudanças internas do currículo com base na 87, foram colocando uma porção de disciplinas para atender ao bacharel, mas nós não temos o bacharel dentro hoje da Faculdade de Educação Física. No entanto, em 1987, teve uma proposta, teve uma comissão. Foi constituída uma comissão – não vou dizer o nome do presidente, porque ele está vivo –, tinha um presidente e essa comissão não funcionou até hoje. Então, nós temos a licenciatura e não temos bacharelado e, a partir de 1987, poderia ter as duas coisas, dois cursos diferenciados. Então, para poder atender a esse mercado que está alterando, procurou-se colocar as disciplinas do... Ginástica voltada para academia, para musculação... Começou-se a dar valor à atividade física para idoso, começou a colocar umas outras disciplinas nesse sentido. Agora, isso, na minha visão, em detrimento da formação do licenciado.

F.A.G.: A licenciatura ficou em segundo plano, o senhor acha?

M.R.C.F.: Não, não ficou em segundo plano, ele se misturou, ele perdeu, por que o que é um licenciado então? Ele tem que entender o que é um licenciado. Licenciado é um indivíduo que tem licença para o magistério. Ora, se ele tem licença para trabalhar no primeiro e segundo graus, ele tem que ter uma linha de formação pedagógica. Então, você vai fazer uma série de musculação, não tem nada a ver com a formação pedagógica. Atividade física para o idoso não tem nada a ver com seu trabalho no primeiro e segundo graus. Eu acho que aí tem alguma coisa que não está funcionando bem. Foi aquela pergunta que você fez sobre a filosofia. Naquela época, nós tínhamos uma preocupação na formação do licenciado. Hoje não, hoje nós estamos formando o eclético, um sujeito capaz de jogar nas 11. Já há bastante tempo, eu disse para Professora Keila, que era a coordenadora da graduação: “Keila, aluga

os campos e vamos passar vídeo e trabalhar em sala de aula. Vamos fazer curso teórico de Educação Física prática.” Eu tive problemas com as turmas de Atletismo exatamente por isso, porque eles estavam vindo de uma linha dentro da faculdade que era mais sala de aula do que campo, e eu estava no campo, minha sala de aula é o campo.

F.A.G.: Os estudantes, de certa forma, acomodaram-se com essa ideia também?

M.R.C.F.: Começaram com essa ideia, então você via que os estudantes não estavam muito afeitos a fazer a prática em si. Antes de eu voltar, assisti algumas aulas lá dentro da faculdade. Então, a turma saía da sala de aula, alguns faziam uma demonstração e outros ficavam vendo, conversando e não participavam... Perdiam essa vivência de campo. Eu cansei de ver. Por isso que eu falei dessa maneira, da formação teórica. Então, eu acho que as coisas... Eu posso não ser um exímio nadador, mas, para poder ensinar, eu acho que eu tenho que vivenciar aqueles movimentos. Eu não preciso ser um perfeccionista, não sou um campeão de natação, mas vivenciar, ter essa experiência motora. Como é que eu vou querer botar na cabeça de alguém ter experiência motora, ter uma história de movimento se eu não tenho uma história de movimento, se eu não sou capaz de andar em cima de uma trave, subir uma escada, se eu não tenho esse tipo de vivência? Para mim, isso é complicado.

F.A.G.: Dá para enxergar o motivo pelo qual tomou esse rumo tanto professores quanto estudantes?

M.R.C.F.: Não. Não sei o que houve, não sei a cabeça de cada professor para haver desse tipo de mudança. Tem professores lá que vão para o campo, exigem, querem frequência, participação – tem professores que exigem a participação, tem outros professores que não exigem participação, participa da prática quem quer. Agora, o porquê que está na cabeça deles essa visão eu não sei lhe responder, mas eu vi claramente – isso para mim ficou bastante claro lá nos três semestres que eu fiquei ali dentro. Eu tive dificuldade, eu me senti fora do meu ninho dentro daquele trabalho. Eu vi professores dando aula prática na Prática Desportiva, alunos com a roupa que vão ao shopping, com a mesma roupa que vão ao shopping estão fazendo atividades físicas, e o próprio professor está com a roupa do shopping, dando uma atividade física, isso é fácil de você observar, é só ir ali para área de fora que você vai ver na PD. Na minha época, não. Tênis, calção, short, camiseta e vamos lá, vamos ver. Eu cansei de ver alunos fazendo determinadas aulas, tudo com a roupa do shopping. Foi quando alguém perguntou: “O senhor é militar? Porque está exigindo uniforme”. Eu não sou militar, não se trata disso, mas você tem que fazer atividade física com uma roupa adequada para atividade física, não é com a roupa que você vai ao cinema, vai ao shopping, vai passear, vai namorar, que você vai fazer uma atividade física, não é nesse sentido. Não é a obrigatoriedade do uniforme, mas uma roupa, uma indumentária adequada à atividade física. Você observa isso. Se você andar lá, vai observar. O professor está vestido com a roupa do *shopping*, dando aula de PD, e os alunos estão fazendo a mesma coisa. Tem uma coisa que não está batendo. É muita aula teórica de disciplinas de campo, é muita teoria, muito vídeo... Você tem a facilidade, o vídeo realmente é um grande recurso que você tem, mas não é só ele. Você vai ver ali o salto em altura, o jogo

de basquetebol e nunca vai vivenciar aquilo. Você está vendo, está passando um vídeo e você está vendo como ele usa bola, como faz os lances... Então, eu acho que isso é uma falha que eu vi dentro desses três meses, três semestres em que estive lá dentro. É uma falha que eu vi dentro do curso nesse sentido. É o curso teórico de Educação Física prática, essa é a minha definição.

F.A.G.: O senhor tem entendimento de que a Educação Física é o aprendizado da cultura corporal?

M.R.C.F.: Você tem... Se você está querendo dar à criança uma vivência gestual grande – correr, nadar, jogar bola, jogar peteca, subir em uma árvore, saltar um riacho –, se você tem essa visão para que amanhã esse indivíduo faça sua atividade física para o seu próprio bem-estar social, saúde etc., então você tem que ter uma vivência nesse sentido. Se você tem uma ideia de que desse grupo de alunos que você está trabalhando, ganhando essa experiência, você pode orientar alguém interessado, alguém com potencialidade para ser um campeão, então ele vai ter que passar por isso tudo. Você vai ter que ter uma formação básica, não especializada, com uma criança, vai vivenciar tudo. Eu vejo o Atletismo como uma disciplina boa nesse sentido, porque você tem corridas, saltos e arremessos, cada um de uma maneira diferente. Então, você vai vivenciar. Não precisa saltar xis metros de altura no salto em vara, mas você tem aquela sensação de correr e de saltar, você ganha uma vivência nesse sentido. Você tem uma experiência de saltar obstáculos e vai procurando depois aperfeiçoar o movimento, mas você vai correr e saltar vários obstáculos – não precisam ser barreiras atléticas, caixas de papelão que você vai correndo e saltando –, e então vai formando uma história de movimento. Como você teria? Qual a visão maior que eu vejo? Você teria na escola, nas primeiras séries, uma atividade física lúdica. Mais adiante, já entrando no final do segundo grau, você já entra em uma fase mais pedagógica, um movimento mais pedagógico de nadar, de correr, de lançar uma bola de basquetebol... Depois, você tem o seu padrão de vida. Ou você usa esses conhecimentos como um campeão, como atleta ou como uma pessoa que tem o prazer de chegar em uma praia e saber nadar, saber jogar um voleibol, não precisa ser um campeão, mas para a sua atividade. Se você prega hoje que o indivíduo, para o seu lado de saúde, deve ter uma atividade física, tanto pela saúde mental quanto pela saúde física, se eu não sei nadar, eu não vou entrar na praia, não vou entrar no lago, não vou entrar no rio. Mas, se eu sei nadar, eu posso usufruir daquele lago, daquela praia, daquele rio. Se eu sei jogar um voleibol, eu posso chegar e jogar um voleibol, uma peteca. É o meu bem-estar. Então, você tem uma fase de aprendizado, lúdica, como criança; uma fase mais pedagógica, como adolescente, para ter um padrão de vida. Se eu não sei pedalar uma bicicleta, se não aprendi quando garoto, eu não vou andar de bicicleta nunca. Então, você tem o quê? Uma história do movimento e a escola que te dá isso. Uma boa Educação Física na escola vai te dar essa história de movimento. Você vai vivenciar... Rolamento para frente, rolamento para trás, um *Flip-flap*, uma roda, coisas que você pode fazer, o salto mortal... Se é coisa gostosa você chegar numa piscina, sair correndo, bater os dois pés na borda da piscina, dar um salto mortal e cair dentro

d'água? É gostoso. Agora, se você não tem essa vivência orientada, como você vai fazer isso? Você vai quebrar o pescoço. Essa é a minha visão, a Educação Física na escola com essa visão educacional, não com essa preocupação de só procurar os talentos. Não é por aí, os talentos vão surgir, eles estão aí, estão na música, na poesia, no romance, na arte, os talentos estão aí, o negócio é descobrir e orientá-los. Então, não é só fazer a Educação Física na escola, buscando os talentos, e os pernas-de-pau ficam para o canto. “Você não joga, você é perna de pau”. Não, deixa a perna-de-pau jogar com o perna de pau, deixa perna de pau jogar com bom também, ele tem que vivenciar aquilo. Agora, se ele vai ser campeão amanhã ou não, isso os bem-dotados, os talentosos vão ser campeões. Eu posso ser talentoso e não querer ser atleta. Não estou interessado em ser atleta. Jogo bem bola, nado bem, tenho potenciais, mas não quero ser atleta. Agora, eu quero ser atleta, então vamos explorar. Mais adiante, vamos explorar aquele camarada, vamos mandar para um clube para ele poder ser aproveitado nesse sentido. Então, eu acho que essa vivência, essa experiência do curso de Educação Física, em que você tenha também essa experiência que você não teve anteriormente, que você tenha essa experiência dentro do curso, que você saiba bater uma bola de basquetebol, que você saiba jogar voleibol, handebol, essa vivência maior, essa história de movimento é o que eu vejo por aí. Quem é a melhor pessoa para fazer isso? Professor de Educação Física na escola. Academia é outra coisa, você está preocupado com o seu físico, com o seu bem-estar. “Vou tomar bomba para ficar mais forte que o outro” e acontecem essas desgraças que nós estamos vendo, então é outra coisa, outra visão. Por exemplo, hoje, temos um debate muito grande sobre essa visão de que a Educação Física é da área de saúde. Vamos devagar. A atividade física na área de saúde e os princípios de Educação Física pedagógica na escola são duas coisas diferentes, não vamos misturar. O Conselho Federal de Educação Física hoje defende que a Educação Física é saúde. Eu não penso assim. A atividade física, sim. Você vai correr sozinho 15min, 20min, 30min, 1h não tem nada a ver com a parte pedagógica, é uma coisa exclusivamente pessoal para você ganhar capacidade aeróbica, para ter seu organismo bem preparado, para evitar uma série de coisas, mas não tem nada a ver com o lado educacional. Então, eu vejo a diferenciação nesse sentido.

F.A.G.: O conselho não está ajudando a sanar...

M.R.C.F.: Isso aí caberia ao curso de formação de bacharel, mas vamos fazer a diferenciação. Eu vou formar um eclético, camarada que sabe jogar nas duas áreas e eu não vejo assim. Ou eu formo um indivíduo para trabalhar como *personal trainer* na academia, musculação, *spinning*, coisas assim ou o outro que é o trabalhador, o profissional que vai trabalhar na escola como educador. São duas coisas diferentes para mim. Eu vou fazer um eclético, então você pega as duas coisas, mistura, coloca no liquidificador e fica a árvore de Natal do Alcir, cheia de bolas coloridas.

F.A.G.: A discussão sobre o Conselho é antiga?

M.R.C.F.: A formação do Conselho? Não. A proposta da regulamentação da profissão é coisa antiga. Se a gente for procurar, tem vários projetos bem antigos nesse sentido com

algumas barreiras. Havia um projeto do deputado Adail de Almeida, eu acho, de regulamentar o magistério, não passou. Como é que você vai exigir lá no Piauí, em uma cidadezinha, que o professor de Biologia tenha um curso de Biologia? Quem vai dar aula é o médico local, que vai dar aula de Biologia. Quem vai dar aula de Português é o advogado, quem vai dar aula de História é o advogado, porque não tem profissional para atender à área. Então, você começa a esbarrar... A professora de primeiras letras da escolinha da fazenda tem o beabá, então ela ensina o beabá, não tem curso de nada. Estudou, fez o primeiro grau e aquilo que aprendeu ela ensina para a criançada, ela alfabetiza a criançada, só que ali. Aí você vai exigir que ela tenha um curso de magistério? Isso não passou, porque uma coisa é você pensar na realidade de uma grande cidade, uma coisa é você pensar na realidade do interior, em que crianças andam quilômetros e quilômetros para poder ter uma aula dentro de uma escola que é uma classe mista. Você tem em uma classe garoto de 10 anos, 11 anos, 12 anos, 15 anos, todo mundo aprendendo a mesma coisa ou a professora procurando orientar individualmente cada um. Isso existe se você andar no interior do Brasil – não precisa ir muito longe – você vai encontrar as escolas que ficam dentro de uma fazenda, uma casinha simples e modesta com meia dúzia de cadeiras e a professora dando aula ali mesmo. Aí você vai dizer: “Tem que ter de curso de Filosofia, tem que ter curso Normalista”. Agora nem é mais normalista, agora é curso superior. Como? Não tem como.

F.A.G.: E na Educação Física?

M.R.C.F.: Você vai ver as pessoas que... Ou é ex-jogador ou ex-atleta ou militar, você vai encontrar dentro dessa área. O meu professor de Educação Física era um militar, um sargento, e era o que predominava no Brasil. Depois que foram surgindo as escolas, mas a predominância nos anos 1940 era mais de militares do que de civis. A Escola Nacional é de 1939 e a escola militar é de 1931, 1933, então, naquela época, nos anos 1940, você tinha mais militares do que civis trabalhando na Educação Física escolar, e esse pessoal foi reconhecido por leis dos anos 1940. Quem fez um curso na Marinha tinha equiparação àquele que fez um curso de licenciatura, então havia os militares que faziam os cursos de monitor, os sargentos... Os tenentes faziam curso de instrutor e os sargentos faziam o curso de monitor. Era esse pessoal que trabalhava na área. Então, você tem umas coisas complexas, umas coisas difíceis de você ver. Você vai no Gama e tem um camarada que tem uma garotada que ele ensina futebol. “Não, o senhor não pode ensinar futebol, o senhor não tem o CREF”. Quem vai botar no lugar dele? O que ele faz socialmente com esses garotos? Isso tem que ser pensado. A regulamentação está discutindo determinadas coisas. Uma moça aqui na AABB que ensina Vela, ensina velejar, então o CREF foi em cima dela: “Você não tem um curso de Educação Física.” Qual é o curso de Educação Física que ensina alguém a... Tem uma disciplina de Vela no curso de Educação Física? Não tem, não existe. Você tem no Brasil hoje mais de 100 modalidades desportivas registradas. Qual escola tem capacidade para formar 100 modalidades desportivas, ter 100 disciplinas? Não tem. Esse é um problema que tem que ser discutido. A formação do treinador... Como é que nós vamos fazer a formação do treinador? São coisas que... Tentou-se, em 1987, tirar a formação do

técnico desportivo do currículo, procurar uma outra forma, porque você não vai ver em cada professor de Educação Física um técnico, você não vai ver, são coisas diferentes, são perfis profissionais diferenciados. Então, seria um trabalho diferente. O próprio trabalho da academia seria através do curso de bacharel, que a faculdade até hoje não fez.

F.A.G.: Existiram essas discussões dentro da universidade?

M.R.C.F.: Hoje, nós temos dentro da faculdade a licenciatura. Você vai receber o título de licenciado em Educação Física, esse é o título que você tem. Você não tem o título de técnico desportivo, nem de bacharel. Agora que está surgindo um novo currículo está se discutindo a formação pedagógica, como é que vai ser o bacharelado, então já está se discutindo nesse sentido, mas, no momento, vocês são licenciados em Educação Física para jogar nas 11, formação eclética. A faculdade tem que... Foram assuntos que já foram discutidos. Em momentos de reuniões, discutia-se dentro da faculdade, só que não houve avanço nesse sentido.



Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2018 e 2019)

1. Professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar (A.C.A.B.)

Entrevistador: Aldo Antônio de Azevedo (A.A.A.)

A.A.A.: Sou o professor Aldo de Antônio Azevedo, da Faculdade de Educação Física, e nós estamos aqui para uma atividade que estamos realizando durante essa semana, esse período, que é uma atividade de entrevistas com pioneiros da Faculdade de Educação Física, é uma atividade do Centro de Memórias de Educação Física da Universidade de Brasília, e hoje estamos recebendo aqui a figura do ilustre professor Antônio Carlos Balthazar, que foi um dos pioneiros da faculdade, foi meu professor da disciplina Basquetebol I, e eu, inclusive, quando fui aprovado no concurso aqui para a faculdade, entrei na vaga do professor Balthazar. Bom, professor, a primeira parte da nossa entrevista se refere à trajetória pessoal e profissional. Então, gostaria que o senhor falasse um pouquinho dessa sua trajetória, de como se tornou professor, até a sua chegada aqui na Faculdade de Educação Física.

A.C.A.B.: A minha trajetória profissional começou ainda com 14 anos de idade. Com 14 anos de idade, eu morava na cidade de São Paulo e tive o meu primeiro emprego: foi em uma indústria farmacêutica, Laboratório Wander do Brasil. Eu trabalhava com entrega de medicamentos para os médicos da cidade, que hoje é uma atividade feita por representantes de laboratório. Esse laboratório é um laboratório que fabrica hoje o conhecido Ovomaltine. Depois disso, a minha família se transferiu para Rio Claro, São Paulo. Em Rio Claro, eu fui trabalhar com o meu avô, que era serventuário da Justiça. Trabalhei com o meu avô mais ou menos por uns dois anos, dois ou três anos. Posteriormente, fui trabalhar na Cia Cervejaria Caracu, na cidade de Rio Claro. Na Caracu, eu trabalhei como auxiliar de almoxarifado de escritório. Depois da Caracu, eu fui trabalhar na Centrais Elétricas de São Paulo. Inclusive, nas Centrais Elétricas de São Paulo que eu conheci o professor Riehl, que foi também funcionário das Centrais Elétricas de São Paulo. Aliás, eu o conheci lá e

também nas pistas de atletismo lá de Rio Claro. Na Cesp, eu trabalhei por cerca de dois anos, dois ou três anos – está no meu relato aqui escrito –, e, ainda na Cesp, veio a vontade de fazer o curso de Educação Física. Nessa época, eu tinha uma amizade com o Riehl, porque eu me lembro do Riehl desde o tempo em que ele era atleta e nós pegamos uma amizade e resolvemos fazer o vestibular para Educação Física na Universidade Católica de Campinas. Então, fomos juntos para Campinas e fomos colegas de faculdade durante os três anos de faculdade, porque antigamente o curso era de três anos. Me formei em 1972. Ainda durante o período em que estava estudando... O estado de São Paulo tinha uma carência muito grande de professores de Educação Física, então o estado aceitava alunos a partir do primeiro ano de faculdade para suprir as necessidades da Educação Física na idade escolar, primeiro grau, primeiro e segundo grau, e contratava professores a título precário. Já no primeiro ano de faculdade, eu fui dar aula em São Paulo. Dei aula para alunos de primeiro grau durante mais ou menos uns seis, sete meses. Depois de formado, soube de informações de que Brasília tinha um certo mercado para professor de Educação Física. Como disse anteriormente, eu fui amigo e colega de faculdade do professor Riehl. Nós resolvemos vir para Brasília para tentar começar nossa carreira como professor aqui em Brasília. Isso foi no final de 1972, começo de 1973. Chegamos em Brasília, procuramos informações de onde poderia haver mercado, locais em que o professor pudesse trabalhar, e fomos informados de que na universidade tinha um Centro Desportivo e que tinham alguns professores que trabalhavam aqui. Então, nós viemos para a universidade, para o Centro Desportivo – na época era o professor Hélio Bettero que estava começando a coordenar o Centro Desportivo. Não vou falar sobre o Regime Militar, mas era a época em que o professor Hélio Bettero era professor de Educação Física, formado pela Escola de Educação Física do Exército, e estava designado para dirigir o Centro Desportivo. Então nós, eu e o professor Riehl, viemos juntos, como eu falei, para o Centro Desportivo conversar com professor Hélio Bettero. Eu me lembro que, na primeira conversa, contamos a nossa história para o professor Hélio Bettero e eu me lembro de uma frase que ele nos disse: “eu estou montando uma equipe e eu quero pessoas para carregar o piano, dispostas a trabalhar”. Depois disso, acabamos sendo contratados e começamos a trabalhar aqui no Centro Desportivo. Depois, veio a obrigatoriedade da Prática Desportiva para os alunos, que ia ser oferecida para todos os alunos da universidade. Por essa razão, o professor Bettero estava montando uma equipe justamente para atender a essa necessidade. Então, eu e o professor Riehl soubemos dessa informação e viemos conversar com professor Hélio Bettero. Na entrevista que fizemos com ele, pelo menos para mim, ele chegou e falou o seguinte: “eu quero gente disposta a carregar o piano”. Era o termo que ele usou, que eu me lembrei e nunca me esqueci. Depois disso, ele mandou a gente trazer o nosso currículo e acabamos sendo contratados em 1º de março de 1973. Depois de 1973, começou a atividade das Práticas Desportivas, que eram realizadas primeiro assim, tinha um... Parece que tinha um rodízio. Depois disso, teve a contratação de mais alguns professores para poder suprir a necessidade de professores para dar as Práticas Desportivas, e os alunos de todos os cursos faziam parece que

dois semestres de Prática Desportiva, que era Prática Desportiva I e Prática Desportiva II. No começo da Prática Desportiva, os alunos passavam por um rodízio de atividades, eles passavam, se não me engano, por natação, que era a atividade de natação, por atletismo, por basquetebol e por natação. Todos os alunos passavam por um número de aulas que eles faziam esse rodízio. Com essa obrigatoriedade, aventou-se a necessidade de a gente se tornar uma unidade isolada pelas próprias especificidades da nossa atividade. Acho que nessa época foi que surgiu a ideia de se criar o Departamento de Educação Física. O Departamento de Educação Física, como foi falado, era uma unidade pertencente à Faculdade de Ciências da Saúde. Como eu falei antes, nós tomamos conhecimento, eu e o professor Riehl, de que talvez houvesse necessidade da contratação de professores para atender às Práticas Desportivas que seriam oferecidas pela universidade. Nessa época, a pessoa que era diretor do Centro Desportivo era o professor Hélio Bettero, que era o responsável pela unidade Centro Olímpico. Então, nós conversamos, eu e o professor Riehl, assim que chegamos a Brasília, nos informamos dos locais onde poderia haver oportunidades para professores de Educação Física e nos falaram do Centro Desportivo. Quando nós nos dirigimos até o Centro Desportivo, era o professor Hélio Bettero o diretor do Centro e, por coincidência, estava montando, ele ia montar uma equipe para começar a atender à necessidade da obrigatoriedade das Práticas Desportivas, que seriam oferecidas para os alunos de todos os cursos. Fizemos uma entrevista e fomos contratados pelo Bettero, isso em 1973, como orientador desportivo, ainda não como professor. As Práticas Desportivas, como acho que eu até já falei, eram dadas em um rodízio de quatro modalidades, então eles contrataram professores para dar atletismo, para dar natação, ginástica e basquetebol. Havia necessidade de atender à demanda para a obrigatoriedade da Prática Desportiva, e eu comecei a trabalhar como orientador desportivo, eu não me lembro mais ou menos quanto tempo que eu trabalhei como orientador desportivo. Posteriormente a isso, teve um concurso, um concurso público para professor de Educação Física, e nós que já estávamos aqui dentro tivemos que nos submeter a esse concurso. Fui aprovado e comecei a trabalhar então na Faculdade de Educação Física como professor, já como professor, ministrando a disciplina de Basquetebol. Então me lembro que eu dava Basquetebol I e Basquetebol II. O que posso dizer também da minha experiência profissional é que os colegas que eu tinha eram extremamente prestativos e cooperativos e que tem colegas ainda que tenho amizade até hoje, por exemplo o professor Riehl, o professor Iran, de vez em quando encontro com ele, o professor Alexandre foi embora, porque ele era apaixonado pelo Rio de Janeiro, estava aqui, mas com a cabeça no Rio de Janeiro. Foi um período da minha vida muito agradável, que passou muito rápido.

A.A.A.: Enfrentou desafios, problemas durante a sua trajetória profissional? Quais?

A.C.A.B.: Não enfrentei tantos problemas de ordem profissional, porque o clima na universidade, a relação que nós tínhamos era muito boa, então não tivemos muitos problemas. Só essa questão de quando foi criada a faculdade que alguns professores ainda ficaram

como orientadores, pois tiveram que fazer o concurso para poder atuar nas disciplinas oferecidas para o curso de Educação Física.

A.A.A.: Professor, o que deu certo e o que deu errado nesse seu percurso educacional?

A.C.A.B.: Eu acho que praticamente... As coisas erradas não foram muitas, foram pequenas coisas insignificantes. Acho que deu mais certo do que errado, tanto é que hoje a Faculdade de Educação Física está consolidada, é uma faculdade reconhecida como uma boa Faculdade de Educação Física. Então, eu acho que as coisas deram mais certo do que errado. Por exemplo, uma coisa que nos deixa orgulhosos é ver ex-alunos carregando o piano (inint) [00:18:51]. Você, que foi meu aluno, excelente aluno por sinal, e muitos outros professores que passaram por aqui e estão trabalhando na universidade.

A.A.A.: Professor, quais as tecnologias que eram utilizadas na década de 1960, 1970 para facilitar o processo ensino/aprendizagem dos alunos?

A.C.A.B.: Nessa época, tínhamos algumas dificuldades, mas a gente utilizava retro-projetores, filmes, aqueles filmes antigos. Então, esse que era o auxílio audiovisual que a gente tinha. Projetor de slides, que hoje em dia já está ultrapassado, acho que nem existe mais retroprojetor.

A.A.A.: O que motivou a criação do Departamento de Educação Física e as discussões que levaram o Departamento de Educação Física a se separar da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB?

A.C.A.B.: A mudança do curso seguiu o contexto de aquisição de maior autonomia para a Faculdade de Educação Física, o que permitiu o crescimento do curso, de modo a atender às especificidades que a gente tinha dessa área de conhecimento e à necessidade de uma estruturação do currículo do curso. Inicialmente, já no curso de Educação Física, o aluno passava por uma formação básica, uma visão mais tecnicista, e essa situação, com a reestruturação do curso, passou dessa visão tecnicista, que era uma visão mais de formação de um treinador do que de um professor, para uma abordagem mais humanista e voltada para a prática docente. Não foi tão difícil essa transformação, uma vez que a gente já tem na estrutura do Departamento de Educação Física toda uma estrutura já de faculdade. A gente tinha Secretaria de Graduação, a gente tinha sala de professores, tinha sala de coordenação, salas de aula, já se encontrava tudo concentrado aqui no prédio da EDF. Essa transformação, na minha opinião, não foi um processo complicado, foi um processo até normal e fácil de acontecer.

A.A.A.: O que foi mais desafiador após essa mudança do curso da Faculdade de Ciências da Saúde para a Faculdade de Educação Física?

A.C.A.B.: Da minha parte, não encontrei muita dificuldade, muito pelo contrário, a gente se sentia mais satisfeito pela nossa autonomia e podendo caminhar com nossas próprias pernas.

A.A.A.: O que significa para o senhor fazer parte da história dessa faculdade?

A.C.A.B.: A gente sente um sentimento de orgulho, de dever cumprido, vamos dizer assim, porque hoje a universidade está consolidada, reconhecida, está entre uma das

melhores Faculdades de Educação Física do Brasil, um curso bem-conceituado, então a gente sente orgulho de ter feito parte de tudo isso, de ter sido o embrião. Depois de tantas dificuldades, quer dizer, as dificuldades não foram em vão. Hoje, nós temos uma faculdade consolidada, com ex-alunos já doutores, carregando o antigo piano do professor Bettero. Cálculo que, se ele estivesse vivo, estaria irradiante de alegria, porque ele era apaixonado por isso daqui.

A.A.A.: Professor, que sentimentos permanecem nessa sua trajetória profissional, e se o senhor sente que poderia ter feito algo mais pela faculdade e se a sua missão, no seu entendimento, de fato foi cumprida?

A.C.A.B.: Não, eu acho que eu não me sinto frustrado pelas coisas que eu não consegui fazer não. Eu me sinto realizado de ter dado a minha contribuição. Acho que não foi uma grande contribuição, mas orgulhoso de ter feito parte dessa história.

A.A.A.: Professor, que mensagem o senhor passaria para os seus colegas que estão na ativa na faculdade, para os professores que estão atuando com a educação básica e para os futuros estudantes que almejam cursar Educação Física?

A.C.A.B.: Eu, como professor de Educação Física, diria o seguinte para os futuros interessados na área: é uma profissão linda, uma profissão que te dá muito prazer você trabalhar com uma atividade que a maioria das pessoas gosta, que é a atividade física. Então, eu diria o seguinte: aquele que se interessar pela área procure estudar. Na minha época, não tinha tanto curso, tantas escolas. Hoje, nós temos toda uma tecnologia disponível, é um incentivo muito grande para o aluno, para a pessoa que se interessa em ser professor de Educação Física e trabalhar na área. É uma área que dá muito prazer de você trabalhar. Você trabalha de forma livre, não é aquele negócio de ficar preso dentro de uma sala de aula. Então, eu acho que é isso. Dentro da família, eu tenho um filho que eu acho que foi teu aluno, o Rogério. Ele formou-se aqui pelo departamento, hoje trabalha como *personal trainer* e está terminando o curso de Fisioterapia também. Gosta muito da área de Educação Física, mas é voltado mais para essa área de Educação Física, melhoria de saúde – esse negócio todo – e é também um idealista em relação à área de Educação Física, eu tenho muito orgulho disso. Ele fez Mestrado em Neurociência pela Universidade Federal do ABC, em São Paulo, e está caminhando, quem sabe futuramente pode ser até professor da faculdade. Eu diria para a geração futura que vale a pena ser professor de Educação Física, apesar de no início ela ter sido um pouco discriminada, vamos dizer assim, hoje não, hoje a pessoa fala “sou professor de Educação Física” com orgulho, porque é uma área reconhecida como, principalmente, para a melhoria da qualidade de vida, como no sentido da sociabilidade. Eu acho que, nesse sentido, vale a pena ser professor de Educação Física. Além de ser uma atividade em que você trabalha livremente, não tem aquele negócio de você ficar... Eu, por exemplo, que comecei a minha vida trabalhando em cartório, sentado lá em cima de um livro, é muito melhor você estar em uma quadra, em uma piscina dando aula de Natação, dando uma aula de Basquete, em uma pista de atletismo do que estar em cima de um livro.

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs).
Desfile, comitiva de Brasília na abertura dos Jogos Estudantis.
Ao fundo, carros estacionados e árvores do Cerrado.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00044-13>.

2. Professor Osmar Riehl (O.R.)

Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)

A.L.G.R.: Temos a o prazer de contar com a presença do professor Osmar Riehl, um dos pioneiros do nosso curso de Educação Física na UnB. Vamos poder conversar com ele para tentar resgatar um pouco dessa nossa memória. Vamos iniciar, portanto, entendendo um pouco como foi a trajetória pessoal e profissional do professor Riehl até chegar à UnB. Bem, Riehl, começaremos então para você nos contar um pouco da sua história de vida, as coisas que você julga que foram importantes e decisivas, inclusive para a sua escolha profissional. Gostaríamos de saber como você se tornou professor. Quais foram as influências que te levaram a essa decisão?

O.R.: Primeiro, eu queria dizer que é uma alegria estar aqui com o professor Alexandre, fazendo nossa iniciativa da faculdade de recordar os momentos iniciais dessa faculdade. Eu diria que nós fomos guiados por Divino, porque no início da minha vida como aluno ainda da escola, como criança, praticando, no primário e ginásio na Escola Alemã, no ginásio (inint) [00:02:39], no interior de São Paulo, em Rio Claro propriamente,

aquelas aulas de Educação Física na escola, que tinha uma tradição de competição na natação estadual e pistas de atletismo e quadras de basquete e vôlei e a orientação toda de atividade física, da importância dela naquele momento. Eu vim a Brasília para fazer um registro do meu diploma que valeria para disputar as vagas nas escolas – 100 pontos –, e um título ou um certificado não valia 20 pontos. Chegando, eu e o professor Balthazar fomos hospedar no Sesc, ali na W3 na 505, almoçávamos no Sesc e encontramos o responsável pela recreação dos comerciários que veio transferido de São Paulo para o curso de Educação Física da UnB, que tinha sido criado no primeiro semestre de 1972. Ele comentou por que nós não nos dispuséssemos a fazer assim. Viemos aqui, encontramos o Coronel Bettero e ele disse: “você é o professor Riehl e você é o professor Balthazar”. Ele bem militar, coronel, e isso ficou durante toda a minha vida – professor Riehl – e muitos desconheciam o meu primeiro nome que é Osmar. Ele estava formando uma equipe de dez professores cada uma e ele deu preferência para quem fosse de fora e fomos selecionados nesse momento como orientadores desportivos, que pertencia ao Serviço de Recreação e Desporto, hoje lá no Decanato Comunitário.

A.L.G.R.: Antes de você chegar à UnB, você teve outra profissão ou você sempre trabalhou como professor? Esteve ligado a outra instituição?

O.R.: Eu tinha que viajar 90Km de Rio Claro, me deslocar de trem, fazia as aulas à noite, voltava e, durante o dia, eu trabalhava como auxiliar administrativo nas Centrais Elétricas de São Paulo, Cesp. Não era o meu perfil, eu não conseguia ficar preso à cadeira, a quatro paredes e me incomodava.

A.L.G.R.: Na sua experiência dentro da Universidade de Brasília, que cargos você ocupou? Que funções você desempenhou? Concomitante com a de professor, que a gente sabe que sempre é a função principal dentro da universidade.

O.R.: Eu fui coordenador da Prática Desportiva, depois vice-chefe de departamento, fui eleito chefe do departamento e, no término do meu mandato – a vice era a professora Keila –, fui convidado... Aliás, a professora Paulina Targino – ex-decana de graduação da Faculdade de Ciências de Saúde – queria formar uma chapa para a FS pedindo o nome do Departamento de Educação Física. Concorremos com três chapas e eu fui indicado a compor, a ser o vice-diretor da Paulina. Aí, nós já começamos a mudar, foi o final nosso junto à Faculdade de Ciências e Saúde. Vindo a proposta da faculdade, todo momento importante, mudamos para a Faculdade de Educação Física e foi um salto de qualidade. A gente ficava muito amarrado para sair, ir a congresso, as verbas eram da Faculdade de Ciências e Saúde, os médicos predominavam e sobrava muito pouco para a gente. Tudo isso também foi bom. Esse momento é fundamental para a gente romper, desenvolver o nosso trabalho.

A.L.G.R.: Com a questão da faculdade, você também atuou na coordenação de extensão?

O.R.: Sim, foi feito o grupo. Existia na época a lei que só poderia exercer cargo de diretor quem fosse doutor, exigência de lei. Nessa época, foi o professor Iran e a professora Ana Maria Renê, que assumiu vice porque ela tinha um cargo de adjunto.

A.L.G.R.: Durante a sua carreira profissional, quais seriam aqueles que você considera os principais desafios que você teve que enfrentar? Como que eles te marcaram? Um pouco das contribuições que você pôde deixar diante dessas situações.

O.R.: Nós tínhamos uma estrutura física fantástica: duas pistas de atletismo, quadras de basquete e vôlei, quadras de tênis, piscinas maravilhosas. Nesse momento, era o melhor espaço de lazer de Brasília e faltava o componente humano. Nossa equipe enfrentou isso com muitas dificuldades. Nós tínhamos... Projetar slides, mimeógrafo movido a álcool...

A.L.G.R.: O acesso a livros e biografia era fácil?

O.R.: Os livros eram mais bibliografados do que... Na época, era muito rudimentar, sem muita foto... Eu tenho que dizer que houve em 1973 um concurso público para professor colaborador. Olha só, vim à cidade para fazer um concurso para professor colaborador. Houve uma grande quantidade de pessoas que se inscreveram nesse momento e fomos aprovados sete professores, três eram dessa época, e foi muito interessante que esse concurso já dá um grau de exigência maior dos nossos professores. Aparece no grupo também como concursado e aprovado o professor Cantarino, que deu uma parte boa na parte pedagógica e na parte administrativa do então criado Departamento de Educação Física. Nós tínhamos que buscar as informações via biblioteca. Eu busquei muitos filmes de atletismo em uma metodologia pedagógica, excelentes filmes da Embaixada alemã. Junto com o Davi, fazíamos o treinamento todo em 16 milímetros, tinha uma máquina que a gente projetava, às vezes queimava. Era muito interessante e buscando sempre... Tínhamos, no atletismo, os dados de excelente qualidade, o peso bom, quantidade... Tínhamos a pista toda, aliás, quando recém-inaugurada, com o melhor poliuretano. Vimos toda a construção dela, as dificuldades. Então, para o atletismo, era o local ideal para você dar aula e treinar equipes. Como nós tínhamos obrigação também de ser técnicos das modalidades, fui técnico de atletismo e também diretor técnico da FAUnB – Federação Atlética da Universidade de Brasília, depois é que virou FAUnB –, porque era da Universidade de Brasília, não era do Distrito Federal, e naquela época também não existiam outras universidades, posteriormente veio... Aliás, tinha o Ceub.

A.L.G.R.: Não tinha Educação Física no Ceub?

O.R.: Não, em Educação Física os cursos só vieram aparecer mais recentemente, uns 20 anos atrás. Tinha o curso da Dom Bosco, que depois virou Universidade Católica, que foi até transferida para Taguatinga.

A.L.G.R.: O que você poderia dizer para nós que deu certo e que deu errado nesse seu percurso educacional?

O.R.: Nesse período, o interessante é que o MEC, a SEED/MEC – Secretária de Educação Física e Desporto – proporcionava a vinda de professores estrangeiros e passavam

15 dias, um mês com os professores. Estiveram aqui Liselott Diem e um outro professor do atletismo...

A.L.G.R.: O Listello? Auguste Listello?

O.R.: O Listello é francês, não, mas estive o Le Boulch; Heinilla da Finlândia, da parte de metodologias. Enfim, qualificando melhor os nossos... O interessante é que prenomavam, naquela época, os jogos escolares, os jogos universitários, então nós recebemos o grupo do JEBS, realizado várias vezes em Brasília. Participávamos... Eu fui como técnico de atletismo e levando a equipe para Belém do Pará, foi o primeiro trabalho. Esses intercâmbios mais desportivos do que acadêmicos. O acadêmico nós fomos descobrir depois, mais alguns FAUnB anos, que essa parte não tinha valor na academia, pontuação para progressão, enfim. Aí, procurou-se a qualificação tanto no mestrado... Foi nesse momento que a gente procurou fazer o mestrado. Eu fui para São Paulo, depois foi o Iran, a Solange, o Alcir.

A.L.G.R.: Quais são, você fazendo um olhar para o passado, as tecnologias que estavam em jogo na década de 1970 e 1960 quando o curso foi criado? Como que essa questão tecnológica foi gerando impactos sobre o próprio trabalho docente dentro da universidade?

O.R.: Quando eu fui chefe, nós tivemos recursos nenhum, era muito contido, muito pouco, era o final de uma... Começo de uma nova república e tínhamos que dar essas soluções, buscando... Fizemos aqui academia e cobrávamos, fazíamos atividades que tinham que arrecadar um recurso para a manutenção. Isso provocou muitas... O material gasto, mais energia... Os nossos alunos são excelentes, porque são aprovados em um vestibular difícil, e eles colaboravam muito na compreensão das dificuldades que passamos. Levei quase dez anos para comprar um aparelho de dobras cutâneas melhor da Inglaterra, importado, enfim...

A.L.G.R.: Hoje temos vários.

O.R.: ...hoje tem vários. O impressionante é que, quando eu cheguei, nós tínhamos caixas de antropométricas de excelente qualidade. Enfim, nós tínhamos muitos equipamentos já comprados, não sei por quem, quando eu cheguei na área de medidas. Outras dificuldades em comprar uma esteira, um aparelho para medir a capacidade aeróbica eram muito mais no prático, na corrida do teste de Cooper, na época era muito enfatizado. O interessante do Cooper é que ele muda também... A Educação Física era realizada com movimentos e inclui dentro da corrida o tempo, o percurso, a respiração, as avaliações periódicas, a medição dos resultados, o controle. Eu hoje até já ouvi dizer que estão usando chips, GPS para fazer as voltas, controlar o tempo, frequência cardíaca...

A.L.G.R.: Totalmente monitorado e sem fio.

O.R.: ...e sem fio. No início, não havia essa parte. Aqui estive o Balk mostrando como fazia a esteira, que era do Cooper, as primeiras pesquisas... Dando então esse enfoque já para o lado científico e desenvolvendo a biomecânica, desenvolvendo o controle motor, de reposta, reação, aprendizado, dando à Educação Física um outro posicionamento.

A.L.G.R.: Na sua opinião, quais foram os principais desafios que os professores do Departamento de Educação Física tiveram que enfrentar para conseguir a criação da Faculdade de Educação Física?

O.R.: Nesse momento, houve no Brasil uma... Encaminharam muitos professores. O SEED/MEC mandava professores para fazer mestrado lá em Iowa, renovando o conhecimento de uma forma antiga, empírica de se trabalhar. Como eu falei do nosso treinamento no interior, nós tínhamos revista de musculação – o ensino a distância daquela época já tinha –, de formação muscular, era um homem Mister Universo, o Schwarzenegger era um dos representantes e motivando a garotada a fazer. E vem mudando essas proposições para uma Educação Física independente, uma forma... Mesmo na Alemanha um movimento bem mais consistente. Um exemplo muito vivo é a dificuldade do professor Cantarino de ser admitido na Faculdade de Educação para fazer mestrado. Para sair, na época, você ganhava 25% do salário mais 25% se você tivesse um cônjuge, depois mais 25% por cada filho, enfim, era uma dificuldade enorme de sair. Então, nós vivíamos muito dependentes de bolsas. As bolsas também não eram bolsas integrais na época. Depois não, os pioneiros é que sofrem, e hoje, graças a Deus, nós temos auxílios que ajudam o indivíduo a estudar, trabalhar, qualificar melhor, procurando a melhoria do ensino. Isso foi muito estimulado e a gente queria, não havia muito.

A.L.G.R.: O currículo de 1972 – o currículo inicial – terminou sofrendo uma mudança na década de 1980. Quais foram os principais aspectos dessa mudança curricular?

O.R.: Toda uma visão tecnicista de exigências, de performances, de exigências de desempenho físico e acadêmico – sempre nós temos associada a prática e a teoria, isso é importante. Não muita preocupação com os aspectos pedagógicos da forma como abordar, como desenvolver uma aula prazerosa que tivesse uma compreensão maior do praticante daquela atividade...

A.L.G.R.: As disciplinas até mudaram de nome.

O.R.: ... e mudaram... Em função disso, mudaram os nomes, e eu diria que às vezes as cabeças não muito, porque a gente estava já formado dentro de um... Então, esse foi um desafio de mudar as nossas posturas para uns aspectos mais pedagógicos, metodológicos, de executar o movimento, análises mais científicas do movimento também...

A.L.G.R.: Como eram os nomes antes e como ficaram? Antes era Atletismo?

O.R.: ...Atletismo I, II e depois ficou Metodologia do Atletismo I, Metodologia do Atletismo II e Atletismo. Era já uma atividade como anterior, exigida muita competição, performance que era obtida. Todas as disciplinas tiveram essa postura, mudando os nomes e a filosofia do trabalho. Isso foi provocado... Foi ainda estabelecido uma... E continuou depois. Eu falei sobre a Vera, que era esposa do Tubino, que acompanhou, exigindo ementas diferentes, conteúdo diferente, avaliação diferente, que era muito voltada para o aspecto, vamos dizer, competitivo e agora não, teria que respeitar o desempenho do que as pessoas poderiam fazer. Se eu corri, eu não tinha que correr o Cooper 2.000m, que era uma exigência na entrada, mas, se eu fizesse 2.000m, eu tenho... Enfim, em um primeiro momento e depois fizesse mais, ou menos, não havia uma correspondência enquanto avaliação da disciplina. Foram todos esses fatores curriculares e também administrativos que nós tínhamos dificuldade. Os recursos eram para a Faculdade de Ciências da Saúde e nós tínhamos

aqui também piscina, enfim, tudo uma disputa para manter atividades mais administrativas do que... teóricas também, que eles tinham uma tradição bem mais biológica, a visão mais... A gente tinha uma holística, uma visão do todo do ser humano, e é rico por causa dessa situação e não específico da doença, nós estamos na saúde, atividades muito ricas. Isso veio provocar, então, uma já latente, desde quase o início, de uma independência, até por questões políticas. Por exemplo, nós aqui reuníamos, fazíamos a lista sêxtupla, tinha que encaminhar para a via FS, e a escolha era na FS, nem sempre era o primeiro da lista que nós tínhamos votado que era o escolhido. Então, havia um atrito e nós não queríamos isso nesses momentos. Chegou um momento em que a gente obteve essa... A gente começa a fazer – em 1991, 1992 – o esboço de uma proposta de mudanças. Retorna o professor Iran dos Estados Unidos, montamos uma nova proposta mais concreta e no momento foi favorável com o Todorov, que nos proporcionou também a criação da faculdade.

A.L.G.R.: Riehl, pense você em uma situação informal, em casa, em uma roda de amigos, em uma mesa com os netos. O que você contaria como sendo essa sua experiência de vida dentro da Faculdade de Educação Física?

O.R.: Foi muita alegria. As tristezas foram pequenas – nem me lembro –, mas foi o conviver em um ambiente saudável na busca da compreensão – o esporte proporciona isso para nós –, de garra, de energia, de controle emocional, de desafios, de ganhar, perder... Isso faz parte do nosso dia a dia. Então, você vê que aquelas vitórias que você teve foram frutos de um trabalho que você fez e desenvolveu, e as derrotas só devem ser utilizadas como estímulo para a gente vencer, recuperar – onde que houve as falhas, onde que a gente pode treinar mais, a tática, a técnica –, enfim, uma exigência muito grande. Dar aula é uma alegria na Educação Física. Eu vivenciei muito... Principalmente em Prática Desportiva, que era mais recreativa, jogos recreativos, teve aluno que ficou quatro semestres fazendo a mesma disciplina, porque gostava das atividades. A Educação Física proporciona prazer, proporciona a compreensão do corpo do outro e do seu, seu desempenho. Às vezes, você precisa ajudar, é ajudado, enfim, é um complexo de tática, técnica envolvidos que cominam para você uma formação principalmente do caráter, dessa compreensão de vida que a gente tem que ter hoje e que é tudo um conjunto. Apesar das nossas internas, nós tivemos às vezes compreensões diferentes de posições, mas nós não divergimos entre nós. A divergência sim, mas não barreiras entre a gente. Esse era o ambiente da Educação Física, um respeito ao outro. Isso é fundamental.

A.L.G.R.: Riehl, fazendo uma reflexão no final, agora depois de aposentado, tem alguma coisa que você ainda gostaria de fazer pela Educação Física ou você considera que a sua missão está cumprida?

O.R.: Eu estou em um momento muito interessante, porque eu termino a minha progressão de carreira exercendo tudo isso e, no final, ainda vou para o ADUnB, sindicato dos professores, associação dos docentes, que a gente acompanhou muitos anos, no início com muitas greves, muitas lutas e, ao término da minha carreira, eu vou e somos eleitos duas gestões, onde acompanhei todo o trabalho da construção do auditório, depois a defesa dos

nostros interesses da progressão, da reforma da previdência, que a gente propôs campanha contra essa parte... Então, a gente estava buscando um entendimento. Para mim, foi um... Ainda estou em êxtase... Uma vida que a gente passou de alegrias e de tristezas em alguns momentos, alguns colegas já se foram, mas todos nós tínhamos uma defesa da Educação Física e nos portamos muito bem, tanto que o nosso curso sempre esteve bem referenciado nos rankings das escolas de Educação Física do Brasil e de Brasília também. Então, eu me sinto satisfeito de ter... E agradecer todos esses momentos que nós vivemos juntos como aluno, professor, colega. A universidade é muito boa, porque nós não temos o... Você tem liberdade de expressão, acadêmica – seguindo os currículos, as exigências, os conteúdos –, porém você desenvolve uma liberdade de poder crescer em diversos... Buscar novas informações. Eu sempre me reportava, dizendo umas historinhas dentro das minhas aulas sobre Esopo, coisas assim, lembrando uma parábola que as pessoas captassem, uma história, sempre nas Práticas Desportivas e também na graduação... Então, nesse momento é uma pergunta difícil de responder.

A.L.G.R.: Eu queria que você contasse para nós um pouco de como que, nas disciplinas, às vezes você tem que criar oportunidades para que os alunos desenvolvam algumas competências que eles vão precisar na vida profissional, e sabemos que o Cross Cerrado surgiu como uma dessas iniciativas. Conta um pouco para gente sobre como foi a criação do Cross Cerrado.

O.R.: A disciplina Atletismo tem a corrida e a organização de um evento e surgiu da seguinte forma: dentro do conteúdo existia Cross Country, corrida no campo, e eu falei “por que não Cross Cerrado?”, porque nós vivemos no Cerrado, aqui não é campo, e criei falando “vamos fazer um evento”, organizando dentro da disciplina com os próprios alunos, e faziam uma volta aqui, lá embaixo, depois subiam e chegavam na parte aqui em frente à faculdade, ao prédio. Fomos criando o hábito, fomos crescendo, os eventos... Na Prática Desportiva, cumpriu assim: os alunos que faltavam e iriam ser reprovados de toda a universidade – os alunos que não completassem o número de aulas seriam reprovados –, então a gente fazia esses eventos, o Cross Cerrado, e ele repunha vários dias, que foram dois, dependendo de cada professor. Ficou crescendo, foi evoluindo, e passamos a ter uma participação, mais posteriormente, já no Decanato de Assuntos Comunitários com a professora Lucila, que na época de aluna participou, foi continuado e proposto para a comunidade, aí então já com os alunos e o pessoal da comunidade, e foi crescendo esse interesse pela corrida. O percurso que nós fizemos aqui passou por várias mudanças – era pequeno e depois ampliou – e hoje nós estamos em um local bem prazeroso, corre entre trilhas no Cerrado, bem próprio do Cerrado, e foi isso que... Participações até de 200 pessoas e acho que foi um... No início, a gente tinha muita dificuldade, até o professor Sílcio Barbosa de Oliveira também me apoiou nesse evento, naqueles primeiros que foram interessantes... Tinha uma volta da universidade, mas essa nós não demos prosseguimento por questões mais administrativas. No primeiro que nós fizemos, não estabelecemos data de inscrição e, de repente, apareceu um batalhão do Exército com um grupo de corredores, soldados e

desorganizou todo o nosso trabalho. Então isso a gente deixou, mas o cross não, o cross a gente começou fazendo pequeno, e foi crescendo, e os alunos, no sentido de ter esse Cross Country, corrida no campo, e hoje nós temos uma imensidade enorme de ofertas de corridas de ruas, de trilhas, e isso é magnífico. No começo, eu corria na rua, a gente era do interior, recebia chacetos de todo mundo. Hoje é o contrário, é uma quantidade... É fantástico, é muito bom.

A.L.G.R.: Qual seria a mensagem que você gostaria de deixar para os seus colegas de profissão, para os estudantes, para a juventude?

O.R.: O importante é que você vivencie o máximo a sua... Eu senti na minha vida que tudo aquilo que eu tinha experimentado de treinamento, de aulas e de observações, coisas que não tinham às vezes muita ligação com aquilo que... Mas eu poderia encaixar. Então, a gente tem que estar atento, às vezes até um filme, passava filmes para o pessoal, para os alunos, que tem uma mensagem de coragem, de desempenho, de ânimo, de vigor, raça, estratégias e tudo a gente tem desenvolvido, então você tem que buscar não só no... Mas a teoria junto com a prática e dos dois se faz o crescimento. Então, o que vivi... “Tem um novo método de treinamento”, a gente aplicava e aí você vê o resultado ou omitindo o resultado, experimentando, tudo isso. Eu acho que a gente tem que estar sempre alerta, sempre disposto a receber todas as informações, mesmo que às vezes você ache que elas não são pertinentes, mas tem algum conteúdo, alguma coisa boa que você tem que fazer. Todos têm os seus bons e maus defeitos, então você tem que saber trabalhar com eles e com as pessoas, com o seu aluno, e não departamental ou preconceitos, isso tudo... A Educação Física, eu acho que a gente tem esse privilégio de não ver diferenças entre cor, sexo, partido político. Sim, a gente trabalha para o bem em geral, isso eu acho que a gente tem que procurar sempre melhorar, sempre coisas novas, sempre... Quando menos, aparece um novo instrumento, uma nova forma. Nós tínhamos aqui os primeiros computadores, tínhamos que programar, programação... Aliás, até no meu trabalho de dissertação de mestrado tinha que perfurar os cartões e colocar na máquina, fazer um... Hoje, você tem uma qualidade de vida muito mais... Computadores com tecnologias fantásticas. Naquela época, a gente tinha que ter o *slide*, às vezes filmes que a gente buscava e que não eram, não davam aquela informação que a gente buscava sempre.

A.L.G.R.: Riehl, eu queria agradecer a entrevista e essa oportunidade, que para mim é inusitada, de poder estar sentado junto com você, que eu sei que foi um dos pioneiros da Faculdade de Educação Física, mas também foi meu professor, responsável pelo despertar da minha vocação, e depois pudemos conviver também como colegas dentro da faculdade, o respeito, o carinho, o relacionamento... Quando você foi contando das suas experiências, eu sou testemunha viva de tudo isso que você disse e realmente reconheço, em você e na sua trajetória, essa atitude amiga, respeitosa, que te caracteriza. É um privilégio para mim poder estar aqui com você, *muito obrigado!*

Atividade de extensão – Ginástica Olímpica: Centro Olímpico (CO). Quadra de esportes coberta. Alunas em atividade de extensão com arcos. Ao fundo, tabela de basquete, trave de gol, técnico físico sentado observando as alunas.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00036-03>.

3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C.)

Entrevistador: Luiz César dos Santos (L.C.S.)

L.C.S.: Eu sou o professor Luiz César, é um prazer estar aqui nesse encontro relacionado à memória e história da Faculdade de Educação Física. Tenho uma grande honra de poder hoje estar participando desse evento e apresentando uma professora que foi muito significativa na minha formação. Ela passou no primeiro concurso realizado na Universidade de Brasília, foi a primeira mulher aprovada para o curso de Educação Física, é uma bailarina, e a gente vai conversar sobre o início da Faculdade de Educação Física, as curiosidades, as dificuldades, um pouquinho de boas memórias e boas lembranças. A professora é a primeira professora mulher concursada da faculdade, trabalhou muito tempo com a dança, folclore, ritmo e trabalhou nas atividades que a gente gosta muito de lembrar, não dá para esquecer, que é do JUBs, nossos treinamentos. Eu tenho a honra, e é para ser gravado, de deixar aqui registrado que ainda tem um pedacinho da memória dela – eu trouxe aqui comigo para vocês, não sei se vou atrapalhar. Isso aqui é para mostrar o prazer que a gente tinha, ela vai contar sobre isso, essa camisa é da época que a gente fazia treinamento para o desfile dos jogos universitários. Ela vai talvez até mostrar uma realidade da faculdade bem diferente do que a gente encontra hoje e que é importante registrar essa história. Ela é

a professora Maria Rute, que está aqui com a gente hoje para conversar sobre a história da Faculdade de Educação Física. Iniciaremos com uma apresentação pessoal sua e, nesse momento, a gente gostaria de saber sobre a sua trajetória pessoal e profissional.

M.R.J.C.C.: A minha trajetória foi... Eu precisava... Eu tinha chegado de Londres, eu tinha me formado no Balé – desde pequenininha, desde os cinco anos de idade eu comecei balé com Vaslav Veltcheck. Depois, eu fiz concurso para a Escola de Danças Clássicas Maria Olenewa, do Teatro Municipal, passei, cursei, preferi cursar até o final para ter o diploma de professora, de didática em dança e bailarina profissional, e, quando entrei para o corpo de baile, era estagiária, vieram ao Brasil Margot Fonteyn e Nureyev, do *Royal Ballet*. Eles eram os primeiros bailarinos mundiais, e um fato muito grande é que eu estava na coxia, em um *grand écart* para não esfriar, comendo uma maçã, Margot Fonteyn passava a variação dela do Ballet Giselle, o qual nós dançamos com ela, e, do meu lado sentada em uma cadeira, a vida é muito engraçada, tinha uma mulher belíssima, uma loira linda que acompanhava, e como eu fui educada, eu ofereci a maçã para ela. Eu comecei uma amizade com a filha do embaixador inglês, a Georgiana Russell, o embaixador é o Sr. Russell, e aí a amizade foi, ela marcou uma audiência na embaixada, na rua São Clemente no Rio de Janeiro, um chão de mármore e eu de sapatilha de ponta. Sabe o que me segurou? Eu levava comigo um saquinho com sabão em pó em flocos OMO, então eu joguei no chão e assim eu pude fazer minha audiência e consegui a minha bolsa para estudar, ser *maître* em dança. O *maître* quer dizer *master*, porque no Brasil não existia faculdade superior de dança. Ao voltar para o Brasil, a Consuelo Rios, que foi minha professora de dança da Escola de Dança e professora de Educação Física no Colégio Pedro II, eu chorava, porque o Conselho Federal de Educação não me aceitava, ela falou: “Maria Rute, só existe uma coisa: Faculdade de Educação Física.” Foi o que eu fiz. Fui pioneira do Fundão. Como sempre, pioneira em tudo. Fiz o curso de Educação Física. Depois de três anos parada de estudar, lá fui eu fazer vestibular, porque eu tinha feito o clássico e ali era científico, tinham disciplinas que eu não tinha cursado, porque eu só tinha cursado línguas, filosofia e tal. Fiz, passei, fiz meu curso. Quando eu estava no final do curso, já quase me diplomando no final do ano, eu fui fazer um curso de atualização no Forte São João, no qual – eu não sabia – estava o Coronel Bettero, que era o diretor aqui do Centro Olímpico, e ele estava correndo pelas faculdades, porque ele queria professores de Educação Física sem vínculo, que ele pudesse tirar do Rio, de São Paulo, que não tivessem família, para virem aqui construir a Educação Física de Brasília, porque não existia Educação Física em Brasília. Paralelamente ao curso, nesse dia, estava tendo um churrasco de confraternização do Exército, e saindo da aula de Vôlei para a Ginástica Olímpica, me vem o Sargento Lima, bêbado que nem um gambá, me ofereceu um emprego na Universidade de Brasília e eu falei: “sai para lá”. O homem fedendo a cachaça me oferecer emprego, eu não dei conversa. Estava eu na praia, em uma colônia de férias, vem o Sérgio, um colega meu: “Maria Rute, não sei o que, porque o coronel...”. Eu falei: “que história é essa de coronel?”. Porque essa colônia de férias era do Forte São João, apesar de ser no Arpoador, era do Forte São João da Urca, e ele:

“porque o Coronel Bettero quer falar com você”. Eu tive que ir em casa, tirar o maiô, ir correndo – o Sérgio me acompanhando, porque ele tinha carro, eu não tinha carro, andava de ônibus. Chegando lá, eu levei uma bronca desse Coronel Bettero: “como que você não deu importância ao Sargento Lima? Eu te oferecendo emprego... “. Eu fiquei horrorizada com esse coronel falar assim comigo, eu nunca tinha visto na minha vida. Falei assim: “o senhor vai me desculpar, coronel, mas eu não conhecia o sargento e ele chegou para mim fedendo a cachaça. Como é que eu vou acreditar em uma oferta de emprego com o homem caindo aos pedaços?”. Assim eu vim conhecer Brasília com a minha mãe. Chegando aqui, o emprego era para orientador desportivo. Aí eu me formei, eu aceitei, porque Brasília – eu me deslumbrei –, eu tinha vindo aqui com o corpo de baile dançar para Indira Gandhi, no salão de espelhos negros aqui no Itamaraty. O mais interessante é que eu cheguei no Teatro Nacional olhei e falei: “nossa, esse seria o pior lugar que eu iria morar.” Só via aquela terra vermelha. A Rosália Verlangiere, que também era bailarina: “Rute, eu também não viria”. Ela veio antes de mim e eu vim em seguida. Eu aqui chegando, já formada em Educação Física, eu só tinha o diploma de graduação e o meu de bailarina, de *maître*. Aqui eu cheguei e aqui eu comecei a minha profissão de Educação Física, porque estágio de Educação Física da faculdade eu dei aula na Rocinha, eu dei aula em Petrópolis... Antes da Educação Física, com 14 anos, que foi a idade que eu me formei no Balé, eu era professora de Balé Clássico de *baby class*, de *primary*, das criancinhas. Ana Botafogo começou comigo, era pequenininha, com 5 anos, na Leda Iuqui, foi minha aluna, com as perninhas tortinhas, ela tinha um problema nas pernas, e outras tantas passaram. Enfim, foi assim que eu comecei e foi assim que eu cheguei na UnB. Eu e o professor Alexandre Camacho, que foi da minha turma, estudamos juntos, fomos pioneiros do Fundão.

L.C.S.: Estando na FEF, que cargos e funções que você incorporou nesse trabalho?

M.R.J.C.C.: Eu cheguei aqui para ser orientadora desportiva. Todos nós éramos orientadores desportivos, trabalhávamos aqui no Centro Olímpico, aqui era a sede. Então, nós viemos para cumprir uma lei recém-formulada que era a obrigatoriedade da Prática Desportiva em todos os cursos nas universidades. Entre esses cursos, estava o da Educação Física. Até então, como orientador desportivo, nós não poderíamos dar aula para o curso de Educação Física, daí houve a necessidade de um concurso, que foi o primeiro concurso de âmbito nacional da Universidade de Brasília para professor da UnB, porque todos os professores entravam só com currículo, mas prova, uma prova escrita, uma prova oral, uma prova prática e uma entrevista, foi o primeiro concurso, foi o nosso, fomos pioneiros na UnB e teve... Eram só sete vagas, a princípio sete vagas para professores, então os sete primeiros colocados iriam receber os alunos de Educação Física, que eram ligados à Faculdade... Nós éramos um departamento da Faculdade das Ciências da Saúde, então esse concurso foi em novembro de 1973. Em 1974, começaram a chegar os alunos que já deveriam estar, porque aí é cada aluno, e eram pouquíssimos. Eu me lembro de menina, umas quatro ou cinco meninas: Antonieta, Conceição, Graça... Eram pouquíssimas, porque a Educação Física... Ainda mais aqui em Brasília, não existia, não sabiam nem o que era

corrida. A cidade era novinha em folha, não se sabia nada, era só barro e aquela coisa toda. Essas meninas chegaram, assim como os rapazes – eram turmas masculinas e femininas –, mas eles demoravam a chegar, porque eles vinham... A UnB tinha para todos os cursos um básico da área de humanas e área das exatas. A nossa área tinha Física, Química, Cálculo, Biologia e Ginástica I. Então, os alunos tinham que passar por essas disciplinas para chegar na Ginástica I, que fazia parte do básico. Agora, para eles chegarem na GI, os alunos tinham a maior dificuldade em Química, Física, porque, assim como a gente era professor, tinha a figura do orientador. O professor monitorava esse aluno para ele escolher as disciplinas, ele não podia repetir a disciplina. Ele era reprovado em Física uma vez, duas vezes consecutivas, a terceira vez tchau e bênção e saía da UnB, era o jubramento. Isso existia... Dessa dificuldade de os alunos chegarem até nós, porque reprovava, reprovava, reprovava... Até chegar... Então, tinha o Paulo, tinha o Testa, do karatê, muitos demoraram a chegar. Aí, vieram para nós e começou, e eu fiz o concurso, passei em primeiro lugar e fui contratada como professora colaboradora – tinha essa figura do professor colaborador. Depois de alguns anos, ficou dividida a turma. Ficou aqui a turma dos professores colaboradores, e os orientadores, e ficou uma situação muito desagradável, porque nós que passamos no concurso sentimos falta dos nossos colegas que, quando nós chegamos aqui, eles estavam. Ao mesmo tempo, esses colegas também eram professores da Fundação, e existia a figura também da dedicação exclusiva. Você tinha que optar: ou trabalhava na UnB ou continuava na Fundação. Então, nós voltamos juntos ao Bettero, o Bettero lutou lá em cima, veio chegando aluno e nós precisávamos de mais colegas e conseguimos trazê-los para nós e eles deixaram, eles optaram em continuar conosco e abandonaram a Fundação. Assim, começamos a nossa vida de professores, colaboradores, dedicação exclusiva no Departamento de Educação Física, que era ligado à Faculdade de Ciências da Saúde. Meu primeiro cargo foi de professora de Ginástica I e mais Prática Desportiva. Conforme foi aumentando a coisa, eu passei para Rítmica I, além da Ginástica I e da Prática Desportiva... Detalhe: fui contratada como professora de Dança, até agora você não viu dança. Então, Ginástica I, Rítmica I, Ginástica Olímpica, Ginástica Feminina Moderna, que agora chama Rítmica – bola, fita, depois passou GRD, nunca vi mudar tanto o nome, enfim, a bola, fita, arco... Olha só, já quatro mais a Prática Desportiva. Isso às vezes substituindo colegas em Futebol, por aí vai, Vôlei, Basquete, Circuito... Então, na parte didática, eu exerci tudo quanto era a função, tudo quanto era disciplina que eu poderia exercer, e a Prática Desportiva era diferenciada, ela era em blocos, os alunos vinham em blocos. Então, a primeira Prática Desportiva nossa passava um mês no Basquete, um mês no Voleibol, um mês na Natação e um mês no Atletismo – quatro meses, terminou semestre. Era um rodízio que se fazia, as turmas faziam um rodízio. A minha área era atletismo – eu, Osmar Riehl e Cantarino –; Balthazar no Basquete; William, Solange e Fernando, tinha o Fernando que era professor de Natação, mas Fernando, por motivos pessoais, voltou para o Rio de Janeiro, perdemos um excelente... Vocês não imaginam o professor que nós perdemos, mas William substituiu muito bem. A parte administrativa, nós trabalhávamos

com... Eu sentia falta da dança. Eu nunca peguei cargo de chefia, assim de pegar e ser chefe. Eu era substituta. Eu peguei vice-chefia e peguei como substituta. O chefe viajava, ninguém podia nas férias, geralmente dezembro, férias, e eu substituía, mas nada que eu pudesse tomar frente de alguma, ter feito alguma coisa como chefe, mesmo porque era período de férias, então não tinha nada para ser feito. Mas eu sentia falta da dança e eu resolvi criar junto, porque nós tínhamos aqui na UnB, existia um regimento interno. Assim que eu entrei, eu recebi uns blocos de regimento interno. Na parte do regimento, eu me identifiquei com atividades comunitárias e com atividades de extensão, então as atividades de extensão eu coordenei, eu passei a coordenar muitos cursos de extensão na UnB e da UnB para a Fundação, aquele Elefante Branco e por aí vai. Na comunitária, eu criei um grupo experimental de dança da UnB, que era aberto para alunos de qualquer área da UnB, funcionários e professores. Ele funcionava no horário do almoço. Vocês vejam que eu não ia para casa, eu almoçava aqui no CO, tinha um barraquinho bem ali, eu conheci a tal da... Adorava. O rapaz fazia uma limonada suíça e eu comia misto-quente, esse era meu almoço. Então, eu ia dar minhas aulas de dança em uma sala chamada 114, dura que nem esse piso aqui. Isso ocasionou... Hoje eu estou sofrendo com isso, com problemas incríveis de coluna, que eu sempre batalhei aqui, essa foi uma batalha de um piso adequado para as aulas de ginástica, de dança. Um piso flutuante que ele ceda para não prejudicar joelho, coluna dos alunos e principalmente os meus. Aí nada. Então, eu criei o grupo, e o grupo funcionava na sala 114. Eu tive alguns alunos daqui, pouquíssimos, da Educação Física não tinha muito interesse, essa foi minha decepção, porque tinha aquele preconceito de quem fizesse dança e eu perdi grandes meninos. Só um, o Raimundo, que era do Maranhão que agora está na Broadway. Ele começou a dança comigo, olha como abrem as portas, e daqui de formado ele foi para os Estados Unidos e é bailarino e professor na Broadway. O Marcelo não é aluno daqui, ele era aluno do Desenho, que hoje é Instituto de Artes, e ele começou dança comigo. Quando ele se formou, continuou no GEDUnB e foi contratado para um teatro português. Ele está em Lisboa, eu acho, não tive mais contato com ele. Ele é bailarino clássico, pasmem.

L.C.S.: Você deve ter enfrentado diversos desafios e problemas nessa trajetória profissional. Conte-nos sobre eles.

M.R.J.C.C.: Das dificuldades eram muitas, porque eu gravava filme, eu filmava, eu gravava as aulas, eu gravava as músicas das minhas aulas, se eu fosse dar uma palestra ou convidava alguém para uma palestra na minha aula, eu gravava, porque o pessoal de apoio veio muito depois, então eu gravava tudo isso. Com o meu grupo de dança, eu era coreógrafa, cenógrafa, figurinista, costureira, tudo que possa imaginar. Nas aulas, para você ter ideia, a Ginástica Olímpica, os colchões de crina, a trave, que deve ter até hoje, a paralela, o cavalo com arção foi Paulo Corbucci e Carlos Corbucci, que eram crianças, treinavam e gostavam, e os pais compraram, e eles treinavam na 114. Quando eles foram proibidos de treinar, não sei, veio uma ordem lá de cima, o pai e os meninos doaram para o Departamento de Educação Física os colchões, esse material que eles treinavam e, assim, nós tivemos,

vocês tiveram algum material. Eu procurava dar minhas aulas de Ginástica, não sei se você se lembra, principalmente Ginástica Natural, ao ar livre, que eram as atividades de trepar, lançar, correr, saltar, nadar... Eu utilizava as árvores, eu utilizava tudo, porque eu não tinha material. Quando eu os preparava para dar aula de Rítmica, não sei se você se lembra, que eu pegava jornal, eu dividia o jornal para dividir as notas, então meu material basicamente de aula era de sucata, e nós construíamos os instrumentos de Rítmica para trabalhar com as crianças com o material de sucata. Então, nunca se tinha o material. Eu vim conseguir instrumento musical para o Departamento de Educação Física quando meu grupo de dança foi convidado para dançar no exterior, e eu convidei o Renato Matos, não me lembro o nome do menino que era um grande musicista, eu pegava os alunos da música, eu tinha muita ligação. O Jorge Antunes me ajudou muito nisso e, junto ao reitor, eu consegui dinheiro para ir na loja e comprar atabaque... Trouxe da África também instrumentos. Eu troquei, o Renato Matos, nós trocamos alguns materiais e trouxemos para o Departamento de Educação Física os instrumentos musicais que eu não sei o que foi feito deles. Os instrumentos caríssimos, e eu trouxe esses instrumentos musicais para aula de formação, que até eu me aposentar, mudou de nome e passou para a Formação Rítmica do Movimento. Então era isso, eu tive muita dificuldade e a maior de todas era uma sala para que eu pudesse dar minhas aulas com o chão adequado, com acústica adequada. Como o Miura deixou de dar aula de Judô, e esse tatame que tinha aqui não tinha mais serventia, Osmar e eu, que sempre ouviu minhas lamúrias, que entrou comigo aqui, no mesmo dia assinamos contrato, ele via o meu esforço, ele era o colega, ele e Cantarino foram os únicos colegas que sempre assistiam aos espetáculos de dança do GDUnB, sempre estavam presentes e sabiam das minhas dificuldades. Aí, o Osmar Riehl pegou esse espaço e construiu uma sala de dança para mim. Eu fico até emocionada, porque foi o Riehl que olhou com muito carinho por mim e pelos alunos. Foi o único professor que olhou a ginástica e a dança... Vocês me desculpem, porque como dançarina eu sou muito emotiva. Que viu essa necessidade com muito carinho e construiu a sala de dança. Eu trouxe um quadro meu, um pôster de um metro por um metro, que o Leão Rosemberg, da família Rosemberg desses cineastas, tirou uma foto minha como bailarina, eu saía desse quadro. Eu tinha uma pose que parecia que eu estava saindo do quadro em preto e branco e eu dependurei esse quadro aqui. Quando eu me aposentei, eu esqueci de levá-lo, porque eu me inspirava nele para criar para os alunos e tudo, o meu esforço, para me lembrar. Um dia eu vim buscar o quadro, porque a Soninha, que era uma funcionária, falou assim: “Maria Rute, venha buscar, porque ele está jogado aqui em um canto.” Daí eu levei e ninguém nunca soube. Eu peguei, eu vim, a Sônia me entregou, eu botei no (inint) [00:27:03]. Reformei, porque ele estava totalmente destruído, era um quadro lindo, era enorme e era uma lembrança de uma família, de uma aluna lá em Salvador, que eu criei a Escola Ebateca de Dança. Quando eu vim de Londres, eu tive que implantar o Método Royal e me jogaram na Bahia, no antro do afro, e ali eu tive que montar uma escola clássica no áfrico de balé. Foi uma briga danada, essa foi outra aventura na minha vida, e hoje é o balé da Bahia, africano. Graças a Deus, com as

raízes baianas. Nada de sapatilha de ponta. Tem um balé que é mundialmente conhecido e ali tem um dedinho meu e eu fico muito orgulhosa disso. Então, essa aluna, a Lilian, que foi minha aluninha lá, era pequena, todos eles morreram no desastre em uma Kombi que vinha da Feira de Santana. Então, é um quadro que tem uma memória e é de um artista, de um fotógrafo da família Rosenberg, que era do cinema brasileiro. Então, esse quadro, para mim, tem uma história muito forte e estava jogado. Essa luta. Sabe quantos anos eu usei essa sala? Três anos. Me aposentei. Lutei aqui para ter um espaço para dar minha aula, essa foi minha luta maior. Com o Decanato de Assuntos Comunitários eu consegui toda SG10, que era um espetáculo. Tinham três salas de dança na SG10 – todas equipadas de dança – que poderia ser do Departamento de Educação Física. Eu não me lembro quem era... Todos que eram diretores aqui sabiam dessa SG10. Eu dava aula meio dia lá, porque, como eu não consegui aqui um chão, eu consegui lá na Arquitetura. A SG10 é uma sala que a Arquitetura doou para o Decanato de Assuntos Comunitários para que eu pudesse desenvolver o GDUUnB. Ali, o GDUUnB cresceu e foi conhecido internacionalmente. Ele foi para a Suíça, para a França, participava de festivais de Ouro Preto... Eu tinha minha sala, eu tinha todo o equipamento. Quando eu fui me aposentar, eu virei e falei, não me lembro quem era chefia, não sei se era o Jake, eu não posso acusar: “por favor, aquela sala SG10 é da Educação Física. Aquilo lá é meu espaço. Peguem, porque o Desenho – que é hoje Instituto de Artes, não era o Instituto de Artes, ia ser, já estava em vias de ser – vai pegar, eles estão de olho, aquilo é nosso, foi doado pelo decanato e pela Arquitetura.” Você se preocupou em pegar? Vocês perderam três salas supermontadas. Quem ganhou? O Instituto de Artes. Lamentavelmente, tiveram lutas e glórias, eu pensei muito, e foram decepções, porque você vê... Diziam assim: “o que que dança está fazendo no currículo de Educação Física?” Eu escutei aluno formado, eu nadando e o aluno, que foi meu técnico, dizer assim: “professora, eu não entendi até hoje formação rítmica do movimento na Educação Física?” Eu virei, olhei para ele e falei: “lamentável, porque eu não entendo como é que você, que era um aluno mediano, conseguiu se formar em Educação Física sem compreender o porquê. A vida é ritmo, é movimento. Se você não entende o porquê que a Educação Física não tem ritmo, pega seu diploma e joga no lago.” Então, foram essas coisas que eu não consegui, e olha que eu batalhava na FS, porque eu era conselheira no Conselho Departamental da FS. Eu brigava por essas coisas, brigava muito pela Educação Física, passei 15 anos lá suando a camisa, mas, graças a Deus, eu estou vendo que está dando frutos, pelo menos virou faculdade. Consegui fazer com que eles entendessem... Porque você tem que fazer a cabeça deles. Era um conselho que tinha tudo quanto era médico que só via: “o que vocês estão fazendo aqui? Vocês são os apêndices. Educação Física?” Eu me lembro que eu e Cantarino falávamos assim: “pois é, vocês lidam com a doença nós lidamos com a saúde, é diferente, nós somos prevenção.”

L.C.S.: Pensando nos primeiros currículos da Educação Física dentro do departamento, que mudanças significativas você recorda que houve ao longo dos currículos, desde o início do curso até a sua saída?

M.R.J.C.C.: Vamos por partes. O curso de Educação Física, depois que essa turma chegou do básico, nós começamos a trabalhar em cima da especificidade do curso de Educação Física, porque essas primeiras turmas que chegaram para nós não passaram para o vestibular específico. Depois que o departamento começou a se consolidar, a chegar mais alunos, nós começamos a pensar no vestibular. Além do vestibular de ingresso aqui, antes dele fazer a prova do vestibular, ele passava pelo vestibular específico. Se ele passasse no vestibular específico, aí ele faria o vestibular. Então, esse vestibular específico constava do teste de Cooper – antes do Teste de Cooper, o exame clínico –, nós tínhamos os médicos aqui, eles faziam o exame, aquela medição. Não era o que a Keila, que foi nossa aluna, faz com a disciplina dela, mas era uma coisa basicamente assim: o espirômetro, peso, altura, pressão, coração. “Está ótimo e vai para... Não tem nenhuma doença de pele, nenhuma doença grave, então agora você vai para o exame.” O exame específico era um Teste de Cooper. Passou no Teste de Cooper, você vai para habilidades motoras. Então, eram estações, eram circuitos com estações que verificavam... Era muito subjetiva a coisa, as habilidades motoras, mas a gente filtrava muita coisa. Depois de alguns anos, isso foi cortado, porque veio, por incrível que pareça, agora vem com esse negócio de... Como é? Naquela época, nós já estávamos pensando em permitir que pessoas com deficiências fizessem o curso de Educação. Nós tivemos aqui alunos com problemas, e se formaram, excelentes alunos e se formaram, não sei depois se isso vocês tiveram notícias. Aí, terminou-se com essa obrigatoriedade do vestibular, porque mudou o currículo de Educação Física, era outra visão. Quanto à Prática Desportiva, ela era obrigatória por lei, o aluno no terceiro grau tinha obrigatoriedade, quando aqui chegasse, no básico a Prática Desportiva I era obrigatória. Passou do básico, a Prática Desportiva II era obrigatória. Somente a Prática Desportiva III não era obrigatória. Nós pensávamos nós trabalharmos de uma forma de conscientização desse aluno a dar continuidade, que fizesse a Prática Desportiva III espontaneamente, por sua vontade... E não é que nós conseguimos? Cheias as turmas. Eu acho que aí também começou o mundo em geral, esse *boom* de atividade física, culto ao corpo, que está exagerado agora, está tudo muito exagerado, mas começou o movimento. Então, a Prática Desportiva basicamente... Nós trabalhávamos... Eu não me lembro a carga horária, mas quando se fazia... Começamos no departamento a criar a figura do professor coordenador do curso de Educação Física e o coordenador de Práticas Desportivas, e os dois se juntavam e viam a carga horária do professor, porque nós tínhamos que trabalhar 40 horas semanais, e não poderíamos extrapolar, isso de aula dada, tinha pesquisa, tinha atividade de extensão, comunitária, que nós tínhamos que dar conta. Então, tudo isso precisava de uma coordenação do curso, e criou-se, porque criou-se a coordenação e a coordenação de repente veio para cá, aqui ficou Prática Desportiva no CO, Coordenação de Educação Física no prédio lá, que era um esqueleto quando eu cheguei aqui. Não me lembro se o Márcio era o arquiteto, que era daqui, era professor da UnB, que construiu tudo isso, e ele era muito simpático, ele vinha aqui para ouvir de nós como que ele ia construir aquilo lá, então nós aqui passamos... Não tínhamos muito o que

fazer, porque o prédio era pequeno. Queríamos uma coisa... Construiu-se a primeira pista de atletismo, a maior pista de atletismo da América Latina de tartan. Sumiu por falta de verba de manutenção. Nós tínhamos a de cascalho... Gente, a inauguração foi bárbara, chaveirinhos... Nós plantamos as árvores de Pau-Brasil. “É Pau-Brasil, gente, que está plantado ali. Acorda, tem Pau-Brasil aqui no CO.” Então plantamos, nós sempre, no dia da árvore, nós plantávamos árvores. Em tudo isso aqui, nós plantamos. Não tinha quase nada, não tinha. Cada professor, dentro da sua disciplina, contribuiu para o Basquete, para a Natação, para o Vôlei, a duras penas, para fazer o curso e o curso precisava de espaço. Como a gente ia dar aula? Foi assim que foi surgindo, aos trancos e barrancos, nós trabalhávamos, nós não tínhamos vigilante para que nada fosse roubado, fazíamos rodízio, sábado e domingo nós éramos os vigilantes. Eu deixava a minha família para tomar conta disso aqui. Eu vigiava quem entrava, não podia usar certas coisas, a gente não deixava usar o nosso material, porque senão sumia, roubavam. Nós não tínhamos vigilantes assim que chegamos, então nós tomávamos conta, já pensou o suor que foi? Então, tudo isso que está aqui sendo usufruído... Nós usamos camisa rasgada, suada, machucados, nós vínhamos trabalhar de domingo a domingo, não tinha hora. Trabalhávamos de manhã, de tarde, de noite, de madrugada e não brigávamos por questões salariais, porque assinamos um contrato por 40 horas. Nós brigávamos pelo espaço, pelo amor, pela coragem, por dedicação, por vocação à Educação Física, por patriotismo, pelo país, por melhorar a nossa posição, o nosso ranking nas Olimpíadas, no esporte e na educação de base.

L.C.S.: Que sentimentos você tem dessa sua trajetória profissional?

M.R.J.C.C.: Antigamente, a coisa era tão unida, nós cantávamos em um tom só, em um couro só. Nós tínhamos não só o grupo de professores, que era unido... Tinham as divergências, briga sempre se tem, mas como se fôssemos uma grande família, tem briga, não tem? Então tinha também. Os funcionários, Nossa Senhora, tinha funcionário que eu, Solange, Maria Helena Siqueira, que era uma professora, a gente saía – os carros eram estacionados aqui –, toda vez que a gente ia embora para casa ele catava, eu não sei onde esse homem achava cada flor mais linda do Cerrado, fazia um buquê, o Sebastião, e colocava no para-brisa do carro de cada professora mulher: eu, Maria José, Laura, Maria Helena Siqueira, Solange – eram as mulheres dessa época. Saíamos e tinha a florzinha. Não tinha um dia... Olha que bacana, um funcionário que cuidava do mato. Aqui não tinha mato, era um jardim cuidado pelo Sebastião e pelo o Sebastiãozinho, que morreu já. Tanto é que no Natal tinham as festas, a gente chamava lá no barracão professores alunos e funcionários, era aquele churrasco, vestia de Papai Noel, era muito gostoso. Toca do Raposo, Raposo era um funcionário, por aí vocês veem. Tinha o Aloísio, Anísio, que cuidava das... Eram perfeitas essas piscinas cuidadas pelo Anísio, não davam problema nenhum. Cada um, dentro daquilo que fazia, amava o que fazia, e os alunos, gente, eu tinha aluna minha... Eu não admitia atraso. Se a minha aula era às 8h da manhã, 8h eu começava a aula. Agora, no primeiro dia de aula, você vai lembrar que, no primeiro dia de aula, eu sentava com todo mundo e me apresentava. Dizia como eu era, quem eu era e o que eu esperava de vocês,

e colocava que: “você quer mudar alguma coisa? É o momento”. Ninguém falava nada, então se o horário de começar é às 8h, às 8h eu começava. “Eu tenho um problema, porque eu isso, eu aquilo.” Eu também tenho, todo mundo tem problema, mas eu estava aqui cedo, tenho família, tenho uma filha pequena... Oito horas começando. A minha aula sempre era a primeira, 8h da manhã, 2h da tarde. Então, eu tinha uma aluna que vinha de bicicleta de Taguatinga – eu não me lembro nome dela, estou velha mesmo –, ela vinha de bicicleta, gente, pela EPIA, chegava antes de mim, 10 min para as 8h ela estava aqui, acredite se quiser, nunca faltou uma aula, com o maior interesse. Eu tinha alunos que dormiam na sala de aula, que trabalhavam no aeroporto, e eu falava: “não durma”. Aí eu usava “pausicologia” moderna. Pegava chinelo havaiana, jogava e falava: “acorda”. “Isso não é politicamente correto”, diriam hoje. Eu estaria com processo nas costas. Por quê? Porque os alunos tinham comprometimento com uma universidade “gratuita”, entre aspas, que todos nós pagamos através de impostos, então eles têm responsabilidade, o aluno, não é com política, é consigo mesmo e com a sua família, orgulhar os seus pais. Então, era essa a mentalidade, o aluno queria ser orgulho da família, e esse sacrifício todo orgulho do Departamento de Educação Física.

L.C.S.: Qual a mensagem e qual a palavra, a ideia que você gostaria de deixar para os alunos, os profissionais ou professor de Educação Física nesse momento?

M.R.J.C.C.: O que eu posso deixar aqui são minhas lembranças, as lembranças das primeiras colônias de férias feitas aqui, as lembranças das arbitragens com os alunos aí por fora, as lembranças dos alunos, aquela sementinha que eu estava aguando, aguando, vendo aqueles alunos trocando ideias e crescendo, aqueles alunos, como esse aqui, que participavam, Nossa Senhora, daquele desfile dos jogos universitários brasileiros, de Brasília – primeiro Brasília, FAUnB –, essas federações. Esses alunos, aqueles momentos agradáveis de felicidade, que nós fomos eu não sei quantas vezes campeões dos desfiles, temos os troféus, mas todo desfile era UnB, “lá vem UnB”, mas nós éramos os campeões mesmo, não tinha para ninguém. A UnB foi a pioneira em Educação Física. A Educação Física foi acarinhada por nós professores. Da Educação Física foram saindo grandes profissionais, os primeiros triatletas nasceram aqui, e por aí vai. Se eu for lembrar... Os momentos mais agradáveis com meu grupo experimental de dança, momentos muito felizes aqui. As 24h nadando da Ana Maria René depois... Aquele iníciozinho... O churrasquinho de fim de semana... Nós éramos muito unidos, éramos uma família. O EDF – como era chamado o Departamento de Educação Física – era a criança, era a nossa casa e era muito amado, muito protegido por todos nós. Nós suávamos, nós lutávamos de domingo a domingo, por amor, por respeito, principalmente por ser uma universidade pública que as pessoas pagam através de seus impostos caríssimos nesse país na formação de profissionais de todas as áreas. Especificamente a nossa, nós queríamos que saísse o melhor daqui extramuros UnB para trabalhar com o futuro do país, com as crianças. Hoje, cadê? Onde é que estão esses profissionais? Cadê a Educação Física nas escolas? Querem dar aula com material, com o espaço físico? Não. Utilizem a criatividade... “Eu não trabalho com material de sucata”.

Faça valer, se dê ao respeito e faça, sempre faça. Procure um jeito de se sobrepor às dificuldades, não é na primeira pedra, na primeira dificuldade que você vai dar um pontapé na profissão. Não, arrume um jeito de transpor essa pedra e com galhardia. Bater no peito e dizer: “venci. Viva a Educação Física da UnB.” Sempre. Respeitando a si próprio. Eu acho que o professor, agora falando assim, acho que o professor de Educação Física da UnB está um pouco – um pouco não, vou ser franca – está totalmente diferenciado da minha época, está esquecendo de se fazer respeitar como profissional, respeitar o futuro profissional, tratar o aluno com mais respeito que ali tem um ser humano que pode te ajudar futuramente e muito, que pode aumentar, vamos dizer assim, elevar o nome do nosso país, então pensar nesse aluno, ser patriota acima de tudo... Eu duvido que um professor de Educação Física aqui saiba o Hino da Bandeira, o Hino Nacional, o Hino da Pátria. “Nós somos a pátria amada, feliz soldados por ela amados.” O Hino do Exército. “Pendão da esperança, salve, símbolo Augusto da Paz, tua nobre presença à lembrança, a grandeza da pátria”. Qual é a grandeza da Pátria? Os alunos, as crianças, nós somos a grandeza, sem a qual nós nunca vamos ser um país com letras maiúsculas. Então, nós temos que amar a terra, e nós viemos dela, e essa faculdade precisa um pouco dessa identidade. A mágoa que eu trago dessa faculdade é saber que ela perdeu aquela paixão pela Educação Física, ela está visando muito mais a “o que eu posso tirar com a Educação Física para o meu bem-estar?” Está muito mais individualista a Educação Física, não está altruísta, não está pensando no profissional, está muito “o que eu posso ganhar, como eu posso fazer um nome na Educação Física?” Não é como fazer um nome. Você já tem um nome, respeite-o, só isso, respeito. Não é fazer nome, você já nasce, você é batizado, você leva um nome, então você não vai fazer nome. Você vai se respeitar e se fazer lembrar que você é o professor tal. Isso é aplauso para você, ser digno naquilo que você faz. A minha tristeza foi que eu me doeie tanto aqui no departamento... Não me arrependo de ter me doado para os alunos, isso jamais, mas com alguns colegas que, não custava nada, me ceder o título de Adjunto II juntamente com outros professores da Medicina, porque eu soube pelo meu colega que já faleceu, ele simplesmente puxou: “não, isso é dançarina, só pensa em dançar – vai se lembrar disso –, não fez trabalho nenhum, não tem mestrado – esquece que eu sou *maître* –, não tem isso não tem aquilo outro”. Pelo menos, no meio da dança, Ana Maria Botafogo está no meu Facebook, Eliana Caminada, Maya Plisetskaia, que nos deixou com 81 anos, a primeira bailarina russa do Bolshoi, o Mikhail Baryshnikov me manda coisas também, então não tem problema nenhum. Demonstra que não tem cultura, que é outra coisa. Não é só ser professor e entender de esporte, de natação, disso, daquilo. Não. Você tem que ter cultura, conhecer artes, conhecer política, conhecer história para poder falar. Então, eu peço muito aos alunos, o legado que eu posso deixar para os alunos é que não se bitolem, ampliem o leque, lendo muito. Não vão atrás de conversa de disse me disse “porque fulano é isso, porque em 1900...”. Não. Leia, procure se informar; converse com pessoas que viveram aquela época, se é que elas ainda estão por aqui; se instrua; aprenda línguas; procure ampliar; seja criativo ao máximo, a criatividade nos impulsiona, nos eleva; e seja humilde,

tenha humildade, não exagerada, tudo na medida certa. Com certeza, você vai alcançar o tapete vermelho e vai levar o Oscar da vitória, sendo educado, respeitador, interessado, dedicado e tendo muito amor pelo que se faz. Não tenha dó de dar o sangue. Eu doei meu sangue aos meus alunos e tenho o maior agulho disso, porque o que eu abri de portas para pessoas maravilhosas...

L.C.S.: Quero agradecer a satisfação de ter estado aqui fazendo essa entrevista com a professora Maria Rute, que foi a minha professora de Rítmica e outras disciplinas mais, que me ensinou muito, inclusive eu nunca esqueço que, outro dia eu estava falando com a minha filha aprendendo notas musicais e eu falei para ela: “o papai aprendeu notas musicais na Rítmica. Era o movimento da abraçada – e um, e um e dois, três e quatro”. Só que eu não lembro as notas musicais que eu fiz. Foi o meu trabalho de rítmica, que eu nunca esqueço. É uma satisfação muito grande uma professora que dedicou a carreira dela, a vida dela para a faculdade. A gente tem um prazer enorme, gostava muito da dança, brigava muito pelas salas de dança e fez muita coisa para a gente, realmente é uma alegria estar fazendo isso aqui.

M.R.J.C.C.: Que esse Centro Olímpico, principalmente esse que eu estou olhando, o CO, seja realmente um centro de excelência. professor William Passos, que ficou sol a sol aqui nessa piscina dando aula, que faça valer o nome do William, faça valer o nome do William; faça funcionar; tenha utilidade isso aqui; tenha utilidade a pista de atletismo do professor Osmar Riehl, do professor Cantarino; faça valer as quadras de basquete do professor Balthazar; o voleibol do professor Alexandre; a professora Solange da Natação, da Pedagogia; a professora Laura. Não se esqueça. A Laura, as cinzas dela e do Cantarino estão aqui. Façam valer com muito carinho. Não se esqueçam da história, do passado, é só o que eu peço. Muito obrigada, primeiro por estar viva para poder participar disso. Muito obrigada ao Luiz César que eu chamei aqui, escolhi para me arguir, porque foi um aluno excelente, um grande dançarino, me fez dançar lambada como ninguém. *Muito obrigada* por me chamarem, pelo carinho, pela atenção. Eu espero que esse trabalho tenha o maior sucesso, de coração. Isso aqui, em uma figura retórica, tudo isso aqui foi uma criança gerada por nós. Todos nós somos pais e mães, e as pessoas que vêm aqui – essas sementinhas – são nossos filhos, os alunos. Eles têm que se sentir acarinhados, amados e abraçados pela profissão, mas abraçados sentindo confiança, com os professores ali: “estamos aqui, vamos embora, continue o meu trabalho”. É assim que tem que ser. Temos que respeitar, temos que voltar a respeitar. Eu estou achando bárbaro isso, porque isso é memória, e um país sem memória não tem identidade, não pode exigir, não existe, é um país morto, já nasce morto.

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs).
Autoridades e cidadãos. Ao fundo câmeras de TV.
Temos na fotografia: Lister de Figueiredo (Coronel) e Gilda Cury.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00044-08>.

4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.)

Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)

A.L.G.R.: Temos a imensa satisfação de estarmos aqui para entrevistar a professora Solange de Cássia Dias Passos. A professora Solange fez a graduação em Educação Física em 1973, na UFMG. Logo em seguida, teve a oportunidade de fazer um curso de aperfeiçoamento em Engenharia da Instrução – era o título do curso naquela época, em 1974. Fez a especialização na ESEFFEGO, em 1968, e foi uma das primeiras professoras da Faculdade de Educação Física que fizeram mestrado na Universidade de São Paulo, em 1983. Professora, é muito bom estar aqui com você, um grande prazer. Solange, como foi que você chegou a se tornar professora?

S.C.E.P.: Eu morava em uma cidade do interior de Minas Gerais, estudei interna no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Alfenas e me formei no curso normal e no curso científico ao mesmo tempo, naquela época existia. Quando eu me formei, voltei para minha cidade, sem nenhuma perspectiva. Foi onde veio a ideia de ir para Belo Horizonte. Naquela época, era um avanço uma moça distinta, de família, ir sozinha para uma capital, mas eu

fui, minha tia morava lá. Eu cheguei a ir a Belo Horizonte, porque no colégio em que eu estudava houve um concurso de bolsa para a Faculdade de Filosofia Santa Maria em Belo Horizonte e eu ganhei uma bolsa. Então, com essa desculpa, eu consegui dobrar meu pai e ir para Belo Horizonte. Fui fazer vestibular, tinha que fazer vestibular. Era escola particular, não ia pagar nada, mas tinha que fazer vestibular e eu não sabia o que era carteira de identidade, o que era ficha não sei o quê, não sabia nada disso, mas me deixaram fazer o vestibular sem documento, praticamente nenhum, com o compromisso de que se os meus documentos chegassem até a última prova eu continuaria. Fui fazendo as provas, fui passando, mas, na última prova, que era francês, os documentos não chegaram. Naquela época, para ir de Alfenas a Belo Horizonte, os documentos iam de ônibus. A estrada esburacada e os documentos não chegavam. Foi quando eu perdi o vestibular e perdi a bolsa de Filosofia na Faculdade de Santa Maria, em Belo Horizonte. Eu fui para o pensionato em que eu estava hospedada muito triste e uma colega disse: “olha, eu vou fazer vestibular para Educação Física, vamos?” Falei: “nossa, vamos, eu não quero é voltar para minha cidade.” Então fui fazer o vestibular para o curso de Educação Física. Passei, comecei curso e, Alexandre, me identifiquei com aquele curso. Para mim, foi uma maravilha e me formei em Educação Física. Antes de me formar, eu já era concursada como professora do estado de Minas de Gerais. Já trabalhava com alfabetização de crianças, alfabetização de adultos e foi assim que eu fui caminhando. Formei em Educação Física, e comecei a trabalhar como professora especializada nas escolas. Neste mesmo período trabalhei no consultório do saudoso Doutor Aníbal Bonifácio da Costa, que você deve conhecer. Ele me chamou para ser professora de Educação Física no seu consultório e eu fui. Meu noivo, William Passos, morava no Rio, e tinha se formado em Educação Física. O mercado de trabalho em Belo Horizonte não estava bom e eu falei: “vamos para Brasília?” Ele disse: “vamos.” Eu larguei tudo em Belo Horizonte: larguei meu apartamento que a minha vó tinha me dado; larguei o emprego no Dr. Aníbal, que me pagava muito bem; larguei o estado; e vim para Brasília, sem eira nem beira. Hoje, eu penso como eu tive coragem, porque eu era bem estabelecida em Belo Horizonte. Chegando aqui, um ex-professor, Pedro Rodrigues, falou: “não, Solange, você vai trabalhar na Fundação Educacional, vai ter concurso agora.” Eu fiquei extremamente feliz com isso. Então, eu e o Willian fizemos o concurso, passamos e fomos trabalhar na Fundação Educacional. Lá eu trabalhei com crianças na Escola de Aplicação da UnB – da UnB não, da Escola Normal de Brasília –, onde tinha uma escola de aplicação. Eu amava aquelas crianças; depois, eu trabalhei com adolescentes no Colégio João Paulo II, amava aqueles adolescentes; e surgiu, então, a oportunidade de ir para a Universidade de Brasília. Pensei: “Universidade de Brasília? Será que eu dou conta disso?” Fui fazer uma entrevista lá. Em março de 1973, fui contratada como orientador desportivo e começou toda a minha jornada na UnB.

A.L.G.R.: O que fazia um orientador desportivo?

S.C.E.P.: Dava aula de Prática Desportiva para os alunos dos outros cursos da UnB, e foi uma experiência fantástica ter contado com alunos de outros departamentos, de outras

faculdades da universidade. No final de 1973, foi instituído um concurso nacional para professor de Educação Física da UnB, e foi no dia 4 de dezembro de 1973 que eu fiz esse concurso e fui dar aula no curso de Educação Física, que estava começando com cinco alunos. Eu me lembro de quase todos eles, vejo a carinha deles na minha frente. Nesse período, eu participei de... Nossa! Nem dá para citar quantos cursos, quantas comissões, quantas reuniões técnicas. Fui também, nessa época, requisitada pela SEED/MEC para prestar uma assessoria na Coordenação de Ensino Superior. Lá eu permaneci dois anos, mas era assim: de manhã, UnB; de tarde, SEED/MEC. Eu digo para você que eu não gostava muito de ir para a SEED/MEC, a gente ficava muito à toa e na UnB, muito mais trabalho, muito mais dinamismo. As disciplinas ministradas na UnB foram: Educação Física; Recreação e Jogos, durante quatro anos; Didática da Educação Física – você foi meu aluno e monitor de Didática da Educação Física –, 10 anos; Estágio Supervisionado em Educação Física, 12 anos – você foi meu aluno em Estágio?; e Aprendizagem Motora, durante sete anos. Foi um período intenso na minha vida, de muita alegria, de muitos tudo, de muita participação. Um determinado dia, eu pensei: “gente, eu tenho que me qualificar para acompanhar esses alunos. Foi quando eu decidi fazer o mestrado na USP. Eu tinha tido contato com alguns professores da USP que me incentivaram mesmo a fazer um concurso para o mestrado. Eu fui fazer, Alexandre, morrendo de medo, porque, veja bem, se eu não passasse, ia ser muito ruim mediante toda a comunidade da UnB, e se eu passasse, eu teria que me mudar para São Paulo e deixar meus filhotes, três crianças em Brasília. Ninguém acreditou que eu tivesse coragem de ir, nem eu, mas eu fui, sofri muito, porque deixar três crianças pequenas em Brasília... Eu vinha toda semana de ônibus quando o meu orientador deixava, porque às vezes proibia: “não, não vai, vai estudar.” Ia de ônibus de São Paulo para Brasília. Eu vinha para cá, vinha na sexta-feira à noite, pegava um ônibus, chegava aqui sábado, ficava com as crianças, ficava domingo e domingo, à noite eu pegava um ônibus para São Paulo. Sem contar que era muito difícil sair para fazer esse mestrado. A UnB cortava, de todos os jeitos, as possibilidades de a gente fazer, sair para estudar. Aqui, não tinha possibilidade, porque os mestrados eram muito fechados e muito poucos, e foi um desafio mesmo sair daqui para fazer mestrado em São Paulo. Eu fiz o concurso, recebi a notícia de que tinha passado e de que a matrícula era dia tal. Eu fui fazer essa matrícula, eu falei: “gente, eu vou me matricular, mas eu não sei se vou, não tenho coragem”. Fui, tive coragem, fiz o mestrado com toda essa dificuldade que eu já te falei e foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida: foi bom para mim; para os meus filhos; para os meus alunos, principalmente, porque eu fiz por eles, o mestrado eu fui fazer pelos meus alunos. Eu não tinha nenhuma possibilidade de uma ascensão de cargo na UnB, eu era professora assistente e ia continuar como professora assistente, não ia mudar nada, mas mudou a parte intelectual, a parte de pesquisa. Foi uma experiência muito boa fazer o mestrado, e sem contar que, para fazer o mestrado, na época em plena ditadura, a gente tinha uma dificuldade maior ainda, porque para me liberar para o mestrado foi muito difícil dentro da UnB, e quando fui liberada, eu era dedicação exclusiva, 40 horas/DE, e me passaram para 12h. Cortaram

então o meu salário, mas eu fui, foi muito desgastante, foi um sacrifício muito grande, foi um desafio muito grande, mas eu fiz. Essa é a história melhor, é o fim da história feliz, eu fiz o mestrado. Quando eu voltei, eu fui lecionar a disciplina Aprendizagem Motora, que foi a minha área de estudo, Aprendizagem e Desenvolvimento Motor. Nessa época, fui subchefe de departamento, fui coordenadora do curso de graduação não sei quantas vezes – dez anos, eu acho que fui coordenadora –, fui subchefe, eleita subchefe do professor Renato, ele era chefe, eu era subchefe. A esposa do Renato teve um acidente muito grave e ele teve que deixar a chefia e eu era subchefe, então virei chefe. Mas como que um departamento machista ia suportar uma mulher como chefe deles? Propuseram então um plebiscito. Eu aceitei o plebiscito, morrendo de medo, e fui então legitimada nesse plebiscito, como chefe. Foi difícil, foi um desafio que vocês não calculam. É muito difícil uma mulher ser chefe de um departamento de homens. Quem de mulher trabalhava lá? Maria Rute, Maria Helena, eu e Laura, mas a Laura foi depois. Não, mas foi nessa época, eram quatro mulheres. Para dar aula, tudo bem; para ter bastante aula, bastante horas-aula, estava ótimo; mas, para ser chefe, não. Mas venci esses desafios. Houve algum boicote que eu só fiquei sabendo depois que eu saí da chefia, mas venci essa etapa. Quando terminou a chefia, eu estava realmente cansada, desgastada de lutar mais ou menos sozinha, porque quem me apoiava era o Renato e o William, e eles tinham saído para estudar – o William para estudar, o Renato de licença – e eu fiquei ali. Então, eu saí muito cansada dessa chefia e eu pensei que eu tenho duas opções: ou ficar e fazer o doutorado ou me aposentar. Eu decidi me aposentar. Eu digo para vocês que eu me arrependi muito. Me aposentei muito nova e não concluí, não fiz o doutorado, mas tudo bem.

A.L.G.R.: A título de comparação com o que a gente está vivendo hoje, quais eram as tecnologias disponíveis para um professor em sala de aula naquela época, na década de 1970, de 1980?

S.C.E.P.: Datilografia e gravador, bem rudimentar. Já no final, o retroprojektor. Tinha o tal canhão: “traz o canhão, dá aula com o canhão”. Um mimeógrafo a álcool, que era o cachacinha. Comprei datashow para dar aula, procurar melhorar as aulas, custou dois mil reais na época, mas foi comprado.

A.L.G.R.: Recuperando um pouco toda essa sua experiência na universidade, teve algum desafio que você gostaria de compartilhar conosco que foi algo marcante?

S.C.E.P.: Um dos desafios foi a participação nesse projeto da SEED/MEC, em conjunto com a UnB, para discutir a Educação Física na universidade. Eu fiquei na coordenação desse projeto. Decidi, não, eu conversei, e chegamos à conclusão de que a gente formaria grupos de consultores. Procurávamos os melhores professores, os mais qualificados nas faculdades; reunia em Brasília; discutia o assunto; eles voltavam para sua cidade de origem; elaboravam um texto sobre aquele assunto; e retornavam a Brasília, em determinado momento, para discutir o que foi escrito. Foi um desafio, porque, a par disso, eu não fui liberada de trabalho na universidade, eu tive que continuar trabalhando normal e tive que fazer tudo isso. As falas dos professores – a gente sempre se reunia em um hotel – eram

gravadas em um gravadorzinho bem elementar de propriedade minha mesmo, e depois eu levava aquilo e ficava ouvindo e transcrevendo as falas dos professores, que eram longas. Remetia os textos para eles (alguém datilografava para mim, porque eu não sabia datilografar), eles então corrigiam, aceitavam, propunham, diziam “está errado” ou “está certo” “é isso mesmo”, porque o gravador tinha hora que a gente não ouvia direito o que era falado. Terminamos isso, foi quase um ano de reuniões e mais reuniões, mais reuniões e textos, textos, textos, até que tivemos a ideia de fazer um livro: “vamos reunir isso em um livro, gente? Porque é um material muito rico essas discussões sobre Educação Física na universidade.” Discutimos as ideias com os consultores e a gente foi construindo tudo junto; eles iam propondo outros temas: formação do profissional de Educação Física, Educação Física e lazer, Educação Física e trabalho. Reunimos isso em um livro que está aqui, não sei se vocês conhecem, mas é um livro que eu me orgulho muito de ter coordenado e organizado. Foi um desafio, uma contribuição para a Educação Física brasileira – eu acredito mesmo –, pessoas escreveram textos na época inéditos, maravilhosos.

A.L.G.R.: Como era a relação do Departamento de Educação Física dentro da Faculdade de Ciências da Saúde?

S.C.E.P.: Era difícil. O Departamento de Educação Física era o que a gente falou no início, que não tinha, não se considerava o Departamento de Educação Física, a gente participava das reuniões da Faculdade de Saúde, mas éramos muito pouco ouvidos. Depois que eu voltei do mestrado, eu me lembro que eles passaram a considerar mais o departamento. Eu me posicionava bem nas reuniões e me lembro que eu participei corajosamente de um curso ministrado por um médico lá da faculdade, que era sobre crítica, discutindo o que que era a crítica afinal, não era um deboche, mas uma construção acadêmica, e eu fui participar. Acho que era a única mulher no meio daqueles homens muito importantes da Faculdade de Saúde, médicos famosos, e, no último dia, tinha a apresentação de um trabalho, eu apresentei um resumo da minha tese de mestrado e eles ficaram de boca aberta, nunca pensavam que alguém da Educação Física pudesse fazer um trabalho daquele. Era muito difícil a relação, e já se discutia na época o crescimento do Departamento de Educação Física e a necessidade de se desvincular da Faculdade de Saúde. Eu me lembro que a gente tentou se vincular à Faculdade de Educação, mas, conversando com o professor Aloilson, que eu não sei se você se lembra dele, mas era um professor muito interessante da Faculdade de Educação, ele disse: “gente, é melhor não ser nada em um lugar que é muita coisa do que ser nada em um lugar que não é nada.” Isso desmotivou muito a gente a passar para a Faculdade de Educação. Mas com o tempo essa relação foi melhorando na Faculdade de Saúde, mas ainda permanecendo muito rudimentar, e já se discutia: “precisa se desvincular da Faculdade de Saúde, precisa se tornar uma faculdade.” Mas eu não participei dessa discussão, desse trabalho para sair da Faculdade de Saúde e se tornar uma Faculdade de Educação Física.

A.L.G.R.: Fala um pouco para a gente dos currículos que você teve contato durante a formação do profissional em Educação Física. Creio que nós começamos com o primeiro currículo em 1972 e você chegou a acompanhar a primeira reestruturação curricular da FEF.

S.C.E.P.: Foi uma mudança, uma ruptura, de certa forma, com o currículo que tinha uma formação muito técnica de esporte, de competição, para um currículo mais voltado para as metodologias do ensino das disciplinas – por exemplo: Metodologia do Ensino da Didática, Metodologia do Ensino do Basquete, Metodologia do Ensino do Handebol – que tentava professores daquelas disciplinas e não técnicos treinadores do esporte. Essa foi a grande mudança. Eu participei muito como requisitada para a SEED/MEC, de reuniões de currículo, desde aquela que tentava acabar com currículo mínimo até chegar às metodologias. Foi muito tempo mesmo de discussão para se chegar a aprovar uma proposta. O bom da UnB é que você fundamentava mesmo uma proposta e acabava sendo aceita. Você não tinha que ficar brigando, brigando e brigando para... Não sei o caso da faculdade, porque eu não participei, mas eu sei que a gente conseguiu muita coisa dentro da UnB. A gente conseguia ali pelo Decanato de Assuntos Comunitários, que a gente era muito ouvido nesse decanato.

A.L.G.R.: O que significa para você fazer parte da história da Educação Física em Brasília e na UnB?

S.C.E.P.: Eu me sinto realmente privilegiada e sou muito grata por ter feito parte da UnB. Eu costumava dizer, quando eu saía de casa de carro e entrava na UnB, que o ar era outro, eu respirava um ar diferente de tanto que eu gostava da universidade, daquele espaço, daquela convivência, daquela relação acadêmica que eu consegui formar dentro da UnB participando de outros departamentos também, não só da Educação física, mas da Faculdade de Educação, da Faculdade de Saúde, da Faculdade de Psicologia, do Departamento de Psicologia. Então, eu me sinto privilegiada por ter feito parte da história da UnB, da história do Departamento de Educação Física da UnB. Ali eu cresci, eu me qualifiquei, eu tive contatos incríveis com professores, com alunos – os alunos eram para mim seres diferentes, eu me sentia realizada fazendo o meu trabalho com os alunos. Eu partia para o estágio supervisionado, porque o estágio era feito, eu acompanhava os meus alunos nas escolas e ali a gente estudava, a gente discutia academicamente e a gente se tornava amigos, era uma coisa muito bonita que a gente associava a parte acadêmica com a parte social. Fora das aulas, momentos marcantes quando eu fui várias vezes convidada pelos alunos para ser paraninfa de turma. Quando não era paraninfa, eu era homenageada, isso fez uma diferença muito grande na minha vida.

A.L.G.R.: Fazendo uma reflexão pessoal, teria algo que você gostaria de fazer ainda pela Educação Física ou você sente que a sua missão já está cumprida?

S.C.E.P.: Eu não gosto muito dessa expressão não, Alexandre: falar missão cumprida. Mas eu sinto... Eu sinto que eu não tenho muito mais a fazer pela Educação Física do Brasil não.

A.L.G.R.: Que mensagem você gostaria de deixar para os colegas que estão agora assumindo os desafios que você deixou na universidade de formar novos professores, e também para os estudantes de Educação Física, o que você diria para eles, uma palavra de motivação?

S.C.E.P.: Para os colegas, que eles se dediquem academicamente, como parece que vem ocorrendo na faculdade, se dediquem didaticamente nas suas salas de aula, porque o departamento não precisa só de pesquisa, precisa do ensino, da pesquisa e da extensão. Então, que esses trabalhos sejam realizados e que a graduação não seja menos importante, e que o trabalho de extensão não seja também menos importante. Eu me lembro que eu fiz parte de um trabalho de extensão da universidade em conjunto com a Faculdade de Educação no Médio Araguaia, lá em Barra do Garças – acho que é esse o nome –, e foi muito bonito a gente participar desse projeto. Então, que encare a pesquisa, o ensino e a extensão como um todo, como fazendo parte de um todo. Para os alunos, que levem um trabalho de qualidade para as escolas, que a formação deles não termine na graduação, que a formação deles continue em termos de curso ou, se não, de muito estudo, de muita preparação.

A.L.G.R.: Solange, muito obrigado por ter nos recebido na sua casa. É um prazer poder ter estado aqui com você, relembrando todos aqueles momentos que foram muito preciosos para mim, muito importantes. Você sabe que você é uma das responsáveis por eu ter escolhido a Educação Física e me dedicado a essa profissão, e hoje muito das coisas que eu faço lá na Educação Física é como se fosse um tributo a vocês todos que tiveram uma participação incrível na minha formação, muito obrigado por tudo que você fez pela gente.

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs).
Pessoas subindo ao pódio; 3º lugar Atletas e banda de música ao fundo.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00044-06>.

5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.)

Entrevistador: Jake Carvalho do Carmo (J.C.C.)

J.C.C.: Temos aqui o prazer de estarmos com o nosso convidado, professor Alcir Braga Sanches, o nosso querido professor Braguinha, que atuou na Universidade de Brasília, deixando marcas fenomenais. Foi o meu professor de Futebol, meu professor de Handebol, e, principalmente, eu vejo um administrador que ajudou em muito na consolidação da nossa faculdade. Então, é um prazer estar aqui com o senhor e nós vamos então conversar muito sobre esse tempo que nos abrilhantou aqui. Muito obrigado. Inicialmente, gostaríamos de saber como é que foi a sua história de vida, como chegou na Universidade de Brasília, como atuou na Universidade de Brasília.

A.B.S.: A minha vida pessoal e profissional foi sempre ligada ao esporte. Desde menino, fui um garoto de rua, jogando muito futebol na rua. Na adolescência, eu fui para um colégio particular e lá eu comecei a me destacar dentro da escola jogando nas equipes do colégio. Nesse mesmo colégio, inclusive, eu consegui o meu primeiro emprego. Trabalhei lá na secretaria desse colégio e depois me tornei jogador de futebol. Comecei a jogar futebol no Olaria Atlético Clube do Rio de Janeiro e atuei lá desde as categorias de base até a profissional, comecei a me destacar no Rio de Janeiro e, posteriormente, vim para Goiás e, nessa época, já com a intenção de fazer o curso de Educação Física, exatamente estimulado pelo meu interesse e gosto pelo esporte. Me mudei para Goiás para jogar futebol no Goiás Esporte Clube, mas já tendo sido aprovado no vestibular do curso de Educação Física da ESEFFEGO, que é a Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás. Lá joguei futebol, consegui fazer o curso e me formei na ESEFFEGO, fiz um curso de especialização na Universidade de São Paulo em Handebol e, pelo ano de 1973, teve um grande congresso em Goiânia, inclusive o professor Cantarino, saudoso professor Cantarino, um dos nossos primeiros líderes aqui na Educação Física na UnB, ele estava lá nesse evento e recebemos a notícia – eu recebi a notícia, o pessoal todo recebeu a notícia – de que a Universidade de Brasília estava realizando – iria realizar – um concurso público para a criação do tal do curso de Educação Física na UnB. Eu vim fazer esse concurso, fui aprovado e, assim, eu ingressei aqui na Educação Física, assinei um contrato aqui na universidade – 23 de janeiro de 1974 – e aí eu começo a minha vida realmente profissional, com uma rápida passagem pela ESEFFEGO, eu fui professor na ESEFFEGO durante um ano, no ano de 1973 e, aliás, esse meu vínculo com a ESEFFEGO foi o que me credenciou para o concurso, porque um dos critérios do concurso da UnB, na época, era que o indivíduo tivesse experiência no ensino superior e eu, então, um jovem recém-formado, professor novinho na ESEFFEGO, tive o meu currículo selecionado para vir fazer a parte prática, que era uma aula, e outra coisa, é detalhe, o concurso era para modalidades esportivas. Eu fiz um concurso para Handebol, uma vaga para Handebol, professor de Handebol na Universidade de Brasília.

J.C.C.: Já dentro da Universidade de Brasília, quais seriam, quais foram os seus cargos e as suas funções?

A.B.S.: Então, logo chegando aqui, o primeiro contato foi com o nosso então chefe do Departamento de Educação Física, professor Hélio Bettero, que foi inclusive o responsável pela abertura, pela busca, pelo concurso – ele conseguiu as vagas para o concurso –, e cheguei aqui, recebi logo as missões que eram dadas aos professores que chegavam, que era primeiro: sendo professor concursado, tinha responsabilidade de atuar na implementação do curso de Educação Física, cujo primeiro vestibular já havia sido realizado em julho de 1972. Os alunos estavam saindo do ciclo básico da área de Ciências – você conhece bem esse ciclo básico – e precisavam de ter oferta das disciplinas do currículo então vigente. Então, é por isso que o concurso foi feito. A segunda: você é o treinador da equipe de handebol da FAUnB, Federação Atlética da Universidade de Brasília. Terceira missão: dar atendimento à comunidade. Todos os domingos nós temos um plantão aqui na portaria do Centro Olímpico, e os professores então têm que fazer uma escala para, em cada domingo, nós termos um professor responsável pelo Centro Olímpico nos finais de semana. Recebi essas três missões. Então, fui cumprindo essas missões, peguei as minhas disciplinas, a de Handebol e, outra coisa, a Prática Desportiva, recém-implantada nas universidades para o cumprimento da Lei nº 69.450, de 1971, que tornou obrigatória a Prática Desportiva em todos os níveis e graus de escolaridade. Logo no começo, veio o professor Cantarino, um líder que veio para agregar, juntar e ajudar o professor Bettero nessa missão administrativa – ajudou muito –, e eu fui me juntando ao professor Cantarino, ali também pegando algumas funções administrativas com o professor Bettero, e isso foi a semente realmente da minha carreira, que foi mais marcada, dentro da universidade, pela atuação na administração da universidade. Eu cheguei, fui subchefe de departamento com o professor Cantarino, no período de 1977 e 1979, porque o professor Bettero se desvinculou da universidade em 1977. Depois, de 1979 a 1981, eu assumi a chefia do Departamento de Educação Física, na época o chefe mais jovem. Inclusive, eu tive uma passagem muito interessante relacionada ao problema da idade. Eu, preocupado com isso, fui conversar com o meu diretor na Faculdade de Ciências da Saúde. Agora está me falhando o nome, mas ele foi muito importante para mim. Eu perguntei para ele: “professor, e agora? Eu vou ser chefe de departamento desse pessoal... Olha o Cantarino, o Renato Garcia, todo pessoal mais velho, mais experiente do que eu.” E ele falou assim: “não se preocupe não, você vai pegar o estatuto, o regimento da Universidade de Brasília, vai colocar debaixo do braço, vai pegar a legislação vigente – maior vigente – e vai botar na cabeça que a sua missão dentro da Universidade de Brasília é exatamente defender a Educação Física, o desenvolvimento da Educação Física, não só na universidade como no Distrito Federal”. Falei: “é isso?” Ele: “é isso que você tem que fazer, mais nada.” Eu segui essa orientação dele e fiquei um período bem, consegui ser reconduzido por mais um mandato, então eu cumpri dois mandatos, o que era permitido na época, e passou essa fase. Logo a seguir, nós estávamos vivendo a crise da Educação Física dos anos 1980 e havia muito questionamento

dentro da universidade em relação a realmente qual era o papel da Educação Física, qual é o objeto de estudo da Educação Física, e muita crítica à questão do tecnicismo, e aí foi que eu saí para fazer um mestrado na Universidade de São Paulo, no ano de 1984. Eu saí para o mestrado em 1984 e, após retornar desse mestrado, como eu já havia sido chefe de departamento e tudo mais, eu comecei a assumir, nos mandatos seguintes, várias coordenações. Eu assumi a Coordenação de Graduação mais de uma vez e com chefes diferentes, assumi a coordenação de Prática Desportiva, assumi a Coordenação de Extensão. A única coordenação que eu não assumi foi a Coordenação de Pesquisa, porque não se enquadrava dentro do meu perfil, eu já estava com uma carreira encaminhada para ajudar a universidade e a Educação Física nessa questão da administração. Passado algum tempo, já na coordenação de Educação Física e no contexto inclusive dessa crise da Educação Física e do surgimento de novos conceitos, foi que eu comecei a trabalhar no projeto de criação da Faculdade de Educação Física. Fiz parte de uma comissão e ajudei na elaboração do projeto, havia um movimento dentro da universidade da ideia de desvinculação de determinadas áreas, principalmente no nosso caso da Educação Física, porque nós queríamos demonstrar que a nossa especificidade não justificava a nossa vinculação com a Faculdade de Ciências da Saúde, e foi inclusive o argumento da especificidade que foi utilizado no projeto que possibilitou – e também a abertura que existia na época, havia por política da administração central – que a gente realmente conseguisse aprovação da criação da Faculdade de Educação Física, sendo que, à época, havia uma grande resistência da diretora da Faculdade de Ciências da Saúde que era professora Paulina. A professora Paulina resistia muito, porque ela estava vivendo ali a fragmentação da faculdade, ela defendia coisas deles e nós iniciamos essa fragmentação. A fragmentação foi grande, porque, hoje em dia, a Faculdade de Medicina, o curso de Medicina, que está desvinculado, tem faculdade própria; Nutrição tem faculdade própria; Enfermagem tem faculdade própria; e ela já previa essa fragmentação. Mas a Paulina, na época, estava com pouco poder político na administração central e nós conseguimos então que a faculdade fosse criada. Mais um pouquinho para frente, nesse mesmo contexto dos novos conceitos de Educação Física, nós tornamos a Prática Desportiva optativa. Eu também atuei dentro desse projeto e eu não sei se foi uma coisa boa, mas a Prática Desportiva tornou-se optativa e aí muitos dos cursos aproveitaram e tiraram a Educação Física dos seus currículos. Os professores também estavam mais preocupados com as suas carreiras e com as suas qualificações. Eles precisavam disso, porque eles tinham uma carreira pela frente, e achei isso importante, porque, inclusive, o meu mestrado abriu para mim uma nova área de atuação em termos de conhecimento. Eu, que era um professor chamado tecnicista, que atuava com o desporto, com meu mestrado, eu desenvolvi um conteúdo e comecei então a estudar bastante a área de Aprendizagem e Desenvolvimento Motor. Eu acho isso de uma importância muito grande, porque realmente, em termos de conceito, para mim, foi uma evolução muito grande pessoal. Eu comecei então a atuar como professor de Aprendizagem e Desenvolvimento Motor, mas nunca deixei de dar, oferecer a Prática Desportiva de Futebol para os alunos da universidade,

porque eu achava isso importante, que aproximava o professor da comunidade, trazia o professor, os alunos para o Centro Olímpico. Inclusive, recentemente, estive aqui e fiquei assim: “(inint) [00:16:30] o futebol? Oferta da Prática Desportiva?”. “Não, o futebol não foi mais oferecido depois que o senhor se aposentou em 2015, não tem Futebol para Prática Desportiva.” Porque os professores começaram a se preocupar mais com as suas pesquisas, com área acadêmica e realmente essa parte do desporto ficou meio de lado, porque foi uma fratura, não sei se eu vou usar o termo fratura, mas foi uma separação da Educação Física do desporto, em termos conceituais, mas que, na verdade, em termos práticos, isso nunca aconteceu, inclusive nas mudanças que aconteceram na Educação Física por conta dos distintos currículos que foram mudando de acordo com as novas resoluções. Depois, nos anos 2000, eu também tive participação na elaboração do Projeto de Implantação da Educação a Distância da universidade. Parece que são coisas que vão se delineando, de vez em quando eu fico pensando: “será que existe destino?” O Ministério da Educação implantou, no início do ano 2000, o Projeto Segundo Tempo, que a ideia do Projeto Segundo Tempo era exatamente ocupar os alunos em tempo integral nas escolas do ensino fundamental e usar o desporto no horário contrário das aulas das outras disciplinas para ocupar o aluno mais tempo dentro da escola. Implantou então dentro o Projeto Segundo Tempo. Nesse Projeto Segundo Tempo, a Universidade de Brasília teve uma participação importante, os professores da Faculdade de Educação Física atuaram e ele foi implementado usando a educação a distância, usando a estratégia da educação a distância. Por essa época, o governo federal, dentro da sua política, começou a fazer um incentivo de criação da educação a distância para atender às licenciaturas, que estavam preocupados com a formação de professores, principalmente em cidades mais distantes que precisavam de professores de Educação Física com formação, para que a Educação Física realmente ajudasse na educação dos meninos, e aí começaram a surgir editais de fomento para a educação a distância nas universidades. Eu fui no Brito – colega nosso, Marcelo Brito –, que tinha sido coordenador. Eu era coordenador de graduação e estou lá nos órgãos colegiados superiores da universidade, vendo o pessoal movimentando: “vamos implantar a educação a distância.” Eu não tinha nenhuma experiência, eu não sei por que foi, eu fiquei fora do Projeto Segundo Tempo, eu estava ocupado com alguma outra coisa e eu não estava no Segundo Tempo, mas o Marcelo Brito era o coordenador (inint) [00:20:29]: “você não quer assumir a coordenação desse projeto de educação, implantação de educação física a distância na UnB?” Ele falou: “não, não quero não”. Eu falei: “não podemos deixar isso...”. Lembrei do Iran, e o Iran, que então, como foi parte da comissão de especialistas da Sesu, trabalhando inclusive no projeto de reformulação da Educação Física – os caras com a nata da Educação Física na Sesu nessa comissão de especialistas –, o cara estava recém-chegado do doutorado dele, que se especializou em Currículo, eu falei: “Iran, não podemos perder essa oportunidade, vamos juntar e vamos fazer um projeto para a gente participar do próximo edital. Vai sair um edital agora para licenciatura chamado Pró-Licenciaturas, vamos entrar nessa.” Ele falou: “vamos.” Sentei com ele, trabalhamos juntos em uma proposta,

encaminhamos e fomos contemplados. Implantamos assim um programa de Pró-Licenciatura de educação a distância e atingimos várias... Longe... Fomos para Roraima, fomos para uma porção de cidades do interior, fomos para Barretos – agora está me falhando a memória, o Iran depois, na hora que chegar, vai lembrar mais dessas cidades todas. Logo a seguir, veio o UAB. Nós replicamos o projeto e ficamos com dois projetos, porque o Pró-Licenciatura era pontual, ele tinha início e fim definidos no próprio projeto, como inclusive com recursos para um curso – quer dizer, nós fizemos só um vestibular –, já o UAB não, permitia a execução de mais de um vestibular, mais de um programa. A EaD foi o último grande projeto que eu participei dentro da universidade, de implantação da educação a distância, do qual, inclusive, eu muito me orgulho, e assim, depois de 41 anos de atuação dentro da universidade – desde 23 de janeiro de 1974 –, em 11 de fevereiro de 2015, saiu então, eu abri o processo de aposentadoria e o ato saiu em 11 de fevereiro de 2015. Há três anos que eu estou aposentado, fora da universidade, mas muito orgulhoso, porque, na verdade, foi a minha vida.

J.C.C.: Naquela época, na década de 1960 e 1970 – na verdade, 1960 não –, a partir de 1974, na qual começamos aqui, como eram as aulas, quais as tecnologias utilizadas para o aprendizado?

A.B.S.: Muito bem lembrado. Em termos de estratégia e métodos de ensino da época e como evoluíram ao longo do tempo, o que eu posso dizer é que, no início, a Educação Física era tecnicista – você fazia um vestibular para Educação Física, você tinha que ter um desempenho físico para poder ingressar na universidade. Eu, por exemplo, fiz um primeiro vestibular na Universidade Federal do Rio de Janeiro e fiquei reprovado em um teste de barra. Na UFRJ, foi no ano de 1968, eles montaram um circuito de alto rendimento para o vestibular para alunos de Educação Física, para formação de professores de Educação Física, então o teste era totalmente tecnicista, desempenho era o que era cobrado. Na minha época de aluno, quando eu fui aluno, a prova era: “Voleibol hoje”; “qual é a prova?”; “você vai dar 10 saques, 20 toques e não sei quantas cortadas.” No futebol: “você vai dar tantos chutes na bola”; “você vai demonstrar se você sabe executar a habilidade.” Assim é que funcionavam os cursos da época. Você sempre fazia uma associação rápida com comentários de conteúdos, mas relacionados com a técnica, assim você estava formando os futuros professores de Educação Física. A ideia é que o professor de Educação Física – a formação dele –, para que fosse bem formado, ele tinha que saber fazer, só se ele soubesse fazer ele saberia ensinar e assim que funcionava a Educação Física. Na Prática Desportiva dentro da universidade, nós fazíamos avaliação dos alunos no começo, nós testávamos, tínhamos cinco testes que os alunos faziam: teste de Cooper, abdominal, barra e apoio – quatro testes –, não me lembro se tinha um quinto teste. Nós pegávamos os dados dos resultados obtidos pela turma, jogávamos, fazíamos uma curva de Gauss de distribuição dos dados, e a meta dos alunos, até o final do curso, era atingir os dados da curva para obter menção, que era oriunda dos testes que eles faziam no começo e no final do período letivo. Nós, no meio, fazíamos todo o treinamento dos alunos para eles atingirem as

metas. Em relação aos conteúdos expositivos, eles eram feitos dentro do próprio campo e, muitas das vezes, a gente usava o que a gente tinha disponível em termos de fotografias, na época tinham alguns vídeos – o Super-8 – e a gente usava alguma coisa dessas. A coisa foi mudando, essa maneira de trabalhar começou a ser muito criticada, principalmente nos anos 1980, a questão da crítica ao tecnicista foi muito forte, até que nós conseguimos extinguir – eu também participei desse projeto – a parte de desempenho dos vestibulares da Educação Física. Se não me falha a memória, eu acho que eu também era coordenador de graduação nessa época – eu não me lembro bem –, mas então nós acabamos com o teste de desempenho no vestibular para o curso de Educação Física na UnB. Os professores começaram a fazer seus doutorados, mestrados, começou um grande interesse do professorado por produção acadêmica, e aí eu faço uma distinção muito séria entre produção acadêmica e pesquisa *stricto sensu*. Nesse sentido, eu encaro que, salvo raríssimas exceções, somos todos professores e não sei se nós temos um ou dois ou três ou quatro pesquisadores ou se tivemos algum ao longo do tempo – estrito –, e aí a coisa começou a passar mais para essa questão de mais conversas, de mais conteúdo, com menos práticas “tecnicistas”, entre aspas. Nós chegamos a um ponto em que nós começamos a chamar essas práticas de experiências, então nós começamos a levar os alunos para a quadra para ter experiência, para eles vivenciarem; mudamos a estratégia de treinamento para dar habilidade, para a vivência, vivências, experiências na aprendizagem só para o aluno ter uma noção; tiramos o teste de desempenho do vestibular; e nós começamos a ter dificuldade de ter alunos nas quadras para vivenciarem as experiências que eles precisavam de ter para a formação deles de professores. Houve uma mudança muito grande, porque nós vivenciávamos naquela época, nós tínhamos um uniforme, o aluno de educação física tinha uniforme, todos, tanto de Prática Desportiva quanto do curso de graduação. Tudo isso foi caindo e nós começamos agora recentemente às vezes a: “aviso: na próxima aula nós vamos ter uma aula de vivência, de experiência na quadra do ginásio, por favor venham vestidos adequadamente.” Aí, chegam os alunos de sandália havaiana, a menina com um sapatinho de salto, calça jeans... Foi uma mudança para o outro extremo. Na graduação, com a implantação da educação a distância, melhorou muito a questão do uso das tecnologias e também uma própria evolução das tecnologias, com o surgimento da internet e também o surgimento de plataformas – essas plataformas de ensino muito boas –, inclusive nós implantamos uma plataforma nossa da educação a distância na Pró-Licenciatura e no UAB. A questão do professor começou mais vinculada à questão da diminuição do domínio do conteúdo, quer dizer, o professor conteudista também começou – porque nós saímos do tecnicismo e viramos para o professor conteudista – a ser muito questionado, e, com a utilização das estratégias de EaD, quer dizer, com o desenvolvimento da tecnologia e do ensino virtual, as estratégias começaram a ser mais valorizadas e o professor passou a ser mais um cara construtor de estratégias de ensino do que de um administrador de conteúdo, e o importante passou a ser... A aprendizagem passou a ser mais importante do que o ensino. Foi isso que

aconteceu ao longo do tempo nessas mudanças todas que eu cheguei a vivenciar nos meus 41 anos de universidade.

J.C.C.: Professor Alcir, eu gostaria de saber o que motivou o então Departamento de Educação Física a se desvencilhar da Faculdade de Ciências da Saúde, onde predominava a Medicina?

A.B.S.: Além do que já foi dito, nós tínhamos também um grande interesse em conquistar uma autonomia tanto administrativa quanto financeira, porque uma unidade tem recursos próprios e os recursos são distribuídos por unidade e depois eram redistribuídos para as subunidades, então nós tínhamos interesse em ter essa autonomia financeira, de ter os próprios recursos. Além disso, a questão administrativa. Nós passamos a ter acento em todos os colegiados da administração superior da universidade. Eu mesmo fui membro de vários conselhos, fui membro da Congregação de Carreira, não, fui membro da Câmara de Ensino de Graduação da universidade, fui membro da Câmara de Extensão da universidade, fui membro do Cepe e fui membro do Consuni. Em termos de participação em alguns colegiados, desde o começo, no meu caso, quando nós éramos da Faculdade de Ciências da Saúde, nós não passávamos da Faculdade de Ciências da Saúde. Nós tínhamos assentos no colegiado lá, eu fui membro, por exemplo, da Câmara de Graduação da Faculdade de Ciências da Saúde e fui também membro do outro colegiado administrativo lá, mas não passava de lá, para subir mais, nós tínhamos que nos transformar em unidade e isso realmente foi importante para nós. Quando nós nos transformamos em faculdade, e com o interesse cada vez maior dos professores por estudos na área acadêmica e também na área de pesquisa, nós tivemos, em termos de política pública, os financiamentos de nossos laboratórios. Nós tínhamos o laboratório – o primeiro grande laboratório foi o AFiM – e hoje nós temos... Quantos laboratórios nós temos hoje? Eu me afastei um pouco... O laboratório que você coordena, meu ex-aluno, com todo orgulho?

J.C.C.: Biomecânica e Processamentos de Sinais Biológicos, mas nós temos em torno de uns 15 laboratórios e ainda com uma grande margem de errar nessa informação.

A.B.S.: Inclusive, em uma determinada época, no sentido de a gente conseguir inclusive mais recursos, cada área nossa de ensino foi considerada como um laboratório: uma sala de aula, um laboratório; uma piscina, um laboratório. Por isso que temos uma soma tão grande como essa e é possível que tenha até mais, se for somar realmente aquilo que hoje em dia é considerado laboratório, mas laboratório de pesquisa, no sentido estrito, são o AFiM e mais os que você citou, não sei se tem mais algum, tem?

J.C.C.: Tem vários.

A.B.S.: Então, em termos de política pública, quer dizer, a mudança do conceito do tecnicismo para o acadêmico trouxe para a Educação Física todos esses avanços. Nós começamos a nos equipar melhor, nossos professores também começaram a se aprofundar em estudos, isso ajudou em muito na melhoria da produção acadêmica dos professores e, conseqüentemente, da universidade, então foi uma mudança muito importante.

J.C.C.: Professor Alcir, e quanto à evolução do nosso currículo? Em 1974, com todo o início, como é que ele era visto, o que era oferecido? E depois, com as reformas, o que aconteceu quando nós saímos do vestibular específico de Educação Física até o mais próximo possível dos dias de hoje?

A.B.S.: Eu mesmo me formei com a Resolução nº 69/69, e a Resolução nº 69/69 foi uma resolução muito importante, que ela implantou inclusive o currículo mínimo, e foi uma resolução importante, porque ela deu muita ênfase à questão da formação do professor, muito embora ela tivesse realmente uma – no ensino superior –, muito embora tivesse um resquício muito forte das ideias tecnicistas, porque o desporto predominava. Nós tínhamos três componentes curriculares importantes – o biológico, o gimnodesportivo e o pedagógico – e a implantação desse componente pedagógico dava essa ênfase para o ensino, e a importância das estratégias de ensino do professor tirava um pouquinho do tecnicismo que prevalecia até então, e implantou o currículo mínimo. Essa Resolução nº 69/69 foi muito criticada durante muito tempo e foi a que predominou desde 1972, a data do nosso primeiro vestibular, até 1987. Predominou durante 15 anos e sempre com essa discussão: a questão do desporto da Educação Física. O pessoal discutia dizendo que: “nós temos que fazer uma distinção disso aí, temos que fazer uma distinção nessa formação.” Foi aí que foi criada e implantada a Resolução nº 3/87. A Resolução nº 3/87 vem no contexto da crítica que se fazia primeiro ao currículo mínimo, que engessava muito as universidades na implantação, implementação dos seus projetos pedagógicos, e também havia uma crítica com relação à necessidade de uma formação – aí vamos usar a palavra profissional diferenciado – e a Resolução nº 3/87 veio e falou: “existe um profissional diferenciado ao do professor que é o bacharel, que é o cara para trabalhar fora da escola.” Só que nós, historicamente, estávamos acostumados a poder tudo. Ao licenciado poder tudo. Criaram o bacharelado, mas esse bacharelado nasceu morto. Por que ele nasceu morto? Porque o licenciado continuou podendo tudo e, além disso, a escola continuava a ser o melhor empregador. A segurança toda do professor estava na escola, embora ele tivesse muito pouco interesse pela questão do aluno. Ele dava aula de esporte na escola preocupado realmente com a questão da formação dos meninos para o esporte, não era uma educação mais abrangente. A Universidade de São Paulo criou um bacharelado por lá, não sei se Santa Maria criou um bacharelado, e continuou lá a licenciatura forte, todo mundo queria fazer, quem que ia fazer bacharelado? Ia fazer licenciatura... “Com licenciatura eu posso trabalhar dentro e fora da escola...” Então continuou. Nos anos 1987 (inint) [00:43:24], continuou aquela discussão dentro da academia chamada crise da Educação Física, e, em 1998, criou-se o Colégio Brasileiro de Ciências... Não, em 1998, criou-se a CONFEEF, regulamentou-se a profissão. A questão da regulamentação da profissão também era uma discussão no meio acadêmico e político brasileiro: “temos que regulamentar a profissão”. E aquela briga, porque tínhamos uma grande entidade que era o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, cujo primeiro presidente ou diretor foi o professor doutor Victor Matsudo, então essa discussão sempre era polemizada por essas entidades: Colégio

Brasileiro; CELAFISCS, que era um laboratório de São Caetano do Sul que antecedeu ao Colégio Brasileiro, e o Victor Matsudo criou o Colégio Brasileiro tendo o CELAFISCS como laboratório do Colégio Brasileiro. Continuava com aquela orientação desportiva, mas houve uma mudança de direção, a professora Celi Taffarel assumiu, e aí o pessoal do Coletivo de Autores de 1992 – o professor Lino Castellani, Celi Taffarel, o professor Ortega, a professora Lúcia, o pessoal de Campinas – veio propondo uma nova didática para a Educação Física e o negócio, a crise, para mim pessoalmente ficou mais braba ainda a crise. Essas tentativas, essas quebras de paradigmas influenciam também na pessoa, porque uma quebra de paradigma para o indivíduo é uma coisa muito forte. Já vi gente dando tiro no ouvido por causa dessa questão da mudança de quebra de paradigma. Em 1992, então, veio esse Coletivo de Autores e, em 1998, veio, repetindo, a questão do CONFEEF, que foi uma outra chacoalhado muito grande, mas estava vigente ainda a Resolução nº 3/87, e nos anos 1990, a Secretaria de Ensino Superior do MEC começou a trabalhar com um grupo de professores – uma comissão de especialistas. A SESU começou a usar essa estratégia de criar comissões de especialistas nas diversas áreas de conteúdo, de conhecimento, para começar a pensar a questão das reformulações curriculares, e a Educação Física teve também sua comissão de especialistas, que estava fazendo um trabalho, inclusive estava encaminhando uma proposta muito interessante, que era exatamente a formação do graduado em Educação Física com áreas de aprofundamento: o indivíduo fazia uma graduação e tinha apostilado, nas costas do diploma, o aprofundamento que ele se especializou. Escola? O cara vai para escola. “Mostra o diploma, qual é a área de aprofundamento?”. “Você pode atuar na escola.” “É treinamento esportivo.” “Então, só no treinamento esportivo.” Mas, quando estava caminhando, veio uma outra grande pancada, que foi a regulamentação das licenciaturas. Deu uma atropelada na Educação Física braba. Aí, a licenciatura dentro das universidades com especificidade própria e finalidade própria – especificidade e finalidade –, dizendo assim: “entra pela licenciatura quem quer ser professor, vai ser professor, mais ninguém. Se quiser fazer outro curso, vai fazer o bacharel. Quer atuar fora da escola? Vai fazer o bacharel, faz vestibular para bacharel e faz bacharel.” Mas a Educação Física historicamente podia tudo, a escola ainda era o maior empregador, como é que ia ficar a segurança do professor, do agora profissional de Educação Física? Ia pelo espaço. Ia para o espaço não, vamos dar um jeito aqui? Primeiro, as universidades particulares aderiram rápido, fizeram suas reformas rápido, implantaram logo seus bacharéis – uma ou outra uma licenciatura –, mas foram logo implantando seus bacharéis e ponto, está resolvido aqui. As públicas resistiram e a nossa faculdade aqui resistiu muito. Depois das Resoluções nº. 1 e nº. 2, que regulamentaram as licenciaturas, a Educação Física tinha que fazer alguma coisa, e aí veio a Resolução nº 7, que foi a criação do bacharelado. “Como é que nós vamos fazer?” “Vamos fazer aqui, conteúdo é o mesmo, vamos dar um jeito aqui, 70%.” “Mas o cara não pode...” Eu, inclusive, nos colegiados, era sempre a ovelhinha negra: “não pode, gente, não pode fazer isso.” “Não, nós vamos fazer.” “Vamos mudar o currículo?” “Vamos, o currículo...” “70% da grade é igual, como é isso?” “Não, mas ela é igual, depois a gente dá um jeito, o

cara entra por aqui, sai por aqui, depois chega lá, sai e pega dois diplomas.” Essa era uma crise que acho – não sei como está, tem três anos que eu estou fora, não sei se ela persiste –, mas é um problema sério, porque é preciso que a Educação Física assuma. Houve uma tentativa inclusive recente que foi frustrada, inclusive teve audiência pública e tudo mais, que houve uma tentativa de voltar à situação anterior. Eu não sei qual foi o órgão que – eu não me lembro, porque já estava aposentado – liderou isso, mas houve uma audiência pública no MEC e não passou, ficou como está. Então, eu acredito que futuramente essa coisa vai ter que... A licenciatura vai ter que seguir o seu caminho e o bacharelado vai ter que seguir o seu caminho também, distintamente, e eu acho que isso é uma próxima questão que a Educação Física vai ter que resolver.

J.C.C.: Professor Alcir, o que significa para o senhor fazer parte dessa grandiosa história da Faculdade de Educação Física da qual o senhor ajudou tanto?

A.B.S.: A minha vida foi toda ela... Quarenta e um anos é um tempo bom, porque toda a minha vida dentro da Universidade de Brasília foi calcada na ideia de que eu precisava, de alguma forma, participar ajudando a Educação Física no aspecto... Dentro da universidade. Eu atuei muito mais dentro da universidade do que fora da universidade, sempre buscando o interesse da Educação Física, o desenvolvimento da Educação Física, participando inclusive dentro da universidade, participando de discussões, fazendo propostas, participando de comissões, de alterações, participando de coordenações, então, uma vida muito voltada para a universidade. Eu costumo dizer que... “Qual foi a tua contribuição? Qual é o seu perfil? Você fez doutorado? Fez mestrado? Você é um pesquisador? É um acadêmico?” Eu falei: “eu sempre procurei evoluir dentro da minha carreira como professor na universidade”. Desde lá, da era tecnicista, até a mais atual, que é a de estratégia de ensino usando a tecnologia, sempre procurando melhorar o meu trabalho e atuando na administração. Foram 41 anos. Eu costumo dizer o seguinte... Agora eu mudei para Goiânia, estou morando há três anos em Goiânia. Eu saí do Rio de Janeiro com 21 anos de idade para a região Centro-Oeste, então eu fui criado – nascido e criado – no Rio de Janeiro. Passei por Goiânia três anos, antes de vir para cá, e vivi 41 anos na universidade. Eu falei: “eu não vou conseguir viver mais em outra cidade o quanto eu vivi em Brasília e não vou conseguir viver mais a mesma experiência do meu trabalho, porque eu aposentei, eu sou um professor aposentado.” Então, foi a minha vida e serviu para eu cumprir o meu destino, que foi através das controvérsias, dos contrapontos, mas eu devo tudo isso ao esporte. Hoje, eu sou um torcedor de futebol, vou ao estádio, torcedor fanático do Goiás e essas coisas todas, estou retirado, então estou mais para o papel de torcedor, estou afastado da universidade, mas sou muito grato e me orgulho muito do trabalho que desenvolvi aqui por esses longos anos.

J.C.C.: Por fim, eu gostaria que o senhor deixasse uma mensagem para os seus colegas de trabalho, para os professores nas escolas, enfim, para os alunos que sempre terão o senhor como exemplo.

A.B.S.: A mensagem que eu gostaria de dar para os meus colegas e tudo mais... Primeiro, que é preciso que a atuação dos colegas na formação dos alunos precisa ser bem distinta, e que eles se deem conta dessa distinção. Meu sonho como professor e também defendendo a escola é que os professores no futuro, e talvez finalmente, possam ser capazes de se dedicar realmente à escola, à formação de professores. Historicamente, a Educação Física, se você for pegar trabalhos acadêmicos na Educação Física, muito pouco direcionados realmente à preocupação com a questão da escola. Então, definam bem. Ao alunado, ao futuro alunado, que se definam, definam seu interesse. Se a habilidade do sujeito, talento do sujeito está voltado para o esporte, procure o bacharelado, vai fazer o bacharelado. Aquele que realmente quer ser professor, que então esse procure a licenciatura, e os professores se preocupem em fazer essa distinção. O meu sonho é que surjam professores, mais professores interessados com a questão da escola dentro das universidades.

J.C.C.: Professor Alcir, eu gostaria, do fundo do coração e carregando todos da Faculdade de Educação Física, lhe agradecer, não só pelo dia de hoje, no qual o senhor veio de Goiânia para nos brindar, mais uma vez, com os seus conhecimentos, mas por toda a sua dedicação, durante todos esses anos, à Faculdade de Educação Física.

Muitíssimo obrigado!

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs). Aglomerado de pessoas em pé reunidas no campo de futebol no CO. Ao fundo, ônibus e carros.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtOM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00044-03>.

6. Professor Iran Junqueira de Castro (I.J.C.)

Entrevistadora: Alessandra Pessoa Coimbra (A.P.C.)

A.P.C.: Professor titular, Dr. Iran Junqueira de Castro, primeiro diretor da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília e responsável também pela coordenação do Curso de Licenciatura a Distância, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil. Passo então à apresentação pessoal e profissional do professor Iran Junqueira para que faça suas considerações.

I.J.C.: Hoje eu tenho 68 anos de idade, sou filho de um professor de Educação Física já falecido, (inint) [00:02:09], de uma pedagoga também falecida, minha mãe, que tiveram uma influência marcante na minha decisão de fazer Educação Física. Meu pai, como professor de Educação Física, percebeu que eu tinha dom, que eu tinha interesse, que gostava muito das modalidades esportivas que ele ensinava, inclusive, e, a partir daí, já me decidi precocemente que seria professor de Educação Física. Fiz, a partir de 1970, Escola de Educação Física do estado de São Paulo, hoje USP, Universidade de São Paulo, e, a partir daí, em 1973, vim a Brasília, porque Brasília basicamente tinha 14 anos, era tudo novidade, e achei que seria um momento, um espaço onde eu poderia me desenvolver profissionalmente. Vim para a universidade em 1974 e estou até hoje, uma vez que não me aposentei ainda e pretendo ainda, quem sabe, com saúde, desenvolver alguns projetos que me inquietam e fazem com que talvez eu consiga ainda contribuir um pouco para a área de Educação Física que eu amo tanto.

A.P.C.: Quais os cargos e funções ocupados na Faculdade de Educação Física?

I.J.C.: Fui coordenador da Prática Desportiva, uma disciplina obrigatória, todos os alunos da Universidade tinham que fazer, até a década de 1990, e, em 1994, eu participei já do debate sobre a criação da Faculdade de Educação Física, entretanto não fluiu como imaginávamos. Em seguida, me candidatei à chefia do então Departamento de Educação Física e tive uma participação ativa no que se refere à criação da Faculdade de Educação Física, que nasceu em 1997, e eu fui o primeiro diretor. Como diretor, tentei implementar uma série de ações, uma série de projetos, alguns com êxito, outros não, e fiquei, por oito anos, como diretor da Faculdade de Educação Física. Em seguida, já nos anos 2000, eu participei da criação do curso de Educação Física da UAB, Universidade Aberta do Brasil, como primeiro coordenador, e, vale a pena comentar, que foi o primeiro curso de Educação Física no Brasil a distância, entretanto, considerando a peculiaridade, a especificidade, melhor dizendo, da área Educação Física, nós criamos um curso mais híbrido, ou seja, semipresencial. Para se ter uma ideia, até 2013, 2014, havia apenas 12 cursos implantados de licenciatura e, segundo dados hoje do Ministério da Educação, existem 135 cursos Educação a Distância licenciatura e bacharelado no país. Fui também diretor do Ensino de Graduação a Distância da Universidade de Brasília. Essa coordenação, ou melhor dizendo, essa direção, é parte do Decanato de Ensino de Graduação, e fiquei lá em torno de três anos,

onde eu pude ter uma vivência um pouco mais macroscópica das políticas públicas, no que se refere à educação a distância não só em Brasília, mas também no Brasil.

A.P.C.: Com a criação do departamento, em 1974, até a criação da faculdade, em 1997, o senhor deve ter enfrentado muitos desafios, assumiu muitas responsabilidades. Dessa trajetória profissional, quais os desafios, problemas enfrentados?

I.J.C.: Em 1974, não só eu, mas acredito que todos os professores tinham uma visão muito tecnicista da Educação Física da época, uma vez que nós estávamos todos dentro de um paradigma do esporte de alto rendimento. Então, a Educação Física tinha essa vertente muito forte da Educação Física voltada ao esporte de alto rendimento, acredito que todos os professores. Para você ter uma ideia, na época que eu fiz a Escola de Educação Física, nós tínhamos várias disciplinas e modalidades institucionalizadas: o Basquetebol, o Voleibol, a Natação, o Atletismo... Por exemplo, eu fiz o Basquetebol I, II, III e IV como disciplinas obrigatórias da minha formação, assim como Atletismo, Natação, assim por diante. Na ocasião, a formação era técnica, biológica e pedagógica, então tinham apenas essas três vertentes. Um curso que normalmente você levava três anos para terminar, 1.800 horas. Essa foi a primeira formação. Então, na década de 1980, por conta do envolvimento de vários profissionais que foram fazer mestrado e doutorados fora do país, principalmente aqueles voltados à área de Educação e às áreas das Ciências Sociais, assim como pesquisadores intelectuais da Educação Física, principalmente da Europa, como por exemplo o Manoel Sérgio, influenciaram decisivamente a Educação Física no Brasil e isso gerou, não só em mim, mas no próprio Departamento de Educação Física, uma inquietude, uma vez que nós tínhamos uma visão muito restrita, muito romântica e, como eu disse, muito ingênua ainda da Educação Física. Nesse sentido, eu me mobilizei com a família para fazer um curso de mestrado na Universidade de São Paulo, consegui entrar em 1983, se eu não me engano, e por lá fiquei dois anos, até que eu concluí na área de Aprendizagem e Desenvolvimento Motor e tive o prazer e a satisfação de ter o professor doutor Go Tani como meu orientador, que não só foi um grande amigo, mas uma pessoa que realmente me colocou no mundo acadêmico, porque a nossa visão era muito de dar aula, muito do ensino da graduação, e, a partir do mestrado, desenvolvi uma competência de forma que eu pudesse ver esse tripé da universidade que é fundamental, ou seja, o ensino, a pesquisa e a extensão. Em seguida, fiz o doutorado, não no Brasil, mas no exterior, nos Estados Unidos, na Universidade de Iowa, estado de Iowa. Fiquei lá por quatro anos e meio e tive muito mais interesse, nesse momento, em não ficar em Aprendizagem e Desenvolvimento Motor, mas na área de Formação Profissional de Currículos, Currículos e Programas de Educação Física. Foi um acerto, na minha opinião, acertei, uma vez que, quando cheguei aqui no Brasil, estava se discutindo as novas formações, o novo profissional de Educação Física, e eu pude então participar em nível nacional da discussão sobre as diretrizes curriculares nacionais da área. Fiz parte da Comissão de Especialistas da SESU, que é a Secretaria do Ensino Superior do MEC, e, nesse sentido, tivemos o trabalho de debater não só internamente, mas com a comunidade da área de Educação Física nacional

– várias universidades, pesquisadores, também de universidades particulares – sobre essa nova formação de Educação Física, ou seja, o perfil profissional que se esperava desse novo profissional em Educação Física. Nesse sentido, pude ser também convidado para participar de várias comissões do MEC, no sentido de autorização e reconhecimento de curso. Estive lá de 1998 até 2011 ou 2012 e pude colaborar, digamos assim, com várias instituições desse país – Norte, Sul, Leste, Oeste – nessa área de formação que, na época, já estavam falando em licenciatura e bacharelado.

A.P.C.: Quais os desafios e problemas enfrentados durante essas mais de duas décadas da criação do departamento até a criação da Faculdade de Educação Física?

I.J.C.: Na minha opinião, nós sempre fomos uma espécie de corpo estranho na Faculdade de Ciências da Saúde. Lá existiam 12 departamentos e mais o nosso da Educação Física. Na área da Medicina, da Nutrição, da Enfermagem, assim por diante. Quando falávamos em conselhos da Faculdade de Ciências da Saúde assuntos relacionados à Educação Física, a gente percebia que o interesse dos membros daquele conselho não era tão intenso como nas suas áreas específicas. A Educação Física sempre teve realmente uma visão muito mais saúde do que de doença, e os problemas lá enfrentados estavam muito mais relacionados com doença. Além disso, nosso modelo não pode se confundir apenas com modelo de saúde, quer dizer, o paradigma da Educação Física hoje não pode ser pensado mais apenas na saúde. Por conta da especificidade da área, nós temos um pé também nas Ciências Sociais, na Educação, nas Ciências da Psicologia, assim por diante. Então a Educação Física, por ser multifacetada por natureza, mereceria uma unidade acadêmica dentro da Universidade de Brasília. Entretanto, não estava claro para os membros conselheiros da Faculdade de Ciências da Saúde, apesar de que aqui no então Departamento de Educação Física nós tínhamos uma posição firme de que valeria à pena a gente lutar para (inint) [00:12:34]. Entretanto, alguns chefes de departamento da faculdade tinham realmente essa visão, tinham essa sensibilidade, outros não. Então nós perdemos, em determinado momento, uma espécie de *timing* de criar a faculdade. Foi quando eu voltei do doutorado – naquela ocasião tínhamos 13 professores, 12 com especializações ou mestrados e apenas eu com doutorado –, me candidatei a chefe do Departamento de Educação Física, ganhei as eleições e percebi, gradativamente, participando daquelas reuniões, que valeria à pena, porque nós realmente não tínhamos muito a ver com aquele desenho da Faculdade de Ciências da Saúde. Fiz um projeto juntamente com o professor Riehl e com o professor Alcir, passamos esse projeto no então colegiado do Departamento Educação Física, foi aprovado, e, assim que levamos à professora Paulina Targino, então diretora da Faculdade de Ciências da Saúde, ela, de uma maneira muito agressiva, comentou conosco que não abriria mão do Departamento de Educação Física e que ela tinha ganhado as eleições contando com a Educação Física. Nesse momento, eu então procurei o professor Todorov, o reitor da Universidade de Brasília naquela ocasião, apresentei o projeto a ele, e ele comprou a ideia de que vale à pena investir. Nesse sentido, ganhei muita força, mais ânimo, mais motivação e, com apoio do professor Timothy Mulholland, que era o chefe de gabinete, fomos então

modificando gradativamente o projeto, no sentido de adequá-lo de forma que pudesse atender às expectativas e também às necessidades da Universidade de Brasília naquela ocasião. Esse projeto passou novamente ao Departamento de Educação Física para melhores debates e, finalmente, foi colocado como assunto de pauta no Conselho da Faculdade de Ciências da Saúde, onde, para surpresa nossa, ele foi aprovado por unanimidade. Em seguida, ele teve que necessariamente entrar ou ser pautado no Consuni, Conselho Universitário, e lá também, por unanimidade, ele foi aprovado em 1997. Gostaria de dizer que essa tramitação não foi fácil, houve uma série de intervenções, dificuldades daqui, dificuldades dali, tive que conversar com todos os chefes de departamento, convencê-los de que valeria à pena, porque a Educação Física tem realmente a sua peculiaridade própria, e eles finalmente concordaram e aprovaram por unanimidade o projeto. Quando entrou no Consuni, o professor Fuck, das Geociências, foi o relator e também, com muita sensibilidade não só social, mas também acadêmica, ele conseguiu mostrar o porquê que a Educação Física deveria ser realmente uma unidade acadêmica, uma faculdade. O grande problema foi que nós tínhamos na época apenas um doutor, alguns mestres e muitos especialistas. O próprio professor Todorov me perguntou: “professor Iran, mas como vamos criar uma faculdade com apenas um doutor?” Eu também não tinha a resposta, mas, refletindo com o professor Timothy e com o próprio professor Todorov, achamos que a saída seria fazer um convênio com a Universidade de Havana, em Cuba, e também com a Secretaria de Educação daqui do Distrito Federal. Foram feitos esses dois convênios, eu fui a Cuba, entrevistei talvez 15 ou 16 doutores formados todos em uma versão da antiga União Soviética e, desses doutores, eu consegui selecionar três, trouxe ao Brasil, e esses doutores – professor Hiram, professor Pini e professor Ramón – foram colocados à disposição de cursos ou programas, melhor dizendo, da pós-graduação na Psicologia, nas Ciências da Saúde, na Educação e assim por diante. Esses professores foram os primeiros que qualificaram os nossos docentes aqui da Faculdade de Educação Física. Além disso, esse convênio com a Secretaria de Educação foi muito importante, porque nós trouxemos oito professores, eles ofereceram as disciplinas não só obrigatórias, mas optativas do nosso currículo, e liberou professores da faculdade para que pudessem fazer seus mestrados e doutorados. Então foram dois procedimentos acertados, mas que nós tivemos dificuldades por conta não só questões acadêmicas, mas também financeiras, de gestão e assim por diante.

A.P.C.: Nos conte como era a política de formação, qualificação docente para os professores na época do departamento e como é hoje.

I.J.C.: Então, Alessandra, como eu disse anteriormente, não havia uma política de qualificação docente, mesmo porque nós estávamos muito bem em termos de ensino de graduação, achando que estávamos no melhor ensino de graduação possível aqui no Brasil. Entretanto, quando íamos pedir ascensão funcional de Assistente I, para Assistente II, por exemplo, caía na mão de um relator, os órgãos superiores, os colegiados superiores da UnB, e os relatores diziam: “cadê a produção científica desse professor, uma vez que ele participou do curso de Arbitragem, do curso Técnico, do curso de Basquete, de Voleibol,

de Handebol... Cadê a produção científica?” Então, fez com que nós acordássemos e, apenas na criação da Faculdade de Educação Física, que se criou uma política. Eu gostaria de voltar dizendo que, na década de 1980, houve na verdade iniciativas próprias, individuais. O professor Cantarino foi o primeiro a sair, em 1981, ele fez um mestrado aqui na Faculdade de Educação; em seguida, saiu professor Riehl; em seguida, a professora Solange, eu; e em seguida, o professor Balthazar, o professor Alcir, o professor Renato e o professor William; mas por iniciativas próprias. Somente com a criação da Faculdade de Educação Física que houve então uma política institucional de qualificação docente. Era uma política em que nós tínhamos um percentual de professores que podiam sair e fizemos um convênio, como eu disse para você, com a Universidade de Havana e também convênio com a Secretaria de Educação. Então, a política que nós tínhamos, um status, e a gente gostaria de mudar esse status, colocando a faculdade realmente como unidade científica e acadêmica dentro da UnB. Para você ter uma ideia, em 1997, nós tínhamos um doutor, o restante todos mestres ou especialistas; hoje, depois de pouco tempo, vamos colocar aí 25 anos, nós temos 46 professores no quadro, sendo que, desses, 43 são doutores, apenas três professores estão em processo de qualificação, o restante então já tem o título máximo dentro da universidade, o que nos deixa muito satisfeitos e orgulhosos, uma vez em que o cenário mudou muito, quer dizer, a Educação Física é uma profissão emergente e a Educação Física da UnB, os professores da UnB perceberam essa possibilidade de fazer parte da vanguarda da Educação Física, em termos de produção científica aqui no Brasil.

A.P.C.: O cenário da Educação Física vem se transformando ao longo dos anos de uma formação tecnicista. O senhor foi coordenador de uma Educação Física a distância que só foi possível com uso de tecnologias, a partir da adesão ao programa Universidade Aberta do Brasil. Me fale sobre as tecnologias usadas na Educação Física nas décadas de 1970, 1980, que tipo de tecnologia existia naquela época até chegar ao ponto de uma educação a distância, com o uso de computadores, que levou a Educação Física para todo o Brasil.

I.J.C.: Esse mundo dos computadores, da internet, enfim, que nascem no mundo e também no mundo acadêmico, a partir da década de 1990. Então, de 1970 até 1990, nós usávamos aqueles tambores que colocavam *slides* e o professor tinha que ir *slide a slide*, projetando em uma tela ou na parede e tudo mais. Isso era uma coisa muito complicada, porque o professor tinha que tirar fotografias, essas fotografias iam para os negativos até se transformar em um *slide*. Em seguida, teve aquela fase também dos retroprojetores com transparência, nós usamos muito, eu tenho as transparências até hoje. Então é isso, essa era a tecnologia que a gente utilizava. Para rodar, por exemplo, uma prova nós tínhamos o chamado cachacinha, ou seja, era um reproduzidor de documentos e isso também era um trabalho muito artesanal.

A.P.C.: E para fazer avaliação física nos estudantes? O senhor trabalhou muito com aprendizagem e desenvolvimento motor. Hoje nós temos vários aparelhos que fazem avaliação, como era feita essa avaliação antes?

I.J.C.: A gente usava mais os testes físicos, aqueles testes, não de laboratório, mas testes de pistas e tudo mais. No que se refere, por exemplo, ao (inint) [00:23:09] da aptidão física, a gente utilizava o teste de flexibilidade, o Teste de Cooper, aquele teste de 12 minutos na pista de atletismo, saltos ornamentais, saltos verticais, então eram mais testes de campo e não testes de laboratório. Até a década de 1980, nós não tínhamos laboratórios, os professores que faziam todos esses testes no campo. A partir da vinda do professor Vilmar Baldissera, fisiologista do exercício que ficou conosco em torno de dez anos, ele criou então o Laboratório de Fisiologia e de Medidas de Avaliação em parceria com professor Riehl e a professora Keila. Eu acho que esse é um momento histórico, uma vez que começou a colocar a Educação Física da UnB mais em um cenário científico, apesar de que uma abordagem mais biológica do movimento. Na década de 1990, nós criamos três laboratórios com o nome AFiM, ou seja, de atividade física e movimento. Esses três laboratórios com três áreas que acreditávamos de uma maneira interdisciplinar, ou seja, a Cinesiologia Biomecânica, a área da Fisiologia do Exercício e a área da Cineantropometria, ou seja, da área de medidas e avaliação. Esse então era o Laboratório AFiM, que congregava três áreas mais biológicas do movimento humano. A partir de 2010, nós criamos 12 laboratórios dentro dessa perspectiva biológica do movimento humano e quatro laboratórios na dimensão socioantropológica da Educação Física. Esses laboratórios, assim como a qualificação dos nossos docentes – a grande maioria, mais de 90% são doutores –, fizeram com que a gente pudesse se candidatar na Capes a ter o curso, ou seja, o Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Esse programa nasceu em 2007 com o mestrado, em 2014 foi então incorporado o doutorado em Educação Física. Então, o Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física tem o mestrado com conceito 4 e o doutorado também com conceito 5, com possibilidade, ou seja, raspando na trave a possibilidade de ter conceito cinco na Capes. Foi um ganho muito significativo, veja, se antes, na década de 1970, nós estávamos todos voltados para uma dimensão técnica, voltados para a formação exclusivamente profissional da licenciatura, nos anos de 1980, com a nova formação profissional, a gente começa a incorporar uma bagagem dos professores em uma dimensão acadêmica, hoje, em 2019, nós temos já um Programa de Pós-Graduação com mestrado e doutorado implantados. Os laboratórios hoje têm equipamentos de primeira linha, equipamentos de primeiro mundo, e que nós hoje somos uma referência não só na região Centro-Oeste, isso é uma coisa importante de dizer, não basta ser uma referência na região Centro-Oeste, acredito que o Programa de Pós-Graduação da UnB faz parte do cenário da Educação Física brasileira como uma referência do nosso país.

A.P.C.: Quais as contribuições da Faculdade de Educação Física no cenário da formação profissional a nível nacional?

I.J.C.: Essa é uma excelente pergunta, porque a gente consegue traçar mais ou menos essa trajetória da nossa faculdade aqui na UnB. Então, na década de 1970, nós formávamos professores em licenciatura plena para atuar basicamente na escola, em alguns espaços fora da escola como clubes, academias, que estavam começando ainda, e o envolvimento muito

forte na Prática Desportiva, ou seja, aquela disciplina que eu citei para você que era uma disciplina obrigatória, assim como a preparação de atletas para representar a UnB em eventos não só regionais, mas também nacionais. Essa então era a lógica da Educação Física. Já na década de 1980, nós começamos a ter uma contribuição mais forte junto à Secretaria de Educação, uma vez que fizemos vários cursos na área da Educação Física escolar, na área, por exemplo, da Psicomotricidade, e houve uma espécie de um intercâmbio não formal, mas informal, no sentido de capacitar os professores das escolas públicas e privadas nesse novo contexto. Em 1987, veio então a resolução do então Conselho Federal de Educação tratando das diretrizes curriculares nacionais. Então, se na época que nós entramos nós tínhamos uma formação pedagógica, técnica muito forte e biológica, essa nova Resolução, conhecida como nº 3, de 1987, do Conselho Federal de Educação abriu uma perspectiva mais ampliada, ou seja, o profissional de Educação Física, o professor educador, ele tinha que ter também uma formação socioantropológica, filosófica – a Filosofia da Educação Física, a Sociologia da Educação Física do Esporte –, isso fez com que os nossos profissionais tivessem uma dimensão mais crítica do seu papel social enquanto educadores do movimento (inint) [00:28:57]. Iniciamos com a disciplina obrigatória, na década de 1970, chamada Prática Desportiva e avançamos para o curso de licenciatura plena também na década de 1970, um curso de três anos com 2.800 horas, avançamos, na década de 1980, com esse curso um pouco mais refletido, entretanto com a dimensão técnica muito fortalecida ainda, mas já oferecendo o curso de pós-graduação *lato sensu*, principalmente nas áreas de Fisiologia do Exercício, Cinesiologia e na área da Educação Física Escolar. Na década de 1990, nós então entramos com uma qualificação docente maior, ou seja, não tínhamos apenas mestres, já tinha alguns doutores, e pudemos já pensar no programa de pós-graduação *stricto sensu* com mestrado e doutorado. Vale a pena dizer que hoje nós temos a licenciatura, nós temos o bacharelado, nós temos a Educação Física licenciatura dentro do âmbito da Universidade Aberta do Brasil, ou seja, um curso semipresencial, temos o mestrado implantado e temos o doutorado implantado também. Então, dá para se perceber a evolução da Educação Física ao longo desses 45 anos. É algo que muitas vezes me deixa perplexo, porque houve um avanço muito grande em termos de perspectiva. Eu particularmente não imaginava que tivéssemos já um curso de doutorado nível 4, já com proximidade do nível 5, dentro da Universidade de Brasília. Vale a pena salientar que nós fazemos parte de uma rede de universidades públicas com um mestrado profissionalizante na área da Educação Física Escolar. Esse projeto, esse programa é coordenado pela Universidade Estadual de São Paulo, localizada em Rio Claro, mas nós fazemos parte dessa rede junto com mais oito ou nove universidades públicas. Uma perspectiva interessante que a gente tem percebido ao longo da criação do mestrado e do doutorado é a motivação dos nossos professores doutores em sair para fazer estágios pós-doutorais. Vale à pena dizer que o pós-doutoramento não diploma, quer dizer, não em termos de qualificação profissional. É um estágio que um determinado professor faz na universidade não com um orientador, mas com um supervisor em uma determinada temática, e vale à pena então enfatizar que a

motivação desses professores nossos para saírem para fazer seus pós-doutoramentos tem sido marcante. Além disso, muitos professores da casa têm recebido professores doutores para fazer estágio na própria Faculdade de Educação Física.

A.P.C.: Nos fale sobre a prática pedagógica da Educação Física no contexto da FS, décadas de 1970, 1980, até a criação da faculdade, e sobre os primeiros currículos da área.

I.J.C.: Quando chegamos aqui, o currículo implantado estava baseado em uma resolução do antigo Conselho Federal de Educação, Resolução nº 69, de 1969, então essa resolução tratava da Educação Física formação profissional. Quando chegamos aqui na UnB em 1974, o curso já tinha começado, entre aspas, porque o primeiro vestibular se deu no final de 1972. Então vamos entender o fenômeno: em 1972, tivemos então o vestibular; em 1973, os alunos entraram no curso, entretanto o currículo da época não deixava que os alunos tivessem disciplinas já no nível profissional, eles tinham aqui o chamado ciclo básico, então os alunos ficavam no Instituto de Química, de Física, da própria Faculdade de Ciências da Saúde, fazendo disciplinas como Química, Cálculo I, Cálculo II, alguma coisa também na dimensão da Faculdade de Educação, só no final do primeiro ano é que os alunos poderiam então se matricular em disciplinas considerados do ciclo profissional, então eles desciam para o Departamento de Educação Física e, nesse sentido, houve possibilidade, deu tempo, melhor dizendo, do então Departamento de Educação Física contratar os novos professores. Os primeiros contratados, a nível de coordenador de Prática Desportiva, o professor William e o professor Renato e, em seguida, vieram professores já no concurso de 1973 que chegaram a 13 professores, se eu não me engano. Esses 13 professores ficaram responsáveis não só para a formação profissional – licenciatura – mas também a Prática Desportiva e, como eu falei anteriormente, a preparação de equipes representativas. Entretanto, a Prática Desportiva I e II, como eram disciplinas obrigatórias, havia necessidade de a gente oferecer um número muito grande de turmas. Teve uma ocasião, não me lembro se em 1976 ou 1977, já sobrecarregados em trabalhos acadêmicos, trabalhos principalmente na Prática Desportiva, fomos professor Bettero, eu e, se não me engano, professor Catarino, não me recordo, conversar com o Coronel Lister, que era, na época, o decano de finanças da UnB, apresentando para ele a situação de um número excessivo de turmas necessário para a gente poder atender a demanda, ele sugeriu que a gente então colocasse 800 ou 1.000 alunos em um campo de futebol, por exemplo, na pista de atletismo, e um professor ou dois, no máximo, pudessem, em cima de um palanque, desenvolver, por exemplo, atividades de ginástica ou, na época muito comum também, de calistenia, que era uma ginástica muito militarizada e que veio provavelmente do Canadá e dos Estados Unidos. Então, a solução que ele deu para nós (inint) [00:35:43]: “você podem utilizar o número de professores, colocando um professor apenas para lecionar para 800 ou 1.000 alunos”. Essa foi a solução dada pelo nosso decano e que nos deixou assustados, uma vez que a gente foi lá no sentido de contratar mais professores e ele então: “olha, vocês estão muito bem, fiquem quietos, porque de repente há necessidade de descontratar e não contratar professores”. Depois dessa visita ao Coronel Lister, voltamos, colocamos o assunto

no colegiado do então departamento e resolvemos manter a oferta de Prática Desportiva na graduação também, disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas, assim como a participação de todos os professores da época em preparação de equipes representativas.

A.P.C.: Quais foram as mudanças estruturais no currículo de Educação Física de 1972 até a criação da faculdade?

I.J.C.: Ótimo. Em 1972, nós então criamos o curso de Educação Física baseado na Resolução nº 69, de 1969, que tratava das diretrizes curriculares de formação da época. Como eu disse anteriormente, em três dimensões: a dimensão técnica, a dimensão biológica e uma dimensão pedagógica. Avançamos com essa formação profissional até 1987, quando a professora Vera Lúcia comandou ou liderou o processo de mudança estrutural de currículo, porque foram aprovadas as novas diretrizes curriculares baseadas na Resolução nº 7, de 1987, que cria então a possibilidade de uma formação profissional mais ampliada do professor de Educação Física, dando uma força muito grande a disciplinas de uma formação socioantropológica, filosófica e epistemológica. Nasce a partir daí um novo profissional, um novo professor de Educação Física. Entretanto, vale à pena dizer que essa resolução cria a figura do bacharel em Educação Física, então não existia, ou seja, o professor de Educação Física podia trabalhar dentro da escola e fora da escola. A partir de 1987, se criou o bacharel, ou seja, se começa a ver que o profissional de Educação Física deveria ter uma formação também um pouco mais específica para campos de intervenção profissional emergentes que estavam surgindo no nosso campo como, por exemplo, o mundo das academias, mundo fitness, aptidão física, o mundo do *personal trainer* e assim por diante. Então, a Educação Física, que estava baseada na formação técnica, esportiva e alguma coisa voltada à qualidade de vida e promoção à saúde, a partir de 1987, ela amplia, dando a possibilidade de o profissional trabalhar na vertente do lazer, na gestão esportiva, na qualidade de vida e promoção da saúde, assim como em uma vertente educacional que seria a Educação Física escolar. Essa foi uma mudança, na minha opinião, estrutural e uma outra mudança que aconteceu foi a partir da Resolução nº 7, de 2004. Nós ficamos um pouco atrasados, considerando que nosso curso tinha tirado o conceito cinco no Enade, e, em uma das reuniões, chegou-se à conclusão – alguém levantou a mão e falou: “veja, nós temos o conceito máximo no Enade, conceito 5, a gente vai mudar o nosso currículo para quê?” Fomos segurando. Entretanto, uma regulamentação da profissão criando o Conselho Federal de Educação Física e os conselhos regionais, o sistema Crefito e Confef, esse sistema começou a fiscalizar mais a profissão, não permitindo que o licenciado formado nessa lógica pudesse trabalhar fora da escola, então ficou exatamente o campo de intervenção da seguinte maneira: o licenciado podendo trabalhar apenas na escola e o bacharel podendo trabalhar em outros espaços de intervenção do trabalho com exceção da escola. Nesse sentido, houve a necessidade da Faculdade de Educação Física criar o seu curso de bacharelado em 2011. Então, nós atrasamos muito, porque chegamos à conclusão de que não havia necessidade de modificar nada. Com a regulamentação da profissão e a criação do Conselho Federal de Educação Física e dos conselhos regionais,

houve uma fiscalização maior da profissão, e aqueles formados na lógica da licenciatura aqui na UnB não podiam mais trabalhar fora da escola e, por conta disso, dessa exigência, nós então criamos o curso de bacharel em Educação Física, se não me engano em 2007, não tenho muita certeza, seria interessante até dar uma checada nisso. Então, essa foi a evolução: nós saímos de uma formação técnica, chegamos a uma formação com a dimensão epistemológica mais forte, mais ampliada, e a Resolução nº 7, de 2004, cria a figura do bacharel para trabalhar em espaços de intervenção profissional fora da escola. Em 1984, surgiram as resoluções que tratavam da nova formação do professor de Educação Física e criam a figura do bacharel. Entretanto, possibilitou essa resolução que o licenciado em Educação Física pudesse trabalhar fora da escola, então a grande maioria das escolas de Educação Física espalhadas por esse país adotou a política da licenciatura plena e poucas foram as universidades e centros universitários que criaram o bacharelado, naquela lógica de que quem pode mais pode menos. Então, veja bem, se o licenciado pode trabalhar na escola e fora da escola, por que que eu vou fazer bacharelado? Então ficou um bacharel muito pouco ofertado. Entretanto, com a Resolução nº 7, de 2004, com a regulamentação da profissão em 1998 e com a criação do Conselho Federal de Educação Física e dos conselhos regionais, a exigência mudou, porque eles começaram a fiscalizar aqueles profissionais formados em licenciatura que estavam dando aula fora da escola orientados de que a resolução que tratava da formação do novo educador para escola dava uma formação genuinamente para escola. Não houve mais a possibilidade daquele formado em uma licenciatura plena trabalhar fora da escola também. Então, a fragmentação da profissão está aí, ou seja, hoje o licenciado é para trabalhar na escola, é um currículo que, em princípio, deveria estar dentro de um princípio que chamamos de simetria invertida, o que se aprende na escola ou na universidade, melhor dizendo, tem que estar simetricamente voltado ao mundo da escola, da educação básica, e o bacharel com uma formação generalista em quatro vertentes ou quatro temáticas: a qualidade de vida e saúde, o mundo da gestão, o mundo do treinamento físico esportivo e a área do lazer. Então, normalmente, bacharel tem uma formação generalista com possibilidade dessas temáticas que eu citei. Entretanto, vale a pena salientar que tem uma nova resolução aprovada no final de 2018, se não me engano é a Resolução nº 6, de 2018, do Conselho Nacional de Educação, que fala agora das novas diretrizes curriculares da formação do profissional em Educação Física, sendo que vai ter uma formação que eu tenho considerado em y, ou seja, dois anos. Quando o aluno entrar no curso de Educação Física, ele não define a área da licenciatura ou bacharelado, então ele faz dois anos do que nós chamamos de núcleo comum, etapa comum. A partir de dois anos, ele então vai para a licenciatura ou vai para o bacharelado por mais dois anos. Então, são cursos de quatro anos com 3.200 horas da seguinte maneira: 1.600 horas no núcleo comum, 1.600 horas na licenciatura e mais 1.600 horas no bacharelado, sendo a possibilidade maior, acredito eu, de fazer uma espécie do intercâmbio de áreas, ou seja, o aluno que está fazendo a licenciatura aqui poder também fazer disciplinas optativas do bacharelado, quem sabe lá na frente tem uma dupla graduação. Entretanto,

acredito que é impossível o professor ou o profissional de Educação Física fazer uma formação em quatro anos.

A.B.C.: Professor, as políticas públicas para Educação Física, os currículos adotados ao longo dos anos, de que forma eles contribuem para a formação do professor de Educação Física? Eu estou falando da área escolar.

I.J.C.: Eu acho que, em termos de formação profissional licenciatura na Universidade de Brasília, a gente não fica devendo nada para ninguém. Estive o ano passado, eu fiquei o ano todo em Portugal e vi que a formação profissional, ou seja, o currículo de Educação Física implantado lá, e vale a pena salientar que, a partir do momento em que Portugal entrou na Comunidade Europeia, passa a ter o currículo muito próximo de 29 países, (inint) [00:45:58] se forma na Espanha, na França, na Holanda. Os currículos são muito similares, houve uma espécie de um equilíbrio de formação profissional. Fazendo uma comparação entre a formação de lá e a formação no Brasil, eu percebi claramente que a nossa formação em Educação Física escolar não fica devendo nada para ninguém, é de excelente qualidade. O problema é o seguinte: ao longo do tempo, a Educação Física, que era valorizada enquanto uma disciplina curricular, está passando, nos dias atuais, quase como uma atividade. Atividade, como próprio nome está dizendo, é algo que, estando ou não estando no currículo, é adicional, não faz parte da formação integral do ser humano. Por que isso? Porque a lógica da sociedade ocidental capitalista, a sociedade nossa de consumo está valorizando muito esse conhecimento das disciplinas técnicas, das disciplinas tidas acadêmicas, como Biologia, Matemática, Química... É quase que uma preparação para o vestibular, e a Educação Física está perdendo espaço, sendo que a Educação Física talvez seja uma das que poderia contribuir mais para formação da cidadania, porque, quando a criança, o jovem vai fazer Educação Física na escola, ele ou ela vai integralmente, vai de corpo e alma, e ali o professor competente poderia estar realmente desenvolvendo uma série de atividades de movimento, aumentando o repertório, o histórico de movimento das crianças, adolescentes e adultos, mas também trabalhando uma série de fatores como, por exemplo, o desenvolvimento afetivo, o desenvolvimento ético desses seus alunos. Isso não está acontecendo, porque a Educação Física perdeu a força na escola. Para você ter uma ideia, a Educação Física aqui em Brasília não é obrigatória em vários níveis e, quando é, está sendo oferecida uma vez por semana, no máximo duas vezes por semana, dentro do que nós chamamos carga horária no fluxo, ou seja, os alunos, naquele fluxo, naquele tempo de escola, fazem, por exemplo, Português, Matemática, Ciências e faz Educação Física nesse fluxo. A Educação Física hoje está contemplada como uma atividade, precisa alguém me mostrar o contrário, mas não é uma disciplina acadêmica dentro de um turno, ou seja, naquele turno o aluno faz Matemática, Português, por exemplo, Ciências e faz Educação Física, não no contraturno. Isso faz com que a Educação Física passe a ser uma atividade mais recreativa, porque uma atividade um pouco mais rigorosa, mais vigorosa exige um pouco mais de energia dos alunos e faz com que ele, quando volta para uma atividade mais acadêmica, não esteja no nível de prontidão para aprender esses novos conhecimentos de

disciplinas mais acadêmicas. O que eu vejo é isso, a lógica está muito voltada hoje para disciplinas que vão dar um embasamento para o aluno fazer o vestibular. É raro a gente ver, por exemplo, uma escola particular e pública que coloca a Educação Física como uma real disciplina acadêmica de formação do ser humano de uma forma integral. Então, o que falta para nós é um pecado que nós aqui da Educação Física da UnB fazemos há muito tempo: não desenvolver projetos e programas, enfim, ter um convênio, uma aproximação muito forte com a Secretaria de Educação, porque nós somos intelectuais, nós estamos realmente com um nível de embasamento cultural, social, pedagógico, da cultura (inint) [00:49:58] do movimento muito grande, mas a gente fica muito na nossa casa, a gente forma o nosso profissional, achando que isso é suficiente, na minha opinião não. É necessário que haja uma espécie de uma ponte de significado entre a UnB e a Secretaria de Educação, que a gente possa ajudar a desenvolver políticas públicas. A UnB está distante disso, é como se aqui a gente tivesse, de uma maneira integral, contribuindo ou tendo a nossa responsabilidade social e eu acho que não basta. É necessário que a gente faça, inclusive, pesquisas, não que vão para a biblioteca, pesquisas que realmente consigam mostrar como está o campo da Educação Física, que, na minha opinião, quando se refere à escola, deixa muito a desejar. É diferente do campo não formal, porque a Educação Física hoje é uma variável, melhor dizendo, a atividade física hoje é uma variável fundamental na qualidade de vida e de saúde. Não é só o profissional de Educação Física que está dizendo que essa atividade é importante, mas, por exemplo, o médico. Você vai no cardiologista, ele vai dizer para você: “olha, você tem que fazer isso, aquilo, mudar a alimentação, não deixe de fazer atividade física”. Assim como outras áreas. Então, no campo não formal, eu acho que é uma profissão emergente, dinâmica e em constante evolução. Eu fiquei impressionado com a quantidade de academias que tem no Distrito Federal hoje, é um absurdo. Quanto, por exemplo, o ex-profissional de Educação Física está recebendo? A quantidade de *personal trainers* que tem no cenário do Distrito Federal e região do entorno é uma coisa absurda. Só que, na área da Educação Física escolar, não tem concurso há muito tempo, então eu fico imaginando: “nós estamos formando o licenciado em Educação Física. Ótimo. Ele vai trabalhar onde? Quando que vai ter concurso? Quando que ele vai poder se efetivar na carreira docente?” Então, é algo que a Educação Física aqui da UnB tem discutido muito pouco. Não basta apenas discutir nosso currículo, a melhor formação, mas também a gente poder contribuir com a Secretaria da Educação, no sentido de desenvolver políticas públicas que possam colocar a Educação Física como uma real disciplina acadêmica. Pegando Brasília e entorno como espécie de um recorte do Brasil, a gente percebe que tem um conjunto enorme de escolas de Educação Física licenciatura. Me parece que, no Distrito Federal e entorno, tem 18 cursos de Educação Física licenciatura e bacharelado. Supondo que tem entre oito e nove da licenciatura e cada curso desse, cada instituição dessa formou em torno de 100 egressos, multiplicando por oito, nós pensaremos em torno de 800 educadores de Educação Física para a região do Distrito Federal e entorno. O problema é o seguinte: esses 800 alunos não têm espaço para trabalhar, uma vez que não há

concurso público. As escolas particulares são restritas em termos de oferecimento também de vagas, uma vez que elas já estão com seus professores, a não ser que professores outros se aposentem, tudo mais, mas, de uma forma geral, fica muito difícil, e a UnB tem que pensar em uma forma, junto com a Secretaria de Educação, de valorizar mais a Educação Física. Por que isso? Porque em muitas instituições públicas, imaginando a educação infantil, por exemplo, a Educação Física não está sendo lecionada por professores de Educação Física, e sim por pedagogos, normalistas ou por quem fez o Normal Superior. Você sabe muito bem que uma pessoa que faz a Pedagogia, que faz o Normal Superior não tem a mesma envergadura de conhecimento do que um profissional de Educação Física que participou de uma escola específica e fica pelo menos quatro anos com 3.200 horas na área, então é bem diferente. É isso, eu acho que a Educação Física está perdendo espaço na escola. Esse fenômeno, em parte, é por conta dessa valorização de disciplinas tidas acadêmicas e parte também que nós da área de Educação Física, principalmente das universidades, que têm professores um pouco mais reflexivos com a formação acadêmica, pedagógica melhor, pudéssemos mostrar o valor da Educação Física integral na formação humana. Enfim, eu acho que está faltando também as universidades mostrarem para que elas vieram. Nesse sentido, a gente pensa em uma espécie de uma ponte de significado entre a universidade, ou seja, a formação e quem lhe dá algum emprego, ou seja, a Secretaria de Educação.

A.B.C.: Teria algo mais que gostaria de fazer pela Educação Física ou sente que sua missão foi cumprida?

I.J.C.: Eu acredito que eu devo tudo à Universidade de Brasília e também à área de Educação Física, o então departamento e hoje Faculdade de Educação Física, ou seja, eu cheguei aqui muito inexperiente e a Universidade de Brasília me possibilitou refletir uma série de aspectos importantes não só na Educação Física, mas em uma formação de ser humano. Logo no início, eu tentei buscar uma formação um pouco mais ampliada, porque eu tenho uma vertente um pouco da inquietude. Eu acho que o conhecimento de hoje vale muito pouco para o agora mesmo e muito menos para o amanhã, então acho que quem está em uma universidade tem que pensar nessa dinâmica de uma educação permanente, contínua. Nesse sentido, eu sou um aprendiz até a morte, até que Deus me leve para um outro cenário, outro mundo, eu vou continuar sendo um aprendiz. Devo tudo à Universidade de Brasília, que me possibilitou não só o desenvolvimento cultural, profissional, mas também humano, e foi a UnB que possibilitou também que eu conhecesse minha esposa, constituí família em Brasília, como eu disse anteriormente, eu vim do interior de São Paulo, apesar de ter ficado três anos na capital, vim a Brasília como uma pessoa até certo ponto ingênua. A partir do momento que entrei na Universidade de Brasília, fui ganhando uma nova dimensão de reflexão enquanto ser humano, conheci a minha família, conheci a minha esposa, constitui família, tenho hoje três filhas, quatro netos, que me dão uma satisfação muito grande, e eu devo isso, em grande parte, à Universidade de Brasília. A UnB me favoreceu não só a possibilidade de ter um emprego relativamente permanente, mas também a possibilidade de

avançar, então eu comecei com a graduação, fiz especialização, fiz o mestrado graças à UnB, fiz o doutorado graças à UnB e fiz um pós-doutoramento recentemente em Portugal graças à universidade. Então devo muito a essa instituição. Ela não é física, ela não é anônima, a UnB eu vejo como uma instituição formada por seres humanos e, como seres humanos, eu percebi que ela tem não só na educação física, mas em todas as áreas do conhecimento pessoas invejáveis em termos de dimensão cultural, humana, científica e por aí afora. Quanto ainda à possibilidade de eu avançar um pouco mais em termos de assuntos que quem sabe a Educação Física me interesse, realmente eu acredito que ainda posso contribuir em alguma coisa, por exemplo na área da Educação Física semipresencial que eu chamo híbrida. Apesar de os professores aqui da faculdade terem desenvolvido uma pedagogia híbrida, que você sabe muito bem que a pedagogia do presencial é totalmente diferente de uma pedagogia da EaD, os professores hoje têm uma competência muito maior, tanto é que a Educação Física aqui na UnB está muito à frente de outras áreas, mas acho que há necessidade de a gente dar continuidade do curso de licenciatura a distância dentro da Universidade Aberta do Brasil. Por que isso? Porque nós tivemos uma contribuição muito forte na área social, não estou falando apenas de Brasília, estou falando do Brasil, quem sabe o Brasil profundo, ou seja, aquele Brasil que poucas pessoas conhecem, como, por exemplo, eu vivo citando o caso de Piritiba, uma cidade lá no sertão da Bahia, que nós formamos 60 professores. Quando a UnB entrou lá no curso de Educação Física licenciatura, todos eram leigos, não havia um professor não só na cidade, mas na região toda, e nós temos hoje lá no sertão da Bahia, na região de Piritiba, 60 professores formados pela UnB, assim como outros cantos. Esse programa é interessante, porque ele é itinerante. Ele sai de uma determinada região e vai para outra. É o caso de Piritiba. Resolvemos o problema lá de massa crítica, inicial, a gente já vai para uma outra região. Não é um curso fixo. Por isso que a graduação a distância favorece. Agora, ficou um curso mais semipresencial, porque a gente tem também laboratórios de vivências corporais que são desenvolvidas nos polos. Além disso, eu acho que um projeto que deveria sair, seria uma contribuição muito grande da Educação Física da UnB para o cenário nacional, o que nós chamamos de tecnólogo em gestão do esporte. O que vem a ser isso? O tecnólogo é uma graduação. No Brasil, existem três possibilidades de graduação: a licenciatura, o bacharel e o tecnólogo, que é uma formação de graduação mais encurtada, de dois anos. Na área da gestão do esporte, nós temos uma incompetência brutal. Não estamos falando apenas de quem está, por exemplo, ali na ponta, no clube, trabalhando com iniciação esportiva, formação de atletas... Nós estamos falando também de quem está gerenciando as federações e as confederações nacionais. Segundo dados do antigo Ministério do Esporte, o presidente de uma determinada confederação não sabe apresentar um projeto para receber, por exemplo, uma verba pública e, quando ele faz, não sabe prestar contas, então a área da gestão esportiva é realmente... Não uma incompetência, mas eu diria que nós estamos em um estágio muito elementar ainda para avançar em uma competência mais profissional. O que eu quero dizer é que a gestão hoje esportiva é mais amadorística do que profissional, e a UnB, por conta da expertise de vários professores aqui na área de

(inint) [01:02:05] esportiva, além de um vínculo com a Faculdade de Administração da UnB, a gente conseguiu ter um corpo docente que deveria apresentar um projeto que pudesse ser implementado em nível nacional. Falta convencer realmente quem está hoje na vanguarda, ou seja, quem está na liderança política da hoje Secretaria de Esporte em nível nacional, mas é um projeto que eu acho que a UnB poderia contribuir bastante.

A.B.C.: Para encerrar a nossa entrevista que mensagem o senhor gostaria de deixar para os colegas de profissão, para os professores que estão na ativa lá na educação básica e para futuros estudantes do curso de Educação Física?

I.J.C.: Em relação a esse corte que a Faculdade de Educação Física... Nós temos 46 professores. Como eu disse anteriormente, nós avançamos bastante. Não tínhamos nada, era uma formação muito restrita e hoje nós temos um curso de doutorado implantado, em termos de 45 anos. Foi um ganho não só quantitativo, mas qualitativo. Entretanto, falta uma visão mais interdisciplinar. O que eu quero dizer é que os professores hoje estão tendo uma competência muito nas suas áreas, eu diria em departamentos, então a Educação Física está muito departamentalizada, e eu acredito que a educação do futuro é mais integrativa. Para isso, é necessário que os professores estejam abertos a receber uma discussão não só da sua área, mas colocando a sua área dentro de um fenômeno mais complexo que é exatamente o movimento humano. O professor é muito competente desde que esteja dentro da sua área: o professor de Aprendizagem Motora, o professor de Desenvolvimento Motor, o professor de Cinesiologia e de Fisiologia do Exercício. Agora, a grande sacada do futuro seria um projeto de currículo mais interdisciplinar, que, na minha opinião hoje está muito nas falácias das aulas teóricas dos profissionais não só da Educação Física – da Educação Física com certeza. Então, é necessário que o profissional, o professor universitário tenha um nível de vaidade um pouco menor para que possa aceitar argumentos de outras áreas para que possa realmente ter uma contribuição e fazer realmente esse conhecimento mais integrativo. Talvez eu não viva isso, porque a lógica da sociedade, principalmente ocidental, é departamentalizar o conhecimento. Isso, a curto prazo, deu certo, mas, a médio e longo prazo, eu acho que a educação, a sociedade futura há necessidade dessa integração. Em relação aos estudantes que estão chegando e que vão se formar nessa nova Educação Física, o que eu percebo é que o aluno está vindo com conhecimento muito superficial, quer dizer, ele entende um pouquinho de cada área de uma maneira muito... Não artificial, mas superficial. É necessário um aprofundamento maior, quer dizer, esses alunos que estão vindo são crias, são educados dentro das mídias sociais, da internet e eles não estão tendo tempo, não estão valorizando o conhecimento mais aprofundado, eu vejo nas minhas disciplinas. As questões mais superficiais eles realmente conseguem desenvolver e acertar, mas aquelas que demandam um conhecimento mais de contexto, que é exatamente o currículo interdisciplinar, eles têm muita dificuldade, porque a formação anterior deles veio realmente de maneira muito fragmentada. Então, é algo que eu acho que aqui na Educação Física da UnB, provavelmente as grandes universidades públicas, centros universitários de faculdades isoladas ou particulares têm que pensar nessa lógica. Em relação à Educação Física

na escola, eu já falei anteriormente que há necessidade de uma ponte entre a Secretaria de Educação e a Universidade de Brasília, por exemplo, para que a gente possa não só valorizar a Educação Física, mas mostrar claramente por que ela vem a ser uma disciplina acadêmica na formação integral do ser humano. Nós perdemos esse espaço. Eu até diria para você algo chocante, me desculpe se exagerado, mas eu acho que a Educação Física na escola está um caos, porque ela não é uma disciplina, é uma atividade, e o professor, muitas vezes, organiza e prepara uma aula às 8h da manhã e vai com essa aula até às 6h da tarde como se fosse públicos iguais, sendo que, às 8h da manhã, provavelmente ele está com um grupo de 8 anos de idade, de 9 e, à tarde, está, por exemplo, com um grupo de adolescentes, colocando a mesma atividade. Por isso, eu digo que é uma atividade, ela não está contextualizada enquanto uma disciplina, quer dizer, o que deve ser ensinado para uma criança em termos de Educação Física? O que tem que ser ensinado para um adolescente? Quais são os conhecimentos da Educação Física que são fundamentais? Porque se você pega, por exemplo, vamos imaginar uma aula de Matemática. Matemática tem um conjunto de pré-requisitos, de conhecimentos que vão sendo articulados até um nível mais complexo. Imagina você uma criança, quando chega na escola, vai aprender o significado dos números, não é isso? O que significa o um, o dois, o três. Depois, ela entra nas quatro operações matemáticas como subtração, adição, multiplicação e divisão e aí ela vai avançando até chegar em um nível de complexidade maior. Em Educação Física, como é que se dá esse cenário? Como é que se dá essa articulação de conhecimentos? Então, me parece que, para nós, não está muito claro o que deve ser ensinado na Educação Física, e convencer os pares e também os coordenadores, os diretores de escola de que ela não pode ser atividade, ela é uma disciplina tão importante quanto. Agora, como é que você vai fazer a Educação Física competente em todas as áreas, todas as instituições? Os conselhos nacionais e internacionais dizem que ela tem que ser diária, a Educação Física tem que ser diária, tem que ser permanente. Com uma vez por semana com 50 minutos, muitas vezes lecionada por uma pedagoga, por uma normalista ou por uma regente de classe. Como é que se dá isso? Está todo mundo dizendo que para ser, para fazer parte da formação ela tem que ser diária, mesmo porque você sabe que tem uma série de indicações científicas orientando que a Educação Física não está dando conta. Hoje, as crianças estão ficando mais obesas, aquelas doenças crônicas, degenerativas estão acontecendo não mais na idade adulta, estão acontecendo precocemente. Crianças diabéticas, obesas, sedentárias, com problemas cardíacos e tudo mais, e a Educação Física não está conseguindo mostrar que ela tem algo importante nessa área da qualidade de vida e promoção da saúde das crianças, jovens e adultos. Então ela está um caos por isso. Ela é muito importante, entretanto ela não está conseguindo mostrar a importância dela no cenário da educação escolar, é uma pena. Eu finalmente gostaria de parabenizar a iniciativa do Grupo Imagem, da Rede Cedes da Faculdade de Educação Física por essa iniciativa, uma vez que recupera e valoriza a memória da Educação Física aqui dentro da UnB, o que é coisa rara dentro do cenário nacional. O Brasil infelizmente não valoriza a sua memória, o que vale é o hoje, quem

sabe o amanhã, e você sabe muito bem que o passado, essa memória tem muito a ver com presente e, muitas vezes, com futuro, então, quer dizer, passado, presente e futuro estão, na verdade, articulados. O Brasil não tem essa cultura ainda. Eu fiquei o ano passado em Portugal e percebi que, apesar de não tão valorizada, eles estão muito na nossa frente em termos de valorização da memória, da cultura portuguesa. Então, é algo que realmente me sensibiliza bastante, eu fico muito orgulhoso dessa iniciativa de vocês e acho que a contribuição deveria, a partir dessa iniciativa, ser de todo mundo, não perder a perspectiva do hoje e do amanhã, sempre recuperando e alimentando esse projeto de memória, porque na verdade é um projeto permanente.

A.P.C.: Em nome da Faculdade de Educação Física, do Grupo Imagem e da Rede Cedes, agradeço a participação do senhor. Do grupo de professores pioneiros, é o único que ainda está na ativa e dando contribuições extremamente importantes para o curso de Educação Física, para a faculdade, para a universidade. É com imenso prazer que eu estive hoje entrevistando o senhor, e esse é um projeto que deverá ser permanente e institucional, porque precisamos estar o tempo todo buscando essa memória e registrando na história da faculdade para a posterioridade.

Muito obrigada!

Construção do Centro Olímpico (CO).
Homens preparando o terreno para a construção.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-16>.

Perspectivas

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra

“É dever do Poder Público a gestão documental e a proteção especial a documentos de arquivos, como instrumentos de apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação.”¹

Visando a preservação da memória da Educação Física e sua trajetória histórica na Universidade de Brasília (UnB), apresentamos este trabalho. Trata-se de um projeto de reflexão, preservação e divulgação da memória e da história da Educação Física na UnB. É um projeto dinâmico da reflexão histórica, cultural e científica, articulada com o ensino, a pesquisa e a extensão, visando preservar a memória dos pioneiros, bem como a história da faculdade.

A pesquisa histórica tem a finalidade de, ativamente, selecionar, organizar, custodiar, preservar e divulgar documentos e materiais a respeito da história e memória da Educação Física na UnB, visando apoiar atividades de ensino, pesquisa e extensão dos docentes, servidores e estudantes vinculados à própria UnB, bem como pesquisadores em geral, fortalecendo assim o compromisso da instituição e sua responsabilidade social e histórica. Ao registrar a história da Faculdade de Educação Física, preservamos a memória de seus pioneiros e reforçamos a identidade da instituição, dando mais sentido e credibilidade à sua história, além de produzir registros de acontecimentos passados, permitindo seu acesso no futuro.

Desse modo, o projeto de pesquisa e extensão tem por objetivos: garantir a recuperação, preservação e divulgação da história, da memória institucional e científica da Faculdade de

¹ BRASIL. Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília-DF, 28 jan. 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8159.htm. Acesso em: 04 ago. 2022.

Educação Física e do Centro Olímpico; desenvolver atividades relativas à produção, preservação, divulgação e discussão da memória histórica, sociocultural, científica e tecnológica na área da Educação Física na UnB; promover a história da Faculdade de Educação Física na UnB de forma a constituir espaço de reflexão e produção de conhecimento no campo da Educação Física, Esporte e Lazer, dentro e fora do campus; servir de local de reflexão da cultura da instituição, preservação da memória de seus pioneiros, fortalecimento de sua identidade, dando mais sentido, visibilidade e credibilidade a sua história, bem como ampliando a sua relação com a sociedade.

Conforme já mencionamos no início deste livro, acontecimentos importantes marcaram a trajetória da Educação Física na UnB, como a implantação dos cursos de licenciatura e bacharelado, cursos de pós-graduação, desenvolvimento de projetos de extensão, laboratórios e pesquisas de diversas linhas. Esperamos que este livro sirva de estímulo para outros projetos que enfoquem a história da faculdade, abordando as dificuldades, contradições, bem como estabelecendo suas relações com a história da educação física no Brasil e no mundo.

Além disso, sugerimos estudos historiográficos a serem delimitados a partir do ano de criação da faculdade, em 1997, até os dias atuais, dando continuidade a este trabalho. Sobretudo, desejamos que se consolide o Centro de Memória professora Maria Helena Siqueira, na FEF/UnB, com a finalidade de recuperar os acervos institucionais e, desse modo, preservar a memória e história da educação física, esporte e lazer na UnB.

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs). Desfile e atletas carregando cartaz “Mato Grosso”. Bandeiras, ao fundo carros estacionados.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00044-10>.

Conjugando

Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*)

Concluí.
Concluímos
Uma etapa.
Iniciei.
Iniciamos
Uma nova jornada.
Entrei só
Saímos juntos.
Vivemos
Sentimos
Choramos
E cantamos os momentos da vida.
Alegrias.
Decepções?
Foram por pequenos instantes.
Abri janelas.
Abrimos portas para as veredas da vida.
Passei pelo jardim
Saímos da Universidade.
Terei.

Teremos
Um caminho a trilhar.
Será tortuoso, áspero ou duvidoso?
Não sei.
Não sabemos
Mas podemos imaginar,
Idealizar,
Sonhar,
E talvez realizar.
Tenho uma tarefa a cumprir.
Temos uma missão a desempenhar.
Amar
Ensinar
Educar.
Sou,
Somos mestres.
Colegas!
Eu os convido:
Vamos educar!

11/12/1970

Aos mestres, com carinho

História e memória da Educação Física na Universidade de Brasília

O livro expõe uma produção historiográfica acerca da Faculdade de Educação Física, tendo como objetivo desenhar uma linha do tempo com acontecimentos que marcaram o período que antecedeu sua criação. Além disso, buscou mapear os professores de Educação Física pioneiros, assim considerados porque participaram dos primeiros anos de atividade da UnB.

A trajetória histórica da educação física, esporte e lazer na UnB é fruto de um empreendimento coletivo de mais de 50 anos, em que os professores pioneiros tiveram protagonismo. A presente obra é dedicada a eles, tendo sido composta por entrevistas realizadas primeiramente em 2005 e, posteriormente, entre 2018 e 2019. Visite o site <https://cemefef.unb.br/> e acesse outras fontes históricas.

EDITORA
UnB 60

